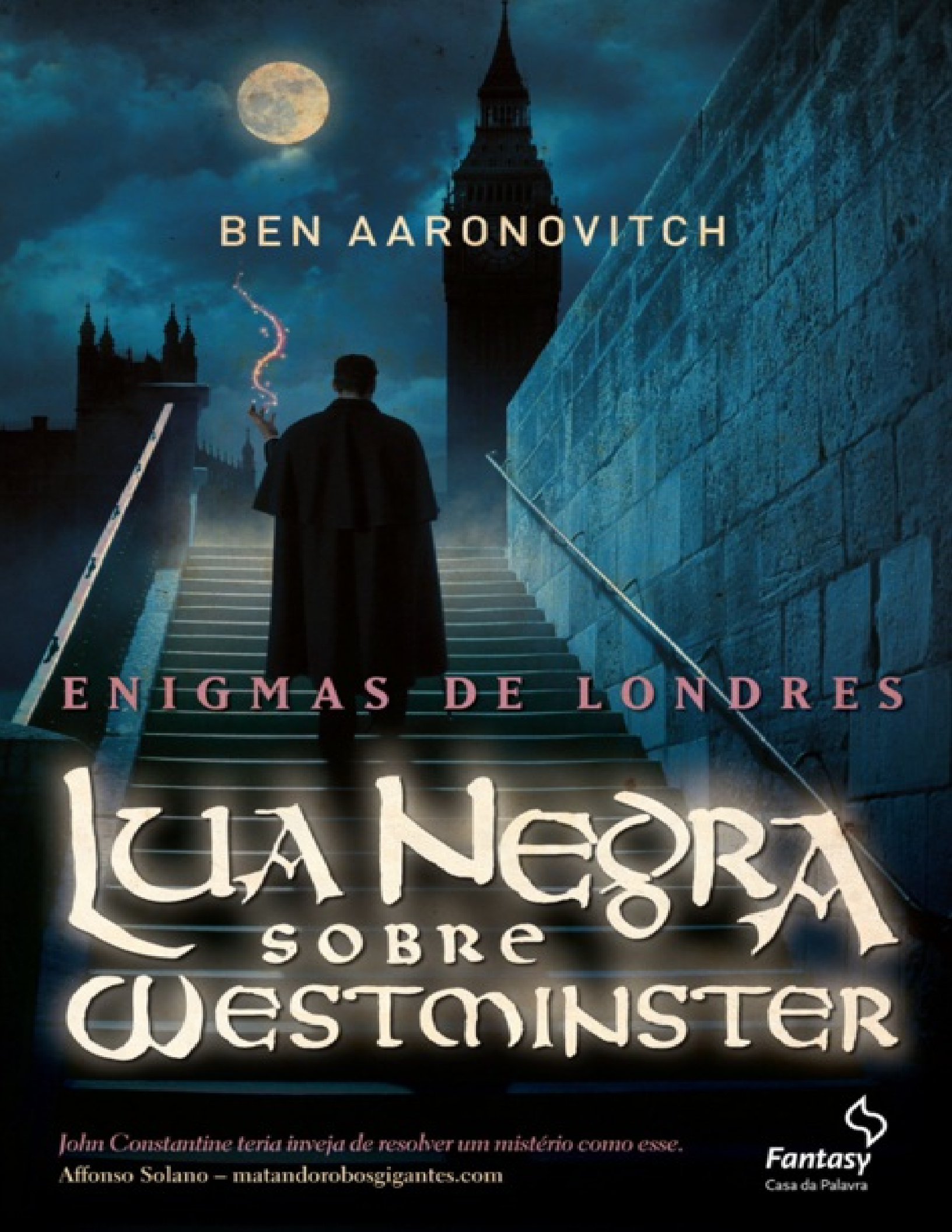




BEN AARONOVITCH

ENIGMAS DE LONDRES

A Lua Negra sobre Westminster

John Constantine teria inveja de resolver um mistério como esse.
Affonso Solano – matandorobosgigantes.com


Fantasy
Casa da Palavra



Ficha Técnica Copyright © 2014 Casa da Palavra Copyright © 2011 Ben Aaronovitch, primeiramente publicado pela Gollancz, um selo da Orion Publishing Group, Londres

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direção editorial Martha Ribas
Ana Cecília Impellizieri Martins Coordenador do selo Fantasy Affonso Solano
Editora
Fernanda Cardoso Zimmerhansl Editora assistente Beatriz Sarlo
Copidesque
Aline Naomi Sassaki Revisão
Rodrigo Rosa
Capa e projeto gráfico de miolo Rico Bacellar
Foto de capa
© Paul Gooney/Arcangel-Images.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A11L

Aaronovitch, Ben.

Lua negra sobre Westminster / Ben Aaronovitch; [tradução Débora Guimarães Isidoro]. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2014.

(Enigmas de Londres; 2) Tradução de: Moon over Soho
ISBN 9788577344505

1. Ficção inglesa 2. Fantasia Ficção. I. Isidoro, Débora Guimarães. II. Título. III. Série.

13-07832. CDD: 823
CDU: 821.111-3

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL
Av. Calógeras, 6, sala 1.001, Centro
Rio de Janeiro RJ 20030-070
21.2222-3167 21.2224-7461
divulga@casadapalavra.com.br

*Para Karifa, porque todo pai
sonha ser um herói para o filho*

*Homens morreram por esta música.
Não dá para ficar mais sério que isso.*

Dizzy Gillespie

Corpo e alma

É um triste fato da vida moderna que, se você dirigir por tempo suficiente, cedo ou tarde vai acabar deixando Londres para trás. Se você viaja norte-leste pela A12 acaba chegando a Colchester, primeira capital romana da Inglaterra e primeira cidade a ser incendiada por aquela criança ruiva de Norfolk chamada Boadiceia. Sei de tudo isso porque estive lendo os *Anais* de Tácitus como parte dos meus estudos de latim. Ele é surpreendentemente complacente com os rebeldes britânicos e severo com a falta de preparo dos generais romanos que “pensavam mais no agradável que no conveniente”. O classicamente educado e sem queixo comandante do Exército britânico obviamente levou a sério a censura, porque Colchester é agora o lar de seus soldados mais duros, o Regimento de Paraquedistas. Depois de passar muitas noites de sábado como oficial de condicional enfrentando seguranças particulares em Leicester Square, tomei providências para continuar na estrada e passar direto pela cidade.

Depois de Colchester, virei para o sul e, com a ajuda do GPS do celular, cheguei à BI029, rumo à fatia de terra seca espremida entre o rio Colne e Flag Creek. No fim da estrada fica Brightlingsea, que acompanha a costa – como Lesley sempre me disse – como destroços acompanhando a linha da maré alta. Na verdade, não acho que era tão ruim. Chovia muito em Londres, mas, depois de Colchester, encontrei céu azul e sol iluminando as fileiras de varandas vitorianas que acompanhavam a orla.

Chez May era fácil de ver: um chalé dos anos de 1970 em falso estilo eduardiano com fachada de tijolo, repleto de luminárias e quase todo coberto por pedrinhas. A porta da frente tinha, de um lado, um cesto suspenso cheio de flores azuis e, do outro, o número da casa inscrito em uma placa de cerâmica em forma de iate. Parei e examinei o jardim: havia gnomos perto da banheira ornamental para pássaros. Inspirei e toquei a campainha.

Ouvi um imediato coro de vozes femininas gritando do lado de dentro. Através do vidro fosco da porta eu só conseguia ver silhuetas confusas correndo de um lado para o outro no fundo do vestíbulo. Alguém gritou: – É seu namorado!

E a resposta foi um “*shhh!*” e uma censura em outra voz abafada. Um borrão branco marchou pelo vestíbulo até preencher completamente o vidro da porta. Recuei um passo e a porta se abriu. Era Henry May – o pai de Lesley.

Ele era um homem grande, e dirigir caminhões e transportar equipamento pesado havia dado a ele ombros largos e braços fortes. Muitos cafés da manhã em paradas de caminhoneiros e muitas idas ao pub haviam acrescentado um pneu em torno de sua cintura. O rosto era quadrado, e ele lidava com as entradas pronunciadas raspando os cabelos castanhos. Os olhos eram azuis e inteligentes. Lesley herdara os olhos do pai.

Ter quatro filhas significava que ele havia transformado a vigilância parental em uma arte refinada, e eu lutei contra o impulso de perguntar se Lesley podia sair para brincar.

– Oi, Peter – ele disse.

– Sr. May – respondi.

Ele não fez nenhum esforço para liberar a área da porta, nem me convidou a entrar.

– Lesley virá em um minuto – avisou.

– Ela está bem? – perguntei. Era uma pergunta idiota, e o pai de Lesley não expôs nenhum de nós ao ridículo tentando responder. Ouvi alguém descer a escada e me preparei.

Maxilar, espinha nasal, ramo e mandíbula haviam sofrido danos severos, dissera o Dr. Walid. E, apesar de a maioria dos músculos subjacentes e tendões terem sobrevivido, os cirurgiões do University College Hospital conseguiram salvar muita pele. Eles puseram um suporte temporário para deixá-la respirar e ingerir alimentos, e havia uma chance de transplante parcial de face – se conseguissem encontrar um doador compatível. Considerando que o que restava de seu queixo era mantido no lugar por uma rede de fios de metal hipoalergênico, falar estava fora de questão. Dr. Walid havia dito que, quando os ossos se soldassem suficientemente, talvez eles pudessem recuperar uma parte da funcionalidade da mandíbula, o bastante para que ela pudesse falar. Mas, para mim, tudo soava meio condicional. O que quer que você veja, ele havia dito, olhe pelo tempo que for necessário para se acostumar, aceitar, e depois siga em frente como se nada houvesse mudado.

– Aí está ela – disse o pai de Lesley, e se virou de lado para deixar a figura esguia passar por ele. Lesley vestia um moletom de listras azuis e brancas com o capuz sobre a cabeça, o cordão amarrado tão apertado que não era possível ver sua

testa e o queixo. A metade inferior do rosto era coberta por um lenço azul e branco, e os olhos ela escondia com óculos escuros grandes e antiquados que, eu desconfiava, haviam sido garimpados em uma gaveta de roupa esquecida da mãe dela. Olhei atentamente, mas não havia nada para ver.

– Você devia ter dito que íamos sair para assaltar – falei. – Eu teria trazido uma touca ninja.

Ela me olhou irritada – reconheci pela inclinação da cabeça e pela forma como ela erguia os ombros. Senti um tremor no peito e respirei fundo.

– Quer ir dar uma volta, então? – sugeri.

Ela assentiu para o pai, segurou meu braço com firmeza e me levou para longe da casa.

Senti os olhos do pai dela cravados em minhas costas enquanto nos afastávamos.

Se você não levar em conta a construção de barcos e a engenharia de iluminação, Brightlingsea não é uma cidade barulhenta, nem no verão. Agora, duas semanas depois do fim das férias escolares, ela é quase silenciosa, apenas com um ou outro carro e o som das gaivotas. Fiquei quieto até atravessarmos a High Street, onde Lesley pegou da bolsa seu bloco de anotações, abriu-o na última página e me mostrou o que estava escrito.

O que tem aprontado? Eram letras pretas atravessando a página.

– Nem queira saber – falei.

Ela deixou claro com alguns gestos que sim, queria saber.

Então contei a ela sobre o cara que teve o membro mordido por uma mulher com dentes na vagina, o que pareceu divertir Lesley, e falei sobre os boatos de que o inspetor-chefe Seawoll era investigado pela Comissão Independente de Denúncias da Polícia por sua conduta durante os tumultos em Covent Garden, o que não a divertiu. Também não contei a ela que Terrence Pottsley, outra única vítima que havia sobrevivido à magia que destruía o rosto de Lesley, se matara quando a família lhe deu as costas.

Não fomos diretamente à praia. Em vez disso, Lesley me levou por Oyster Tank Road e por um estacionamento onde botes enfileirados estavam sobre reboques. Um vento forte soprava do mar e gemia entre as cordas, fazendo com que as peças de metal batessem umas contra as outras e tilintassem como sinos de vaca. De mãos dadas, caminhamos por entre os barcos e saímos do outro lado, na esplanada de concreto varrida pelo vento. De um lado, degraus de cimento desciam até uma praia dividida em faixas estreitas por quebra-mares em decomposição; do outro lado havia

uma fileira de cabanas de cores vibrantes. Muitas estavam fechadas, mas vi uma família disposta a estender o verão até onde fosse possível, os pais bebendo chá no abrigo diante da porta, enquanto as crianças chutavam uma bola de futebol na praia.

Entre as cabanas no fim da praia e a piscina ao ar livre havia uma faixa de grama e um abrigo onde finalmente pudemos nos sentar. Construído no fim dos anos 1930, quando as pessoas tinham expectativas realistas quanto ao clima britânico, era de tijolos e sólido o bastante para interromper a passagem de um tanque. Fomos sentar no banco no fundo da alcova, protegidos do vento. O interior havia sido decorado com um mural da orla marítima: céu azul, nuvens brancas, velas vermelhas. Um maluco qualquer havia grafitado “BMX” no céu, e havia uma lista de nomes rabiscados em uma parede lateral – Brooke T., Emily B. e Lesley M. Estavam no lugar exato para terem sido pintados por um adolescente entediado sentado no canto do banco. Não era preciso ser um gênio para deduzir que era ali que os jovens de Brightlingsea se reuniam, naquele difícil espaço espremido entre a idade da responsabilidade criminal e a maioridade legal para beber.

Lesley tirou um iPad da bolsa e o ligou. Alguém na família devia ter conhecimentos de informática. Eu sabia que não era Lesley, porque haviam instalado um sintetizador de fala. Era um modelo básico com sotaque americano que a fazia soar como um surfista autista, mas pelo menos podíamos conversar com alguma normalidade.

Ela não perdeu tempo com rodeios.

– Magia pode consertar?

– Pensei que o Dr. Walid tivesse conversado com você sobre isso. – Eu temia essa questão.

– Quero que você diga – ela falou.

– O quê?

Lesley se inclinou sobre o aparelho e cutucou deliberadamente a tela com o dedo. Ela digitou várias linhas separadas antes de apertar o “Enter”.

– Quero ouvir de você – falou o iPad.

– Por quê?

Mais alguns segundos de digitação.

– Porque confio em você.

Respirei fundo. Dois idosos passaram pelo abrigo em carrinhos motorizados.

– Até onde posso dizer, a magia funciona limitada pelas mesmas leis físicas que governam todo o resto.

– O que a magia faz – disse o iPad – a magia pode desfazer.

– Se queimar a mão com fogo ou eletricidade, ainda terá uma queimadura. Você conserta com curativos, pomada e coisas assim. Não usa mais eletricidade ou mais fogo. Você... teve a pele e os músculos do rosto desfigurados por um espírito do mal, sua mandíbula foi esmagada e tudo foi mantido junto por magia – quando ela acabou, seu rosto caiu... seu lindo rosto. Eu estava lá; vi acontecer. E não pude fazer nada. Não posso simplesmente desejar que desapareça.

– Sabe tudo? – perguntou o iPad.

– Não – respondi. – E acho que Nightingale também não.

Ela ficou em silêncio e imóvel por um bom tempo. Queria abraçá-la, mas não sabia como ela iria reagir. Estava me preparando para tocá-la, quando ela assentiu e pegou o iPad de novo.

– Mostre-me – falou o aparelho.

– Lesley...

– Mostre-me. – Ela apertou o botão de repetir várias vezes. – Mostre-me, mostre-me, mostre-me...

– Espere – falei e tentei pegar o iPad, mas ela o tirou de perto de mim. – Tenho que tirar a bateria – expliquei. – Ou a magia vai explodir os chips.

Lesley virou o iPad, abriu o compartimento da bateria e a removeu. Depois de destruir cinco aparelhos celulares, um após o outro, eu havia equipado meu mais novo Samsung com um bloqueio que o mantinha seguro, mas tinha que usar elásticos para mantê-lo fechado. Lesley estremeceu ao vê-lo e fez um barulho estranho que eu suspeitava ser uma gargalhada.

Criei em minha cabeça a *forma* apropriada, abri a mão e produzi uma bola de luz. Não era grande, mas suficiente para projetar uma luz pálida que era refletida pelas lentes dos óculos escuros de Lesley. Ela parou de rir. Fechei a mão e a luz se apagou.

Lesley olhou para minha mão por um momento e depois fez o mesmo gesto, repetindo-o duas vezes de maneira lenta e metódica. Nada aconteceu. Ela olhou para mim e eu soube que, por trás dos óculos e do lenço, sua expressão era de descontentamento.

– Não é tão fácil – expliquei. – Treinei todas as manhãs durante quatro horas por

um mês e meio antes de conseguir, e isso é só a primeira coisa que você tem que aprender. Já falei sobre o latim, o grego...?

Ficamos em silêncio por um momento, até ela cutucar meu braço. Suspirei e produzi outra bola de luz. Àquela altura eu conseguia a façanha até dormindo. Ela copiou o gesto, e nada aconteceu. Não estou brincando sobre o tempo necessário para aprender isso.

Os idosos nos carrinhos voltaram pela esplanada. Apaguei a luz, mas Leslie continuou fazendo o gesto, e seus movimentos se tornavam mais impacientes a cada tentativa. Aguentei enquanto pude, mas acabei segurando a mão dela para obrigá-la a parar.

Pouco depois, voltamos à casa dela. Quando chegamos à varanda, ela bateu de leve no meu braço, entrou e fechou a porta. Pelo vidro fosco eu a vi desaparecer rapidamente pelo vestíbulo, até sumir por completo.

Estava me virando para ir embora quando a porta se abriu e o pai de Lesley saiu.

– Peter – ele chamou. Constrangimento não é algo comum em homens como Henry May, por isso não é fácil de disfarçar. – Achei que poderíamos tomar uma xícara de chá... tem um café na High Street.

– Obrigado, mas tenho que voltar a Londres – respondi.

– Ah. – Ele se aproximou um pouco mais. – Ela não quer que você a veja sem a máscara... – E moveu as mãos vagamente mostrando a casa. – Sabe que, se você entrar, ela vai ter que tirá-la, e não quer que a veja. Consegue entender, não é?

Eu assenti.

– Ela não quer que você veja o quanto é grave.

– E qual é a gravidade?

– É tão grave quanto pode ser – disse Henry.

– Sinto muito.

Henry deu de ombros.

– Só queria que soubesse que ninguém o mandou embora – ele explicou. – Não está sendo punido ou algo assim.

Mas eu havia sido dispensado, então me despedi, entrei no carro e voltei a Londres.

Havia acabado de encontrar a entrada para a A12 quando o Dr. Walid me ligou

dizendo que tinha um corpo e queria que eu o examinasse. Pisei fundo. Era trabalho, e eu me sentia grato por poder trabalhar.

*

Todos os hospitais em que eu já havia entrado tinham o mesmo cheiro – uma mistura de desinfetante, vômito e mortalidade. O University College Hospital era novo, tinha menos de dez anos, mas o cheiro já começava a invadir todos os cantos, exceto, ironicamente, o porão onde ficavam os corpos. Ali a tinta nas paredes ainda era impecável e o linóleo azul do piso rangia sob os pés.

A entrada do necrotério ficava na metade de um longo corredor cheio de fotos emolduradas do antigo hospital Middlesex, da época em que médicos lavando as mãos entre um paciente e outro era o máximo da ciência medicinal. As portas corta-fogo tinham trava eletrônica e uma placa indicando Proibida a entrada de pessoas não autorizadas – APENAS EQUIPE DO NECROTÉRIO. Outra placa solicitava que eu apertasse o botão do interfone, e foi o que eu fiz. O aparelho chiou, estalou e, pensando que por trás do barulho alguém podia ter feito uma pergunta, anunciei que era o oficial Peter Grant e estava ali para ver o Dr. Walid. O interfone estalou e chiou novamente, eu esperei, e depois de um instante o Dr. Abdul Haqq Walid, gastroenterologista, criptopatologista de renome mundial e escocês praticante abriu a porta.

– Peter – disse ele. – Como está Lesley?

– Bem, acho – respondi.

Lá dentro, o necrotério era muito parecido com o restante do hospital, porém com menos gente reclamando do plano de saúde. Dr. Walid e eu passamos pela segurança na recepção, e depois ele me apresentou ao corpo do dia.

– Quem é ele? – perguntei.

– Cyrus Wilkinson – respondeu ele. – Sofreu um colapso em um bar em Cambridge Circus anteontem, foi levado de ambulância ao pronto-socorro, declarado morto ao dar entrada e enviado para cá para a rotina da autópsia.

O pobre e velho Cyrus Wilkinson não parecia tão mal, exceto, é claro, pela incisão em forma de Y que o abria do peito até a região entre as pernas. Felizmente, o Dr. Walid havia terminado de vasculhar seus órgãos e o fechara antes de eu chegar. Ele era um homem branco, aparentando quarenta e poucos anos, bem conservado, com uma pequena barriga de chope, mas ainda com alguma definição muscular nos braços e nas pernas. Para mim, parecia ser um corredor.

– E ele está aqui embaixo porque...?

– Bem, há evidências de gastrite, pancreatite e cirrose hepática – disse o Dr. Walid. – A última eu reconheci.

– Um beerrão? – deduzi.

– Entre outras coisas – confirmou o Dr. Walid. – Estava severamente anêmico, o que podia ter relação com os problemas hepáticos, mas é mais provável que seja decorrente de uma deficiência de B12.

Olhei novamente para o corpo por um momento.

– Ele tem bom tônus muscular – comentei.

– E tinha boa forma física no passado. Mas, recentemente, parece ter relaxado.

– Drogas?

– Fiz todas as verificações rápidas, e nada – respondeu o Dr. Walid. – Em alguns dias terei os resultados das amostras de cabelo.

– Qual foi a causa da morte?

– Falência cardíaca. Encontrei indicações de cardiomiopatia dilatada – revelou o médico. – O coração aumentou de tamanho e não conseguia mais trabalhar direito. Mas creio que o que o matou ontem à noite foi um infarto agudo do miocárdio.

Mais uma expressão que eu havia aprendido nas aulas em Hendon sobre “o que fazer se seu suspeito capota sob sua custódia”. Em outras palavras, um ataque cardíaco.

– Causas naturais? – perguntei.

– Aparentemente, sim – confirmou o Dr. Walid. – Mas, na verdade, ele não estava tão doente para cair morto como caiu. Não que as pessoas não caiam mortas o tempo todo, é claro.

– Então, como sabe que esse é um dos nossos?

O Dr. Walid bateu no ombro do cadáver e piscou para mim.

– Vai ter que chegar mais perto para descobrir.

Não gosto de me aproximar de cadáveres, nem mesmo dos despretensiosos como Cyrus Wilkinson, por isso pedi ao Dr. Walid uma máscara com filtro e protetores para os olhos. Quando eliminei as chances de tocar o cadáver acidentalmente, eu me dobrei com cuidado até meu rosto ficar perto do dele.

Vestigia são as marcas que a magia deixa em objetos físicos. É muito parecido

com uma impressão sensorial, como a lembrança de um cheiro ou um som que você ouviu um dia. Você provavelmente a sente cem vezes por dia, mas tudo se mistura com lembranças, devaneios e até cheiros que está sentindo e sons que está ouvindo. Algumas coisas, pedras, por exemplo, absorvem tudo que acontece em torno delas, mesmo quando nem chega a ser magia – é isso que dá personalidade a uma casa velha. Outras coisas, como o corpo humano, são terríveis para reter *vestigia* – é preciso o equivalente mágico a uma explosão de granada para gravar alguma coisa em um cadáver.

Por isso fiquei um pouco surpreso ao ouvir o corpo de Cyrus Wilkinson tocando um solo de saxofone. A melodia vinha de um tempo quando todos os rádios eram feitos de Bakelite e vidro soprado, e com ela vinha o cheiro de um canteiro de obras, uma mistura de madeira cortada e pó de cimento. Fiquei ali por tempo suficiente para ter certeza de que conseguia identificar a música, depois me afastei.

– Como percebeu? – perguntei.

– Verifico todas as mortes súbitas – respondeu o Dr. Walid. – Sempre há uma pequena chance. Achei que soava como jazz.

– Reconheceu a canção?

– Não. Meu negócio é rock progressivo e as românticas do século XIX – respondeu o Dr. Walid. – E você?

– É “Body and soul” – respondi. – Dos anos 1930.

– Quem tocava?

– Quase todo mundo. É um dos grandes clássicos do jazz.

– Ninguém morre de jazz – disse o Dr. Walid. – Morre?

Pensei em Fats Navarro, Billie Holiday e Charlie Parker que, quando morreu, foi confundido pelo legista com um homem que tinha o dobro de sua idade.

– Sabe, acho que vai descobrir que sim – respondi.

O jazz certamente havia caprichado com meu pai.

*

Não é possível encontrar *vestigium* em um corpo dessa maneira sem que tenha havido magia séria, o que significa que, ou alguém fez alguma coisa mágica com Cyrus Wilkinson, ou ele mesmo era um usuário. Nightingale chamava os civis que usavam magia de “praticantes”. De acordo com ele, um praticante, mesmo que amador, frequentemente deixa evidências de sua “prática” em casa, por isso

atravessei o rio e fui para o endereço que constava na carteira de motorista do Sr. Wilkinson para saber se existia alguém que o amava o suficiente para matá-lo.

Sua casa era um sobrado eduardiano no lado “direito” de Tooting Bec Road. Havia um VW Golf Country, além de dois Audis e um BMW para aumentar um pouco o nível. Estacionei em uma faixa amarela e subi a rua. Um Honda Civic laranja fluorescente chamou minha atenção – não tinha apenas o pequeno e triste motor 1.4 VTEC, mas também uma mulher no assento de motorista observando o endereço. Fiz uma nota mental do índice de credibilidade do carro antes de abrir o portão de ferro fundido, e depois prossegui pelo curto passeio e toquei a campainha. Por um momento, senti cheiro de madeira cortada e pó de cimento, mas abri a porta e perdi o interesse em todo o resto.

Ela tinha curvas antiquadas e estava roliça e sexy em um folgado pulôver azul-celeste. Tinha um bonito rosto pálido e um cabelo castanho bagunçado que bateria na metade de suas costas se não estivesse preso em um rabo de cavalo. Seus olhos eram castanho-chocolate e sua boca era grande, com lábios grossos, e voltada para baixo nas extremidades. Ela me perguntou quem eu era e me identifiquei.

– E o que posso fazer por você, oficial? – perguntou ela. Seu sotaque era cortante, beirando a paródia; quando ela falava, parecia que um avião Spitfire ia passar bem próximo de nossas cabeças.

– Essa é a casa de Cyrus Wilkinson? – perguntei.

– Temo dizer que era, oficial – respondeu ela.

Perguntei quem era ela – educadamente.

– Simone Fitzwilliam – respondeu, e estendeu a mão. Eu a peguei numa reação automática; a palma era suave, morna. Cheirava a madressilva. Perguntei se podia entrar, e ela se afastou para o lado para me deixar passar pela porta.

A casa havia sido construída para a classe média baixa, por isso o corredor era estreito, mas proporcional. No entanto, ainda tinha os azulejos preto e branco originais e um dilapidado, mas antigo, armário de carvalho. Simone me levou à sala de estar. Notei suas pernas sólidas, mas bem torneadas, sob a legging preta. A casa havia sido submetida ao pacote completo de padrão do enobrecimento: sala da frente invadindo a sala de jantar; tábuas de carvalho originais do piso lixadas, envernizadas e cobertas com tapetes. A mobília parecia ser John Lewis – cara, confortável e sem criatividade. A TV de plasma era grande, como exigia a convenção, e conectada à Sky e a um aparelho Blu-ray; as estantes mais próximas tinham DVDs, não livros. Uma reprodução de Monet adornava a parede sobre o local onde estaria a lareira, se ela não houvesse sido removida em algum momento dos últimos cem anos.

– Qual era sua relação com o Sr. Wilkinson? – perguntei.

– Ele era meu amante – a mulher respondeu.

O aparelho de som era um Hitachi sofisticado e sem graça, só para CD – apenas um CD. Havia duas prateleiras de CDs: Wes Montgomery, Dewey Redman, Stan Getz. O restante era uma seleção aleatória de sucessos dos anos 1990.

– Lamento por sua perda – falei. – Gostaria de lhe fazer algumas perguntas, se for possível.

– Isso é mesmo necessário, oficial?

– Costumamos investigar casos cujas circunstâncias em torno da morte não sejam claras – expliquei. Na verdade, nós, isto é, a polícia, não investiga nada a menos que o crime seja óbvio, ou se a Central tiver emitido uma ordem recente para priorizarmos o crime *du jour*, seja qual for, durante o atual ciclo de notícias.

– Elas não são claras? – perguntou Simone. – Pelo que sei o pobre Cyrus teve um ataque cardíaco. – Ela se sentou em um sofá azul e me convidou com um gesto a sentar na poltrona próxima. – Isso não é o que chamam de causas naturais? – Seus olhos brilharam, e ela os esfregou com o dorso da mão. – Sinto muito, oficial – disse.

Pedi a ela para me chamar de Peter, o que não se deve fazer nesse estágio de um inquérito. Eu podia praticamente ouvir Lesley gritando comigo do litoral de Essex. Mesmo assim, ela não me ofereceu uma xícara de chá. Acho que aquele simplesmente não era o meu dia.

Simone sorriu.

– Obrigada, Peter. Pode fazer suas perguntas.

– Cyrus era músico?

– Ele tocava sax alto.

– E tocava jazz?

Mais um sorriso breve.

– Existe outro tipo de música?

– Modal, bebop ou mainstream? – perguntei me exibindo.

– Cool da Costa Oeste – ela disse. – Embora ele não se opusesse a tocar um pouco de bop quando a ocasião exigia.

– Você toca?

– Deus, não. Eu não poderia impor minha terrível falta de talento a uma plateia. É preciso saber reconhecer as próprias limitações. Mas sou uma ouvinte atenta... Cyrus gostava disso.

– Estava como ouvinte naquela noite?

– É claro. Na primeira fileira, embora isso não seja difícil em um lugar tão pequeno como The Spice of Life. Eles estavam tocando “Midnight Sun”. Cyrus terminou seu solo e sentou-se diante do monitor. Achei que ele estava um pouco agitado, de repente caiu de lado, e foi então que todos percebemos que alguma coisa estava errada.

Ela parou e desviou o olhar. Os punhos estavam cerrados. Esperei um pouco e fiz algumas perguntas de rotina para mantê-la concentrada novamente. Ela sabia que horas eram quando Cyrus sofreu o colapso? Quem havia chamado a ambulância? Ela havia ficado com ele o tempo todo? Fui anotando as respostas no meu bloco.

– Eu queria ter ido com ele na ambulância, de verdade, mas antes que eu percebesse, já o haviam levado. Jimmy me deu uma carona até o hospital, mas quando cheguei já era tarde demais.

– Jimmy? – perguntei.

– Jimmy é o baterista, um homem muito bom. Acho que é escocês.

– Pode me dizer o nome completo dele?

– Acho que não. Não é horrível? Sempre pensei nele como Jimmy, o baterista.

Perguntei quem mais fazia parte da banda, mas ela só conseguiu se lembrar deles como Max, o baixista, e Danny, o pianista.

– Deve estar pensando que sou uma pessoa horrível – ela falou. – Tenho certeza de que sei o nome deles, mas não consigo lembrar. Talvez tenha sido a morte repentina de Cyrus. O choque...

Perguntei se Cyrus havia estado doente recentemente. Simone disse que não. Ela também não soube dizer o nome do médico que o atendia, mas me garantiu que, se fosse importante, poderia encontrar a informação nos papéis de Cyrus. Decidi pedir ao Dr. Walid para localizar o médico.

Senti que havia feito perguntas suficientes para encobrir o verdadeiro motivo da minha visita, e então, afetando toda inocência de que era capaz, pedi para dar uma olhada na casa. Normalmente, a simples presença de um policial é suficiente para fazer até o cidadão mais correto se sentir meio culpado e, portanto, relutante em permitir uma inspeção dessa natureza, por isso me surpreendi quando Simone

apontou o corredor e me disse para ficar à vontade.

O andar de cima era como eu esperava – uma suíte master na frente, um segundo quarto no fundo, usado como sala de música, a julgar pelo espaço aberto e pelos tripés encostados à parede. O quatinho havia sido sacrificado em prol de um banheiro maior, onde havia uma banheira, chuveiro, bidê e vaso sanitário, tudo revestido com cerâmica azul-clara e estampas de flor-de-lis. O armário do banheiro era padrão: um quarto masculino, três quartos femininos. Ele preferia descartáveis lâminas duplas de barbear e gel pós-barba; ela se depilava muito e comprava na Superdrug. Nada indicava que um dos dois estivesse envolvido com artes esotéricas.

No quarto principal, as duas portas do guarda-roupa estavam abertas, e uma trilha de roupas meio dobradas levava até a cama sobre a qual havia duas malas abertas. O luto, como o câncer, atinge as pessoas em proporções diferentes, mas, mesmo assim, eu achava que era um pouco cedo para ela estar tirando do armário as coisas de seu amado Cyrus. Então notei algumas peças de roupa que nenhum músico de jazz de respeito usaria, e compreendi que Simone estava fazendo as malas com as coisas dela, o que considereei igualmente suspeito. Ouvi com atenção para ter certeza de que ela não estava subindo a escada e dei uma olhada nas gavetas de roupas íntimas, mas não consegui nada além de uma vaga sensação de que não agia como um profissional.

A sala de música tinha mais personalidade; havia pôsteres emoldurados de Miles Davis e Art Pepper nas paredes, e prateleiras cheias de partituras. Eu havia deixado aquele aposento por último porque queria ter uma ideia do que Nightingale chamava de *sensis illic* de uma casa, e do que eu chamava de *vestigium* passado antes de entrar no que era claramente o santuário interno de Cyrus Wilkinson. Ouvi um lampejo de “Body and Soul” e, misturado ao perfume de madressilva de Simone, o cheiro de poeira e madeira cortada outra vez, mas agora era tênue e fugaz. Diferente do resto da casa, a sala de música tinha estantes de livros onde havia fotografias e recordações incrivelmente caras de viagens ao exterior. Sempre pensei que alguém interessado em se tornar praticante sem percorrer as vias oficiais teria que trilhar um mar de lixo ocultista antes de encontrar magia de verdade – se é que isso é possível. Pelo menos alguns daqueles livros deviam estar nas prateleiras, mas Cyrus não tinha nada desse tipo por ali, nem mesmo o *Livro das Mentiras* de Aleister Crowley, que é sempre bom para rir um pouco, embora não servisse para mais nada. Na verdade, as estantes eram muito parecidas com as de meu pai: havia principalmente biografias de jazz – *Straight Life*, *Bird Lives* –, com alguns títulos de Dick Francis para variar.

– Encontrou alguma coisa? – Simone estava na porta.

– Ainda não – respondi. Estava muito compenetrado no quarto para ouvi-la subir a escada. Lesley dizia que a capacidade de não escutar um grupo de dança folclórica holandesa atrás de você não era uma característica favorável à sobrevivência no mundo complexo e rápido do ambiente policial moderno. Gostaria de comentar que, naquele momento, eu estava dando instruções a um terrorista ligeiramente surdo, e era uma trupe de dança sueca, na verdade.

– Não quero apressar nada, mas chamei um táxi antes de você chegar, e sabe como esses caras odeiam esperar.

– Aonde vai? – perguntei.

– Passar uns dias com as minhas irmãs – respondeu ela –, até superar o choque.

Pedi o endereço e anotei as informações. Surpreendentemente, o lugar ficava no Soho, em Berwick Street.

– Eu sei – Simone falou ao ver minha expressão. – Elas são bem boêmias.

– Cyrus tinha outras propriedades, um cofre, um terreno, talvez?

– Não que eu saiba – respondeu ela, e depois riu. – Cyrus cuidando de um terreno, que ideia extraordinária.

Agradei a ela por ter me recebido e fui levado até a porta.

– Obrigada por tudo, Peter – disse ela. – Você foi muito gentil.

Havia um reflexo suficiente na janela lateral para eu ver que o Honda Civic ainda estava estacionado na frente da casa, e que a motorista olhava diretamente para nós. Quando me virei, ela desviou rapidamente o olhar e fingiu ler os adesivos no carro da frente. A mulher arriscou olhar para nós mais uma vez e me viu atravessando a rua, caminhando em sua direção. Vi seu pânico e seu constrangimento, e a hesitação entre ligar o motor e sair do carro. Quando bati na janela, ela se encolheu. Mostrei a ela minha credencial, e ela a olhou com uma expressão confusa. Essa é a reação que provocamos em metade dos casos, basicamente porque metade da população nunca viu de perto um distintivo policial e nem imagina o que é. Depois de um tempo ela abriu a janela.

– Pode sair do carro, senhora, por favor? – pedi.

Ela assentiu e desceu. Era baixa, esguia e se vestia bem, com um tailleur azul comprado pronto, mas de boa qualidade. Uma corretora de imóveis, pensei, ou uma profissional da área comercial ou de relações públicas. Quando lidam com a polícia, muitas pessoas se apoiam no carro em busca de apoio moral, mas ela não, embora girasse um anel no dedo e ajeitasse os cabelos empurrando-os para trás das orelhas.

– Eu só estava esperando no carro – falou ela. – Algum problema?

Pedi para ver sua carteira de motorista e ela a entregou sem protestar. Se você perguntar nome e endereço a um cidadão comum, ele não só mente com grande frequência, como não é obrigado a responder, a menos que você o acuse de algum delito. E você ainda tem que preencher uma declaração para provar que não está abordando corretoras imobiliárias loiras injustamente. Porém, se você os faz pensar que é uma inspeção de trânsito, eles exibem alegremente a carteira de motorista com nome, incluindo nomes do meio constrangedores, endereço e data de nascimento, dados que anotei. O nome dela era Melinda Abbot, nascida em 1980, e seu endereço era exatamente aquele de onde eu havia acabado de sair.

– Esse é seu endereço atual? – perguntei ao devolver o documento.

– Mais ou menos. Era, e acontece que estou esperando ele voltar a ser agora. Por que quer saber?

– Porque isso faz parte de uma investigação em andamento. Conhece um homem chamado Cyrus Wilkinson?

– Ele é meu noivo – a mulher respondeu, e me encarou com firmeza. – Aconteceu alguma coisa com o Cyrus?

Havia diretrizes aprovadas pela polícia para dar más notícias a entes queridos, e elas não incluíam uma revelação precipitada no meio da rua. Perguntei se ela gostaria de se sentar comigo no carro, mas a mulher estava ficando nervosa.

– É melhor falar de uma vez – disse.

– Tenho más notícias – comecei.

Qualquer um que já tenha visto as séries de TV *The Bill* ou *Casualty* sabe o que *isso* significa. Melinda deu um passo para trás e parou. Ela quase se descontrolou, mas vi todas as emoções sendo sugadas para trás da máscara que era seu rosto.

– Quando? – perguntou ela.

– Há duas noites – respondi. – Foi um ataque cardíaco.

Ela me olhou atordoadas.

– Ataque cardíaco?

– Receio que sim.

A mulher assentiu.

– Por que está aqui? – indagou.

Não precisei mentir porque um táxi parou na frente da casa e buzinou. Melinda virou-se, olhou para a porta da frente e viu Simone sair carregando duas malas. O motorista, exibindo um nível incomum de cavalheirismo, correu para ajudá-la e acomodou as malas no carro enquanto ela trancava a porta da frente da casa.

– Sua vadia – Melinda gritou.

Simone a ignorou e caminhou para o táxi, o que provocou em Melinda exatamente o efeito que eu esperava ver.

– Sim, você – gritou ela. – Ele está *morto*, sua vadia! E você nem se deu ao trabalho de me avisar. Aquela casa é *minha*, sua gorda covarde.

Simone levantou a cabeça, e no primeiro momento pensei que ela não havia reconhecido Melinda. Mas, em seguida, ela assentiu, jogou as chaves da casa na nossa direção e elas caíram aos pés de Melinda.

Reconheço um ataque incontrolável de fúria quando o vejo se aproximar, por isso já a segurava pelo braço antes mesmo de ela tentar atravessar a rua para agredir Simone. Manter a Paz da Rainha – isso era o que importava. Para uma mulher tão pequena e magra, Melinda era bem forte, e tive que usar as duas mãos para contê-la enquanto ela gritava ofensas por cima de meu ombro, fazendo meus ouvidos apitarem.

– Quer ser presa? – perguntei. Esse é um velho truque da polícia. Se você se limita a avisar, as pessoas costumam ignorar, mas, se você faz uma pergunta, elas são obrigadas a pensar nela. E quando começam a pensar nas consequências quase sempre se acalmam – a menos que estejam bêbadas, é claro, ou drogadas, ou tenham entre 14 e 21 anos, ou sejam de Glasgow.

Felizmente, com Melinda a pergunta provocou o efeito desejado. Ela parou de gritar até o táxi se afastar. Quando tive certeza de que ela não me atacaria por causa da frustração – um risco a que um policial está sempre exposto –, eu me abaixei, peguei as chaves e as pus na mão dela.

– Tem alguém para quem você possa ligar? – perguntei. – Alguém que possa vir ficar com você por um tempo?

Ela balançou a cabeça.

– Vou esperar no carro – disse. – Obrigada.

Não me agradeça, senhora – eu não disse –, estou só fazendo... O que eu estava fazendo? Não tiraria dela nada de útil naquele dia, por isso a deixei em paz.

Às vezes, depois de um dia duro de trabalho, só um kebab pode servir de

conforto. Parei em um restaurante curdo quando passava pela Vauxhall e estacionei em Albert Embankment para comer – nada de kebab no Jaguar, essa era a regra. Um lado do Embankment havia sofrido um surto de modernismo nos anos 1960, mas eu me mantinha de costas para as fachadas de concreto sem graça e apreciava o sol incendiando os telhados de Millbank Tower e do Palácio de Westminster. O começo de noite ainda era quente o bastante para permitir mangas curtas, e a cidade se agarrava ao verão como uma maria-chuteira a um centroavante promissor.

Oficialmente, faço parte do UCEE9, Unidade de Crimes Econômicos e Especiais – Unidade 9, também conhecida como Folly ou ainda como a unidade em que policiais simpáticos e bem-educados não conversam perto de pessoas de alta classe. É inútil tentar se lembrar da UCEE9, porque a Polícia Metropolitana passa por uma reorganização a cada quatro anos e todos os nomes mudam. Por isso a Unidade de Assaltos Comerciais do Grupo de Crime Séri e Organizado foi chamada de “O Esquadrão Voador” desde sua apresentação em 1920, ou “The Sweeney”, se você quiser estabelecer sua identidade Cockney. Sweeney Todd, uma rima para Flying Squad, ou Esquadrão Voador, caso esteja confuso.

Diferente da Sweeney, a Folly muitas vezes passa despercebida, em parte porque fazemos coisas sobre as quais ninguém gosta de conversar. Mas, principalmente, porque não temos orçamento estabelecido. Sem orçamento não há escrutínio burocrático e, portanto, não existe o rastro da papelada. Além de tudo isso, até janeiro desse ano o quadro da equipe tinha apenas um membro: um certo detetive inspetor-chefe Thomas Nightingale. Apesar de dobrar o contingente da unidade quando nela entrei e encontrar o equivalente a dez anos de papelada parada, somos uma presença furtiva dentro da hierarquia burocrática da Polícia Metropolitana. Assim, passamos pelos outros policiais de um jeito misterioso, como são misteriosos os deveres que temos que cumprir.

Um de nossos deveres é a investigação de magos não autorizados e outros praticantes de magia, mas não creio que Cyrus Wilkinson fosse praticante de alguma coisa, exceto de um sax alto. Também duvido que ele tenha se matado com o tradicional coquetel musical de drogas e álcool, mas essa hipótese teria que esperar pela confirmação do exame toxicológico. Por que alguém usaria magia para matar um músico no palco? Quero dizer, tenho meus problemas com o New Thing e o resto dos modernistas atonais, mas não mataria alguém por tocar esse tipo de música – pelo menos não se não estivesse trancado na mesma sala com essa pessoa.

Do outro lado do rio, um catamarã afastou-se do píer Millbank com um ronco de diesel. Embrulhei o kebab e o joguei em uma lata de lixo. Voltei ao Jaguar, liguei o motor e retornei ao tráfego do crepúsculo.

Em algum momento eu teria que pesquisar o banco de dados da Folly, procurar casos históricos. Polidori costumava ser bom com coisas lúgubres envolvendo bebida e devassidão. Provavelmente por causa do tempo que passara transtornado com Byron e os Shelley em Lake Geneva. Se alguém sabia sobre mortes não naturais e prematuras essa pessoa era Polidori, que literalmente escrevera o livro sobre o assunto antes de beber cianeto – *Uma investigação sobre mortes não naturais em Londres nos anos de 1768 a 1810*, e ele pesa mais de um quilo. Eu só esperava que ler o livro não me levasse a cometer suicídio também.

Era tarde da noite quando cheguei à Folly e estacionei o Jaguar na garagem. Toby começou a latir assim que abri a porta de trás e veio correndo e derrapando pelo piso de mármore do átrio para se jogar contra minhas canelas. Molly surgiu da direção da cozinha como a vencedora do Campeonato Mundial da Lolita Gótica Mais Pavorosa. Ignorei os latidos de Toby e perguntei se Nightingale estava acordado. Molly balançou a cabeça em sentido negativo, depois me olhou intrigada.

Molly é uma espécie de governanta, cozinheira e exterminadora de roedores da Folly. Ela nunca fala, tem dentes demais e adora carne crua, mas tento nunca usar essas coisas contra ela nem deixá-la se colocar entre mim e a saída.

– Estou exausto. Vou direto para a cama – falei.

Molly olhou para Toby, depois para mim.

– Trabalhei o dia todo – acrescentei.

Molly inclinou a cabeça, um gesto cujo significado era claro: *Não me interessa, se não levar a coisa fedida para passear, você vai limpar a sujeira dele.*

Toby parou de latir por um instante e me olhou esperançoso.

– Onde está a coleira? – perguntei.

The Spice of Life O público em geral tem uma visão distorcida da velocidade em que progride uma investigação. As pessoas gostam de imaginar conversas tensas por trás das persianas, detetives com a barba por fazer, mas rusticamente bonitos, trabalhando com total dedicação e mergulhando na bebida e no fracasso conjugal. A verdade é que, no fim do dia, a menos que tenha alguma pista urgente, o policial vai para casa e se dedica às coisas que realmente importam na vida – como beber, dormir e, se tiver sorte, se relacionar com alguém do gênero e orientação sexual de sua escolha. E eu estaria fazendo pelo menos uma dessas

coisas na manhã seguinte se não fosse também o último aprendiz de feiticeiro na Inglaterra. O que significava que eu passava meu tempo livre aprendendo a teoria, estudando línguas mortas e lendo livros como *Ensaaios sobre a metafísica*, de John “quase todas as letras do alfabeto” Cartwright.

E aprendendo magia, é claro, o que justifica todo esse esforço.

Aqui vai um feitiço: *Lux iactus scindere*. Recite em voz baixa, recite em voz alta, diga com convicção no meio de uma tempestade enquanto faz uma pose dramática – nada vai acontecer. Porque as palavras são apenas rótulos para a *forma* que você cria em sua mente: *Lux* para criar a luz e *Scindere* para colocá-la no lugar. Se fizer esse feitiço corretamente, ele vai criar uma fonte de luz em uma posição fixa. Se o fizer de maneira errada, ele pode abrir um buraco em uma mesa de laboratório.

– Sabe – disse Nightingale –, acho que nunca vi isso acontecer antes.

Esguichei o conteúdo do extintor de CO2 pela última vez sobre a bancada e me abaixei para ver se o chão embaixo dela estava intacto. Havia uma marca de queimado, mas, felizmente, nenhum buraco.

– Não consigo controlar – falei.

Nightingale levantou-se de sua cadeira de rodas e foi dar uma olhada. Ele se movia com cuidado, protegendo o lado direito. Se ainda tinha curativos no ombro, ele os escondia embaixo de uma impecável camisa lilás que havia estado na moda durante a Crise da Abdicação. Molly cuidava de sua alimentação, mas, para mim, ele ainda parecia pálido e magro. Nightingale me pegou olhando para ele.

– Gostaria que você e Molly parassem de olhar para mim desse jeito – disse. – Estou me recuperando. Já fui ferido por bala antes, sei do que estou falando.

– Devo tentar outra vez?

– Não – respondeu Nightingale. – O problema está no *Scindere*, é óbvio. Achei que você havia progredido depressa demais nesse capítulo. Amanhã vamos rever aquela *forma*, e, depois, quando eu tiver certeza de que você dominou esse conceito, voltaremos a esse encantamento.

– Que bom – resmunguei.

– Isso não é incomum. – A voz de Nightingale era baixa e tranquila. – É preciso cuidar da fundação da arte corretamente, ou tudo que construir sobre ela será torto e instável. Não existem atalhos na magia, Peter. Se houvesse, todos estariam fazendo feitiços.

Provavelmente no programa de TV *Britain's Got Talent*, mas ninguém faz esse tipo de comentário com Nightingale, porque ele não tem senso de humor quando o assunto é a arte, e só usa a televisão para assistir aos jogos de rúgbi.

Adotei o ar atento do aprendiz dedicado, mas ele não se deixou enganar.

– Fale sobre o músico morto – disse.

Expus os fatos, com ênfase na intensidade do *vestigia* que Dr. Walid e eu havíamos encontrado em torno do corpo.

– Ele sentiu com a mesma intensidade que você? – indagou Nightingale.

Dei de ombros.

– É *vestigia*, chefe – respondi. – Era forte o bastante para nós dois termos ouvido a melodia. Suspeito.

– Sim, é suspeito – ele concordou, e se acomodou na cadeira de rodas com uma expressão pensativa. – Mas houve crime?

– O estatuto fala apenas sobre matar ilegalmente alguém sob a Paz da Rainha com malícia planejada. Não diz nada sobre como matar. – Eu havia verificado no *Manual de polícia de Blackstone* antes de descer para o café naquela manhã.

– Eu gostaria de ver o Serviço de Promotoria da Coroa usar esse argumento diante de um júri – ele respondeu. – Na primeira instância, seria preciso provar que ele foi morto por magia e depois encontrar quem foi capaz de matá-lo e dar a impressão de causas naturais.

– Você conseguiria? – perguntei.

Nightingale teve que pensar um pouco.

– Acho que sim – disse. – Teria que passar um tempo na biblioteca primeiro. Seria um encantamento muito poderoso, e é possível que a música que vocês ouviram seja a *Signare* de um praticante, sua marca registrada involuntária. Porque, como os antigos operadores de telégrafo conseguiam identificar uns aos outros pelo jeito como batiam nas teclas, todo praticante faz um feitiço com um estilo único e próprio.

– Eu tenho uma assinatura? – perguntei.

– Sim – confirmou Nightingale. – Quando pratica, tudo tem uma alarmante tendência a pegar fogo.

– Sêrio, chefe.

– Ainda é muito cedo para ter uma *Signare*, mas outro praticante certamente saberia que você foi meu aprendiz. Isto é, desde que já tenha visto meu trabalho, é claro.

– E há outros praticantes por aí? – quis saber.

Nightingale se ajeitou na cadeira de rodas.

– Há alguns sobreviventes do grupo anterior à guerra – ele falou. – Mas, além deles, você e eu somos os últimos magos de treinamento clássico. Quero dizer, você será, se conseguir se concentrar o suficiente para ser treinado.

– Pode ter sido um desses sobreviventes?

– Não se o jazz era parte da *Signare*.

Portanto, também não podia ser um de seus aprendizes – se é que eles os tinham.

– Se não foi um membro do seu grupo...

– *Nosso* grupo – disse Nightingale. – Você fez um juramento, lembre. Isso o torna um de nós.

– Se não foi ninguém de nosso grupo, quem mais pode ter sido?

Nightingale sorriu.

– Um de seus amigos ribeirinhos teria o poder – respondeu.

Isso me fez pensar. Havia dois deuses do rio Tâmsa, e cada um deles tinha os próprios filhos indóceis, um para cada afluente. Certamente tinham poder – eu mesmo vi o rio Beverley inundando Covent Garden e, além disso, salvei a minha vida e a de uma família de turistas alemães.

– Mas Pai Thames não operaria abaixo da Comporta de Teddington – continuou

Nightingale. – E Mamãe Thames não correria o risco de fazer um acordo conosco. Se Tyburn quisesse sua morte, ela teria agido pelas cortes. Fleet humilharia você até a morte na mídia. E Brent é jovem demais. Por fim, deixando de lado o fato de Soho estar do lado errado do rio, se Effra estivesse tentando usar música para matar você, não seria jazz.

Não quando ela é praticamente a santa padroeira do Grime no Reino Unido, pensei.

– Há outras pessoas? – perguntei. – Outras coisas?

– É possível – respondeu Nightingale. – Mas eu me concentraria em determinar *como* antes de me preocupar muito com *quem*.

– Algum conselho?

– Você pode começar visitando a cena do crime.

Para desgosto da classe dominante, que gosta de suas cidades limpas, organizadas e seguras, Londres nunca respondeu bem aos grandiosos projetos de melhorias, nem mesmo depois de ter sido destruída em 1666. Acredite, isso não impediu as pessoas de tentarem, e na década de 1880 o Conselho Metropolitano de Obras construiu a Charing Cross Road e a Shaftesbury Avenue para melhorar a comunicação entre norte e sul e leste e oeste. A eliminação da periferia Newport Market e a consequente redução do número de pessoas pobres e imagens desagradáveis que se poderia ver ao perambular pela cidade foi, tenho certeza, pura coincidência. O local onde a estrada e a avenida se cruzam tornou-se Cambridge Circus, e hoje, no lado oeste, fica o Teatro Palace em toda sua glória vitoriana. Ao lado dele, e construído no mesmo estilo, está o que um dia foi o pub George and Dragon, mas que agora é chamado de The Spice of Life. De acordo com a publicidade deles mesmos, esse era o melhor lugar de Londres para ouvir jazz.

Nos tempos em que meu pai ainda se apresentava, The Spice of Life não era uma casa onde se ouvia jazz. Era, de acordo com ele, um estabelecimento estritamente para velhotes de agasalhos de gola alta e cavanhaque que liam poesia ou ouviam música folk. Bob Dylan tocou nesse lugar algumas vezes na década de 1960, e Mick Jagger também. Mas nada disso significava alguma coisa para meu pai, que sempre dizia que rock era bom para quem precisava de ajuda para acompanhar um ritmo.

Até aquela hora de almoço, eu nunca havia sequer entrado no The Spice of Life. Antes de ser policial, aquele não era o tipo de bar onde eu costumava beber, e depois de me tornar policial, aquele não era o tipo de bar onde eu prendia pessoas.

Programei minha visita para evitar o movimento maior da hora do almoço, por isso o público que encontrei na região do Circus era, basicamente, de turistas. O interior do bar era agradável, fresco, meio escuro e vazio, com um toque de produtos de limpeza lutando contra anos de cerveja derramada. Queria sentir o clima do lugar e decidi que, para isso, nada melhor que entrar e beber uma cerveja, mas estava em serviço, então pedi apenas meia cerveja. Diferente de muitos pubs de Londres, The Spice of Life conseguia preservar o interior de bronze e madeira polida sem se tornar cafona. Fiquei parado perto do balcão bebendo minha cerveja e, quando sorvi o primeiro gole, senti um lampejo de suor de cavalo e barulho de martelos batendo em uma bigorna, gritos e risadas, um grito distante de mulher e cheiro de tabaco – tudo muito comum para um pub no centro de Londres.

Os filhos de Musa ibn Shakir eram brilhantes e ousados. Se não fossem muçulmanos, provavelmente teriam recorrido aos santos padroeiros dos tecno-geeks. Eles são famosos por terem escrito um best-seller no século XIX, um compêndio de geniais aparatos mecânicos que, com muita criatividade, chamaram de *Kitab al-Hiyal* ou *O livro dos aparatos geniais*. Nele descreveram o que poderia ser considerado o primeiro aparelho para medir pressão diferencial, e é aí que o problema realmente começa. Em 1593, Galileu Galilei se afastou da astronomia e decretou heresia inventar um termoscópio para medir calor. Em 1833, Carl Friedrich Gauss inventou um aparelho para medir a força de um campo magnético, e, em 1908, Hans Geiger criou um detector para radiação ionizante. Neste exato momento, astrônomos estão detectando planetas em torno de estrelas distantes ao medir quanto suas órbitas oscilam, e as pessoas inteligentes do CERN – sigla francesa para Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear – estão juntando partículas na esperança de que Doctor Who apareça e diga a eles para parar. A história sobre como medimos o universo físico é a história da própria ciência.

E o que Nightingale e eu temos para medir *vestigia*? Nada, e nem sabemos o que estamos tentando medir. Não é à toa que os herdeiros de Isaac Newton mantinham a magia escondida e segura sob suas perucas. Eu havia desenvolvido de brincadeira minha própria escala de *vestigia* com base na quantidade de barulho que Toby fazia ao interagir com magia residual, e dei a ela o nome de yap, sendo um yap uma quantidade de *vestigia* suficiente para ser aparente mesmo quando eu não estava procurando por ela.

O yap seria uma unidade do Sistema Internacional (SI), é claro, por isso o ambiente padrão de um pub no centro de Londres era de 0,2 yap (0,2Y) ou 200 miliyaps (200mY). Satisfeito com esse padrão que estabeleci, terminei minha cerveja e desci ao porão, onde ficava o jazz.

Uma escada barulhenta descia até o Backstage Bar, que era uma sala octogonal com telhado baixo e colunas cor de creme que deviam ser de sustentação, porque não contribuíam em nada para o visual. Enquanto estava na porta tentando sentir alguma energia mágica, percebi que minha infância ia interferir na investigação.

Em 1986, Courtney Pine lançou o disco *Journey to the Urge Within*, e de repente o jazz voltou à moda, e com ele vimos o terceiro e último momento de fama e fortuna de meu pai. Eu nunca fui aos shows, mas, nas férias escolares, ele costumava me levar nas visitas às boates e aos estúdios de gravação. Algumas coisas permanecem antes mesmo da memória consciente – cerveja velha, fumaça de cigarro, o som que um trompete faz quando o músico está se aquecendo. Poderia haver 200 kiloyaps de *vestigia* naquele porão, e eu não seria capaz de separá-los das minhas lembranças.

Devia ter levado Toby. Ele seria mais útil. Aproximei-me do palco na esperança de que isso pudesse me ajudar.

Meu pai sempre disse que um trompetista gosta de mirar sua arma para a plateia, mas um saxofonista prefere um bom perfil, e eles têm sempre um lado favorito. Ainda segundo meu pai, você não deve nem pegar um instrumento de sopro, a menos que se envaideça com a forma que seu rosto vai ter quando estiver tocando. Subi no palco e imitei algumas posições clássicas de um saxofonista, e foi então que comecei a sentir alguma coisa, à frente e à direita do palco, um leve formigamento e a linha melódica de “Body and Soul” tocada ao longe, penetrante e melancólica.

– Peguei você – disse.

Como tudo que eu tinha era o eco mágico de uma música em especial, decidi que era hora de descobrir exatamente qual das várias centenas de versões de “Body and Soul” era aquela. Precisava de um especialista, alguém tão obcecado que tenha sido consumido pelo assunto a ponto de negligenciar a saúde, o casamento e os filhos.

Era hora de ir ver meu velho.

Por mais que eu ame o Jaguar, ele chama muita atenção para ser usado no meu trabalho diário de policial. Então, naquele dia, eu dirigia um velho Ford Asbo que já havia pertencido à frota da Polícia Metropolitana e, apesar de todo meu esforço, cheirava vagamente a cachorro molhado e comida velha. Eu o escondi em Romilly Street, com meu talismã mágico de policial em serviço preso à janela para manter afastados os guardas de trânsito. Eu havia levado o Asbo para um amigo que incrementara seu motor Volvo e aumentara a potência, o que era útil para quem precisava desviar dos ônibus em Tottenham Court Road a caminho de Kentish Town,

no norte.

Todos os londrinos têm seu feudo – uma coleção de fragmentos da cidade onde se sentem confortáveis. Onde você mora, ou onde cursou a faculdade; onde trabalha ou pratica esportes; aquela área específica de West End onde você vai beber ou, se é da polícia, a área que patrulha. Se você nasceu em Londres (e, ao contrário do que tem ouvido, nós somos a maioria), a porção mais forte do seu feudo é onde você cresceu. Há uma espécie particular de segurança proveniente de estar nas ruas que você percorreu para ir à escola, onde deu seu primeiro beijo, onde bebeu pela primeira vez, ou onde vomitou seu primeiro vindaloo de frango. Eu cresci em Kentish Town, um bairro que seria considerado arborizado e suburbano, se tivesse mais árvores e fosse mais... suburbano. E se tivesse menos propriedades do conselho. Uma delas é a Peckwater Estate, meu lugar ancestral, construído em um tempo quando os arquitetos começavam a pensar que a prole poderia apreciar encanamento interno e um ou outro banho, mas antes de eles perceberem que essa mesma prole poderia querer ter mais de um filho por família. Talvez acreditassem que três dormitórios só serviriam para incentivar a natalidade na classe trabalhadora.

Uma vantagem do lugar era o quintal transformado em estacionamento. Lá encontrei uma vaga entre um Toyota Aygo e um velho e surrado Mercedes com uma lateral diferente do resto do carro. Estacionei, desci do automóvel, acionei a trava elétrica e me afastei, seguro de que, por me conhecerem, ninguém ia mexer no meu carro. É isso que significa estar no seu feudo. Mas, para ser honesto, desconfio de que os contraventores da área tivessem mais medo da minha mãe do que de mim – o pior que eu podia fazer era prendê-los.

Era estranho, mas ouvi música quando abri a porta do apartamento de meu pai: “The Way You Look Tonight” tocada em um teclado no quarto principal. Minha mãe estava deitada no sofá bom da sala de estar. De olhos fechados, ele ainda vestia as roupas de trabalho – jeans, moletom cinza, lenço estampado na cabeça. Fiquei chocado ao constatar que o som estava desligado. A televisão também. A TV da casa dos meus pais nunca ficava desligada, nem mesmo nos funerais. Especialmente nos funerais.

– Mãe?

Sem abrir os olhos, ela levou o dedo aos lábios e depois apontou para o quarto.

– É o papai? – perguntei.

Os lábios de minha mãe se encurvaram em um sorriso lento, glorioso, um sorriso que eu só conhecia de fotos antigas. O terceiro e último renascimento de meu pai na música havia acontecido no início da década de 1990, e acabara quando ele havia

soprado os dentes pouco antes de uma apresentação ao vivo no BBC 2, e depois disso não ouvi minha mãe falar mais do que duas palavras com meu pai por um ano e meio. Acho que ela tomou a situação como uma ofensa pessoal. A única vez em que a vi mais aborrecida foi no funeral da princesa Diana, mas acho que ela gostou daquilo, de certa forma, de um jeito catártico.

A música prosseguia, emocionada e penetrante. Lembro-me de minha mãe, inspirada por muitas reprises do filme *Buena Vista Social Club*, comprando um teclado para meu pai, mas não me lembro de ele aprendendo a tocar.

Fui até a pequena cozinha e preparei chá para nós enquanto a música soava. Ouvi minha mãe mudar de posição no sofá e suspirar. Não gosto tanto assim de jazz, mas passei boa parte da infância como encarregado dos vinis de meu pai, escolhendo discos em sua coleção e levando-os à vitrola quando ele não estava bem, por isso sei reconhecer uma boa música quando a escuto. Meu pai estava tocando música boa, “All Blues”, mas não fazia nada de especial com ela, apenas deixava transparecer e brilhar a beleza melancólica. Voltei à sala e deixei a xícara de chá de minha mãe sobre a mesa lateral de imitação de carvalho, depois me sentei para vê-la ouvir meu pai tocar.

A música não durou para sempre, não durou nem o suficiente. Como poderia? Ouvimos papai desafinar e parar de repente. Mamãe suspirou e sentou-se.

– O que faz aqui? – perguntou ela.

– Vim ver o papai – falei.

– Muito bem. – Ela bebeu um gole do chá. – Está frio – disse, e empurrou a xícara em minha direção. – Faça outro para mim.

Meu pai apareceu enquanto eu estava na cozinha. Ouvi quando ele cumprimentou minha mãe, depois escutei um barulho estranho de sucção que, percebi assustado, era o ruído dos dois se beijando. Quase derrubei o chá.

– Pare com isso – ouvi minha mãe cochichar. – Peter está aqui.

Meu pai apareceu na porta da cozinha.

– Isso não pode ser coisa boa – falou ele. – Alguma chance de ter uma xícara para mim, também?

Mostrei a ele que já estava preparando mais uma xícara de chá.

– Impressionante.

Quando servi o chá, papai me perguntou qual era o motivo da visita. Eles tinham motivos para estarem um pouco cautelosos, porque na última vez em que apareci

inesperadamente eu havia incendiado Covent Garden Market – ou mais ou menos isso.

– Preciso da sua ajuda para entender uma coisa relacionada ao jazz – respondi.

Meu pai sorriu satisfeito.

– Venha ao meu consultório – convidou. – O doutor jazz vai recebê-lo agora.

Se a sala de estar era domínio de minha mãe e sua família, o quarto principal pertencia a meu pai e sua coleção de discos. Diz a lenda familiar que as paredes um dia foram pintadas de marrom claro, mas agora cada centímetro havia sido dominado pelas prateleiras de pinho e aço de meu pai. Cada prateleira estava cheia de discos de vinil, todos cuidadosamente arranjados em fileiras verticais longe da luz do sol. Desde que me mudei de lá, o enorme guarda-roupa de minha mãe migrou para o meu antigo quarto acompanhado por sua vasta coleção de sapatos. O novo arranjo deixava espaço suficiente para a cama queen size, um teclado elétrico grande e o aparelho de som de meu pai.

Contei a ele o que estava procurando, e meu pai pegou vários discos. Começamos, como eu sabia que seria, com a famosa versão de Coleman Hawkins em Bluebird, de 1938. Foi perda de tempo, é claro, porque Hawkins nem conseguiu se aproximar da melodia real. Mas deixei meu pai apreciar a música até o fim antes de fazer esse comentário.

– Era antiga, pai. A que eu ouvi. Tinha uma melodia correta e tudo mais.

Meu pai resmungou alguma coisa e examinou o conteúdo de uma caixa de papelão cheia de 78s. De lá, ele retirou uma capa marrom simples reparada em três lados com fita adesiva. Era o Benny Goodman Trio em goma-laca, com um selo preto e dourado da Victor. Papai tem uma vitrola Garrard com seletor de rotação 78, mas é preciso trocar o cartucho antes, e eu tirei com todo cuidado o Ortofon e fui procurar o Stanton. Ainda era guardado onde eu lembrava, no único espaço vazio da estante atrás do aparelho de som, deitado para proteger a agulha. Enquanto eu manuseava a pequena chave de fenda e encaixava o cartucho, papai tirou o disco da capa com todo cuidado e o inspecionou com um sorriso satisfeito. Depois me entregou o disco. Era pesado como todos os 78s, muito mais pesado que um LP – e alguém que tenha crescido ouvindo apenas CDs nem saberia o que fazer com ele. Segurei o disco entre as palmas das mãos e o coloquei sobre o prato da vitrola.

Ele chiou e estalou assim que a agulha tocou o sulco, e eu ouvi Goodman fazer sua introdução de clarineta, depois Teddy Wilson e seu solo de piano, e Benny de novo com a clarineta. Felizmente, Krupa era discreto na bateria. Essa melodia era muito mais próxima da que o pobre e finado Sr. Wilkinson tocava.

– Alguma coisa mais recente – pedi.

– Não vai ser difícil – meu pai respondeu. – Essa versão foi gravada apenas cinco anos depois da composição.

Ouvimos mais alguns 78s, inclusive uma versão de Billie Holiday de 1940, que deixamos tocar porque “Lady Day” é uma das poucas coisas que meu pai e eu temos realmente em comum. É bonita e triste, e me ajudou a perceber o que até então eu não via.

– Tem que ser mais animado – falei. – Era um combo maior, com mais swing.

– Swing? – repetiu meu pai. – Estamos falando de “Body and Soul”, essa música nunca teve swing que chamasse atenção.

– Pai, por favor, alguém deve ter feito uma versão mais cadenciada, nem que tenha sido só para os brancos.

– Pare com isso, seu idiota arrogante – papai me censurou. – Mas acho que sei o que pode estar procurando. – Ele enfiou a mão no bolso da calça e pegou um retângulo de plástico e vidro.

– Você tem um iPhone – me espantei.

– Na verdade é um iPod Touch. O som não é ruim – disse o homem que preferia um amplificador Quad de cinquenta anos porque era um aparelho que tinha válvulas, não transistores. Ele me ofereceu o fone de ouvido e deslizou o dedo pela tela como se houvesse usado esse tipo de controle a vida toda. – Escute – falou.

Lá estava, digitalmente remasterizado, mas ainda com chiados e estalos suficientes para manter contentes os puristas: a melodia clara de “Body and Soul” com swing suficiente para torná-la dançável. Se não era essa a versão que eu havia escutado no corpo, definitivamente era outra tocada pela mesma banda.

– Quem é?

– Ken Johnson – disse meu pai. – O Velho Snakehips em pessoa. É uma faixa do *Blitzkrieg Babies and Bands*, diretamente da goma-laca. Os créditos afirmam que é “Jiver” Hutchinson no trompete. Mas é evidente que é Dave Wilkins, porque a movimentação dos dedos é diferente.

– Quando foi gravado?

– O 78 original foi gravado em 1939 nos estúdios Decca em West Hampstead. – Meu pai me olhou interessado. – Isso faz parte de uma investigação? Na última vez que estive aqui você ainda não se interessava por coisas estranhas.

Eu não ia morder essa isca.

– Qual é a do teclado?

– Estou revitalizando minha carreira – respondeu ele. – Pretendo ser o próximo Oscar Peterson.

– É mesmo? – A declaração era inesperadamente arrogante, mesmo para meu pai.

– Sim – ele confirmou, e contornou a cama para se aproximar do teclado. Papai tocou algumas notas de “Body and Soul”, afirmando a melodia antes de acrescentar intensidade, depois levando a composição em uma direção que eu nunca fui capaz de seguir ou reconhecer. Ele parecia desapontado com minha reação. Papai nunca perde a esperança de que um dia eu desenvolva esse talento. Por outro lado, papai tinha um iPod, então... quem sabe o que pode acontecer?

– O que aconteceu com Ken Johnson?

– Foi morto na Blitz – respondeu meu pai. – Como Al Bowlly e Lorna Savage. Ted Heath me contou que às vezes eles pensavam que Göring escolhia os homens do jazz. Disse que, durante a guerra, ele se sentia mais seguro em turnês pelo norte da África do que em concertos em Londres.

Eu duvidava de que estivesse procurando o espírito vingativo de Reichsmarschall Hermann Göring, mas não custava nada averiguar, só por precaução.

Mamãe nos expulsou do quarto para trocar de roupa. Preparei mais chá, e nós nos sentamos na sala.

– O que eu sei – meu pai falou – é que logo estarei procurando lugares e bandas para tocar.

– Com você nos teclados?

– O que importa é a música. O instrumento é só o instrumento.

E o músico vive para tocar.

Mamãe saiu do quarto com um vestido amarelo sem mangas. Os cabelos, agora livres do lenço, estavam presos em tranças que faziam meu pai sorrir. Quando eu era criança mamãe costumava fazer relaxamento a cada seis semanas, pontualmente, como um relógio. Na verdade, todo fim de semana eu via alguém – uma tia, uma prima, a vizinha do fim da rua – sentada na sala e aplicando a substância química do alisamento. Se eu não houvesse conhecido Maggie Porter – cujo pai era um terror e cuja mãe vendia apólices de seguros de carros –, uma garota que usava os cabelos

crespos e frequentava a discoteca Year Ten, eu poderia ter chegado à idade adulta pensando que os cabelos de uma mulher negra cheiravam naturalmente a hidróxido de potássio. Pessoalmente, sou como meu pai – gosto deles ao natural, ou em tranças, mas a primeira regra sobre o cabelo de uma mulher negra é que você não fala sobre o cabelo de uma mulher negra. E a segunda regra é que você *nunca* toca no cabelo de uma mulher negra sem antes obter permissão escrita. E isso inclui depois do sexo, do casamento ou da morte. É claro, essa cortesia não é retribuída.

– Precisa cortar o cabelo – minha mãe comentou. E cortar o cabelo, para ela, significava passar a máquina, cortar curto o bastante para bronzear a cabeça. Prometi a ela que cuidaria disso, e mamãe foi para a cozinha preparar o jantar.

– Era uma guerra – meu pai falava. – Sua avó foi evacuada antes de eu nascer, por isso em minha certidão consta Cardiff. Felizmente para você, ela nos levou de volta a Stepney antes do fim da guerra.

Ou poderíamos ter sido galeses, o que, na opinião de meu pai, era pior que ser escocês.

Ele disse que, para quem crescia em Londres no fim da década de 1940, era como se a guerra ainda continuasse na cabeça das pessoas com todos aqueles locais bombardeados, o racionamento e as vozes condescendentes da rádio BBC.

– Sem o barulho dos explosivos, é claro – papai continuou. – Naqueles dias as pessoas ainda falavam sobre Bowlly ter morrido no bombardeio em Jermyn Street, ou sobre o avião de Glenn Miller ter desaparecido em 1944. Sabia que ele era major da Força Aérea americana? Até hoje seu nome ainda está na lista dos Desaparecidos em Ação.

Mas ser jovem e talentoso na década de 1950 era viver à beira da mudança.

– A primeira vez que ouvi “Body and Soul” foi no Flamingo Club – disse meu pai. – Ronnie Scott estava tocando, e naquela época ele estava se tornando Ronnie Scott.

O Flamingo Club no fim da década de 1950 era um ímã para soldados negros da Força Área de Lakenheath e outras bases americanas.

– Eles queriam nossas mulheres – contou papai –, e nós queríamos seus discos. Eles sempre tinham discos. Era um arranjo perfeito.

Mamãe chegou com o jantar. Sempre fomos uma família de duas receitas, uma para a mamãe, outra bem menos temperada para meu pai. Ele também gosta de fatias de pão branco com margarina no lugar do arroz, o que seria pedir para ter problemas cardíacos, se ele não fosse magro como uma vassoura. Eu havia crescido com as

duas receitas, com o arroz e o pão branco, o que explica minha boa aparência e meu físico másculo.

Esta noite mamãe comia folha de mandioca, enquanto meu pai saboreava uma caçarola de cordeiro. Escolhi o cordeiro porque nunca gostei de folha de mandioca, especialmente quando mamãe faz a preparação com óleo de palma. Ela usa tanta pimenta que sua sopa fica vermelha, e juro que é só uma questão de tempo até um de seus convidados entrar em combustão espontânea no meio do jantar.

Comemos na grande mesa de centro com tampo de vidro na sala de estar, com uma garrafa plástica de água mineral no meio. Havia guardanapos de papel cor-de-rosa e palitos de pão em embalagens de celofane, lembrança do último trabalho de faxina de minha mãe. Cortei uma fatia de pão para meu pai.

Enquanto comíamos, notei que minha mãe olhava para mim.

– O que é? – perguntei.

– Por que não pode tocar como seu pai? – ela disse.

– Porque sei cantar como minha mãe – respondi. – Mas, felizmente, também cozinho como Jamie Oliver.

Ela me deu um tapa na perna.

– Não é tão grande que não possa apanhar de mim – disse.

– É, mas sou mais rápido do que era no passado – respondi.

Não lembro a última vez em que me sentei com meu pai e minha mãe para fazer uma refeição, não sem meia dúzia de parentes presentes. Não sei nem se essas reuniões aconteciam com frequência quando eu era criança. Havia sempre uma tia, um tio ou um diabólico primo mais novo ladrão de Lego – não que eu tenha ressentimentos – em nossa casa.

Quando falei sobre isso com minha mãe, ela me contou que aquele primo que roubava Lego havia começado recentemente o curso de engenharia em Sussex. Ótimo, pensei, agora ele pode pegar os Legos de outra pessoa. Lembrei a ela que eu era um oficial e trabalhava para um braço muito movimentado da Polícia Metropolitana.

– O que faz lá? – ela quis saber.

– É sigiloso, mãe. Se eu contar, vou ter que matar você.

– Ele faz magia – disse meu pai.

– Você não devia guardar segredos da sua mãe – mamãe me censurou.

- Não acredita em magia, não é?
- Não devia brincar com essas coisas – ela me censurou novamente. – A ciência não tem todas as respostas.
- Mas tem as melhores perguntas – aponte.
- Não está se metendo com bruxaria, está? – De repente ela ficou séria. – Já me preocupo o suficiente com você sem isso.
- Garanto que não estou me associando a nenhum espírito do mal, nem a nenhum outro tipo de entidade sobrenatural – falei. E era verdade, porque a criatura sobrenatural com quem eu mais gostaria de me associar vivia atualmente em exílio rio acima, na corte de Pai Thames. Era um desses relacionamentos trágicos: eu sou um policial júnior, ela é a deusa de um rio em um bairro no sul de Londres. Nunca iria dar certo.

Quando terminamos a refeição, eu me ofereci para lavar a louça. Enquanto usava meio litro de detergente para tentar remover todos os vestígios de óleo de palma, ouvia a conversa de meus pais na sala. A TV continuava desligada, e mamãe não falava com ninguém pelo telefone há mais e três horas. Isso começava a ficar meio *Fringe*. Terminei de lavar a louça e fui para a sala, onde os encontrei sentados lado a lado no sofá, de mãos dadas. Perguntei se queriam mais chá. Eles disseram que não e me olharam com o mesmo sorriso estranho e meio distante. Percebi, assustado, que meus pais estavam ansiosos para eu ir embora, porque queriam ir para a cama. Peguei meu casaco, me despedi de minha mãe com um beijo e praticamente saí correndo. Existem algumas coisas sobre as quais um homem não quer pensar.

Eu estava no elevador quando recebi um telefonema do Dr. Walid.

– Ainda não viu meu e-mail? – perguntou ele.

Expliquei que estava saindo da casa de meus pais.

– Estive analisando dados estatísticos sobre os índices de mortalidade entre músicos de jazz na área de Londres – ele contou. – Vai gostar de dar uma olhada nisso assim que puder. E telefone para mim amanhã, depois de ver o e-mail.

– Tem alguma coisa que eu deva saber agora?

As portas do elevador se abriram e eu saí para o saguão de ladrilhos. A noite era quente o bastante para haver alguns jovens reunidos na calçada. Um deles tentou me encarar, mas eu retribuí e o fiz desviar o olhar. Como eu disse, esse é o meu feudo. Além do mais, já fui aquele garoto.

– Pelos números que obtive, creio que dois ou três músicos de jazz morreram em

até 24 horas depois de se apresentarem na área da Grande Londres no último ano.

– E suponho que isso é estatisticamente significativo?

– Expliquei tudo no e-mail – disse o Dr. Walid.

Ele desligou quando eu estava chegando no Asbo.

Para a caverna tecnológica, pensei.

A Folly, de acordo com Nightingale, é defendida por uma série de proteções mágicas entrelaçadas. Elas foram renovadas pela última vez em 1940, para permitir que o Correio instalasse um então moderno cabo de telefone coaxial no edifício principal e para colaborar com a instalação de um também moderno painel de comandos. Eu o havia encontrado embaixo de uma camada de poeira em uma alcova ao lado do saguão da entrada principal, um belo armário de mogno e vidro com puxadores de bronze mantidos brilhantes graças à necessidade obsessiva de polir de Molly.

Nightingale diz que essas proteções são vitais, embora ele não explique por que, e que ele, agindo sozinho, não é capaz de renová-las. Levar um cabo de banda larga para o interior do edifício estava fora de questão, e tudo indicava que, por um tempo, eu estaria ancorado na Idade Média.

Felizmente, a Folly havia sido construída no estilo da Regência, quando era moda construir estábulos separados no fundo de uma casa grande, de forma que cavalos e empregados mais malcheirosos pudessem ser acomodados a favor do vento em relação a seus senhores. Isso significava que havia um edifício no fundo, agora usado como garagem, e, sobre ela, um sótão reformado que no passado acomodara os criados, e depois servira como espaço de festas para os jovens, em um tempo em que a Folly tinha jovens. Mais que um, pelo menos. As “proteções” mágicas – Nightingale não gostava quando eu as chamava de “campos de força” – assustavam os cavalos, por isso não eram estendidas até a área onde antes era o estábulo e agora ficava a garagem. O que significa que posso puxar um cabo de banda larga, e pelo menos um canto da Folly estará para sempre inserido no século XXI.

O sótão sobre a garagem tem uma claraboia em uma extremidade, uma otomana, uma chaise longue, uma TV de plasma e uma mesa de cozinha Ikea que Molly e eu levamos três horas para montar. Eu havia usado o status da Folly como Unidade de Comando Operacional para fazer o Diretório de Informações cuspir meia dúzia de rádios Airwave com rack de recarga, e um terminal HOLMES 2¹ dedicado. Também tenho meu laptop, meu laptop de back-up e meu PlayStation – que ainda nem consegui tirar da caixa. Por causa disso, há uma grande placa na porta da frente com

o aviso: Magia proibida sob pena de pena. Isso é o que chamo de caverna tecnológica.

A primeira coisa que recebi ao ligar o computador foi um e-mail de Leslie com o título “Tédio!”, então mandei para ela o relatório da autópsia feita pelo Dr. Walid para mantê-la ocupada. Depois abri o SCP Xpress (Sistema de Computadores da Polícia) e fiz uma varredura no Índice para encontrar informações sobre o carro de Melinda Abbot, e descobri que a informação relacionada batia com a que estava em sua carteira de motorista. Fiz a mesma coisa com Simone Fitzwilliam, mas, evidentemente, ela não havia tirado carteira, nem tinha carro. Nem havia cometido, sido vítima ou registrado queixa de algum crime dentro do Reino Unido. Ou, possivelmente, toda essa informação havia se perdido, fora introduzida de maneira incorreta no banco de dados, ou ela mudara de nome recentemente. Tecnologia da informação só vai até certo ponto, e é por isso que os policiais ainda saem por aí batendo em portas e escrevendo coisas em bloquinhos pretos. Por precaução, joguei o nome das duas no Google. Melinda Abbot tinha uma página no Facebook, e havia algumas pessoas com o mesmo nome, mas Simone Fitzwilliam não estava presente na internet. Não havia nenhum sinal dela.

Estudei a lista que o Dr. Walid havia feito de músicos de jazz mortos – todos homens, notei – e a submeti ao mesmo tratamento. O pessoal da televisão está sempre cruzando referências, e é tudo perfeitamente possível, mas o que eles nunca mostram é como isso demora. Era quase meia-noite quando cheguei ao fim da lista, e eu ainda não sabia bem o que estava procurando.

Peguei uma Red Stripe na geladeira, abri a lata e bebi um gole.

Fato número um: em cada um dos últimos cinco anos, dois ou três músicos de jazz morreram até 24 horas depois de terem se apresentado na Área da Grande Londres. Em todos os casos, o perito havia decidido que a morte havia sido “acidental”, decorrente de abuso de substâncias ou por “causas naturais” – principalmente ataques cardíacos, com dois aneurismas no meio para variar um pouco.

O Dr. Walid havia incluído um arquivo suplementar relacionando todos os músicos – definidos como aqueles que haviam declarado a profissão de músico – entre 18 e 54 anos de idade e mortos no mesmo período. Fato número dois: embora outros músicos londrinos morram de “causas naturais” com frequência deprimente, nada indica que morram regularmente depois de concertos, como os músicos de jazz.

Fato número três: Cyrus Wilkinson havia se declarado contador, não músico. Você nunca se declara freelancer ou artista, a menos que queira um cartão de crédito com um limite ridículo. E isso leva ao fato número quatro: minha análise estatística

foi bem imprestável.

Porém, três músicos de jazz morriam por ano – eu não acreditava em coincidência.

Mas Nightingale não se impressionaria com nada tão fugaz. E ainda ia querer que eu aperfeiçoasse *Scindere*, começando a partir de amanhã de manhã. Desliguei tudo, inclusive das tomadas. É bom para o ambiente e, mais importante, impede que meu equipamento caríssimo seja frito aleatoriamente por uma descarga de magia.

Entrei pela cozinha. A lua minguante iluminava o átrio pela claraboia, por isso deixei as luzes apagadas quando subi a escada para o meu quarto. Na varanda da frente, vi uma silhueta pálida deslizando silenciosamente entre as sombras compactas da sala de leitura a oeste. Era Molly fazendo de um jeito agitado o que fazia de um jeito agitado todas as noites. Quando cheguei ao meu andar, o cheiro de mofo do tapete me disse que Toby havia adormecido outra vez encostado à minha porta. O cãozinho estava deitado de costas, as costelas finas subindo e descendo sob seu pelo. Ele farejou e esperneou sem acordar, as patas traseiras se movendo no ar, indicando pelo menos 500 miliyaps de magia. Entrei no quarto e fechei a porta com cuidado para não acordá-lo.

Deitei na cama e, antes de apagar o abajur, mandei uma mensagem para Lesley. Que droga fazemos agora?

Na manhã seguinte recebi a resposta: Falar com a banda – idiota!

¹ HOLMES 2 (Home Office Large Major Enquiry System) é um sistema de tecnologia da informação utilizado principalmente pela polícia do Reino Unido para investigação de casos muito graves, como assassinatos em série e fraudes multimilionárias. (N. da E.)

Um grande gole de Blues

Não foi difícil encontrar a banda. O The Spice of Life tinha as informações de contato, e todos aceitaram me encontrar no French House em Dean Street, mas tinha que ser à noite, porque todos tinham emprego e estavam ocupados durante o dia. Isso era conveniente para mim, porque eu ainda estava correndo atrás do meu vocabulário em latim. Cheguei ao Soho pouco depois das 18h, e encontrei todos esperando por mim, encostados em uma parede enfeitada com fotos de pessoas que haviam sido famosas na época em que meu pai não era.

The Spice of Life anunciava o grupo O Melhor Quarteto, mas não os achei muito parecidos com músicos de jazz. Baixistas são conhecidos pela estabilidade, mas Max – na verdade, Derek – Harwood era um cara branco de aparência comum com trinta e poucos anos. Ele até usava um suéter M&S de gola V e estampa de diamantes por baixo do paletó.

– Já tivemos um Derek na banda antes do último – falou Max. – Por isso adotei Max para evitar confusão. – Ele bebeu um gole de cerveja. Eu havia pedido a primeira rodada e me sentia meio explorado. Max era especialista em sistemas integrados na London Underground – aparentemente, trabalhava com alguma coisa relacionada a sistemas de sinalização.

O pianista, Daniel Hossack, havia estudado os clássicos e era professor de música na Westminster School para alunos terminantemente privilegiados. Tinha entradas acentuadas nos cabelos claros, usava óculos redondos e tinha aquele tipo de bondade sensível que, provavelmente, o tornava presa fácil para os alunos mais espertos.

– Como se conheceram? – perguntei.

– Acho que não nos conhecemos como está imaginando – disse James Lochrane, o baterista. Ele era baixinho, escocês, beligerante, e lecionava história francesa do século XVII na faculdade Queen Mary. – Seria mais correto dizer que nos juntamos há cerca de dois anos...

– Quase três – disse Max. – Foi no Selkirk Pub. Eles tocavam jazz nas tardes de

domingo. Cy mora lá, então, para ele é como estar em casa.

Daniel batia com os dedos no copo de um jeito nervoso.

– Estávamos todos lá vendo aquela banda horrível que tocava... – Seu olhar se perdeu na distância, como se ele tentasse enxergar a última década. – Não consigo lembrar o que era.

– “Body and Soul”? – perguntei.

– Não – respondeu James. – Era Saint Thomas.

– E eles estavam assassinando a música – acrescentou Daniel. – E Cy falou em alto e bom som para todo mundo ouvir, inclusive a banda: “Aposto que qualquer um de nós pode tocar melhor que isso.”

– E não parou por aí – comentou Max. Os três sorriram como se recordassem uma transgressão. – Pouco tempo depois estávamos dividindo uma mesa, pedindo mais rodadas e falando sobre jazz.

– Como eu disse – lembrou James –, nós nos juntamos.

– Daí o nome da banda – explicou Daniel. – O Melhor Quarteto.

– Vocês eram os melhores? – perguntei.

– Não muito – reconheceu Max.

– Na verdade, éramos piores – Daniel confessou.

– Mas melhoramos – Max insistiu rindo. – Ensaíamos na casa de Cy.

– Ensaíamos muito – acrescentou Daniel, e esvaziou o copo. – Muito bem, quem quer o quê?

O French House não serve bebida em jarras, por isso James e Max dividiram uma garrafa do tinto da casa, e eu pedi uma cerveja. Havia sido um dia longo, e não há nada como declinações de latim para deixar um homem com sede.

– Duas, talvez três, vezes por semana – disse Max.

– Então, eram ambiciosos? – perguntei.

– Nenhum de nós levava a coisa tão a sério – explicou James. – Não éramos garotos sonhando com o sucesso.

– Mesmo assim, ensaiavam bastante – repeti.

– Ah, queríamos ser músicos melhores – disse James.

– Éramos aspirantes a músicos de jazz – Max acrescentou. – Tocar a música por

tocar a música, entende?

Respondi movendo a cabeça afirmativamente.

– Acha que ele atravessou o rio para ir buscar as bebidas? – perguntou James.

Olhamos para o bar. Daniel acenava no meio da multidão, a mão erguida com uma otimista nota de vinte entre os dedos. Numa noite de sexta no Soho, atravessar o rio poderia ser mais rápido.

– Cyrus levava a coisa a sério? – perguntei.

– Não mais do que nós – falou James.

– Mas ele era bom – Max opinou, movendo os dedos como se tocasse um instrumento de sopro. – Ele tinha todo o jeito de saxofonista.

– Daí as mulheres – James disse.

Max suspirou.

– Melinda Abbot? – perguntei.

– Ah, Melinda – suspirou Max.

– Melinda era só a de casa – lembrou James.

– Sally, Viv, Tolene – contou Max.

– Daria – James acrescentou. – Lembra-se de Daria?

– Como eu disse – Max continuou –, toda a energia do saxofone.

Vi Daniel voltando com as bebidas e me levantei para ir ajudá-lo. Ele me olhou com interesse, e deduzi que não compartilhava da inveja de Max e James por causa das mulheres. Sorri de um jeito politicamente correto e deixei os copos sobre a mesa. Max e James brindaram, e todos nós batemos os copos.

Era evidente que eles haviam esquecido que eu era um policial, o que era útil, então, formulei a questão seguinte com grande cuidado.

– E Melinda não se incomodava?

– Ah, sim, Melinda se importava – disse James. – Mas ela nunca ia aos shows, então...

– Não era fã – acrescentou Daniel.

– Sabe como são as mulheres – James opinou. – Não gostam que você faça coisas que não tenham relação com elas.

– Ela adorava essas coisas New Age, cristais e homeopatia – revelou Max.

– E sempre foi simpática conosco – Daniel contou. – Fazia café para nós quando estávamos ensaiando.

– E biscoitos – Max acrescentou com tom nostálgico.

– As outras garotas ele não levava a sério – disse James. – Não sei nem se transava com elas. Pelo menos até Simone. Aquela foi um problema dos grandes.

Simone foi a primeira mulher a ir à casa de Cyrus para assistir aos ensaios.

– Ela era tão quieta que, depois de um tempo, você esquecia que estava lá – Daniel lembrou.

Melinda Abbot não esquecia que Simone Fitzwilliam estava lá, e eu não a culpava por isso. Tentei imaginar o que aconteceria se meu pai levasse uma mulher para casa para assistir ao ensaio. A história não teria acabado bem, isso posso dizer. Lágrimas teriam sido apenas o começo da encrenca.

Melinda, que obviamente seguia noções de elegância e etiqueta desconhecidas por minha mãe, ao menos esperava que todos fossem embora antes de, metaforicamente, arregaçar as mangas e pegar o rolo de macarrão.

– Depois disso, a situação ficou tão complicada que Max deu um jeito de arrumar transporte para Londres – contou James. – Era horrível, mas bem menos estressante.

– Apesar de terrivelmente frio – acrescentou Daniel.

– Então, de repente, voltamos à casa de Cy – James continuou. – Mas não era mais Melinda servindo café e biscoitos, era a linda Simone.

– Quando isso aconteceu?

– Abril, maio, mais ou menos isso – Max respondeu. – Primavera.

– Como Melinda reagiu?

– Não sabemos – falou James. – Não a víamos muito nem quando ela estava por perto.

– Eu a encontrei algumas vezes – Daniel disse.

Os outros olharam para ele.

– Você nunca falou nada – James estranhou.

– Ela telefonou para mim, disse que queria conversar. Estava muito nervosa.

– O que ela disse? – Max quis saber.

– Não gosto de falar sobre isso – Daniel protestou. – Foi uma conversa privada.

E continuou privada. Consegui levar a conversa de volta aos hobbies místicos de Melinda Abbot, mas a banda não prestava muita atenção naquilo. O French House estava ficando lotado, e apesar da proibição de música ambiente eu precisava gritar para ser ouvido. Sugerir comida.

– A Polícia Metropolitana vai pagar a conta? – perguntou James.

– Acho que podemos incluir no relatório de despesas – concordei – desde que a gente não exagere.

Todos concordaram movendo a cabeça. Claro que concordaram; quando você é músico, gratuidade é uma espécie de palavra mágica.

Fomos ao Wong Kei em Wardour Street, onde a comida é confiável, o serviço é rápido e você consegue mesa às 23h30 de uma sexta-feira – se não se incomodar em dividir. Mostrei cinco dedos ao cara parado na porta e ele acenou para cima, onde uma jovem de aparência séria e camiseta vermelha nos encaminhou para uma das grandes mesas redondas.

Dois estudantes americanos, que até então tinham a mesa só para eles, se encolheram quando nos acomodamos.

– Boa noite – disse Daniel. – Não se preocupem, somos perfeitamente inofensivos.

Os dois estudantes vestiam moletoms Adidas vermelhos com Mnu Pioneers bordado no peito. Eles assentiram com nervosismo.

– Oi – disse um deles. – Somos do Kansas.

Esperamos que elaborassem, mas nenhum dos dois disse mais nada nos dez minutos que levaram para terminar de comer, pagar a conta e ir embora.

– O que é um MNU, afinal? – perguntou Max.

– Agora ele pergunta – disse James.

A garçonete chegou e começou a servir os pratos. Eu pedi pato com ho fun frito, Daniel e Max dividiram arroz, frango com castanha de caju e porco agri-doce, e James pediu macarrão e carne. A banda pediu mais uma rodada de cerveja Tsingtao, mas eu me contentei com o chá verde gratuito servido em um bule simples de cerâmica branca.

Perguntei aos músicos se eles tocavam frequentemente no The Spice of Life, o

que os fez rir.

– Tocamos lá algumas vezes – disse Max. – Normalmente na hora do almoço na segunda-feira.

– Atraem um público grande? – perguntei.

– Estamos chegando lá – James respondeu. – Já nos apresentamos no Bull's Head, no saguão do National Theatre e no Merlin's Cave em Chalfont St. Giles.

– Sexta-feira passada foi nossa primeira noite lá – Max revelou.

– E o que veio depois? – perguntei. – Gravação de disco?

– Cyrus teria saído – disse Daniel.

Todos o encararam por um momento.

– Vamos lá, pessoal, todo mundo aqui sabe que isso teria acontecido – ele insistiu. – Teríamos feito mais alguns shows, alguém o teria visto e teria sido “valeu, caras, a gente se fala”.

– Ele era tão bom assim? – perguntei.

James olhou carrancudo para o macarrão, depois os espetou algumas vezes com os palitinhos numa reação frustrada.

Em seguida ele riu.

– Ele era tão bom assim – disse. – E estava melhorando.

James levantou a garrafa de cerveja para brindar: – A Cyrus, o saxofonista – disse. – Porque o talento vai embora.

Batemos os copos.

– Tenho uma ideia – falou James. – Vamos terminar aqui e sair para procurar um pouco de jazz.

Soho em uma noite quente de verão é animado, cheio de conversas e fumaça de cigarro. Todos os pubs transbordam para a rua, todos os cafés atendem seus clientes em mesas nas calçadas construídas com largura suficiente para permitir que os pedestres desviem dos excrementos de cavalo. Em Old Compton Street, homens jovens e fortes vestindo camisetas brancas e justas e jeans apertados admiravam uns aos outros e o próprio reflexo nas vitrines das lojas. Percebi que Daniel olhava para dois rapazes atraentes na frente da Admiral Duncan, mas eles simplesmente o ignoraram. Era noite de sexta, e depois de todas as horas de malhação eles não iriam para a cama por menos que uma nota dez.

Um grupo de mulheres jovens com os indispensáveis cabelos longos, tons de areia do deserto e acentos regionais passou por nós – esquadrões femininos a caminho de Chinatown e das boates em torno de Leicester Square.

Nós subimos a Old Compton Street analisando todos os grupos. James quase tropeçou quando duas garotas brancas passaram sobre saltos altos finos, desfilando em minivestidos justos de malha pink.

– Essa me pegou – ele disse quando se recuperou.

– Não peguei nem vou pegar – respondeu uma das garotas quando a dupla se afastava. Mas não havia maldade no comentário.

James disse que conhecia um lugar em Bateman Street, uma boate pequena que funcionava em um porão na melhor tradição do lendário Flamingo.

– Ou Ronnie Scott’s – corrigiu ele. – Antes de ser Ronnie Scott’s.

Não fazia muito tempo que eu patrulhava aquelas ruas vestindo um uniforme, e eu tinha a terrível sensação de saber para onde estava indo. Meu pai costumava falar com romantismo poético sobre uma juventude desperdiçada em enfumaçados bares de porão cheios de suor, música e garotas em roupas justas. Ele dizia que no Flamingo você precisava escolher um lugar e se preparar para passar a noite nele, porque quando o bar enchia era impossível se mexer. O Misterioso havia sido projetado como uma recriação deliberada daqueles dias, e os autores do projeto eram dois rapazes que seriam a quintessência do empreendedor londrino arrojado e independente, se os dois não fossem de Guildford. Seus nomes eram Don Blackwood e Stanley Gibbs, mas eles se denominavam A Gerência. Havia sido um raro fim de semana em que Lesley e eu não acabamos numa gritaria na rua.

No entanto, o problema nunca estava dentro da boate, porque A Gerência contratava os seguranças mais durões que conseguia encontrar, vestia-os com ternos elegantes e dava a eles carta branca para administrar a porta. Eles eram famosos pela arbitrariedade com que exerciam o poder, e mesmo às 23h45 havia uma fila de esperançosos na calçada.

Sempre houve uma tradição de seriedade arrogante na cena do jazz britânico, e uma espécie de “sim, entendo” com a mão coçando o queixo e blusinhas de gola alta entre os fãs – minha atual companhia sendo um exemplo claro disso. A julgar pelas pessoas na fila, essa antiga tradição não era o público-alvo da Gerência. Ali havia gente vestindo Armani, exibindo diamantes e relógios caros, e eu não acreditava que os rapazes da banda e eu seríamos admitidos.

Bem, definitivamente, não os rapazes da banda, pelo menos. E, para ser franco,

isso era conveniente para mim, porque apesar da simpatia que já sentia pelos rapazes, uma noite de jazz semiprofissional nunca havia sido minha ideia de diversão. Se fosse, meu pai teria sido um homem mais feliz.

No entanto, James, na melhor e mais antiga tradição do escocês beligerante, não estava pronto para desistir sem lutar e, ignorando a fila, partiu imediatamente para a ofensiva.

– Somos músicos de jazz – ele disse ao segurança. – Isso deve valer para alguma coisa.

O segurança, um grandalhão que, eu tinha certeza, havia cumprido pena em Wandsworth por vários crimes acompanhados da palavra “agravante”, parou para pensar.

– Nunca ouvi falar de vocês – ele respondeu depois de um instante.

– Talvez, talvez – disse James. – Mas somos todos parte da mesma comunidade espiritual... não? A mesma irmandade da música. – Atrás dele, Daniel e Max se entreolharam e recuaram meio metro.

Eu dei um passo adiante para controlar a inevitável violência e, quando me aproximei, ouvi um trecho de “Body and Soul”. O *vestigia* era sutil, mas no ambiente do Soho se destacava como uma brisa fresca em uma noite quente. E vinha da boate, não havia dúvida disso.

– É amigo dele? – perguntou o segurança.

Eu poderia mostrar minha credencial, mas depois disso todas as testemunhas úteis costumavam desaparecer na escuridão e criar álibis incrivelmente detalhados.

– Vá dizer a Stan e Don que o filho de Lord Grant está esperando aqui fora – falei.

O segurança estudou meu rosto.

– Conheço você? – perguntou ele.

Não, pensei, mas talvez se lembre de mim de sucessos das noites de sábado, coisas como “quer fazer o favor de soltar esse frequentador, gostaria de prendê-lo” e “pode parar de chutar o cara, a ambulância chegou”, além do clássico “se não se afastar agora vou prender você também”.

– Filho de Lord Grant – repeti.

Ouvi James cochichar atrás de mim:

– Que diabos ele disse?

Quando meu pai tinha 12 anos, o professor de música deu a ele um trompete usado e pagou suas aulas com dinheiro do próprio bolso. Aos 15 anos ele deixou a escola, encontrou um emprego como entregador de um restaurante no Soho e passava o tempo livre procurando avidamente por concertos. Quando tinha 18 anos, Ray Charles o ouviu tocar no Flamingo e disse em voz suficientemente alta para ser ouvido por todos que fossem importantes: “Deus, esse garoto sabe tocar.” Tubby Hayes chamava meu pai de Lord Grant como piada, e o apelido pegou.

O segurança bateu no fone *bluetooth* e pediu para falar com Stan, a quem contou o que eu havia dito. Quando obtive uma resposta, eu me impressionei com a forma com que ele conseguiu manter a expressão inalterada, limitando-se a dar um passo para o lado a fim de nos deixar entrar.

- Você nunca disse que seu pai era Lord Grant – James protestou.
- Não é o tipo de coisa que se encaixa em uma conversa, é?
- Não sei – James respondeu. – Se meu pai fosse uma lenda do jazz, acho que pelo menos mencionaria de vez em quando.
- Não somos dignos – Max falou quando descíamos a escada para a boate.
- Não se esqueçam disso – falei.

Se The Spice of Life era madeira antiga e bronze polido, o Misterioso era piso de cimento e aquele tipo de papel de parede que as casas de curry arrancaram de suas paredes no fim da década de 1990. Como anunciado, era um lugar escuro, cheio e surpreendentemente enfumaçado. Em sua busca pela autenticidade, A Gerência fazia vista grossa para a fumaça de tabaco, contrariando o que era previsto no Ato de Saúde (2006). Não só tabaco, aliás, levando em conta o cheiro frutado que pairava sobre a cabeça dos frequentadores. Meu pai teria adorado aquele lugar, apesar da acústica terrível. Só faltava um Charlie Parker animatronic gritando no canto, e seria um parque temático perfeito.

James e os rapazes, seguindo a tradição da música em todos os lugares, seguiram diretamente para o bar. Eu os deixei ir e me aproximei da banda que, de acordo com a frente da bateria, se chamava Funk Mechanics. Fazendo jus ao nome, eles tocavam jazz funk sobre um palco que era quase no nível do chão. Eram dois brancos com um negro no baixo e um ruivo na bateria com meio quilo de prata presa a várias partes do rosto. Enquanto me aproximava do palco, percebi que eles executavam uma versão animada de “Get Out of Town”, mas com um ritmo latino completamente espúrio que me enfureceu. O que achei estranho.

Havia banquetas estofadas e forradas com veludo vermelho acompanhando a

linha das paredes, e as pessoas olhavam para a pista de dança. Garrafas cobriam as mesas, e rostos pálidos, em sua maioria, mexiam a cabeça no ritmo do Funk Mechanics assassinando um clássico. Havia um casal branco se beijando nas banquetas do fundo. A mão do homem havia desaparecido sob o vestido da mulher, o contorno dos dedos obscenamente visível através do tecido. A imagem me causou ultraje e repulsa, e foi então que percebi que essas emoções não tinham nada a ver comigo.

Havia presenciado coisas muito piores em minhas viagens, e até gosto de jazz funk. Devia ter atravessado uma *lacuna*, um ponto de acúmulo de resíduo mágico. Eu estava certo: tinha alguma coisa ali.

Lesley sempre reclamava de que eu me distraía com muita facilidade para ser um bom policial, mas ela teria passado direto pela *lacuna* sem dar a menor atenção em nada ali.

James e os rapazes se aproximaram de mim com uma garrafa de cerveja. Bebi um gole e descobri que era boa. Examinei o rótulo e constatei que era uma garrafa cara de Schneider-Weisse. Olhei para o grupo, e cada um tinha uma garrafa.

– Foi por conta da casa – Max gritou animado demais.

Senti que James queria falar sobre meu pai, mas, por sorte, o lugar era barulhento e cheio demais para ele começar uma conversa.

– Então, esse é o estilo moderno – gritou Daniel.

– Ouvi dizer que sim – James também gritou.

Então senti o *vestigia* frio e distante em meio ao calor dos corpos dançantes. Percebi que era diferente do resíduo de magia que se prendera ao corpo de Cyrus Wilkinson. Isso era mais fresco, mais intenso, e por trás do solo havia uma voz feminina cantando – *My heart is sad and lonely*. De novo o cheiro de poeira e madeira quebrada e queimada.

E mais alguma coisa – o *vestigia* que se prendera a Cyrus se manifestara como um saxofone, mas o que eu ouvia agora era um trombone, sem dúvida nenhuma. Meu pai era sempre seletivo com relação ao trombone. Dizia que ficava bom em uma seção de metais, mas que era possível contar nos dedos de um pé o número de solistas de trombone decentes. Era um instrumento difícil de levar a sério, mas até meu pai reconhecia que um homem capaz de fazer um solo com esse instrumento tinha que ser alguma coisa especial. Ele então falava sobre Kai Winding, ou J. J. Johnson. Mas no palco havia trompete, baixo elétrico e bateria. Nenhum trombone.

Eu tinha a horrível sensação de que havia sorteado dois bilhetes premiados.

Deixei o *vestigia* me conduzir no meio das pessoas. Havia uma porta à esquerda do palco, meio escondida atrás da pilha de caixas de som e com um aviso escrito Apenas funcionários, com tinta amarela sobre fundo preto. Só quando me aproximei da porta percebi que os rapazes da banda me seguiam como ovelhas perdidas. Disse a eles para esperarem do lado de fora, então, é claro, eles entraram atrás de mim.

A porta se abria para uma sala verde que era camarim e almoxarifado, um espaço comprido e estreito que mais parecia um depósito de carvão reformado. As paredes eram cobertas por pôsteres antigos e amarelados de bandas e shows. Uma antiga penteadeira de teatro com uma ferradura de lâmpadas ficava espremida entre uma geladeira grande e uma mesa sobre cavaletes coberta por uma toalha descartável nas cores do Natal, vermelho e verde. Uma selva de garrafas de cerveja cobria uma mesinha, e uma mulher branca com trinta e poucos anos dormia em um dos dois sofás de couro verde que ocupavam o resto da sala.

– Então é assim que vive a outra metade – disse Daniel.

– Faz todos aqueles anos de ensaio quase valerem a pena – comentou Max.

A mulher no sofá sentou-se e olhou para nós. Ela vestia um macacão cuja parte superior estava solta na altura na cintura e uma camiseta amarela com Eu disse não, então fique longe estampado no peito.

– Posso ajudar? – perguntou ela. O batom roxo borrado havia deixado manchas em um lado do rosto.

– Estou procurando a banda – falei.

– E não estamos todos? – ela perguntou quando estendeu a mão. – Meu nome é Peggy.

– A banda? – perguntei, ignorando a mão dela.

Peggy suspirou e girou os ombros, o que destacou seu peito e chamou a atenção de todos – exceto de Daniel, é claro.

– Não está no palco? – perguntou ela.

– A banda que tocou antes deles – expliquei.

– Já foram embora – falou Peggy. – Ah, aquela vadia, ela disse que me acordaria depois da apresentação. Isso é demais.

– Qual é o nome da banda? – perguntei.

Peggy levantou-se do sofá e começou a procurar os sapatos.

– Honestamente, não lembro – disse. – Eles eram a banda da Cherry.

– Tinha um trombonista? – perguntei. – Bom?

Max encontrou os sapatos dela atrás do outro sofá. O salto fino tinha dez centímetros de altura, e a sandália de tiras finas não combinava com o macacão.

– Acho que sim – disse ela. – É o Mickey. Único, um em um milhão.

– Sabe aonde eles iam depois do show?

– Lamento, não, eu só acompanhava o movimento aqui. – Em cima do salto ela era quase tão alta quanto eu. O macacão se abria nas laterais e revelava uma faixa de pele pálida e uma linha de renda escarlate de uma calcinha de seda. Eu me virei – havia perdido o *vestigia* ao entrar na sala, e Peggy não era exatamente uma ajuda para minha concentração. Tive flashes de outra coisa, o cheiro de lavanda, o capô de um carro parado ao sol e um som agudo, como o silêncio que vem depois de muito barulho.

– Quem é você? – perguntou Peggy.

– Somos a polícia do jazz – disse James.

– Ele é a polícia do jazz – Max falou referindo-se a mim, imagino. – Nós estamos mais para frequentadores irregulares da Old Compton Street.

Isso me fez rir, o que mostra o quanto eu estava bêbado.

– Mickey está encrencado? – Peggy quis saber.

– Só se estiver limpando sua válvula de saliva no ombro de alguém – disse Max.

Eu não tinha mais tempo para brincar. Havia outra porta na sala, e nela uma placa identificando a saída de incêndio, e foi para lá que me encaminhei. Do outro lado da porta encontrei mais um corredor curto de tijolos cinzentos, uma passagem meio bloqueada por móveis empilhados, caixotes e sacos de plástico preto numa espetacular contravenção das regras de Saúde e Segurança. Outra porta de incêndio, com barras para empurrar, se abria para uma escada que subia até a rua. As barras da porta no alto da escada estavam acorrentadas irregularmente com um cadeado de bicicleta.

Nightingale tem um encantamento para arrancar fechaduras e abrir cadeados, mas, aparentemente, ainda falta um ano para eu chegar nessa aula. Tinha que improvisar. Parei a uma distância segura e joguei uma de minhas malsucedidas bombas de luz contra o cadeado. O que elas não têm de elegância, compensam com ferocidade. Tive que recuar um passo por causa do calor e, estreitando os olhos, consegui ver a fechadura amolecendo dentro do miolo pequenino. Quando imaginei que a fechadura estava suficientemente mole, suspendi o feitiço e a trava se soltou

do cadeado, estourou como uma bolha de sabão. Então criei em minha cabeça uma boa e básica *Impello forma*. Havia sido a segunda *forma* que aprendi, então, eu sabia que era bom nisso. *Impello* move as coisas e, nesse caso em especial, moveu a linha central entre as duas portas. Abriu as duas folhas com um estrondo, quebrando a fechadura e empurrando-as com violência suficiente para arrancar suas dobradiças.

Era impressionante, disse a mim mesmo. E os rapazes que me seguiam certamente concordavam comigo.

– Que diabos foi isso? – perguntou James.

– Goma de mascar de termite – respondi esperançoso.

O alarme de incêndio disparou na boate. Era hora de seguir em frente. Os rapazes e eu percorremos os cinquenta metros até a Frith Street em tempo de índice olímpico. Já era tarde o bastante para os turistas terem voltado a seus hotéis, e as ruas eram barulhentas com o movimento de rapazes e moças agitados.

James passou na minha frente e me fez parar de andar.

– Isso tem alguma coisa a ver com a morte de Cy, não tem?

Eu estava cansado demais para discutir.

– Talvez – respondi. – Não sei.

– Alguém fez alguma coisa com Cyrus? – insistiu ele.

– Não sei – falei. – Se houvesse acabado de sair de uma apresentação, para onde iria?

James parecia confuso.

– O quê?

– Me ajude, James. Estou tentando encontrar esse trombonista. Para onde você iria?

– O Potemkin tem alvará para funcionar até tarde – disse Max.

Fazia sentido. Lá havia comida e, mais importante, bebida alcoólica, até 5h da manhã. Desci a Frith Street com os rapazes. Eles queriam saber o que estava acontecendo – e eu também. James em particular se mostrava perigosamente sagaz.

– Está com medo de que aconteça a mesma coisa com esse trombonista? – perguntou ele.

– Talvez – revelei. – Não sei.

Entramos na Old Compton Street, e assim que vi a luz azul e brilhante da

ambulância, soube que era tarde demais. Ela estava parada na frente da GAY, cujas portas pretas estavam abertas. Considerando a lentidão com que se moviam os paramédicos, a vítima não sofrera ferimentos... ou estava morta. Eu não apostava na ausência de ferimentos. Um grupo de curiosos acompanhava tudo sob o olhar atento e cansado de dois Oficiais de Apoio à Comunidade e um policial que reconheci do período que passei em Charing Cross.

– Purdy – gritei, e ele olhou para mim. – O que aconteceu?

Purdy aproximou-se com um andar arrastado. Quando você tem que carregar um colete à prova de balas, cinturão com equipamento, cassetete prolongável, capacete, protetor de ombros, rádio, algemas, spray de pimenta, notebook e barras de chocolate para emergências, não tem outro jeito de andar. Phillip Purdy era conhecido por ser um “portador de uniforme”: um policial que não é bom para nada além de usar um uniforme. Mas era melhor assim – eu não queria eficiência. Policiais eficientes fazem perguntas demais.

– A ambulância veio remover o corpo – informou Purdy. – O cara caiu morto no meio da rua.

– Posso dar uma olhada? – perguntei. Não custa ser educado.

– Está trabalhando?

– Não saberei até dar uma olhada.

Purdy resmungou alguma coisa e me deixou passar.

Os paramédicos estavam levantando o corpo para colocá-lo na maca sobre rodas. O homem era mais jovem que eu, tinha pele escura e traços africanos – da Nigéria ou de Gana, imaginei, ou, mais provavelmente, filho de pais naturais de um desses países. Ele se vestia bem: calça cáqui, paletó feito sob medida. Os paramédicos haviam rasgado a camisa branca de algodão, aparentemente cara, para usar o desfibrilador. Os olhos dele estavam abertos. Se ele estivesse tocando “Body and Soul” um pouco mais alto, eu poderia ter isolado a rua com cordas e vendido ingressos.

Perguntei aos paramédicos qual havia sido a causa da morte, mas eles deram de ombros e falaram em falência cardíaca.

– Ele está morto? – ouvi Max perguntar atrás de mim.

– Não, está só tirando um cochilo – James disparou.

Perguntei a Purdy se o homem tinha documentos que o identificassem, e ele mostrou um saco plástico lacrado com uma carteira dentro.

– Vai se responsabilizar por isto? – ele indagou.

Assenti, peguei o saco plástico e assinei a papelada com todo cuidado, garantindo a integridade das evidências para o caso de futuros procedimentos legais. Só depois guardei tudo no bolso da calça.

– Havia alguém com ele?

Purdy balançou a cabeça.

– Ninguém que eu tenha visto.

– Quem chamou a emergência?

– Não sei – respondeu Purdy. – Alguém com um celular, provavelmente.

São oficiais como Purdy que dão à Polícia Metropolitana a cintilante reputação de serviço ao consumidor que faz de nós a inveja do mundo civilizado.

Quando levaram a maca para a ambulância, ouvi Max vomitar.

Purdy olhou para Max com o interesse de um policial diante de um longo plantão de sábado à noite, alguém que podia tranquilamente jogar um bêbado desordeiro dentro da cela e deixá-lo lá por pelo menos algumas horas. A papelada seria preenchida na cantina com uma xícara de café e um sanduíche – porque essa fita vermelha burocrática é o que mantém os bons policiais longe das linhas de frente onde acontece a ação! Decepcionei Purdy avisando que cuidaria disso.

Os paramédicos avisaram que estavam partindo, mas eu os fiz esperar. Não queria correr o risco de perder o corpo antes de o Dr. Walid ter uma chance de examiná-lo, mas precisava saber se a vítima estivera tocando no Misterioso. Dos rapazes da banda, Daniel era o que parecia estar mais composto.

– Daniel, você está sóbrio? – perguntei.

– Sim – respondeu ele. – E fico mais sóbrio a cada segundo.

– Tenho que acompanhar a ambulância. Pode voltar à boate e pegar uma cópia da lista de bandas? – Dei a ele meu cartão. – Ligue no meu celular quando a tiver em mãos.

– Acha que aconteceu a mesma coisa com ele? – Daniel indagou. – O mesmo que aconteceu com Cyrus, quero dizer.

– Não sei – respondi. – Assim que souber de alguma coisa eu ligo para vocês, rapazes.

Os paramédicos se impacientaram.

– Você vem ou não? – um deles perguntou.

– Pode fazer o que pedi?

Daniel sorriu para mim.

– Músicos de jazz, lembre – disse ele.

Levantei o punho, e depois de um instante de incompreensão, Daniel levantou o dele e bateu com os dedos nos meus.

Entrei na ambulância, e o paramédico fechou a porta.

– Vamos para o UCH? – perguntei.

– Essa é a ideia – ele confirmou.

O som da sirene e as luzes piscantes não nos incomodavam.

Não é possível simplesmente deixar um corpo no necrotério. Para começar, é preciso que a morte seja confirmada por um médico certificado. Não importa em quantos pedaços o corpo chega; enquanto um médico certificado não declara oficialmente que ele está morto, esse corpo assume, burocraticamente falando, um estado indeterminado como um elétron, uma caixa de areia atômica, e minha autoridade para conduzir o que equivalia a uma investigação de assassinato corria por minha conta e risco.

O início da madrugada de domingo na Emergência era sempre uma alegria, com o sangue, os gritos e as recriminações acompanhando a saída do efeito do álcool e a chegada da dor. Qualquer policial que se sinta animado o suficiente para lidar com o público pode aparecer e se meter em meia dúzia de discussões excitantes, sempre contando com o envolvimento de Ken e seu melhor amigo Ron, e *não estávamos fazendo nada, oficial, de verdade, não provocamos nada*. Então, fiquei na salinha de tratamento com meu bom e quieto cadáver, muito obrigado. Peguei um par de luvas cirúrgicas de uma caixa em uma gaveta e examinei a carteira do morto.

De acordo com a carteira de motorista, o nome completo de Mickey era Michael Adjayi. Família nigeriana, então, e pela data de nascimento Michael tinha apenas 19 anos.

Sua mãe vai ficar muito brava com você, pensei com tristeza.

Ele tinha alguns cartões: Visa, Mastercard, cartões de banco e um da União dos Músicos. Havia dois cartões comerciais, entre eles o de um agente, e eu anotei os detalhes no meu bloquinho. Depois guardei tudo com cuidado na embalagem de evidências.

Só às 2h45 um médico jovem apareceu e declarou Michael Adjayi oficialmente morto. Levei mais duas horas, já que declarei que o corpo fazia parte da cena de um crime, para colher todos os dados do médico, conseguir cópias da documentação relevante, as anotações dos paramédicos e do médico, e levar o corpo para o necrotério no subsolo, onde o Dr. Walid faria seu singelo trabalho. Sendo assim, isso me deixava apenas com a última e mais alegre parte do procedimento, o momento em que entro em contato com os entes queridos da vítima e dou a notícia a eles. Atualmente, o jeito mais fácil de cumprir essa etapa é pegar o celular do morto e examinar o registro das últimas ligações. Como era de se prever, Mickey tinha um iPhone. Encontrei o aparelho no bolso de seu paletó, mas a tela estava apagada e nem precisei abrir o compartimento para saber que o chip havia sido destruído. Guardei o celular em outra embalagem de evidências, mas nem me dei o trabalho de colocar uma etiqueta – o material iria comigo para a Folly. Assim que me certifiquei de que ninguém mexeria no corpo, liguei para o Dr. Walid. Não havia motivo para acordá-lo, por isso telefonei para o número do escritório e deixei um recado que ele ouviria na manhã seguinte.

Se Mickey era mesmo a segunda vítima, isso significava que o mago assassino de músicos de jazz – e eu precisava pensar em um nome melhor para ele – havia atacado novamente com menos de quatro dias de intervalo.

Eu me perguntava se já havia existido um grupo semelhante na lista de mortes do Dr. Walid. Teria que verificar quando voltasse à caverna tecnológica na Folly. Estava tentando decidir se ia para casa ou dormia na sala dos funcionários do necrotério, quando meu telefone tocou. Não reconheci o número.

– Alô – falei.

– Aqui é Stephanopoulos – anunciou a detetive sargento Stephanopoulos. – Seus serviços foram solicitados.

– Onde?

– Dean Street.

Soho outra vez. É claro. Por que não?

– Pode me dizer qual é o caso?

– Assassinato e dos mais horríveis – respondeu ela. – Leve um par de sapatos extra.

Depois de certo ponto, café preto não funciona mais, e se não fosse pelo cheiro horrível do desodorante de ar que meu carrancudo motorista letão usava, eu teria dormido no banco de trás do carro.

Dean Street estava interditada da esquina de Old Compton Street até onde ela cruzava com a Meard Street. Contei pelo menos duas vans Sprinter sem identificação e vários Vauxhall Astras prateados, sinal claro da presença de uma grande equipe de investigação no local.

Um detetive que reconheci da Equipe do Assassinato Belgravia esperava por mim próximo à fita. Subindo a Dean Street, bem perto dali, uma tenda de perícia havia sido montada na entrada do Groucho Club – o cenário era tão convidativo quanto o de um exercício de guerra biológica.

Stephanopoulos esperava por mim lá dentro. Ela era uma mulher baixinha, aterrorizante, cuja lendária capacidade de vingança deu a ela o título de oficial lésbica menos propensa a aceitar uma piada sobre sua orientação sexual. Ela era encorpada, e tinha um rosto quadrado que não era favorecido pelo corte masculino do cabelo, um estilo que você poderia chamar de lésbico chique pós-moderno irônico, mas se você realmente gosta de sofrer.

Ela já vestia o avental azul de legista, e a máscara estava pendurada em seu pescoço. Alguém havia conseguido duas cadeiras dobráveis em algum lugar e preparado um traje de perícia para mim. Nós os chamamos de roupa de Pateta, e você sua muito quando usa um desses. Notei que havia manchas de sangue ao redor dos tornozelos de Stephanopoulos sobre os protetores plásticos que cobriam seus sapatos.

– Como vai seu chefe? – perguntou Stephanopoulos quando me sentei e comecei a vestir o traje.

– Bem – respondi. – E o seu?

– Bem – disse ela. – Volta ao trabalho no mês que vem. – Stephanopoulos sabia a verdade sobre a Folly. Um número surpreendentemente alto de oficiais da polícia conhecia a verdade; simplesmente não era o tipo de coisa que se discutia em uma conversa polida.

– É a encarregada do caso, senhora? – perguntei. O chefe de investigação de um crime sério normalmente era pelo menos um detetive inspetor, não um sargento.

– É claro que não – falou Stephanopoulos. – Temos um detetive inspetor emprestado da Departamento de Investigações Criminais de Havering, mas ele adota um estilo de supervisão mais relaxado em que oficiais experientes assumem um papel de liderança em áreas nas quais têm mais experiência.

Em outras palavras, ele se trancava no escritório e deixava Stephanopoulos cuidar de tudo.

– É sempre gratificante ver oficiais de patente superior adotando uma postura progressista em seus relacionamentos verticais – falei, e fui recompensado por algo que era quase um sorriso.

– Pronto?

Puxei o capuz sobre a cabeça e amarrei o cordão. Stephanopoulos me entregou uma máscara e eu a segui para o interior da boate. O saguão tinha um piso de cerâmica branca que, apesar de todo cuidado obviamente tomado, tinha manchas de sangue que levavam a uma porta dupla de treliça de madeira.

– O corpo está lá embaixo no banheiro masculino – disse Stephanopoulos.

A escada era tão estreita que tivemos que esperar um grupo de peritos subir para podermos descer. Não existe nada que se possa chamar de uma equipe completa de perícia. É muito caro, então as solicitações são feitas em partes, como *delivery* de comida chinesa. Considerando o número de trajes de Pateta que passavam por nós, Stephanopoulos havia pedido todos os pratos do cardápio para seis e com porção extra de arroz. Acho que eu era o biscoito da sorte.

Como muitos banheiros no West End de Londres, os do Groucho eram apertados e tinham o teto baixo, porque funcionavam no porão da casa. A administração os revestira com painéis que alternavam aço escovado e fibra de vidro vermelha – era como um nível particularmente sinistro do jogo *System Shock 2*. E a cena ficava ainda pior com as pegadas de sangue rumo à saída.

– O faxineiro o encontrou – disse Stephanopoulos, o que explicava os passos.

À esquerda havia pias quadradas de porcelana na frente de uma fileira de mictórios padronizados, e à direita, dois degraus acima, ficava a única cabine com vaso sanitário. A porta era mantida aberta por algumas tiras de fita adesiva. Ninguém precisava me dizer o que havia lá dentro.

É engraçado como a mente processa a cena de um crime. Nos primeiros segundos os olhos se afastam do horror e buscam o mundano. Ele era um homem branco de meia-idade e estava sentado no vaso. Os ombros estavam encurvados e o queixo repousava sobre o peito, o que dificultava a visão do rosto, mas ele tinha cabelos castanhos e o início de uma área calva bem no topo da cabeça. Vestia um paletó de tweed caro, mas velho e gasto, que havia sido abaixado nos ombros e deixava ver a camisa de listras azuis e brancas. Calça e cueca estavam amontoadas em torno dos tornozelos, e as coxas eram brancas e peludas. As mãos pendiam sem vida entre as pernas; acho que ele havia segurado a genitália até perder a consciência. As palmas estavam sujas de sangue, e os punhos da camisa e do paletó, encharcados. Obriguei-me a olhar para o ferimento.

– Jesus Cristo – falei.

O sangue jorrava para dentro do vaso sanitário, e eu não queria ser o pobre perito que teria que pescar evidências nele mais tarde. Alguma coisa havia amputado o pênis do homem bem na raiz acima das bolas e, a menos que eu estivesse enganado, o deixara agarrando o que restara e se esvaindo em sangue.

Era horrível, mas eu duvidava de que Stephanopoulos me houvesse chamado ali para um curso rápido de teoria de cena do crime. Devia haver mais alguma coisa, então me obrigou a olhar para o ferimento novamente, e dessa vez vi a conexão. Não sou especialista no assunto, mas notei que o corte era irregular. Não devia ter sido feito por uma faca.

Olhei para Stephanopoulos e notei que ela me encarava com ar de aprovação. Talvez por eu não ter vomitado e corrido da cena do crime gemendo e chorando.

– Isso parece familiar? – perguntou ela.

Um décimo de minhas cinzas

O Groucho Club – o nome pretendia refletir a famosa referência – havia sido fundado mais ou menos na mesma época em que eu nasci, e tinha a intenção de atrair um público de artistas e profissionais da mídia que pudessem pagar o preço de seu irônico pós-modernismo. Geralmente ficava fora do radar da polícia porque, por mais rebeldes e modernos que fossem seus clientes, eles geralmente não se manifestavam pelas ruas nas noites de sexta-feira. A menos que houvesse uma chance de aparecer nos jornais no dia seguinte. Um número suficiente de celebridades candidatas a clínicas de reabilitação aparecia por lá para manter um nicho ecológico de paparazzi instalado na calçada diante da entrada. Isso explicava por que Stephanopoulos havia interditado a rua. Imaginei que os fotógrafos agora deviam estar tão contrariados quanto crianças de 5 anos.

– Está pensando em St. John Giles? – perguntei.

– Os *modi operandi* são bem distintivos – Stephanopoulos argumentou.

St. John Giles era um suposto estuprador de encontros de sábado à noite cuja carreira havia sido interrompida em uma boate quando uma mulher, ou pelo menos alguma coisa parecida com uma mulher, arrancou seu pênis com uma mordida... da vagina. *Vagina dentata* é o nome disso, e não há registros de casos médicos comprovados. Sei disso porque o Dr. Walid e eu fizemos uma pesquisa que nos levou de volta até o século XVII em busca de um caso.

– Algum progresso com a investigação? – perguntou Stephanopoulos.

– Não – falei. – Temos a descrição do homem, a descrições dos amigos dele e algumas cenas pouco nítidas gravadas pelo circuito interno de TV, e mais nada.

– Ao menos podemos começar com um estudo comparativo das vítimas. Quero que ligue para Belgravia, consiga o número do caso e importe os “nominais” para o nosso inquérito – disse ela.

“Nominal” é uma pessoa que chamou atenção da investigação e foi incluída no sistema de inquérito HOLMES. Depoimentos de testemunhas, evidências periciais,

anotações de um detetive durante uma entrevista, até imagens gravadas por câmeras de circuito interno, tudo isso alimenta o sistema computadorizado de inquérito. O sistema original foi desenvolvido como um resultado direto do Inquérito Byford no caso do Estuprador de Yorkshire. O estuprador, Peter Sutcliffe, foi chamado para depor várias vezes antes de ser pego, por acidente, em uma barreira policial rotineira no trânsito. A polícia tolera parecer corrupta, violenta ou tirana, mas parecer burra é intolerável. Isso acaba minando a confiança das pessoas nas forças da lei e é prejudicial à ordem pública. Sem bodes expiatórios convenientes, a polícia foi obrigada a profissionalizar uma cultura que, até então, se orgulhava de ser composta por amadores desprovidos de talento. HOLMES foi parte desse processo.

Para que fossem úteis, os dados tinham que ser introduzidos no formato correto e verificados para que se tivesse certeza de que todo e qualquer detalhe relevante havia sido destacado e indexado. Desnecessário dizer que eu ainda não havia feito nada disso com os dados do caso de St. John Giles. Quase cedi à tentação de explicar que trabalhava em um departamento de dois homens, e um deles só havia aprendido recentemente a mexer no controle da TV a cabo, mas Stephanopoulos já sabia disso.

– Sim, chefe – respondi. – Qual é o nome da vítima?

– Jason Dunlop. Sócio do clube, jornalista freelance. Estava registrado em um dos quartos lá em cima. Foi visto subindo a escada para Bedfordshire pela última vez pouco depois da meia-noite, e encontrado aqui pouco depois das três da manhã por um funcionário da equipe noturna de limpeza.

– Qual foi a hora da morte?

– Entre 12h45 e 2h30, adotando a habitual margem de erro.

Até o patologista abrir o corpo, a margem de erro podia ser de até uma hora para mais ou para menos.

– Há alguma coisa *especial* nele? – Stephanopoulos perguntou.

Não precisei perguntar o que ela queria dizer com especial. Suspirei. Não queria me aproximar de novo do corpo, mas me abaixei e aproveitei a oportunidade para dar uma boa olhada no rosto. Não havia tônus muscular, mas a boca estava fechada por causa da posição do queixo sobre o peito. Não havia expressão facial que eu reconhecesse, e tentei imaginar quanto tempo ele havia ficado ali sentado segurando a genitália antes de morrer. No início tive a impressão de que não havia *vestigia*, mas depois, muito fraco, na frequência de 100 miliap, tive a impressão de vinho do porto, melaço, gosto de sebo e cheiro de velas.

– Então? – perguntou ela.

– Na verdade, não – respondi. – Se ele foi atacado por magia, não foi diretamente.

– Gostaria que não usasse esse termo – Stephanopoulos reclamou. – Não podemos chamar de “outros meios”?

– Como quiser, chefe. É possível que esse ataque não tenha nenhuma relação com “outros meios”.

– Não? Uma mulher com dentes na “engraçadinha”? Eu diria que isso é bem “outros meios”, não acha?

Nightingale e eu havíamos falado sobre isso depois do primeiro ataque.

– Talvez ela usasse uma prótese, sabe, como uma dentadura, só que encaixada... verticalmente. Se uma mulher fizesse isso, não acha que ela poderia... – Percebi que imitava movimentos de mordida com a mão e parei.

– Bem, eu não conseguiria – declarou Stephanopoulos. – Mas, obrigada, oficial, por essa fascinante pérola de especulação. Com certeza vai servir para me manter acordada à noite.

– Os homens se impressionam muito mais, garanto – respondi, e me arrependi imediatamente.

Stephanopoulos me olhou de um jeito estranho.

– Engraçadinho, não é?

– Desculpe, chefe – falei.

– Sabe do que eu gosto, Grant? Um bom esfaqueamento sexta à noite, um pobre idiota sendo esfaqueado porque parecia engraçadinho aos olhos de outro filho da mãe bêbado. Esse é um motivo com o qual consigo me identificar.

Ficamos ali parados por um momento, contemplando os nebulosos e distantes dias da noite passada.

– Você não é oficialmente parte dessa investigação – disse Stephanopoulos. – Considere-se apenas um consultor. Eu sou a Oficial responsável pela investigação, e se achar que preciso dos seus serviços, eu mesma o chamo. Entendeu?

– Sim, chefe – falei. – Há algumas pistas que posso seguir, “outros meios” de conduzir uma investigação.

– Entendo. Mas todas as ações que gerar devem ser discutidas comigo antes.

Qualquer pista normal deve ser introduzida no HOLMES e, em troca, garanto que tudo que for esquisito vai envolver você. Ficou claro?

– Sim, chefe – respondi.

– Bom garoto. – Era evidente que ela não gostava de ser chamada de chefe. – Agora, suma daqui e vamos torcer para eu não ter que vê-lo de novo.

Voltei à tenda dos peritos e tirei meu traje de Pateta com cuidado, tentando não sujar minhas roupas com sangue.

Stephanopoulos queria que meu envolvimento fosse discreto. Considerando que o tumulto em Covent Garden havia levado quarenta pessoas ao hospital e outras duzentas à prisão, inclusive boa parte do elenco de *Billy Budd*, mandara um auxiliar de comissário para o hospital e depois para uma suspensão disciplinar e obrigara o chefe de Stephanopoulos a se afastar em licença médica depois que espetei nele uma seringa cheia de tranquilizante para elefante (tenho que explicar, ele estava tentando me enforcar nessa ocasião) – e tudo isso antes da destruição da Royal Opera House e do incêndio no mercado –, discrição também era conveniente para mim.

Voltei à Folly e encontrei Nightingale na sala de café de manhã, comendo *kedgeree* servido em uma das baixelas de prata que Molly insistia em colocar à mesa todas as manhãs. Levantei as tampas que cobriam os pratos e vi salsichas Cumberland e ovos cozidos. Às vezes, quando você passa a noite toda acordado, pode perfeitamente usar a comida como substituta para o sono. Funcionou bem comigo, pelo menos enquanto eu resumia os acontecimentos no Groucho Club para Nightingale, embora tenha me mantido longe das salsichas Cumberland por um ou outro motivo. Toby estava sentado ao lado da mesa e me olhava atento, esperando qualquer tipo de alimento que pudesse cair perto dele.

Quando começamos a investigar o caso de St. John Giles, procuramos um perito em odontologia para confirmar que dentes haviam causado o estrago, não uma faca ou uma pequena armadilha para ursos, ou alguma outra coisa parecida. O dentista havia criado uma reconstrução da configuração dos dentes a partir das informações que tinha. Parecia muito com uma boca humana, mas era mais rasa e se abria no sentido vertical. Na opinião dele, canino e incisivos eram muito semelhantes àqueles encontrados na boca humana, mas os pré-molares e os molares eram muito finos e afiados.

– O que sugere mais um carnívoro que um onívoro – o dentista havia concluído.

Ele era um homem simpático e muito profissional, mas tive a impressão de que achava que tudo era uma brincadeira.

Daí passamos ao bizarro debate sobre o processo de digestão humana, o que não nos levou a nenhuma conclusão até eu sair para ir buscar alguns livros de biologia e instruir Nightingale sobre estômago, intestinos, intestino delgado e para que serviam. Quando perguntei se ele não tivera essas aulas em sua velha escola, Nightingale respondeu que talvez sim, mas não havia prestado atenção. Quando perguntei o que prendia sua atenção na escola, a resposta foi rúgbi e feitiços.

– Feitiços? – repeti. – Está dizendo que estudou em Hogwarts?

O que me fez ter que explicar os livros de Harry Potter, e depois de me ouvir ele disse que sim, havia estudado em uma escola para filhos de famílias com fortes tradições em magia, mas nada parecida com a escola descrita nos livros. Apesar de ele gostar da ideia do Quadribol, seu esporte no colégio era o rúgbi, e usar magia no campo era estritamente proibido.

– Tínhamos nossa versão de squash – ele contou. – Usávamos formas em movimento. Era bem animado.

O prédio da escola havia sido requisitado pelo exército durante a Segunda Guerra, e quando foi devolvido para uso civil no início da década de 1950, não havia muitos alunos para fazer o esforço valer a pena.

– E não havia muitos professores – Nightingale me contara antes de mergulhar em um período de silêncio. Decidi que não tocaria mais nesse assunto.

Passávamos muito tempo na biblioteca procurando referências à *Vagina dentata*, o que me levou ao *Exotica* de Wolfe. O que Polidori era para a morte macabra, Samuel Erasmus Wolfe era para a fauna esquisita e o que Dr. Walid chama de “criptozoologia legítima”. Ele foi contemporâneo de Huxley e Wilberforce, e se mantinha informado sobre a então nova teoria da evolução. Em sua introdução para *O papel da magia na indução da herança pseudolamarckiana*, ele argumenta que a exposição à magia poderia induzir mudanças no organismo que poderiam, então, ser herdadas pelos descendentes. Entre os biólogos modernos, esse tipo de coisa ficou conhecida como “herança soft”, e quem defende essa teoria se torna motivo de piadas e riso. Soava plausível, mas, infelizmente, antes que pudesse concluir a parte de seu livro onde provava a teoria, Wolfe foi morto por um tubarão enquanto nadava nas águas de Sidmouth.

Pensei que, como uma teoria, ela podia explicar a “evolução” de muitas criaturas detalhadas no *Exotica*. Wolfe evitara mencionar em sua teoria os *genii locorum*, os deuses locais, que certamente existiam. Mas eu podia notar que, se uma pessoa era posta sob a influência da vasta e sutil magia que parecia permear certas localidades, talvez ela fosse fisicamente modificada por essa magia. Por exemplo, Pai Tâmis,

Mãe Tâmis e até Beverly Brook, que eu havia beijado em Seven Dials.

Herdados pelos descendentes, pensei. Talvez fosse um ponto favorável Beverly Brook estar fora do alcance da tentação.

– Presumindo que o perito em odontologia confirme que é a mesma “criatura” – falei –, podemos imaginar que ela não é natural? Quero dizer, ela tem que ser mágica de algum jeito, certo? O que significa que deve estar deixando um rastro de *vestigia* por onde passa.

Nightingale serviu mais chá.

– Você não apreendeu nada até agora.

– É verdade – concordei. – Mas se ela tem um covil, um ninho onde passa a maior parte do tempo, o *vestigia* pode ter se acumulado. E isso tornaria mais fácil a localização. E como os dois ataques aconteceram no Soho, há chances de que o ninho da criatura seja lá.

– Está supondo demais.

– É um começo – insisti, e ofereci uma salsicha a Toby, que saltou para pegá-la. – Precisamos de alguma coisa que tenha um histórico comprovado de caçadas a coisas sobrenaturais.

Nós dois olhamos para Toby, que engoliu a salsicha de uma vez só.

– O Toby, não – falei. – Alguém que me deva um favor.

Quando negocieei a paz entre as duas metades do rio Tâmis, parte do acordo envolvia uma troca de reféns. Tudo muito medieval, mas foi o melhor que pude fazer na época. Da corte de Mãe Tâmis, o contingente londrino, escolhi Beverly Brook, aquela de olhos castanhos e rosto redondo, e em troca recebi Ash, um bonitão com jeito de astro do cinema e o carisma loiro e engordurado de um parque de diversões itinerante. Depois de uma estadia bem desastrosa na casa de Mãe Tâmis em Wapping, as filhas mais velhas o haviam mandado para o Generator, um hostel para estudantes que ficava na fronteira onde a pobre King’s Cross se tornava a afluenta Bloomsbury. O arranjo também o coloca mais perto da Folly, para o caso de emergências.

O hostel ficava perto do palácio Tavistock. Por fora era estritamente georgiano, tipicamente britânico com sua pintura cor de baunilha, mas por dentro era todo decorado em cores primárias fáceis de limpar, como aquelas que enfeitam os cenários dos programas infantis na TV. Os funcionários vestiam uniforme, camisetas verdes e azuis, bonés e sorrisos obrigatórios de felicidade, mas os sorrisos sempre se apagavam um pouco quando eu aparecia.

– Só vim para buscá-lo – informei, e os sorrisos recuperavam a intensidade habitual.

Notei que, apesar de ter trabalhado a noite toda, cochilado um pouco, tomado uma ducha e posto em dia a papelada, ainda consegui chegar ao quarto de Ash quando ele estava se levantando. Ele abriu a porta vestindo um roupão de banho.

– Petey – disse. – Entre.

Os quartos privados do Generator eram mobiliados com beliches, preservando assim aquele crucial ambiente jovem de um hostel. Tecnicamente, mesmo quando você aluga um quarto privado, tem que dividir o espaço com, pelo menos, mais um hóspede. Pouco depois de se mudar para lá, e usando um maçarico de oxiacetileno que conseguira sabe Deus onde, Ash transformara o beliche de seu quarto em uma cama de casal. Se alguém quisesse dividir o quarto com ele, teria que dividir também a cama. Quando a gerência reclamou, Mãe Tâmis mandou sua filha Tyburn resolver o problema. E quando Lady Ty resolve alguma coisa, essa coisa é definitivamente resolvida. Para ser justo com Ash, ele raramente passa uma noite sozinho. Ty o odeia, mas como eu era o topo de sua lista negra antes de Ash entrar em cena, considero a situação um bônus.

A jovem da noite passada me olhou cautelosa de sua posição segura embaixo do edredom. Não havia outro lugar onde sentar se não ao pé da cama, por isso me acomodei e sorri para a moça com a intenção de tranquilizá-la. Ela olhou nervosa para Ash, que já estava no corredor a caminho do banheiro coletivo.

– Boa tarde – falei, e ela respondeu com um movimento de cabeça.

Era bonita de um jeito calculado: faces delicadas, pele cor de oliva e cabelos negros e encaracolados na altura dos ombros. Só quando ela relaxou o suficiente para sentar-se e deixar cair o edredom, revelando um peito liso, sem pelos e totalmente reto, compreendi que não era uma garota.

– Você é homem? – perguntei, demonstrando que o treinamento de sensibilidade a que fui submetido em Hendon não foi desperdiçado.

– Só no sentido biológico – respondeu ele. – E você?

Não precisei responder, porque a conversa foi interrompida pelo retorno de Ash. Totalmente nu, ele pegou uma calça jeans desbotada e uma camiseta. Parando apenas para beijar a boca do rapaz na cama, ele calçou as botas Dr. Martens e nós saímos.

Esperei até estarmos fora do hostel e a caminho do Ford Asbo para perguntar

sobre o garoto na cama dele.

Ash deu de ombros.

– Não sabia que era um garoto até ficarmos sozinhos no quarto. E estava me divertindo tanto que pensei, por que não?

Para alguém que nunca estivera em uma área construída maior que Cirencester durante toda a vida, Ash se mostrava surpreendentemente metropolitano.

– Aonde vamos? – ele perguntou quando entramos no carro.

– À sua parte favorita da cidade – respondi. – Soho.

– Vai me pagar o café?

– O almoço – respondi. – E já é tarde até para isso.

Acabamos comendo peixe com batatas em uma mesa ao ar livre na Berwick Street, que tem os escritórios das emissoras de TV em uma extremidade, um mercado de rua no meio e uma furtiva coleção de sex shops do outro lado. Ali também estão algumas lojas de discos mundialmente famosas, apenas vinil, o tipo de lugar aonde meu pai iria para vender sua coleção – como se isso tivesse alguma chance de acontecer.

Disse a Ash o que queria que ele fizesse.

– Quer que eu frequente o Soho?

– Exatamente – confirmei.

– Quer que eu vá aos bares, às boates, conheça gente nova...

– Sim. E que fique atento a uma assassina psicótica, possivelmente sobrenatural.

– Entendi. Vou às boates e procuro mulheres perigosas. Como ela é?

– Parecida com Molly, mas pode ter mudado um pouco o cabelo. Minha esperança é de que seja diferente o bastante para se destacar. E que se sobressaia no sentido espiritual, especialmente para você.

Ash refletiu sobre o que eu estava dizendo.

– Entendi – ele respondeu. – E o que devo fazer se a vir?

– Deve telefonar para mim e ficar longe dela. Seu trabalho é só de vigilância. Entendeu?

– Perfeitamente. E o que ganho com isso?

– Paguei seu almoço, não paguei?

– Muquirana. Dinheiro para a cerveja?

– Eu reembolso suas despesas – falei.

– Não pode me adiantar alguma coisa?

Encontramos um caixa automático, e eu tirei uma quantia que entreguei a ele.

– Quero os recibos – avisei. – Ou vou contar a Tyburn o que realmente aconteceu naquela noite em Mayfair.

– Era só um gato – Ash argumentou.

– Há certas coisas que não devem acontecer com ninguém. Nem mesmo com um gato.

– Ele ficou bonitinho careca.

– Tyburn não concordaria com isso – avisei.

– Acho que vou começar pelo Endurance – Ash comentou. – Quer ir comigo?

– Não posso. Algumas pessoas precisam trabalhar para viver.

– Eu sei – Ash respondeu. – Estou fazendo o seu trabalho.

– Tome cuidado – eu disse.

– Como se eu fosse caçar. Em uma bela noite de luar.

Eu o vi pegar uma maçã de uma barraca no mercado quando se afastava sem pressa.

A principal característica do Soho é que, por ser uma área de trânsito caótico, sem metrô ou ônibus, todo mundo acaba andando para todos os lugares. E por estar andando, você encontra pessoas que normalmente nem veria. Eu havia estacionado o Asbo na Beak Street, por isso entrei na Broadwick. Porém, antes que pudesse sair do Soho e ganhar velocidade, fui interceptado na Lexington.

Apesar do barulho do tráfego, ouvi os saltos antes da voz.

– Oficial Grant! Você mentiu para mim.

Virei-me e vi Simone Fitzwilliam caminhando em minha direção com seus saltos altos. Um cardigã vermelho caía de seus ombros como uma estola sobre a blusa cor de pêssego. Os botões ameaçavam explodir a qualquer momento, e a leggings preta exibía sem restrições todo o poder daquelas pernas. Quando ela se aproximou senti o cheiro de madressilva, rosa e lavanda, os perfumes de um jardim rural inglês.

– Srta. Fitzwilliam – falei, tentando soar formal.

– Você mentiu para mim – repetiu ela, e sua boca de lábios carnudos e vermelhos se distendeu num sorriso. – Seu pai é Richard “Lord” Grant. Não acredito que não li a informação em seu rosto. Não foi à toa que falou com tanta propriedade. Ele ainda toca?

– Como tem passado? – perguntei, e me senti como um apresentador do horário diurno da televisão.

O sorriso perdeu um pouco do brilho.

– Alguns dias são melhores que outros – disse ela. – Sabe o que me animaria? Alguma coisa estupenda, deliciosa.

Estupenda não era uma palavra que eu normalmente ouvia de pessoas de verdade.

– Aonde quer ir? – perguntei.

Os ingleses sempre estenderam um forte veio missionário para o resto do continente, e de vez em quando indivíduos corajosos enfrentaram o clima, o encanamento e o sarcasmo para trazer as melhores coisas da vida a essa ilha abençoada. Um desses pioneiros, de acordo com Simone, era madame Valerie, que abriu sua confeitaria na Frith Street e, depois de ter a loja bombardeada pelos alemães, instalou-se novamente em Old Compton Street. Eu havia passado por lá várias vezes durante a patrulha, mas, como o lugar não servia bebida alcoólica, raramente alguém me convidava a entrar.

Simone segurou minha mão e praticamente me arrastou para dentro da confeitaria, cujas vitrines brilhavam com a luz de fim de tarde. Delícias eram enfileiradas em forminhas em tons de creme, rosa e amarelo, vermelho e chocolate, exibidas como qualquer exército exemplar.

Simone tinha sua mesa favorita perto da escada, na frente da vitrine de bolos. De lá, ela disse, era possível ver as pessoas entrando e saindo e ficar de olho nos bolos – caso alguém tentasse roubá-los. Ela parecia saber o que estava fazendo, por isso a deixei pedir. Ela escolheu um sanduíche enganosamente compacto, feito com massa e creme; o meu era, essencialmente, bolo de chocolate com granulado, chantilly e confeito de chocolate. Eu me perguntava se eu estava sendo seduzido ou induzido a um coma diabético.

– Você precisa me contar o que descobriu – disse ela. – Soube que estive no Misterioso ontem à noite com Jimmy e Max. Não é um lugar horrível? Tenho certeza de que precisou se conter para não prender os canalhas que viu por lá.

Disse que, sim, havia visitado o lugar, e concordei que era um antro de

iniquidade, mas não contei a ela sobre Mickey, que, enquanto estávamos ali conversando, esperava pelo Dr. Walid no necrotério do UCH. Em vez disso, falei superficialmente sobre alguns inquéritos em andamento e a vi comer o bolo. Ela o devorava como uma criança impaciente, mas obediente, com mordidas pequeninas e rápidas, e ainda conseguia espalhar creme pelos lábios. Vi quando a língua passeou por eles recolhendo os vestígios doces.

– Sabe com quem deveria falar? – ela me perguntou depois de limpar todo o creme. – Devia falar com a União dos Músicos. Afinal, não é função deles cuidar dos membros? Se alguém sabe o que está acontecendo, essa pessoa está lá. Não vai comer seu bolo?

Ofereci a ela o pedaço restante, e a vi olhar para um lado e para o outro, como uma colegial culpada, antes de puxar o prato para seu lado da mesa.

– Nunca fui muito boa com essa coisa de controlar o apetite – disse ela. – Suponho que esteja compensando por quando era mais nova. Naquela época havia todo tipo de carência.

– Que época?

– A época em que eu era jovem e tola – respondeu ela. Havia um pouco de chocolate em seu rosto e, sem pensar, eu limpei a área com meu polegar. – Obrigada – ela falou. – Bolo nunca é demais.

Tempo também não. Paguei a conta, e ela me acompanhou até onde eu havia estacionado o Asbo. Perguntei em que ela trabalhava.

– Sou jornalista – Simone respondeu.

– Onde trabalha?

– Ah, sou freelancer. Aparentemente, hoje em dia todo mundo é.

– Sobre o que escreve?

– Jazz, é claro. A cena de Londres, fofocas do mundo da música... Boa parte dos meus textos é publicada em outros países. No Japão, principalmente. Os japoneses gostam muito de jazz. – Ela explicou que suspeitava de que algum subeditor em Tóquio traduzia seu trabalho para o japonês, mas acabava perdendo muitas coisas nessa tradução, inclusive o nome dela.

Chegamos à esquina.

– Estou hospedada em Berwick Street – falou.

– Na casa de suas irmãs – acrescentei.

– Você lembrou. Bem, é claro que sim, você é um policial. É treinado para essas coisas, sem dúvida. Então, se eu lhe der meu endereço, com certeza vai se lembrar dele.

Ela recitou o endereço e prometi memorizá-lo. De novo.

– *Au revoir* – ela se despediu. – Até a próxima.

Eu a vi se afastar sobre os saltos altos, o quadril balançando de um lado para o outro.

Lesley ia me matar.

Nos velhos tempos, meu pai e os amigos dele costumavam se encontrar em Archer Street, onde ficava a União dos Músicos, na esperança de conseguir trabalho. Sempre imaginei vários grupos de músicos espalhados pela rua. Então vi uma foto dessa mesma rua cheia de homens de chapéu e terno Burton empunhando seus instrumentos como mafiosos desempregados. Era tão cheio e competitivo, meu pai dizia, que bandas tinham gestos secretos para se comunicar no meio da multidão, mostrando um punho para um trombonista, a mão aberta com a palma para baixo para um baterista, agitando os dedos para uma corneta ou um trompete. Assim era possível continuar amigo de todos, mesmo depois de privar alguns de um show no Savoy ou no Café de Paris. Meu pai dizia que era possível andar pela Archer Street e reunir duas orquestras, uma banda completa, e ainda ter uma sobra para dois quartetos e um solista para tocar o teclado na Corner House de Lyon.

Hoje em dia os músicos trocam mensagens de celular e combinam seus concertos pela internet, e a União dos Músicos atravessou o rio para se estabelecer na Clapham Road. Era domingo, mas considerando que a música, como o crime, nunca dorme, telefonei para lá. Convenci o homem no escritório de que o assunto era importante para a polícia, e ele me deu o número do celular de Tista Ghosh, assistente social da Seção de Jazz. Liguei para ela e deixei uma mensagem me identificando e dando impressão de urgência, sem dizer nada de concreto. Nunca grave nada que você não queira ver no YouTube, esse é meu lema. A Sra. Ghosh ligou de volta quando eu estava chegando ao carro. Ela tinha o tipo de sotaque preciso de classe média que só pode ser consequência de ter aprendido inglês como segunda língua ainda no berço. Ela me perguntou qual era o assunto, e eu disse que queria discutir algumas mortes inesperadas com seus membros.

– Tem que ser hoje? – perguntou ela.

Ao fundo, ouvi uma banda tocando “Red Clay”.

Disse a ela que tentaria manter o depoimento o mais breve possível. Adoro usar

a palavra “depoimento”, porque as pessoas a consideram o primeiro degrau da longa escada judiciária que vai de “ajudar a polícia com uma investigação” a passar um tempo à disposição de Sua Majestade, trancado em uma cela com um homem grande e suado que insiste em chamá-lo de Susan.

Perguntei onde ela estava.

– No The Hub em Regent’s Park – revelou ela. – No Festival de Jazz ao Ar Livre.

Na verdade, de acordo com o cartaz que vi no portão mais tarde, aquela era a Última Chance para ver o Festival *de Jazz ao Ar Livre* patrocinado pela companhia antes conhecida como Cadbury Schweppes.

Quinhentos anos atrás, o notoriamente sábio Henrique VIII descobriu um jeito muito elegante de resolver tanto seus problemas teológicos quanto sua crise de liquidez pessoal – dissolveu o monastério e dividiu suas terras. Baseado no princípio de que alguém rico que quer permanecer rico jamais doa nada do que tem, a terra permaneceu com a coroa desde então. Trezentos anos mais tarde, o príncipe regente contratou Nash para construir um grande palácio no lugar, com algumas varandas elegantes que pudessem ser alugadas para cobrir a heroica tentativa do príncipe de se depravar até a morte. O palácio nunca foi construído, mas as varandas e a depravação permaneceram – como o parque, que tem o nome do príncipe regente. Um extremo do parque, Northern Parklands, abriga campos e instalações para a prática esportiva, e no centro dessa área fica The Hub, um grande outeiro artificial com um pavilhão e vestiários nele construídos. Há três entradas principais construídas como uma área de dispersão de aeronaves, o que faz o lugar parecer a entrada principal do covil de um supervilão. No andar de cima há um café circular, cujas paredes de fibra de vidro permitem vista panorâmica de todo o parque, e lá os clientes podem sentar, beber chá e traçar planos para dominar o mundo.

Ainda havia sol, mas o ar começava a ficar frio. Em agosto o público se espalhava na frente do palco temporário e, apoiado ao avental de concreto que cercava o café, estaria seminu. Mas no meio de setembro moletons eram desamarrados da cintura e mangas eram abaixadas. Mesmo assim, havia sol suficiente para fingir, mesmo que só por mais um dia, que Londres era uma cidade de cafés de rua e jazz no parque.

A banda que ocupava o palco no momento tocava alguma coisa misturada que nem eu classificaria como jazz, por isso não me surpreendi quando encontrei Tista Ghosh saboreando um vinho branco além das barracas de bebida, onde o barulho era abafado. Liguei para o celular dela e Tista me orientou.

– Espero que esteja pagando – disse ela quando a encontrei. – Meu copo está esvaziando depressa.

Por que não, pensei, havia bebido a semana inteira. Por que parar agora?

A Srta. Ghosh era uma mulher magra, de pele clara, com nariz fino e comprido que combinava com os brincos grandes. Os cabelos pretos e longos estavam presos em um rabo de cavalo. Ela vestia calça branca e blusa roxa e, por cima de tudo, uma jaqueta de couro que era, pelo menos, cinco vezes maior que ela. Talvez a houvesse emprestado para se proteger do frio.

– Sei no que está pensando – disse ela. – O que uma garota como eu está fazendo em um concerto de jazz?

Na verdade, eu pensava em que lugar ela havia arrumado aquela jaqueta de couro e se, por razões religiosas, devia estar usando uma jaqueta de couro.

– Meus pais gostavam muito de jazz – continuou ela. – Eram de Calcutá, e havia aquela boate famosa em Park Street, a Trinca's. Sabe, estive lá em setembro, houve um casamento. Agora tudo está diferente, mas antes havia uma grande cena de jazz, e foi lá que eles se conheceram. Meus pais, não os parentes que se casaram.

A jaqueta tinha uma fileira de emblemas malfeitos na lapela do lado esquerdo, do tipo que se pode estampar com uma prensa manual. Eu os li discretamente enquanto a Srta. Ghosh falava sobre a inovadora cena jazz que florescia na Índia pós-guerra – Rock contra o racismo, Liga antinazi, Não me culpe, Eu não votei em Tory – slogans da década de 1980, a maioria mais velha do que eu.

A Srta. Ghosh falava sobre o tempo em que Duke Ellington havia tocado no Palácio de Inverno – o hotel em Calcutá, não o berço da Revolução Russa –, quando decidi que era hora de devolver a conversa aos trilhos. Perguntei se ela sabia de alguma morte repentina de seus membros, especialmente durante ou logo após uma apresentação.

A Srta. Ghosh lançou um longo e cético olhar em minha direção.

– Está brincando comigo? – perguntou ela.

– Estamos investigando mortes suspeitas entre músicos – falei. – Esse é só um inquérito preliminar. As mortes podem parecer resultado de exaustão, ou abuso de drogas ou álcool. Viu alguma coisa assim?

– Entre músicos de jazz? – disse ela. – Está brincando? Se eles não tiverem pelo menos um mau hábito, não o aceitamos no sindicato. – Ela riu, eu não, ela notou e parou. – Estamos falando de assassinatos?

– Ainda não sabemos. Estamos apenas investigando informações recebidas.

– Não consigo pensar em ninguém agora. Posso dar uma olhada nos meus registros amanhã, se quiser.

– Seria ótimo. – Dei a ela meu cartão. – Pode fazer isso logo cedo?

– Sim, é claro. Você sabe que aqueles caras estão olhando para você?

Virei-me e vi os rapazes da banda me observando da barraca de cerveja. Max acenou para mim.

– Não vai querer falar com ele, moça – James gritou. – Esse homem é a polícia do jazz.

Despedi-me da Srta. Ghosh com a esperança de que ela ainda me levasse a sério, pelo menos o suficiente para conseguir a informação que pedi. Para me compensar, The Irregulars aceitaram me pagar uma bebida.

– O que estão fazendo aqui? – perguntei.

– Eu estou onde os homens do jazz se reúnem – disse James.

– Devíamos tocar no festival – falou Daniel. – Mas sem Cyrus... – Ele deu de ombros.

– Não encontraram um substituto? – perguntei.

– Não sem baixarmos nosso padrão – James explicou.

– E eles já são bem baixos – acrescentou Max. – Sabe tocar?

Balancei a cabeça.

– Pena – disse ele. – Vamos tocar no Arches na semana que vem.

– Somos os penúltimos da lista – Daniel revelou.

Perguntei a Daniel se ele tocava alguma coisa além de piano.

– Um pouco de Gibson elétrica.

– O que acha de tocar com um homem que é quase uma lenda do jazz? – indaguei.

– Como é possível ser “quase” uma lenda do jazz? – Max quis saber.

– Cale a boca, Max – falou James. – O homem está falando do pai dele. Está falando sobre seu pai?

Houve uma pausa – todos sabiam que meu pai havia perdido a embocadura. Foi

Daniel quem traduziu o pensamento em palavras.

- Ele trocou de instrumento, não é? – perguntou.
- Fender Rhodes – falei.
- E é bom? – Max quis saber.
- Ele vai ser melhor que eu – opinou Daniel.
- Lord Grant – James falou. – Quanto isso é legal?
- É muito legal – disse Max. – Acha que ele vai concordar?
- Vou perguntar – falei. – Mas não vejo por que não.
- Obrigado – Daniel respondeu.
- Não me agradeça, cara. Estou só fazendo meu trabalho.

Então, a polícia do jazz estava em missão de salvamento. Caso meu pai aceitasse – o que eu achava que provavelmente aconteceria. O Arches Club ficava em Camden Lock, na rua do meu apartamento, então a logística seria simples. Decidi deixar minha mãe organizar os ensaios – ela ia gostar disso.

Só depois de me oferecer para ver o que conseguiria arrumar, percebi que nunca havia visto meu pai tocar para uma plateia antes. The Irregulars ficaram tão animados que James, emocionado, se ofereceu para pagar mais uma bebida, várias, na verdade, mas eu estava dirigindo, então aceitei só uma. E foi melhor assim, porque dez minutos depois Stephanopoulos ligou para mim.

– Estamos no apartamento de Jason Dunlop – disse ela. – Encontramos alguma coisa que queremos que você veja. – Ela me deu o endereço. O apartamento ficava em Islington.

– Eu chego em meia hora – falei.

Jason Dunlop morava no apartamento no meio porão de uma casa vitoriana reformada em Barnsbury Road. Em eras passadas, as acomodações dos criados costumavam ficar completamente no subsolo, mas os vitorianos, que eram grandes inovadores sociais, haviam decidido que até os mais humildes deviam ter a possibilidade de ver os pés das pessoas que andavam pela casa de seus senhores – daí o meio porão. Essa disposição e a luz natural mais intensa economizavam velas, e dinheiro poupado é dinheiro ganho, e tudo mais. As paredes internas haviam sido pintadas de branco e não tinham nenhuma decoração: nada de fotos emolduradas, nem reproduções de Monet, Klimt ou de cachorros jogando pôquer. Os armários da cozinha eram baratos e novos. Tudo ali sugeria que o imóvel havia sido comprado

para alugar. A julgar pelos caixotes ainda meio cheios na sala de estar, deduzi que Jason não se mudara para lá há muito tempo.

– Um divórcio complicado – disse Stephanopoulos enquanto me mostrava o apartamento.

– Ela tem um álibi?

– Até agora, sim – respondeu Stephanopoulos. As alegrias de lidar com suspeitos enlutados. Era bom saber que eu não estava encarregado *dessa* investigação. O apartamento tinha apenas um dormitório, com duas malas masculinas em um canto, uma fileira de caixas com marcas de dedos na poeira sobre as tampas. Stephanopoulos me mostrou onde uma pilha de livros havia sido cuidadosamente arrumada sobre um plástico ao lado da cama.

– Já foram manuseados pela perícia?

Stephanopoulos disse que sim, mas pus as luvas assim mesmo. É uma boa prática quando se lida com evidências, e minha atitude provocou um grunhido de aprovação por parte da sargento. Peguei o primeiro livro. Era um velho e de capa dura, anterior à guerra, que havia sido cuidadosamente embalado em papel de seda branco. Abri o volume e li o título: *Philosophiae naturalis principia artes magicis*, de Isaac Newton. Eu tinha uma cópia da mesma edição sobre a minha mesa, com um dicionário de latim muito maior ao lado dela.

– Vimos isso – comentou Stephanopoulos – e pensamos em você.

– Tem mais? – perguntei.

– Deixamos a caixa para você – disse ela. – Caso tenha sido amaldiçoada ou alguma coisa assim.

Eu esperava que o comentário fosse apenas sarcástico.

Inspecionei o livro. A capa estava gasta nos cantos e manchada pelo tempo. As beiradas das páginas tinham dobras e manchas de manipulação. O proprietário não havia deixado aquele livro em uma estante; ele fora usado. Seguindo um palpite, abri o volume na página 27 e vi, bem onde eu deixara um post-it com um ponto de interrogação, uma palavra escrita a lápis e meio apagada: *quis?*. Mais alguém não conseguira entender o que Isaac dizia no trecho no meio da introdução.

Se alguém realmente estivera estudando o ofício, certamente sentira necessidade do *A modern commentary on the great work*, de Cuthbertson. A obra havia sido escrita em 1897 em inglês, graças a Deus, e sem dúvida era recebida de braços abertos por todo estudante frustrado que já havia tentado iluminar seu quarto com uma luz mágica. Examinei a caixa e encontrei uma cópia de Cuthbertson bem

embaixo de um grande e moderno dicionário e gramática de latim – era bom saber que eu não era o único que precisava de ajuda. O *Modern commentary* era, como o *Principia*, velho e bastante usado. Virei as páginas e encontrei um selo desbotado mais ou menos na página trinta – um livro aberto cercado por três coroas e contornado pelas palavras *Bibliotheca Bodleiana*. Examinei o *Principia* e encontrei um selo diferente, o desenho de um antigo compasso cercado pelas palavras *Scientia potestas est qms*. Olhei o frontispício e notei uma leve descoloração em forma retangular. Meu pai tinha livros com aquele mesmo padrão, volumes que ele havia tirado da biblioteca da escola quando era jovem. A marca era da cola que prendia o recipiente onde o cartão da biblioteca era encaixado quando dinossauros andavam pela terra e computadores eram do tamanho de máquinas de lavar roupa.

Esvaziei a caixa com cuidado. Havia mais seis livros, cuja autêntica relação com a magia eu reconheci, todos eles com o selo da biblioteca *Bibliotheca Bodleiana*.

Deduzi que o selo se referia à Biblioteca Bodleian, que, eu lembrava vagamente, ficava em Oxford, e, apesar de não reconhecer o segundo selo, reconheci o lema. Telefonei para a Folly. O telefone tocou várias vezes antes de alguém atender.

– É Peter – eu disse. Silêncio do outro lado. – Preciso falar com ele imediatamente. – Ouvi um barulho quando o fone foi deixado em cima da mesa. Enquanto esperava, pensei que já era tempo de Nightingale comprar um aparelho decente.

Quando Nightingale atendeu, expliquei sobre os livros. Ele me fez relacionar os títulos e descrever os selos. Depois perguntou se Stephanopoulos estava disponível.

Eu a chamei e ofereci o telefone.

– Meu superior quer falar com você – avisei.

Enquanto eles conversavam, comecei a guardar os livros nas bolsas de evidências e a identificá-las com etiquetas.

– E acha que isso aumenta a probabilidade? – perguntou ela. – Tudo bem. Vou mandar o garoto com os livros. Espero que mantenha uma cronologia de evidências.

Nightingale deve ter garantido que seria tão escrupuloso quanto o laboratório da Central de Polícia, porque ela assentiu e me devolveu o telefone.

– Acho – disse Nightingale – que podemos estar lidando com um mago negro.

O portão noturno

Magia negra, conforme a definição de Nightingale, era o uso da magia de forma a causar uma interrupção da paz. Comentei que essa definição era tão ampla que incluía, essencialmente, qualquer uso da magia que não fosse aquela autorizada pela Folly. Nightingale respondeu que considerava esse fator positivo, não negativo.

– Magia negra é o uso da arte para causar mal a outra pessoa – continuou ele. – Prefere essa definição?

– Não temos nenhuma evidência de que Jason Dunlop jamais tenha causado mal a alguém pelo uso de magia negra – retruquei. Espalhamos as pastas do caso sobre uma mesa na sala de café da manhã, junto com os livros que eu havia recolhido no apartamento de Dunlop e os restos da excêntrica versão de Molly para a receita de Ovos Benedict.

– Eu diria que temos uma clara indicação de que alguém fez mal a ele – respondeu Nightingale. – E forte evidência de que ele era um praticante. Considerando a natureza incomum de seu agressor, creio que é seguro dizer que havia magia envolvida. Não concorda comigo?

– Nesse caso, não é possível que o assassino de Jason Dunlop tenha alguma reação com meus músicos mortos?

– É possível – reconheceu Nightingale. – Mas os *modi operandi* são muito diferentes. Acho melhor manter as duas investigações separadas, por enquanto. – Ele segurou um garfo Sheffield com o monograma da Folly espetado em um ovo, balançando-o com um dedo. O garfo quase nem se moveu. – Tem certeza de que não está preso no muffin?

– Não está – respondi. – O garfo está preso apenas no ovo.

– Isso é possível? – Nightingale insistiu.

– Com Molly cozinhando, quem sabe?

Nós dois olhamos em volta para termos certeza de que ela não nos ouvia. Até

aquela manhã, o cardápio de Molly se limitava ao das escolas públicas britânicas: muita carne vermelha, batata, melaço e uma boa quantidade de gordura industrial. Nightingale havia explicado uma vez, quando estávamos em um restaurante de comida chinesa, que ele achava que Molly se inspirava na própria Folly.

– É uma espécie de memória institucional – ele havia dito.

Ou minha chegada estava modificando essa “memória institucional” ou, mais provavelmente, ela descobrira que Nightingale e eu fugíamos para fazer algumas refeições ilícitas em restaurantes.

Os Ovos Benedict eram uma tentativa de diversificar o cardápio.

Peguei o garfo e o ovo, o muffin e o que eu presumia ser um molho holandaise, e tirei tudo do prato como uma massa elástica. Ofereci a porção a Toby, que cheirou a comida uma vez, ganiu e se escondeu embaixo da mesa.

Naquela manhã não havia *kedgeree*, ou salsichas, ou ovos cozidos que não estivessem achatados e imersos em molho holandaise vulcanizado, nem mesmo torrada e geleia. Obviamente, a experimentação culinária havia esgotado Molly de tal forma que o restante do café da manhã não estava disponível no cardápio. Porém, o café ainda era bom, e quando você está estudando as pastas de um caso, isso é o mais importante.

As investigações de assassinato começam com a vítima, porque, normalmente, é o que você tem em primeira instância. O estudo da vítima é chamado de vitimologia porque tudo soa melhor com um “logia” no final. Para se certificar de não deixar de fora nenhum aspecto importante, a polícia desenvolveu a mnemônica mais inútil do mundo – 5 X WH e H (em inglês, *Who? What? Where? When? Why? e How?*) –, também conhecido como Quem? O quê? Onde? Quando? Por quê? e Como? Na próxima vez que vir uma investigação de assassinato real na televisão e um grupo de detetives de aparência séria conversando, lembre-se de que, na verdade, eles estão tentando decidir que porcaria de ordem a mnemônica deve seguir. Quando tomam essa decisão, os exaustos oficiais se retiram para o bar mais próximo para uma bebida e um intervalo.

Felizmente para nós, na primeira questão, *Quem é a vítima?*, Stephanopoulos e a Equipe de Homicídios fez a maior parte do trabalho pesado. Jason Dunlop era um bem-sucedido jornalista freelance, daí sua associação ao Groucho Club. Seu falecido pai havia sido funcionário público do alto escalão e o mandara para uma escola independente de segunda em Harrogate. Ele havia lido inglês na Magdalen College, Oxford, onde foi um estudante sem distinções antes de se formar com um resultado igualmente indistinto. Apesar do desempenho acadêmico medíocre, ele

conseguira um emprego na BBC, onde havia sido primeiro um pesquisador, depois produtor no *Panorama*. Depois de um período trabalhando, sobretudo para o Conselho Westminster na década de 1980, ele voltou ao jornalismo escrevendo artigos para *The Times*, o *Mail* e o *Independent*. Dei uma olhada em alguns recortes; muitos artigos do tipo “você me mandou de férias e eu vou escrever uma crítica favorável”. Férias em família com a esposa Mariana, uma executiva de RP, e seus dois filhos de cabelos dourados. Como Stephanopoulos me contara, o casamento havia acabado recentemente, advogados já haviam sido contratados e a guarda das crianças era motivo de briga.

– Seria bom conversar com a esposa – disse Nightingale. – Perguntar se ela sabe alguma coisa sobre seus hobbies.

Examinei as transcrições da entrevista com a esposa, mas não havia nada sobre um eventual interesse no oculto ou sobrenatural. Tomei nota para acrescentar esses dados ao arquivo da esposa no HOLMES e sugerir que ela fosse novamente convidada a depor sobre o assunto. Eu havia feito a sugestão a Stephanopoulos, mas ela não nos deixaria conversar com a esposa, a menos que encontrássemos alguma coisa séria que justificasse a solicitação.

– Muito bem – disse Nightingale –, vamos deixar todas as conexões mundanas nas mãos capazes da detetive sargento. Acho que nosso primeiro movimento deveria ser rastrear a origem do livro.

– Acho que Dunlop o roubou da Biblioteca Bodleian.

– É por isso que não devia fazer suposições – retrucou Nightingale. – Esse é um livro velho. Pode ter sido roubado antes de Dunlop chegar a Oxford e ter ido parar nas mãos dele por algum outro caminho. Talvez a pessoa que o treinou.

– Presumindo que ele fosse um praticante – falei.

Nightingale bateu com a faca de manteiga sobre a cópia envolta em plástico do *Principia artes magicis*.

– Ninguém carrega este livro por acaso – argumentou ele. – Além do mais, reconheço o selo do outro livro. É da minha antiga escola.

– Hogwarts? – perguntei.

– Preferia que não a chamasse por esse nome – disse ele. – Podemos ir a Oxford agora de manhã.

– Vai comigo? – O Dr. Walid havia sido muito claro sobre a parte de irmos com calma.

– Você não poderá ter acesso à biblioteca sem mim – respondeu ele. – E já é hora de eu começar a apresentá-lo às pessoas conectadas à arte.

– Pensei que você fosse o último.

– Existe vida fora de Londres – lembrou Nightingale.

– As pessoas sempre dizem isso, mas nunca vi nenhuma prova.

– Podemos levar o cachorro – Nightingale sugeriu. – Ele vai apreciar o ar fresco.

– Nós não vamos – respondi. – Não se levarmos o cachorro.

Felizmente, apesar do tempo encoberto, o dia era quente, e pudemos seguir pela A40 com as janelas abertas para deixar sair o cheiro. Para dizer a verdade, o Jaguar não é um carro confortável para estrada, mas eu me recusava a ir a Morse Central no Ford Asbo – padrões tinham que ser mantidos, mesmo com Toby no banco de trás.

– Se Jason Dunlop foi treinado – falei quando entramos na Great West Road –, quem foi seu professor?

Já havíamos discutido isso antes. Nightingale disse que era impossível apreender magia “newtoniana” organizada sozinho. Sem alguém para ensinar a diferença, é difícil distinguir *vestigia* do ruído aleatório no fundo de seu cérebro. O mesmo vale para a *forma*; Nightingale tinha sempre que demonstrar a forma para mim antes que eu conseguisse aprender o que era. Para aprender tudo isso sozinho você teria que ser o tipo de monomaniaco insano que deformaria o próprio globo ocular para testar suas teorias em ótica – resumindo, alguém como Isaac Newton.

– Não sei – disse Nightingale. – Depois da guerra, não sobraram muitos de nós.

– Isso deve reduzir bem os suspeitos – eu disse.

– Boa parte dos sobreviventes deve estar velha agora – comentou Nightingale.

– E quanto aos outros países?

– Nenhuma das forças continentais saiu ilesa da guerra – Nightingale lembrou. – Os nazistas capturaram todos os praticantes que conseguiram encontrar nos países ocupados e mataram os que se recusaram a se aliar a eles. Os que não morreram ao lado deles, morreram lutando contra eles. O mesmo vale para franceses e italianos. Sempre acreditamos que havia uma tradição escandinava, mas eles a mantinham de forma muito discreta.

– E os americanos?

– Houve voluntários desde o início da guerra – contou Nightingale. – Eles se intitulavam Os Homens Virtuosos, eram da Universidade de Pensilvânia. – Outros

havam chegado a Pearl Harbor nos anos seguintes, e Nightingale sempre teve a impressão de que havia uma profunda animosidade entre eles e os Homens Virtuosos. E duvidava de que algum deles houvesse voltado à Inglaterra depois da guerra. – Eles nos culpavam por Ettersberg – disse. – E havia um acordo.

– Ah, é claro que havia – respondi. Sempre havia um acordo.

Nightingale afirmava que os teria percebido, se eles houvessem começado a praticar em Londres.

– Eles não eram o que se pode chamar de sutil – disse.

Perguntei sobre outros países – China, Rússia, Índia, Oriente Médio, África. Não podia acreditar que não tinham pelo menos algum tipo de magia. Nightingale admitiu que não sabia, mas teve a boa graça de soar constrangido.

– O mundo era diferente antes da guerra – ele explicou. – Não tínhamos esse acesso instantâneo à informação que é comum para a sua geração. O mundo era um lugar maior, mais misterioso. Ainda sonhávamos com cavernas secretas nas Montanhas da Lua e com caçadas a tigres no Punjab.

Quando o mapa inteiro era cor-de-rosa, pensei. Quando todo garoto esperava viver a própria aventura e as meninas ainda não haviam sido inventadas.

Toby latiu quando ultrapassamos um maluco dirigindo um carro cheio de Deus sabe o que indo para Deus sabe onde.

– Depois da guerra foi como se acordássemos de um sonho – disse Nightingale. – Havia foguetes espaciais, computadores e jumbos no céu, e parecia uma coisa “natural” que a magia desaparecesse.

– Resumindo, você não se deu o trabalho de procurar – falei.

– Era só eu – respondeu ele –, e eu era responsável por toda Londres e o Sudoeste. Nunca pensei que os velhos dias pudessem voltar. Além do mais, temos os livros de Dunlop, então sabemos que seu professor não era de uma tradição estrangeira. O mago negro é doméstico.

– Não pode chamá-los de magos negros – protestei.

– Perceba que estamos usando “negro” em seu sentido metafórico aqui.

– Não importa – insisti. – As palavras modificam o que elas significam, não é? Algumas pessoas me chamariam de mago negro.

– Você não é um mago – ele disse. – Quase nem é um aprendiz.

– Está mudando de assunto – respondi.

– Como devemos chamá-los? – Nightingale perguntou, paciente.

– Praticantes de magia etnicamente prejudicados – sugeri.

– Só para satisfazer minha curiosidade, é claro – explicou Nightingale –, considerando que as únicas pessoas que nos ouvirão falar as palavras “mago negro” são você, eu e o Dr. Walid, por que mudá-las é tão importante?

– Porque não acredito que o velho mundo volte tão cedo. Na verdade, creio que o novo mundo pode estar chegando.

Oxford é um lugar estranho. A periferia é parecida com qualquer outra cidade na Inglaterra, com as mesmas construções eduardianas passando a vitorianas, com um ou outro erro da década de 1950, mas então você atravessa a ponte Magdalen e, de repente, está na maior concentração de arquitetura medieval do fim do século XVIII. É historicamente impressionante, mas de uma perspectiva de administração do tráfego, isso significa que demoramos quase o mesmo tempo para percorrer aquelas ruas estreitas e para percorrer de carro a distância desde Londres.

John Radcliffe, médico real de William e Mary, era famoso em seu tempo por ler muito pouco e escrever quase nada. Então, é razoável que uma das bibliotecas mais famosas em Oxford tenha sido criada por ele. A Radcliffe Science Library está instalada em um prédio circular e abobadado que parece a catedral de St. Paul, menos os detalhes religiosos. Dentro dela havia muita pedra lisa e esculpida, velhos livros, balcões e o silêncio tenso de gente jovem excepcionalmente quieta. Nosso contato esperava por nós ao lado de um cartaz de avisos perto da entrada.

Fora das grandes cidades, minha aparição às vezes é suficiente para deixar certas pessoas sem fala. Foi assim que o PhD e membro da Royal Society Harold Postmartin, curador de coleções especiais na Biblioteca Bodleian, evidentemente, esperava que Nightingale apresentasse alguém “diferente” como o novo aprendiz. Eu conseguia vê-lo tentando formular a frase “mas ele é de cor” de um jeito que não fosse ofensivo, sem conseguir nada. Eu o tirei do sofrimento apertando sua mão; minha regra geral é que, se eles não se encolhem diante da possibilidade de um contato físico, com o tempo vão acabar se acostumando.

Postmartin era um homem atarracado, de cabelos brancos, que parecia mais velho e mais frágil que meu pai, mas tinha um aperto de mão surpreendentemente firme.

– Então, você é o novo aprendiz – ele disse, e conseguiu evitar o tom de acusação. Nesse momento eu soube que íamos nos dar bem.

Como em todas as bibliotecas modernas, a porção visível de Radcliffe era a

ponta de um iceberg, e a maior parte da coleção se encontrava submersa sob a Praça Radcliffe, em câmaras cheias de livros e embaladas pela vibração invasiva de um moderno equipamento de controle do clima. Postmartin nos levou por uma série de corredores de paredes caiadas até uma porta de metal com uma placa anunciando Entrada proibida. Ele passou um cartão magnético no painel de segurança e digitou uma combinação numérica. A porta destravou com um estalo e nós entramos em uma sala com as mesmas prateleiras e o mesmo controle climático do restante da coleção. Havia uma mesa vazia, exceto por uma máquina que parecia ter sido o produto de um casamento sem amor entre um velho Mac e um computador IBM.

– É um PCW Amstrad – disse Postmartin. – Anterior à sua época, suponho. – Ele se sentou em uma cadeira roxa de plástico moldado e ligou a velha máquina. Não tem conexões com hardware, nem entradas USB, e usa disquetes de três polegadas que nem são mais fabricados. Isto aqui é a segurança pela obsolescência. Bem parecido com a própria Folly. Não se pode hackear, se é que estou usando o termo certo, uma máquina para a qual não existe acesso.

A tela era de uma alarmante cor verde, monocromática, notei, como alguma coisa saída de um velho filme. O disquete de três polegadas estalou quando a máquina começou a acessá-lo.

– Você tem a cópia do *Principia*? – Postmartin perguntou.

Entreguei o livro e ele começou a virar as páginas lentamente.

– Cada cópia na biblioteca foi marcada de um jeito único – ele falou, e parou em uma página que me mostrou. – Vê aqui? A palavra foi sublinhada.

Eu olhei; era a palavra *regentis*.

– Isso é significativo? – perguntei.

– Veremos – disse ele. – Talvez deva anotá-la.

Escrevi a palavra no meu bloquinho de anotações da polícia e notei que, enquanto isso, Postmartin rabiscava furtivamente em um bloco que ele pensava manter fora do alcance dos meus olhos. Quando terminei, ele continuou virando as páginas até encontrar outra marca, e de novo eu anotei a palavra, *pedem*, e novamente o vi escrever em seu bloco. Repetimos o processo mais três vezes, e depois Postmartin me pediu para ler as palavras escritas.

– *Regentis, pedem, tolleret, loco, hostium* – recitei.

Ele me olhou por cima da armação dos óculos.

– E o que acha que isso significa? – perguntou.

– Acho que significa que os números das páginas são mais importantes que as palavras – falei.

Postmartin reagiu com desânimo.

– Como soube?

– Posso ler seus pensamentos – eu disse.

O homem olhou para Nightingale.

– Isso é verdade?

– Não – respondeu Nightingale. – Ele viu que você anotava os números.

– Você é um homem cruel, oficial Grant – disse Postmartin. – Sem dúvida é alguém que vai longe. De fato, as palavras são irrelevantes, mas se a numeração das páginas for arranjada como uma sequência alfanumérica, vão formar um número de identificação único. Introduzimos esse número no nosso velho amigo aqui, e *voilà*...

A tela do PCW exibiu uma página de texto em um tom feio de verde: título, autor, editora, localização na estante e uma lista breve de pessoas que haviam emprestado o exemplar. A última pessoa relacionada era Geoffrey Wheatcroft, que o retirara em julho de 1941 e nunca o devolvera.

– Ah – disse Postmartin surpreso. – Geoffrey Wheatcroft? Não é alguém que eu chamaria de nefasto. Não é seu tipo criminoso, é, Thomas?

– Você o conhece?

– Conhecia – respondeu Postmartin. – Ele morreu no ano passado. Nós dois comparecemos ao funeral, embora Thomas tenha ido disfarçado de seu próprio filho para evitar suspeitas.

– Isso aconteceu há dois anos – lembrou Nightingale.

– Meu Deus, tudo isso? – indagou Postmartin. – Não havia muita gente, se bem lembro.

– Ele era praticante ativo? – eu quis saber.

– Não – Nightingale respondeu. – Conseguiu seu cajado em 1939, não era considerado um mago de primeira linha, desistiu depois da guerra e conseguiu um cargo em Magdalen.

– Lecionando tecnologia, entre todas as coisas – acrescentou Postmartin.

– Na faculdade Magdalen? – perguntei.

– Sim – Nightingale confirmou, e de repente parecia pensativo.

Eu fui mais rápido.

– A mesma faculdade de Jason Dunlop.

Nightingale quis ir diretamente para a Magdalen, mas Postmartin sugeriu um lugar para almoçarmos no Eagle and Child. Achei que sentar e descansar um pouco seria uma boa ideia, porque Nightingale se apoiava sobre o lado esquerdo novamente e parecia um pouco abatido, para ser franco. Ele recusou o almoço, mas sugeriu que nos encontrássemos no pub depois da visita à faculdade. Postmartin me convidou para ir com ele, pois assim poderia ir me contando algumas coisas no caminho.

– Se acha que é realmente necessário – disse Nightingale antes que eu pudesse protestar.

– Creio que sim – persistiu Postmartin.

– Entendo. Bem, se acha que é melhor...

Postmartin disse que achava que era crucial, e nós o levamos de volta ao carro, onde apresentei Toby que, rápido, saiu do automóvel cercado por uma nuvem malcheirosa. Sugerii que Nightingale usasse o Jaguar – assim, poderíamos voltar dirigindo do pub e ele não teria que andar.

– Então, esse é o famoso cão caçador de fantasma.

– Não sabia que ele era famoso – respondi.

Postmartin levou-me por uma alameda tão autenticamente medieval que ainda tinha uma canaleta de pedra no meio para servir de esgoto.

– Não é mais usada para sua função original – Postmartin explicou.

O lugar estava repleto de estudantes e turistas, todos fazendo o possível para ignorar os ciclistas que tentavam atropelar todo mundo com alegre abandono.

Perguntei a Postmartin que papel ele desempenhava na complexa rede de acordos, em sua maioria não escritos, que constituíam a aplicação das leis da magia na Inglaterra.

– Quando você e Nightingale escrevem relatórios, sou eu quem os lê – disse ele.
– Pelo menos os trechos relevantes.

– Então, você é o chefe de Nightingale? – perguntei.

Postmartin riu.

– Não. Sou o arquivista. O responsável pela organização dos papéis do grande

homem, e dos papéis de todas as criaturas menores que já estiveram sobre os ombros dele desde então. Inclusive você e Nightingale.

Depois de toda essa história, foi muito bom entrar em Broad Street, que tinha, pelo menos, algumas varandas vitorianas e uma Oxfam.

– Por aqui – falou Postmartin.

– Newton era um homem de Cambridge – lembrei. – Por que os papéis dele estão aqui?

– Pelo mesmo motivo que os fez não querer seus trabalhos de alquimia lá – explicou Postmartin. – Depois de morto, o velho Isaac se tornou a estrela radiante da ciência e da razão em Cambridge. Duvido que eles quisessem essa imagem prejudicada pela revelação de que ele era, vamos admitir, um homem complicado em seus melhores momentos.

Oxford seguiu sendo solidamente Tudor, com repentinas explosões de exuberância georgiana, até chegarmos ao pub Eagle and Child em St. Giles.

– Bom – disse Postmartin quando nos sentamos no que ele chamou de “nicho”. – Thomas ainda não está aqui. É sempre mais fácil ter certos tipos de conversa com um xerez na mão.

Quando você é um garoto, sua vida pode ser mensurada por uma série de conversas desconfortáveis relutantemente iniciadas por adultos determinados a dizer coisas que você já sabe ou não quer saber.

Ele pediu o xerez, eu escolhi limonada.

– Suponho que você entenda quanto foi singular e sem precedentes essa decisão de Thomas de aceitar um aprendiz – Postmartin começou.

– As pessoas deixaram isso claro – confirmei.

– Acho que ele devia ter feito isso antes. Quando ficou claro que os relatos de morte por magia haviam sido muito exagerados.

– O que denunciou a presença de magia?

– O rejuvenescimento de Thomas foi uma boa pista – falou Postmartin. – Eu arquivo os relatórios do Dr. Walid, e os trechos que entendo são... estranhos.

– Devo me preocupar? – perguntei. Só recentemente me havia acostumado à ideia de que meu superior havia nascido em 1900 e vinha, de acordo com ele mesmo, rejuvenescendo desde o início da década de 1970. Nightingale acreditava que isso poderia estar relacionado ao aumento geral da atividade mágica desde os

anos de 1960, mas não queria realmente olhar os dentes de um cavalo dado. Eu não o criticava por isso.

– Gostaria de saber – falou Postmartin. Ele enfiou a mão no bolso e me deu um cartão. Nele havia seu número de telefone, e-mail e, me surpreendi ao descobrir, seu Twitter. – Se tiver dúvidas ou preocupações, sabe como entrar em contato comigo.

– E se entrar em contato com você – falei –, o que vai fazer?

– Ouvir suas preocupações. E serei muito solidário.

Pelo menos mais uma hora passou antes de Nightingale juntar-se a nós, e ele bebeu uma cerveja enquanto relatava o que conseguira descobrir. Até onde Nightingale podia determinar, Jason Dunlop não tivera nenhum contato com Geoffrey Wheatcroft durante seu tempo na universidade.

Nightingale havia pensado em pedir uma relação de todos os alunos e professores que haviam estado em Magdalen na mesma época do nosso homem Jason. Mais uma lista de cada aluno que já havia assistido a uma aula de Geoffrey Wheatcroft. O volume de folhas correspondia a um livro de capa dura grande e pesado o bastante para ser usado para bater em um suspeito sem deixar hematomas – se é essa a ideia que você tem da aplicação da lei. Se os dados fossem introduzidos no HOLMES, poderiam ser automaticamente comparados a quaisquer outros nomes que surgissem durante a fase comum do inquérito. A Equipe de Homicídios comandada por Stephanopoulos tinha três funcionários cuja única função era fazer esse tipo de trabalho tedioso, demorado, mas absolutamente vital. O que a Folly tinha? Você pode imaginar o que a Folly tinha, e ele não estava satisfeito com a perspectiva.

Postmartin perguntou o que Nightingale pretendia fazer a seguir.

Nightingale fez uma careta e bebeu mais um gole de cerveja.

– Pensei em recuperar os cartões de biblioteca restantes em Ambrose House. É hora de descobrir de onde vieram os outros livros.

Nightingale me disse para sair da estrada em Junction Five, e seguimos por Stokenchurch que, para mim, parecia um hospital com um belo vilarejo agregado, até virarmos à esquerda em uma avenida B, que logo se tornou uma rua estreita entre paredes verdes de sebes muito antigas.

– Uma grande parte da propriedade é alugada para agricultores locais – contou Nightingale. – O portão está à sua esquerda.

Se ele não me avisasse, eu teria passado direto. A sebe tornou-se de repente uma alta parede de pedra onde havia um largo portão de ferro fundido. Parei o automóvel

e Nightingale desceu, seguido por Toby, para ir destrancar o portão com uma grande chave de ferro. Ele empurrou as duas partes, que se abriram com um clássico rangido de filme de terror. Eu entrei, e Toby aproveitou para demarcar o pilar do portão. Parei e esperei Nightingale entrar no carro, mas ele apontou para onde a alameda descrevia uma curva repentina e sumia atrás de um aglomerado de árvores.

– Encontre-me na esquina – disse ele. – Não é longe.

Ele estava certo. Virei a esquina e lá estava o prédio principal da escola bem na minha frente. Os pneus do Jaguar rangeram sobre o cascalho quando brequei, e eu desci do carro para olhar em volta.

O edifício não era ocupado há cinquenta anos, e dava para perceber. O gramado e os canteiros agora eram mato, espinheiros, brejos cheios de sapos e pasto para vacas, e a casa tinha uma cor cinza envelhecida, com janelas largas e fechadas por tábuas pregadas. Eu esperava alguma coisa gótica, mas aquilo era mais uma obra da Regência que havia escapado da área rural e se espalhado em todas as direções antes de um arquiteto cruel contê-la e devolvê-la à sua estreita largura original. Era abandonado, mas não dilapidado. Era possível ver as calhas limpas e alguns trechos de telhas novas no telhado.

Toby passou correndo, latiu duas vezes para chamar minha atenção e seguiu em frente por uma área de árvores e vegetação alta à esquerda da escola. Evidentemente, ele era um cachorro rural. Nightingale chegou logo depois.

– Tinha esperança de que o lugar houvesse passado por uma reforma – comentei.

– Para ser o quê? – quis saber Nightingale.

– Não sei. Hotel fazenda e centro de conferência, spa, clínica de reabilitação para celebridades?

– Não – Nightingale respondeu depois que expliquei o que era uma clínica de reabilitação para celebridades. – A Folly ainda é dona de toda a propriedade, e o aluguel pago pelos agricultores cobre as despesas de manutenção.

– Por que não foi vendida?

– Houve muita confusão depois da guerra – disse Nightingale. – Quando tudo foi resolvido, eu era a única pessoa com algum tipo de posto oficial. Decidir sozinho a venda da escola me pareceu um pouco... pretensioso.

– Achou que a escola poderia reabrir?

Nightingale se encolheu.

– Estava tentando não pensar na escola.

– O terreno deve valer muito agora – comentei.

– Acha que seria melhor como centro de reabilitação de celebridades?

Eu tinha que admitir que isso era improvável. Apontei as portas principais fechadas com tábuas e presas por um pesado cadeado.

– Tem a chave?

Nightingale riu.

– É aí que você olha e aprende.

Caminhamos até um ponto à esquerda da escada que subia até a porta onde, escondida pelo mato alto, outra escada estreita descia até uma pesada porta de carvalho que, percebi, não tinha correntes nem tábuas. E também não havia ali nenhuma maçaneta visível.

– Veja – disse Nightingale. – O portão noturno. Foi construído para que os lacaios pudessem ir diretamente de seus aposentos para a carruagem de seu senhor antes que ele descesse a escada.

– Típico do século XVIII – falei.

– Exatamente. Mas nos meus tempos de escola nós usávamos a passagem para outra coisa. – Ele apoiou a mão à porta, perto de onde deveria estar a maçaneta, e resmungou alguma coisa em latim. Houve um estalo, depois um rangido. Nightingale empurrou e a porta se abriu. – Havia um toque de recolher, e nós, jovens terríveis que éramos, queríamos sair para beber. Não é fácil escapar de um toque de recolher quando os mestres podem comandar os espíritos da terra e do ar contra você.

– É mesmo? Os espíritos da terra e do ar?

– Era o que eles diziam. E eu acreditava.

– Então, nada de bebida – deduzi.

Nightingale criou uma luz mágica e passou pela porta. Eu não queria ficar para trás, por isso criei minha própria luz e o segui. Ouvi Toby latindo do lado de fora, mas ele parecia relutar em nos seguir. Nossas luzes mágicas iluminavam um corredor curto de tijolos aparentes que me lembrava corredores de serviço semelhantes no subterrâneo da Folly.

– Não até você chegar à sexta forma – respondeu ele. – Quando o aluno era levado à sala comum, o pessoal da sexta ensinava aos novatos o feitiço do portão noturno e todos podiam ir beber. A menos que você fosse Horace Greenway, que não era muito popular entre os veteranos.

Chegamos a um cruzamento em T e seguimos para a direita.

– O que aconteceu com ele?

– Morreu na batalha de Creta – disse Nightingale.

– Queria saber como ele chegava ao pub.

– Ah, um de nós abria a porta para ele.

– E os professores nunca perceberam que vocês saíam?

Chegamos a um lance de degraus de madeira que subiam. Eles estalavam pavorosamente sob nossos pés.

– Os mestres sabiam – disse Nightingale. – Afinal, eles também já haviam passado pela sexta forma.

Quando chegamos a um pequeno corredor revestido de madeira captei um lampejo de *vestigia*, gotas de limão e sherbet, lã molhada e o som de pés correndo. Vi que havia cabides de bronze para casacos nas duas paredes, e bancos cujo tamanho era apropriado para meninos adolescentes sentarem e trocarem seus sapatos. Passei a ponta dos dedos pela madeira, mas, em vez de senti-la, senti o papel áspero de *Beano* e *Eagle*.

– Muitas lembranças – disse Nightingale quando me viu parado.

Fantasmas, eu estava pensando, lembranças... Não sabia se havia uma diferença.

Nightingale abriu uma velha porta de madeira e nós chegamos ao grande salão. As luzes mágicas repentinamente inadequadas revelaram duas escadas enormes, e paredes nuas de pedra que ainda tinham os retângulos desbotados onde fotos emolduradas haviam estado no passado. Com todas as janelas cobertas, estaríamos na mais completa escuridão se não tivéssemos nossas luzes.

– O grande salão – disse Nightingale. – A biblioteca fica no alto da escada sinistra.

Eu me contive antes de perguntar por que ela era sinistra, e então percebi que nos aproximávamos da escada à esquerda. *Sinister* é a palavra em latim para “esquerdo”, o que faz dela o tipo de piada comum em escolas só para meninos, uma verdadeira propaganda a favor da educação mista. Imagine só, se um de seus colegas de escola tivesse tido o infortúnio de se chamar Dexter, “direito” em latim, pensei. Como eles deviam ter rido. Quando estávamos subindo, notei fileiras de nomes entalhados na parede distante, mas, antes que eu pudesse perguntar o que era aquilo, Nightingale estava no corredor e a caminho das frias profundezas da escola.

As paredes eram basicamente de tijolos pintados, com mais marcas retangulares mostrando onde haviam estado as fotografias. Eu havia ajudado minha mãe a limpar muitos escritórios, por isso sabia que a pessoa contratada por Nightingale para fazer a faxina usava um grande aspirador Hoover industrial para limpar os tapetes – era possível ver as faixas e, considerando a poeira acumulada, devia fazer duas semanas que ninguém aparecia para fazer o serviço.

Sem livros, objetos ou mobília, a biblioteca era como qualquer outra sala grande, tornada cavernosa pela iluminação trêmula de nossas luzes. Reconheci os arquivos de cartões pelo contorno embaixo dos lençóis para protegê-los da poeira. A biblioteca comum na Folly tinha dois exatamente iguais àqueles. Na biblioteca da escola havia oito. Felizmente, Nightingale disse que só um arquivo continha os cartões dos livros de magia. Ele manteve sua luz acesa, enquanto eu removia o lençol e abria as gavetas. Não havia poeira e, surpreendentemente, senti pouco *vestigia*.

– Eram livros sobre magia – Nightingale falou quando mencionei esse detalhe. – Não livros mágicos.

Havia cartões de índice comuns com o nome do livro e o número na biblioteca datilografados no topo, e uma lista manuscrita de nomes mostrando quem os havia emprestado e quando. Fomos ao Ryman antes de deixar Oxford e pegamos um pacote gigante de elásticos para eu poder preservar a ordem em que estavam os cartões. Levei eras para analisar todas as gavetas, e acabei com um saco preto de lixo que não era muito mais leve para carregar do que o próprio armário do arquivo.

– Devíamos ter levado o móvel todo de uma vez – falei, mas Nightingale lembrou que ele era parafusado às tábuas do piso.

Apoiei o saco de lixo sobre um ombro e, cambaleando um pouco, segui Nightingale de volta ao salão principal. Aproveitei a oportunidade para perguntar sobre os nomes na parede.

– São dos mortos homenageados – Nightingale respondeu. Ele me levou à escada do lado direito e apontou sua luz para os primeiros nomes. – Campanha da Península – disse. Havia ali um punhado de nomes. – Campanha Waterloo. – Só um nome. Meia dúzia para a Crimeia, dois para a Revolta dos Sipais, talvez mais vinte nomes espalhados por uma lista de guerras coloniais do século XIX, um total maior que os menos de vinte mortos na Primeira Guerra Mundial.

– Havia um acordo entre nós e os alemães para que não fosse usada magia – contou Nightingale. – Escapamos dessa.

– Aposto que isso o tornou muito popular – eu disse.

Nightingale apontou sua luz em outra direção para mostrar os mortos da Segunda Guerra homenageados naquela parede.

– Lá está Horace – comentou ele, iluminando a inscrição: Horace Greenway, Kastelli, 21 de maio de 1941. – E lá estão Sandy e Champers e Pascal. – A luz percorria as fileiras de nomes, relacionados como baixas em Tobruk e Arnhem e outros lugares que eu lembrava vagamente das aulas de história. Mas muitos deles estavam relacionados entre os mortos em um lugar chamado Ettersberg, em 19 de janeiro de 1945.

Deixei o saco de lixo no chão e criei uma luz mágica suficientemente brilhante para ver a sala toda – o memorial cobria duas paredes inteiras do teto ao chão. Devia haver milhares de nomes.

– Lá está Donny Shanks, que escapou do cerco a Leningrado sem um arranhão e depois foi atingido por um torpedo, e Smithy at Dieppe e Rupert Dance, ou Dance Traseiro Preguiçoso, como costumávamos chamá-lo.

A voz de Nightingale falhou. Virei e vi lágrimas correndo por seu rosto, e desviei o olhar.

– Em alguns dias tudo isso parece muito distante, e em outros... – ele comentou.

– Quantos? – perguntei antes de conseguir me conter.

– Dois mil, trezentos e noventa e seis – Nightingale respondeu com precisão. – Três a cada cinco magos britânicos em idade de serviço militar. Muitos dos que sobreviveram foram feridos ou ficaram em estado mental tão lamentável que nunca mais praticaram. – Ele fez um gesto, e sua luz mágica saltou e pairou sobre a mão. – Acho que já perdemos muito tempo no passado.

Deixei minha luz se apagar, joguei o saco de lixo sobre um ombro e o segui. Quando estávamos saindo, perguntei quem havia entalhado os nomes.

– Eu – respondeu Nightingale. – O hospital nos incentivou a adotar um hobby. Escolhi entalhe em madeira. Não contei a eles por quê.

– Por que não?

Voltamos aos corredores de serviço.

– Os médicos já estavam preocupados com minha morbidez.

– Por que entalhou os nomes?

– Ah, alguém tinha que fazer isso, e até onde eu podia ver, eu era o único ainda ativo. E também tinha aquela ideia ridícula de que isso poderia me ajudar.

– Ajudou?

– Não. Não realmente.

Saímos pelo portão noturno e fomos ofuscados pela luz da tarde. Eu havia esquecido que ainda era dia fora da escola. Nightingale fechou o portão atrás de nós e me seguiu escada acima. Toby havia ido dormir no capô do Jaguar, cujo metal o sol havia aquecido. Era possível ver as marcas de lama que ele deixara na pintura. Nightingale enrugou a testa.

– Por que temos esse cachorro? – perguntou.

– Ele diverte Molly – respondi, e joguei os cartões de arquivo no banco de trás. Toby acordou com o som da porta e, obediente, voltou ao banco traseiro, onde adormeceu prontamente. Nightingale e eu afivelamos o cinto de segurança, e eu liguei o motor. Olhei pela última vez para as janelas da velha escola quando manobrei o Jaguar para voltar a Londres.

Estava escuro quando entramos na M25 para enfrentar o trânsito da hora do rush. Grandes nuvens cinzentas se juntavam vindo do leste, e logo os primeiros pingos de chuva caíam sobre o para-brisa. Os antiquados controles do Jaguar eram sólidos como rocha, mas os limpadores eram uma desgraça.

Nightingale fez a viagem de volta com o rosto virado para o lado, olhando pela janela. Não tentei puxar conversa.

Estávamos chegando ao Westway, quando meu telefone tocou. Atendi e pus a ligação no viva voz. Era Ash.

– Posso vê-la – ele gritou. Ao fundo, ouvi barulho de uma multidão e uma melodia cadenciada.

– Onde você está?

– No Pulsar Club.

– Tem certeza de que é ela? – perguntei.

– Alta, magérrima, pálida, longos cabelos negros. Tem cheiro de morte – acrescentou Ash. – Quem mais poderia ser?

Disse a ele para não se aproximar e avisei que estava a caminho. Nightingale pôs a mão para fora na chuva e prendeu a luz giratória sobre o teto do carro, e eu comecei a ganhar velocidade.

Todo homem acha que é um excelente motorista. Todo policial que já teve que pegar um globo ocular em uma poça sabe que a maioria está se enganando. Dirigir

no trânsito é difícil, estressante e muito perigoso. Por causa disso, a Polícia Metropolitana tem uma escola de direção mundialmente famosa em Hendon, onde uma série integrada de avançados cursos de pilotagem é criada para treinar oficiais e capacitá-los para promover uma perseguição em uma rua da cidade e manter a contagem de corpos em números de um dígito.

Quando saí da Westway e entrei no tráfego pesado na Harrow Road, eu realmente desejei ser um deles. Nightingale, como meu oficial sênior, não deveria ter me deixado dirigir. Mas ele nem devia saber que existia uma coisa chamada curso avançado de direção. Ou mesmo um exame de motorista, considerando que o teste só se tornara obrigatório em 1934.

Entre em Edgware Road e a velocidade caiu para menos de quarenta quilômetros, mesmo com todos os motoristas de consciência pesada se esforçando para sair da minha frente. Aproveitei a oportunidade para ligar para Ash. Disse a ele que estávamos a menos de dez minutos.

– Ela está a caminho da porta – Ash respondeu.

– Tem alguém com ela?

– Um homem.

Merda, merda, merda... Nightingale pensava muito mais depressa que eu. Ele tirou um rádio do porta-luvas e digitou um número – impressionante, considerando que eu havia ensinado a ele como usar o aparelho uma semana atrás.

– Vá atrás dela – falei ao telefone –, mas não desligue e não se arrisque.

Esperei até Marble Arch para virar à direita – a Oxford Street é restrita a ônibus e táxis, e eu contava com sua relativa tranquilidade para cortar caminho, em vez de percorrer o estranho sistema de vias de mão única em torno da Bond Street.

– Stephanopoulos está a caminho – disse Nightingale.

Perguntei a Ash onde ele estava.

– Saindo da boate. Ela está a cinco metros de mim.

– Indo em que direção?

– Para Piccadilly – ele disse.

Determinei a localização em minha cabeça.

– Sherwood Street – disse a Nightingale, que passou a informação para Stephanopoulos. – Indo em direção ao sul.

– O que faço se ela atacar o namorado? – Ash perguntou.

Desviei de um ônibus parado na rua com o pisca-pisca aceso, e a luz giratória sobre o carro iluminou o rosto dos passageiros que, pela janela, me viram passar.

– Fique longe dela – falei. – Espere por nós.

– Tarde demais – Ash respondeu. – Acho que ela me viu.

Os instrutores da autoescola não teriam ficado contentes se me vissem ultrapassar os faróis vermelhos em Oxford Circus e fazer uma curva à direita derrapando e cantando pneus, entrando na Regent Street e deixando para trás um rastro de fumaça azul.

– Em frente – falou Nightingale.

– A boa notícia – Ash continuou – é que ela liberou o pobre rapaz.

– Eles estão quase em Denham Street – Nightingale avisou, referindo-se à polícia local. – Stephanopoulos está mandando a equipe cercar a área.

Quase gritei quando um motorista obviamente surdo e mudo em um Ford Mondeo decidiu parar na minha frente. Felizmente, as coisas que gritei para ele se perderam em meio ao barulho da sirene.

– A má notícia – Ash anunciou – é que ela está vindo em minha direção.

Eu o mandei correr.

– Tarde demais – foi a resposta.

Ouvi um chiado, um grito e o barulho de um celular arremessado contra uma superfície dura.

Entrei na Glasshouse Street fazendo a curva em duas rodas, o que juro que me rendeu aplausos dos pedestres e um latido assustado de Toby, que bateu contra a porta do passageiro. Havia um motivo para o Jaguar Mk II ser o carro de fuga favorito dos malfeitores e do Esquadrão Voador, e o Jaguar de Nightingale sem dúvida havia sido feito para uma perseguição. E foi por isso que, quando a traseira do carro estabilizou, pude pisar fundo e chegar aos noventa por hora em poucos segundos.

Então, o que eu pensava ser o reflexo da nossa luz giratória se configurou como as luzes de uma ambulância, e todos nós descobrimos como eram bons os freios a disco nas quatro rodas. A resposta foi imediata. Se houvesse um airbag no carro, agora eu o estaria comendo. Em vez disso, tinha um terrível hematoma no peito do cinto de segurança, mas só notei isso mais tarde, porque saí do automóvel e corri

pela Sherwood Street em velocidade suficiente para acompanhar a ambulância. Ela parou, eu não.

Um lado da Sherwood Street era uma arcada ladrilhada com cerâmica no estilo da década de 1950 que, tendo sido projetada para parecer um banheiro público, era usada como tal, talvez de maneira justificável, pelos bêbados que ficavam na rua até tarde da noite. Até onde a Equipe de Homicídios conseguiu reconstruir mais tarde, tudo indicava que a comedora de pênis planejava levar sua última vítima para as sombras para uma vasectomia improvisada.

Encontrei Ash prostrado no meio de um círculo de cidadãos preocupados, dois deles tentando acalmar o pobre rapaz que se retorcia no chão. Havia sangue nele, nos cidadãos preocupados e na estaca de ferro de meio metro cravada em seu ombro.

Consegui abrir espaço gritando “polícia!” para as pessoas ali aglomeradas, e tentei colocá-lo na posição de recuperação.

– Ash, eu disse que era para ficar longe dela – falei.

Ash parou de se debater pelo tempo necessário para olhar para mim.

– Peter – disse ele. – A vadia me atacou com uma grade.

A Imperatriz do Prazer

Os homens e mulheres do serviço de ambulâncias de Londres não eram propensos à histeria, considerando que passavam seus dias removendo vítimas de acidentes de carro fatais, tentativas de suicídio bem-sucedidas e frustradas e gente que, “acidentalmente” caía na frente de um trem. Uma rotina diária feita de dor e infortúnio acaba forjando personalidades fortes e pragmáticas. Resumindo, o tipo de pessoa que você quer no comando da sua ambulância no meio da noite. A paramédica na ambulância de Ash era uma mulher de meia idade, com cabelos curtos e práticos e sotaque neozelandês. Mas, alguns minutos depois de partirmos, notei que ela começava a perder a compostura.

– A vadia – Ash gritou –, a vadia me furou com uma grade!

Mais ou menos meio metro de ferro forjado arrancado de um belo pedaço de cerca vitoriana, considerando o trabalho preciso de serralheria e soldas. Para o meu olhar destreinado, a impressão era de que a lança havia atravessado seu coração. Ash não parava de se debater e gritar.

– Segure-o – gritou a paramédica.

Agarrei os braços de Ash e tentei contê-lo em cima da maca.

– Não pode dar alguma coisa a ele? – perguntei.

A paramédica me olhou de um jeito transtornado.

– Dar alguma coisa? – repetiu. – Ele devia estar morto.

Ash soltou um braço da minha mão e agarrou o pedaço de ferro.

– Tire isto daqui – ele gritou. – É ferro frio, *tire daqui!*

– Podemos puxar? – perguntei.

A paramédica perdeu o controle.

– Você é maluco?

– Ferro frio – disse ele. – Está me matando.

– Vamos tirar no hospital – falei.

– Nada de hospital – Ash protestou. – Preciso do rio.

– O Dr. Walid vai estar lá – eu disse.

Ash parou de se debater e agarrou minha mão. Ele me puxou para mais perto.

– Por favor, Peter, o rio – insistiu.

Polidori fala sobre o ferro frio ter um *efeito deletério sobre os encantados e seus muitos primos*, mas imaginei que ele inventava isso ou declarava o óbvio. Ferro frio tem um efeito deletério sobre qualquer pessoa, se você o enfiar no corpo de alguém.

– Por favor – pediu Ash.

– Vou tirar isso dele – avisei.

A paramédica disse que considerava minha decisão inadequada e que, simplesmente por considerar essa possibilidade, eu era uma pessoa anatomicamente incompleta de baixa inteligência e com uma tendência para o autoabuso.

Segurei a estaca com as duas mãos. O sangue a deixava escorregadia. Ash percebeu o que eu fazia e ficou rígido. Quando tirei a barra de ferro, não foi o barulho de tecido rasgando que me incomodou – o som foi encoberto pelo grito de Ash. O que não vou esquecer é de ter sentido a vibração do osso raspando a beirada áspera do ferro.

O jato de sangue atingiu meu rosto. Senti cheiro de cobre e, estranhamente, de uma mistura de *greasepaint*, um tipo de maquiagem usada por atores, e ozônio. A paramédica me empurrou e eu caí para trás quando a ambulância fez uma curva. Ela começou a cobrir com gaze os ferimentos de entrada e saída e a segurá-los no lugar. As bandagens ficavam vermelhas e encharcadas de sangue antes mesmo de ela terminar. Enquanto trabalhava, ela resmungava palavras.

Ash havia parado de se debater, estava silencioso. Seu rosto havia ficado pálido e sem tônus muscular. Rastejei pela ambulância até conseguir enfiar a cabeça na cabine do motorista. Subíamos a Tottenham Court Road – menos de cinco minutos distante do hospital.

O motorista tinha a minha idade, era branco, magro, e usava um brinco de crânio e ossos em sua orelha.

Disse a ele para voltar, e ele me mandou para o inferno.

– Não podemos levá-lo ao hospital – falei –, ele tem uma bomba.

– O quê? – gritou o motorista.

– Ele pode estar preso a uma bomba – eu disse.

O homem pisou no breque e eu fui arremessado de cabeça para o interior da cabine. Ouvi o grito frustrado da paramédica no fundo da ambulância, e vi o motorista abrir a porta e sair correndo pela rua.

Esse é um bom exemplo da razão pela qual você não deve usar a primeira mentira que passa por sua cabeça.

Pulei no assento vazio, fechei a porta, engatei a marcha da ambulância e lá fomos nós.

O serviço de ambulância de Londres usa uma frota de vans Mercedes Sprinter que são como as Sprinter comuns, mas com duas toneladas de equipamento na parte de trás e uma suspensão que evita que o motorista mate o paciente cada vez que passa sobre uma lombada.

E também tem várias telas de LCD, botões e seletores que eu, pelo bem da simplicidade, simplesmente ignorei. Por isso ainda fazíamos barulho e iluminávamos a rua toda quando passamos pela entrada de ambulâncias do UCH e seguimos pela Gower Street em direção ao rio.

Foi mais ou menos nessa hora, de acordo com o registro de chamadas, que a paramédica usou seu Airwave para reportar que a ambulância havia sido sequestrada por um fugitivo da ala psiquiátrica que fingia ser policial.

Não há nada como dirigir um veículo de emergência com uma luz giratória na capota e uma sirene projetada para penetrar o casulo de iPod e sistema de som em que vivem muitos motoristas e assustar pedestres aleatórios, empurrando-os de volta para a calçada. Moisés abrindo o Mar Vermelho devia ter se sentido como eu me sentia quando atravessei o cruzamento da High Holborn com a Endell Street, com um breve momento de déjà vu quando descii a Bow Street e passei pelo andaime que marcava o local onde ainda eram feitos os reparos dos danos causados à Royal Opera House.

É fácil se confundir tentando ir para o sul a partir de Covent Garden. Todas as vias eram fechadas com correntes e bloqueadas para não se tornarem rotas de fuga de ratos do tráfego, mas eu havia passado dois anos patrulhando a área de Charing Cross, então, sabia onde estavam as passagens. Virei à direita em Exeter Street e à esquerda em Burleigh Street, o que fez a paramédica no fundo gritar comigo de novo. O que foi desnecessário, já que eu sentia que finalmente começava a dominar os complicados comandos da ambulância.

- Como ele está? – gritei por cima do ombro.
- Sangrando até morrer – a mulher gritou de volta.

Passei por entre alguns carros na Strand antes de atravessar o fluxo do tráfego e entrar na Savoy Street, uma via estreita que segue diretamente até o rio, a oeste da Ponte Waterloo. Era difícil encontrar vagas para estacionar no centro de Londres, e as pessoas costumavam parar seus carros nas ruas sem pensar que um veículo mais largo e pesado poderia passar por ali dirigido por alguém não muito confiante. Dito isso, o total dos danos causados ficou abaixo dos vinte mil – na maioria pintura arranhada, espelhos laterais arrancados, laterais amassadas e algumas bicicletas de corrida que nunca deviam ter sido deixadas presas a um suporte sobre a capota. Sem contar os estragos na ambulância que, tenho certeza, foram totalmente superficiais.

Cheguei ao fim da rua e ao Embankment, virei à direita e parei a ambulância na frente do píer Savoy. Pulei do assento do motorista para o fundo da ambulância, onde a paramédica me olhou com ódio perplexo.

Ash quase não respirava, e a bandagem em seu peito estava completamente encharcada de sangue. Quando pedi para a paramédica abrir a porta, por um momento pensei que ela ia me agredir, mas ela soltou a trava e empurrou as portas. Não me ajudou a tirar Ash do veículo, e eu não tinha tempo para decifrar como destravar a maca e tirá-la dos trilhos, por isso o joguei sobre um ombro e saí correndo pela garoa.

Escolhi o píer Savoy por duas razões. Estava desativado, por isso eu não teria que passar por cima de um barco para chegar ao rio, e havia ali uma boa rampa de acesso que teria sido perfeita para empurrar a maca, se eu tivesse conseguido tirar aquela coisa da ambulância. Em vez disso, tive que subir com dificuldade a rampa até o portão com Ash sobre um ombro. Ele era um cara grande e saudável, e eu já me imaginava alguns centímetros mais baixo quando alcançasse o Tâmesa. No topo da rampa tem uma construção que lembra uma cabine de telefone aberta, instalada para impedir que turistas, bêbados e criminosos comuns corram direto para o píer.

Parei para respirar e percebi que, acima do barulho da sirene da ambulância, eu podia ouvir outras sirenes se aproximando. Olhei para um lado e para o outro do Embankment, e vi luzes azuis piscando e se aproximando dos dois lados. Espiei por cima do parapeito e vi que a maré estava baixa, o que significava que pular por cima dele seria mergulhar de uma altura de três metros sobre pedras e lodo. Olhei para a cabine. Ainda havia a fechadura de metal de que eu me lembrava. Minha intenção era uma ação sutil, mas como eu não tinha mais tempo, explodi a porta e a arranquei das dobradiças.

Quando descia a rampa correndo, ouvi as viaturas de emergência brecando com estardalhaço e uma mistura de grunhidos, gritos e estática de rádio que geralmente anunciam que o Velho Bill chegou para pegar alguém. Quando atravessassei correndo a largura do píer, alguma coisa me acertou com força nas coxas. A grade de segurança, percebi tarde demais, e mergulhei de cabeça no Tâmis.

A Deusa do Rio lhe dirá orgulhosa que o Tâmis é, oficialmente, o rio industrial mais limpo da Europa, mas a água não é tão limpa que você queira bebê-la. Subi à tona arfando, sentindo na boca um gosto metálico.

Uma sombra escura flutuava no rio a um metro de mim. Ash boiando de costas.

Eu usava um par de botas Dr. Martens sempre que estava trabalhando. São bonitas, resistentes e, o que é crucial, conservam parte daquela adequação de filme de horror para chutes e pontapés, o que faz de uma DM o calçado preferido de todo skinhead e encenqueiro de torcida de futebol. Por outro lado, elas são pesadas, e você não vai querer usá-las quando tiver que nadar. Eu as tirei e nadei em direção a Ash. Ele parecia estar muito mais animado que eu. Consegui ouvir sua respiração, e ela soava mais forte que antes.

– Ash? – chamei. – Está se sentindo melhor?

– Muito melhor – ele disse, lânguido. – A água é um pouco salgada, mas morna e agradável.

Para mim, a água era gelada o bastante para congelar o sangue. Olhei para o píer e vi meus colegas policiais apontando suas lanternas para a água, mas não tinha problema, porque a maré continuava vazando e Ash e eu já estávamos duzentos metros correnteza abaixo. Bem, não teria problema até que fôssemos jogados no Mar do Norte, ou eu morresse de hipotermia ou afogado – ou, mais provavelmente, de uma excitante combinação dos três fatores.

A correnteza nos levou sob os arcos da Ponte Waterloo.

– Você não me falou que ela era uma dama pálida – Ash comentou.

– Quem é a dama pálida? – perguntei.

– A dama da morte – ele disse, e depois falou alguma coisa em uma língua que parecia um pouco com o galês, mas não devia ser.

– Ei – chamou uma voz próxima. – O que estão fazendo no rio? – Jovem, feminina, de classe média, mas com as vogais marcadas provenientes de ter pais que acreditam em educação, ou... Essa era uma das meninas da Mãe Tâmis.

– Essa é uma pergunta difícil – gaguejei. – Eu estava saindo de Oxford e dirigia

de volta para casa, mas Ash me telefonou, e a partir daí tudo ficou muito maluco. O que você está fazendo no rio?

– É nosso turno na rota – disse uma segunda voz quando emergimos do outro lado da ponte.

Ash flutuava satisfeito, e eu me perguntei se era o único com dificuldade para manter uma conversa e nadar ao mesmo tempo. Alguma coisa morna roçou em minha perna e eu me virei a tempo de ver a cabeça de uma garota emergir da água. Era difícil vê-la claramente apenas com as luzes da margem, mas reconheci o formato felino dos olhos e o queixo forte que ela herdara da mãe.

– O que vocês são? Salva-vidas? – perguntei.

– Não exatamente – ela respondeu. – Se você sair sozinho do rio, muito bem. Se não, você pertence à Mamãe.

A primeira garota voltou à tona mais uma vez e se elevou até estar com água na altura da cintura, tão firme quanto se pisasse terra firme. Notei que ela vestia um maiô com o logotipo da Orca no peito. A luz que iluminava seu rosto era suficiente para eu reconhecê-la: Olympia, vulgo Counter's Creek, uma das filhas mais novas de Mãe Tâmis, o que significava que a outra era sua irmã gêmea, Chelsea.

– Gosta deste maiô? – Olympia perguntou. – É Neoprene. O melhor que se pode comprar.

– Pensei que preferissem nadar sem roupa – respondi. Beverly, a irmã mais velha, nadava nua no rio na última vez que a vi.

– Vai sonhando – disse Olympia.

Chelsea emergiu do outro lado de Ash.

– Achei que havia sentido cheiro de sangue – disse ela. – Como vai, Ash?

– Muito melhor agora – respondeu ele, sonolento.

– Acho que precisamos levá-lo de volta para a mamãe – opinou ela.

– Ele me pediu para trazê-lo para o rio – contei. Minhas pernas estavam ficando muito cansadas, e quando olhei em volta descobri que a margem estava muito mais longe. A correnteza me arrastava para o canal central.

– O que você quer? Uma medalha? – perguntou Chelsea.

– Uma carona de volta à margem? – sugeri.

– Não é assim que funciona – Olympia avisou.

– Mas não se preocupe – disse Chelsea. – Se você afundar pela terceira vez, estarei esperando.

E então, com um estalo abafado e inexpressivo, as três desapareceram sob a superfície.

Nesse momento eu disse uma longa sequência de palavrões, e teria xingado por mais tempo se não estivesse morrendo congelado. Tentei determinar que margem estava mais perto. Era difícil, porque a combinação de maré e correnteza me levava na direção da ponte Blackfriars.

*

A mesma ponte sob a qual Roberto Calvi, o Banqueiro de Deus,² foi estrangulado – um presságio não muito promissor para mim. Eu estava congelando, tentando lembrar o treinamento de sobrevivência na água que fazia parte do curso de natação na escola primária. Minhas pernas estavam pesadas e os braços doíam e, até onde eu podia ver, nenhuma das margens estava mais próxima.

É muito fácil morrer no Tâmis; muitas pessoas conseguem todos os anos. Eu começava a ter medo de ser uma delas.

Nadei para a margem sul, onde ficava a rua e era mais provável que houvesse gente para me ajudar. Além do mais, a Torre Oxo era um conveniente ponto de referência. Não tentei lutar contra a corrente, e concentrei o que me restava de força na tentativa de chegar à margem.

Nunca fui um nadador resistente, mas se a alternativa é entrar para as estatísticas, é surpreendente o que se pode fazer com uma reserva de energia. O mundo se contraiu à minha volta até não haver nada além do peso frio de minhas roupas, a dor nos braços e um ou outro tapa na cara de uma onda que me deixava ofegante e tossindo.

Mãe Tâmis, supliquei, você me deve essa: leve-me até a margem.

De repente percebi que meus braços não estavam funcionando bem, e que ficava mais difícil até manter o rosto fora da água.

Mãe Tâmis, pedi novamente, por favor.

Em algum ponto a maré mudou, e eu me senti sendo levado correnteza acima até me chocar contra uma elevação aleatória que me fez parar e me empurrou com delicadeza para a margem de lama do Tâmis. Arrastei-me derrapando margem acima, subi tanto quanto pude, e então rolei e me deitei de costas. Olhei para as nuvens de chuva lá em cima, pintadas pelas luzes da cidade com um entediado

vermelho sódio, e pensei que, de todas as coisas que eu nunca mais queria fazer, essa estava perto do topo da lista. Sentia tanto frio que meus dedos dos pés e das mãos estavam entorpecidos, mas eu tremia, o que imaginei ser um bom sinal, porque tinha aquela vaga noção de que é quando para de tremer que você tem que se preocupar de verdade. Decidi que podia ficar ali mesmo e recuperar o fôlego, ou talvez dormir um pouco. Havia sido um longo dia.

Diferente do que você pode ter escutado, é quase impossível ficar prostrado e gemendo em um local público de Londres sem atrair uma multidão de supostos bons samaritanos – mesmo que esteja chovendo.

– Você está bem, cara?

Havia pessoas no parapeito sobre mim. Olhei para os rostos curiosos de onde eu estava deitado. Pessoas úteis com telefones celulares que, eu esperava, ligariam para a polícia que, por sua vez, provavelmente me pediriam ajuda no inquérito sobre uma ambulância sequestrada.

Não se meta nos assuntos dos magos, pensei, porque são complexos e difíceis de esclarecer.

Pensei em correr, mas a paramédica e o motorista da ambulância podiam me identificar e, de qualquer maneira, eu estava cansado demais para me mexer.

– Aguarde aí, cara – disse a voz acima de mim. – A polícia está a caminho.

Os policiais demoraram cinco minutos para chegar, o que não era tão ruim em termos de tempo de resposta. Fui envolto em um cobertor e acomodado no banco traseiro de uma viatura, onde relatei que havia caído no rio quando perseguia um suspeito e acabara sendo levado pela correnteza. Eles não me fizeram as perguntas habituais sobre meu suspeito imaginário, o que achei estranho, até que vi o Jaguar parar ao lado da viatura e compreendi que Nightingale já havia criado uma versão plausível para os fatos.

Quando passávamos pela ponte Waterloo já no caminho de volta, ele me perguntou se Ash estava certo.

– Acho que sim – respondi. – Chelsea e Olympia não pareciam preocupadas.

Nightingale assentiu.

– Bom trabalho – disse.

– Não estou encrocado? – eu quis saber.

– Está – ele avisou. – Mas não comigo.

Mas na manhã seguinte, ele me fez levantar e treinar o dobro do tempo – o filho da mãe.

Depois do treino, levei a edição de capa dura de Oxford para a caverna tecnológica, onde a joguei sobre uma *chaise longue* e tentei fingir que ela não existia. Introduzir todos aqueles dados ia dar muito trabalho e, provavelmente, nem valeria a pena. Quando descobri que Lesley havia mandado três e-mails falando do insuportável tédio de uma pequena cidade litorânea fora de temporada, tive uma daquelas ideias boas e estúpidas ao mesmo tempo. Respondi perguntando se ela queria fazer esse trabalho de digitação de dados. Ela disse que sim, e eu chamei o serviço de entregas e providenciei para que a cópia fosse retirada e levada até ela de moto. Como não é possível pedir a alguém como Lesley, mesmo entediada como estava, para fazer alguma coisa tão aborrecida sem dar uma explicação, resumi rapidamente para ela quem era Jason Dunlop e como procurávamos conexões dele com Geoffrey Wheatcroft.

Livros perdidos de magia, ela escreveu. *Digitação de dados. Estou muito triste.*

Serve para se ocupar, respondi.

Ela não respondeu.

O Dr. Walid havia me mandado alguns arquivos jpeg do que pareciam ser fatias finas de couve-flor, mas que o texto anexo explicava serem secções do cérebro de Michael “the Bone” Adjayi. Quando ampliadas, elas mostravam a reveladora lesão neurológica indicativa de degradação hipertaumatórgica – que é o que mata quem faz magia demais. Além disso, como aprendemos em nosso último caso importante, também é o que acontece se algum filho da mãe usa você para fazer magia por procuração. É claro que testemunhas e depoimentos são importantes, mas nada supera a evidência física empírica. Na verdade, nem é tão claro assim, porque muitos policiais acreditam que a palavra *empírico* tem alguma coisa a ver com Darth Vader, mas deveria ser claro. Para ser ainda mais contundente, o Dr. Walid incluiu imagens de secções do cérebro de Cyrus Wilkinson para fazer a comparação. A lesão era idêntica.

Essa era a prova de que Mickey the Bone havia usado o mesmo método que Cyrus Wilkinson. Eu só queria entender por quê.

Fiz o pacote da remessa para Lesley e o entreguei a Molly com instruções claras sobre não morder o mensageiro que viria retirá-lo.

De volta à garagem, encontrei um bilhete dobrado e preso ao para-brisa do Jaguar, embaixo do limpador. A caligrafia surpreendentemente deselegante de Nightingale anunciava: *O uso não supervisionado do Jaguar está suspenso até que*

a carteira de motorista seja apresentada. Então, Nightingale sabia sobre os cursos de direção, afinal.

Usei o Asbo. Ele é mais veloz mesmo.

Cheam fica no sudoeste de Londres, no ponto mais extremo onde você pode chegar sem sair da capital. É outro típico vilarejo da periferia londrina que conseguiu, em pouco tempo, uma estação de trem, algumas luxuosas casas vitorianas e, finalmente, um sufocante cobertor de construções em falso estilo Tudor erguidas na década de 1930. Cheam é o que o cinturão verde deveria evitar que acontecesse com o resto do sudeste da Inglaterra. Fotos de Cheam enfeitavam as paredes dos gabinetes de planejamento de todas as prefeituras para servir como um terrível aviso. E isso foi *antes* de qualquer indivíduo negro se mudar para a área.

Chez Adjayi era uma ampla vila eduardiana localizada em uma via repleta de variações do mesmo tema. Com exceção de um oval de folhagens, o jardim frontal havia sido cimentado para melhor acomodar os grandes carros alemães convenientemente estacionados na frente da casa. Pai e mãe haviam imigrado no fim da década de 1960, conseguiram empregos para os quais tinham qualificações demais e compraram uma propriedade negligenciada em uma área relativamente depreciada, e agora viviam dos rendimentos gerados pelo crescimento da propriedade. O pai usava ternos condizentes com sua posição e era o homem da casa, a mãe tinha um quarto cheio de pares de sapatos e três telefones celulares. Esperava-se que os filhos se tornassem médicos, advogados ou engenheiros em ordem decrescente de preferência.

Uma jovem mais ou menos da minha idade abriu a porta. Imaginei que fosse uma das irmãs ou uma prima próxima. Notei a mesma testa larga, as maçãs do rosto altas e o mesmo nariz chato, apesar de o rosto ser mais rechonchudo e redondo que o de Michael e de ela usar óculos de leitura com armação preta em formato meia lua. A mulher sorriu ao me ver, mas o sorriso desapareceu quando me identifiquei. Ela vestia short de corrida e blusa de moletom. Senti cheiro de suor e cera para móveis. Quando ela me deixou entrar, vi que o Hoover ocupava um lugar no meio do hall e que as fotos emolduradas nas paredes haviam sido limpas e polidas.

Perguntei o nome dela.

– Martha – disse a jovem, e ela deve ter percebido que me encolhi, porque ela riu. – Sim, eu sei. Estou na cozinha – disse, e me levou até lá. Era uma cozinha grande com uma mesa de carvalho que era europeia, mas estava coberta de painéis, utensílios e bacias de plástico cheias de mandioca e bacalhau, que eram o mais puro oeste da África.

Recusei chá e biscoitos, e nos sentamos na ponta da mesa.

– Minha mãe está no hospital – disse Martha. – Estou fazendo a faxina. – Ela não precisava ter explicado. Muita gente da família de minha mãe em Londres havia morrido ao longo dos anos, eu sabia como as coisas funcionavam. Assim que a notícia sobre a morte de Michael Adjayi se espalhasse, os parentes começariam a chegar, e que Deus ajudasse Martha se a casa não estivesse impecável quando eles aparecessem.

– Ele era o filho mais velho? – perguntei.

– O único filho – Martha respondeu com amargura. – Tenho outras duas irmãs. Elas não moram mais aqui.

Assenti para demonstrar que entendia. Filho preferido, as meninas trabalham, mas o menino leva o nome adiante.

– Há quanto tempo ele tocava jazz?

– Mickey? Desde sempre – Martha respondeu.

– Acha que ele era bom?

– Ele era brilhante.

Perguntei se os pais dela se incomodavam por ele ser músico, mas a jovem explicou que Mickey escondia a atividade.

– Ele frequentava a Queen Mary's, leitura da lei. Imaginava que assim teria pelo menos quatro anos para ficar famoso.

E quando fosse famoso, mãe e pai não se incomodariam – desde que ele também fosse rico. Era evidente que Martha considerava o plano viável. Perguntei sobre a vida amorosa de Mickey e, aparentemente, também não havia problemas nessa área – ou, pelo menos, não havia tantos problemas quanto poderia haver.

– Garota branca? – perguntei.

– Sim – disse ela. – Mas Cherie era legal e rica, e isso amenizou o golpe para papai e mamãe.

Martha não tinha detalhes sobre a namorada do irmão, mas prometeu que perguntaria aos pais quando eles voltassem. Ela não conseguia pensar em ninguém que quisesse o mal de Mickey, ou em alguma coisa suspeita.

– Ele simplesmente saiu de casa uma tarde – ela acrescentou –, e voltou morto.

Quando voltava de Cheam, recebi um telefonema da Srta. Ghosh da União dos

Músicos. Ela queria me contar sobre a nova onda de jazz anglo-indiano que chegava de Mumbai ultimamente. Eu a deixei falar – era melhor que o rádio.

– Enfim – ela disse depois de um tempo –, houve um caso. Um associado chamado Henry Bellrush, morreu repentinamente depois de uma apresentação. Lembrei porque o encontrei algumas vezes, e ele sempre me pareceu saudável e em boa forma física. Maratona de Londres... esse tipo de coisa.

Ela me forneceu o endereço. Ficava em Wimbledon, e como eu ainda estava do lado sul do rio, fui para lá. Além do mais, tinha certeza de que, mais cedo ou mais tarde a história do sequestro da ambulância ia acabar caindo sobre minha cabeça. Eu não estava com pressa de voltar e enfrentar o problema.

*

– Não tenho certeza de que entendo realmente o que veio fazer aqui – disse a Sra. Bellrush quando me ofereceu uma xícara de chá.

Peguei a xícara e o pires – porcelana das visitas, percebi – e os acomodei sobre as pernas. Não ousava deixá-los em cima da imaculada mesinha de mogno, e equilibrar o chá precariamente sobre o braço do sofá estava fora de cogitação.

– De vez em quando revemos os casos de morte ocorridos fora dos hospitais – falei.

– Por quê? – perguntou a Sra. Bellrush, e se sentou na minha frente, acomodando as pernas unidas do lado esquerdo. Anita Bellrush, viúva de Henry “os Lábios” Bellrush, tinha cinquenta e poucos anos, vestia calça roxa e blusa de seda branca passada com capricho. Os cabelos eram claros e os olhos eram azuis e estreitos. Ela morava em uma casa de tijolos típica da década de 1930, com janelas panorâmicas que é possível encontrar em todos os bairros do subúrbio da Inglaterra. Porém, essa casa ficava em Wimbledon. A mobília era de mogno sólido coberta por uma camada de toalhinhas, e havia poltronas de estampa floral e cerâmica Dresden. Era chintz, mas não do tipo que eu estava acostumado a ver nas casas de mulheres sozinhas cercadas de gatos. Talvez fosse a atitude da Sra. Bellrush, ou seus duros olhos azuis, mas tive a clara impressão de que aquele chintz era agressivo, guerreiro, o tipo de chintz que saía para conquistar o Império e ainda tinha o bom gosto para se vestir bem para o jantar. Se algum móvel moderno e prático da Ikea desse as caras por ali, certamente viraria lenha na lareira.

– Por causa de Harold Shipman – eu disse. – Lembra-se dele?

– O médico que matou seus pacientes – falou ela. – Ah, entendo. Fazem verificações aleatórias de mortes simples para garantir que a declaração é precisa.

Presumo que também apliquem sistemas de reconhecimento de padrão para tentar identificar quaisquer tendências anômalas.

Era uma ótima ideia, mas não fazíamos nada disso porque, de acordo com uma das principais regras do ofício de um policial, o trabalho sempre vai aparecer procurando por você, portanto, não faz sentido ir atrás dele.

– Eu só faço o trabalho prático – expliquei.

– Alguém sempre tem que fazê-lo – respondeu ela. – Biscoitos?

Eram caros, com uma cobertura de chocolate escuro que certamente tinha mais que cinco por cento de cacau.

Henry Bellrush havia aprendido a tocar corneta no Exército. Ele se alistara no Corpo de Engenheiros Reais e progredira ao posto de Major antes de se aposentar prematuramente na virada do século.

– Nós nos conhecemos no Exército – contou a Sra. Bellrush. – Ele era um impetuoso capitão, e eu também; foi muito romântico. Naquele tempo, o casamento era o fim da carreira de uma mulher, então voltei à vida civil. – E, por ironia, acabara fazendo o mesmo tipo de trabalho que fazia no Exército. – Porém, com um salário muito melhor, é claro – ela acrescentou.

Perguntei que trabalho era esse, mas a Sra. Bellrush disse que não podia me contar.

– Lamento, mas é muito sigiloso. Ato de Segredos Oficiais, essas coisas. – Ela me olhou por cima da beirada da xícara. – Muito bem, o que quer saber sobre a morte de meu marido?

Henry Bellrush era um homem que havia desfrutado da aposentadoria. Jardim, netos, férias no exterior e, é claro, sua música. Ele e alguns amigos costumavam tocar no pub local apenas por diversão.

– Mas ele se filiou à União dos Músicos – comentei.

– Henry era assim. Ele progrediu na hierarquia do Exército. Nunca perdeu essa noção de solidariedade com o homem comum.

– Não notou nada de incomum no comportamento dele? – Essa era uma pergunta padrão.

– O que, por exemplo? – A voz dela soou um pouco defensiva.

– Voltar para casa tarde, ausências sem explicação, esquecimento... – eu disse e... nada. – Mudanças nos gastos, recibos incomuns, faturas de cartão de crédito. –

Dessa vez notei uma reação.

Ela me encarou por um instante, depois desviou o olhar.

– Ele fazia compras regulares em uma loja no Soho – disse. – Não tentava esconder de mim, e estava tudo ali na fatura do cartão de crédito. Depois que ele morreu, encontrei algumas notas ainda na carteira dele.

Perguntei de onde eram.

– Da loja A Glimpse of Stocking.

– A loja de lingerie?

– Você conhece?

– Já passei por lá – falei. Na verdade, uma vez passei dez minutos olhando a vitrine, mas estava na patrulha, eram três da manhã e eu me sentia entediado. – Tem certeza de que ele não estava comprando um presente para você?

– Tenho certeza de que jamais ganhei um espartilho Alloetta vermelho em seda pura com calcinha combinando – ela respondeu. – Não que eu tivesse desgostado. Teria ficado chocada, talvez, mas não contrariada.

As pessoas não gostam de falar mal dos mortos, nem mesmo quando eram monstros, muito menos quando eram entes queridos. As pessoas gostam de esquecer tudo de mal que alguém fez, e por que deveriam lembrar? Eles não vão fazer de novo mesmo. Por isso mantive a conversa tão emocionalmente neutra quanto era possível.

– Acha que ele podia estar tendo um caso?

Ela se levantou e caminhou até uma antiga escrivaninha, onde pegou um envelope.

– Considerando a natureza das compras – disse, entregando-me o envelope –, não consigo pensar em outra explicação. Concorde?

Dentro do envelope havia várias notas fiscais, muitas delas eletrônicas, algumas manuscritas com uma caligrafia que, eu suspeitava, era deliberadamente arcaica. Essas eram as que tinham o nome *A Glimpse of Stocking* no cabeçalho.

Ele podia ser um travesti, pensei, mas guardei essa opinião para mim.

Giacomo Casanova, o garanhão italiano, chegou em Londres e encontrou uma de suas ex-amantes e mãe de um filho dele instalada em Carlisle House, a antiga residência do Conde de Salisbury, que ficava em frente à Praça Soho. O nome dela era Theresa Cornelys e, por serviços prestados à indústria da dissipação e

devassidão e pela decoração de sua casa, foi declarada a Imperatriz do Prazer.

Carlisle House tornou-se o primeiro clube fechado de Londres. Por uma modesta mensalidade, o associado podia desfrutar de uma noite de ópera, boa comida e, diziam os boatos, simpática companhia íntima. Foi Theresa quem estabeleceu a antiga tradição do Soho de levá-los para dentro, embebedá-los e espoliá-los até deixá-los limpos. Mas ela era melhor cortesã que administradora e, com o passar do tempo, após duas décadas, várias falências e uma viagem de volta, morreu sozinha e pobre em uma prisão para devedores.

A ascensão e queda de Theresa Cornelys provam três coisas: que o preço do pecado é alto, que você deve simplesmente dizer não à ópera, e que é sempre sensato diversificar seu portfólio de investimentos. Esse conselho foi seguido por Gabriela Rossi, também italiana, que chegou em Londres como filha de refugiados em 1948. Depois de uma carreira no ramo de retalhos, ela abriu sua primeira loja A Glimpse of Stocking em 1986, e lá lucrou cobrando o preço do pecado e, apesar de ter bom gosto, disse não à ópera e certificou-se de manter um portfólio adequadamente robusto. Quando morreu em 2003, foi como Dame Rossi, sagrada cavaleira por serviços prestados à indecência e deixando para trás uma pequena cadeia de lojas de lingerie.

A loja do Soho era administrada por uma mulher loira e magra vestindo um discreto terninho, porém sem blusa por baixo, e mostrando os pulsos preocupantemente finos. Ela reagiu com bom humor genuíno quando mostrei minha credencial, e apesar de não conhecer nenhum Henry Bellrush, riu alto quando sugeri que ele podia ter feito compras para si mesmo.

– Duvido – disse a mulher. – Esse tipo específico de espartilho tem cintura “vintage”, vinte e cinco centímetros menor que o quadril. Duvido que um homem consiga usá-lo.

A loja era repleta de cabides e armários antigos e de bom gosto, dando a ela uma agradável atmosfera retrô, de forma que até os ingleses pudessem apreciar requintadas roupas íntimas, com a certeza de que elas vinham embrulhadas com um irônico laço pós-moderno. Em uma parede havia fotos emolduradas de mulheres, todas monocromáticas ou nos tons desbotados da fotografia da década de 1960. As mulheres estavam seminuas, em sua maioria, ou vestindo espartilhos e calcinhas rendadas que provavelmente haviam deixado meu pai agitado. Um dos quadros era um Morley, o famoso retrato de Christine Keeler sentada ao contrário em uma cadeira escandinava que parecia ser muito desconfortável. Várias haviam sido autografadas, e eu reconheci um dos nomes – Rusty Gaynor, a lendária rainha das strippers do Soho na década de 1960.

A gerente da loja examinou cuidadosamente as notas fiscais.

– Definitivamente, não foram compradas para um homem – ela decretou. – Não com esses números. Porém, analisando o restante das peças, é possível dizer que foram compradas para uma garota grande e robusta. Se tivesse que arriscar um palpite, eu diria que as compras foram feitas para uma apresentação.

– Que tipo de apresentação?

– De uma dançarina burlesca, sem dúvida. Provavelmente, uma das garotas de Alex. Alexander Smith. Produz espetáculos na Purple Pussycat. Tudo de muito bom gosto.

– Está falando de uma stripper? – perguntei.

– Ah, meu Deus – respondeu a gerente –, não deve chamá-las por esse nome.

A diferença entre stripper e burlesca, até onde eu podia ver, era a classe.

– Não temos poles no palco – explicou Alexander Smith, empresário do ramo burlesco. Ele era magro, tinha cara de raposa e vestia um terno caramelo com lapelas da década de 1970, mas sem a gravata larga, porque existem limites impostos pela decência. No lugar dela, ele usava uma echarpe cor de ameixa do mesmo tecido do lenço que estava no bolso de seu paletó e, provavelmente, meias de seda. Não me surpreendi quando ele disse que era casado e tinha netos. Um gay não ia precisar trabalhar tanto. Smith me mostrou com alegria as fotos de “suas joias da casa” – a esposa e as pequenas Penélope e Esmeralda, e explicou por que poles eram obras do demônio.

– Invenção do próprio Belzebu – disse ele. – Fazer um striptease significa mostrar tudo no ritmo da música. Não existe erotismo real nisso; os espectadores querem ver o corpo da dançarina, e ela quer receber para se exhibir. Pá, pum, nem precisa agradecer, minha senhora.

Por cima do ombro dele, vi uma mulher branca e esguia no pequeno palco da boate. Ela girava o quadril no ritmo da versão de Lounge Against the Machine para “Baby’s Got Back”. Ela vestia malha de dançarina e uma blusa larga de moletom pink, e tive que admitir que, apesar da falta de erotismo explícito, me senti devidamente fascinado. Smith virou-se para ver o que eu estava olhando.

– A questão é glamour – disse ele –, e a arte da sensualidade. O tipo de show ao qual você pode levar sua mãe.

Não a *minha* mãe, pensei. Ela não aprecia o pós-modernismo irônico.

Mostrei a Smith a foto de Henry Bellrush que a esposa dele me dera.

– É Henry – disse Smith. – Aconteceu alguma coisa com ele?

– Ele era frequentador? – perguntei, tentando adiantar o assunto.

– Um artista. Um músico. Um excelente corneteiro. Ele faz o número com uma garota adorável chamada Peggy. Muito elegante, cheio de classe, só ela dançando enquanto ele toca corneta. Aquela garota é capaz de hipnotizar a plateia tirando a luva. Dava para ouvir os suspiros quando ela mostrava os seios, porque os homens sabiam que o número estava chegando ao fim.

– E eles mantinham um relacionamento estritamente profissional?

– Por que está falando no passado? Aconteceu alguma coisa com ele, não é?

Contei que Henry Bellrush estava morto e que eu conduzia a investigação de rotina.

– Ah, que pena – respondeu Smith. – Estranhei eles terem desaparecido. E, sim, o relacionamento entre eles era profissional: ele gostava de tocar, ela, de dançar. E acho que as coisas paravam por aí.

Ele também gostava de comprar os figurinos com que ela se apresentava; ou considerava a compra como um investimento. Eu devia contar isso à viúva?

Perguntei se ele tinha fotos de publicidade da misteriosa Peggy, mas, embora tivesse certeza de que as fotos existiam, ele não tinha nenhuma na boate.

Perguntei quando havia sido a última apresentação deles, e Smith mencionou uma data no início do mês, menos de um dia antes da morte de Bellrush.

– Foi aqui? – perguntei. Quatorze dias era tempo demais para a permanência de *vestigia* transitório, mas valia a pena tentar.

– Não – disse Smith. – Foi muito mais elegante. A apresentação fez parte do nosso Festival Burlesco no Café de Paris. Fazemos o festival todo ano para chamar a atenção do público para o burlesco.

A luz pálida do sol vespertino me fez piscar quando voltei à rua, e antes que eu conseguisse me recuperar, fui abordado por Simone Fitzwilliam.

– Oficial – ela falou animada, enganchando o braço no meu –, o que o traz de novo ao meu bairro? – Seu braço era quente e macio em contato com meu corpo, e senti cheiro de madressilva e caramelo.

Respondi que ainda estava investigando algumas mortes suspeitas.

– Inclusive a do pobre Cyrus? – ela quis saber.

– Receio que sim.

– Bem, estou determinada a superar tudo isso – disse ela. – Cyrus não ia querer me ver choramingando. Ele acreditava em viver o momento e no caixa dois. E que graça teria se fôssemos todos iguais? Então, aonde sua investigação vai nos levar agora?

– Preciso ir ao Café de Paris – respondi.

– Ah, não vou lá há muito tempo. Você tem que me levar, posso ser sua valente escudeira.

Como protestar diante disso?

No Café de Paris, inventei que estava dando continuidade a uma fiscalização de surpresa da Boates e Vício e disse que poderia entrar e sair em cinco minutos. O gerente do dia acreditou, ou não ganhava o suficiente para se importar.

O interior era uma confusão de folheado a ouro, veludo vermelho e cortinas em azul royal. O salão principal era oval com uma escada dividida em uma extremidade e um pequeno palco na outra. Uma galeria cercava todo o perímetro e me lembrava desconfortavelmente da Royal Opera House.

– É possível sentir a história – disse Simone apertando meu braço. – O Príncipe de Gales costumava vir aqui regularmente.

– A comida deve ser macrobiótica, então – falei.

– O que é macrobiótica? – Simone perguntou.

– Arroz e feijão – respondi, e parei quando percebi que também não sabia o que era macrobiótico. – Comida saudável.

– Não tem muito o jeito do príncipe – ela disse, e se colocou na minha frente. – Precisamos dançar.

– Não há música – lembrei.

– Podemos cantar. Cantarolar. Sabe como é, não?

– Preciso ir examinar o palco – argumentei, tentando me convencer ao mesmo tempo.

Ela fez um biquinho, mas os cantos dos lábios vermelhos se ergueram e a desmascararam.

– Quando o dever chama – disse ela –, não há lugar para diversão.

O pequeno palco tinha espaço suficiente para o piano de cauda e talvez um trio,

se os cantores fossem magros. Eu não conseguia ver a exuberante Peggy se contorcendo, mesmo que com bom gosto, sem cair dele. E expressei esse pensamento em voz alta.

– Ah, mas o palco pode ser estendido para frente para aumentar o espaço – respondeu Simone. – Acho que o pessoal do teatro chama isso de “palco extensível”. Na verdade, tenho certeza de ter visto a banda do outro lado.

Eu podia sentir. Camadas de *vestigia* entranhadas nas paredes do Café de Paris, lampejos de risadas, cheiro de chá, trechos de música, um repentino e intenso gosto de sangue na boca. Era como uma velha igreja enredada demais em muitas vidas e eventos para conseguir escolher outro caminho. Nada recente, isso era certo. Um *vestigium* não é marcado como o sulco em um disco; não é como gravar uma fita. É mais como a lembrança de um sonho, e quanto mais você tenta capturá-lo, mais depressa ele desaparece, se apaga.

Outro flash – pó de tijolo e um silêncio estridente. Eu lembrei; o Café de Paris havia sido atingido durante a Blitz, e o ataque matara a maioria dos músicos, inclusive o lendário Ken Johnson. Talvez isso explicasse o silêncio. Polidori uma vez descreveu uma vala investigada por ele como *um abismo de solidão* – sujeito alegre que era.

– Você me prometeu uma dança – disse Simone.

Na verdade eu não havia prometido nada, mas a tomei nos braços e ela pressionou o corpo contra o meu. Simone começou a cantarolar enquanto dançávamos sem muita maestria. Eu não reconhecia a melodia. A mão dela apertou minha cintura com mais força e eu fiquei ereto.

– Você pode fazer melhor – ela disse.

Balancei com um pouco mais de ritmo e, por um momento, voltei a Brixton Academy com Lisa Pascal, que morava em Stockwell Park Estate e parecia determinada a ser minha primeira mulher, embora, na verdade, ela tenha acabado vomitando violentamente na calçada do Astoria Park e eu tenha dormido no sofá da sala da casa da mãe dela.

Então ouvi: as notas de abertura de Johnny Green, mas com um ritmo mais cadenciado e uma voz distante cantando... *My heart is sad and lonely/For you I sigh, for you, dear, only* [Meu coração é triste e solitário/ Por você suspiro, por você, meu bem, apenas]. Simone era baixinha, o suficiente para apoiar o rosto em meu peito, e só quando percebi que ela me copiava eu notei que estava cantarolando a melodia. O perfume dela se misturava ao *vestigia* de poeira e silêncio, e as palavras eram suficientemente claras para eu poder cantá-las baixinho. *Why haven't*

you seen it?/ I'm all for you, body and soul [Por que você não viu?/ Sou todo seu, corpo e alma].

Senti Simone estremecer e passar um braço em torno do meu pescoço, puxando-me para baixo para cochichar no meu ouvido.

– Leve-me para casa.

Estávamos praticamente correndo quando chegamos a Berwick Street, e Simone segurava a chave da porta da frente, que se abria para uma escada comunitária coberta por um carpete sujo, com lâmpadas de quarenta watts e aqueles interruptores com sensor de movimento que nunca deixavam a luz acesa pelo tempo necessário para a pessoa chegar ao último degrau. Simone me levou até o topo do terceiro lance de escada, que contornava um bizarro retrofit recuperado na década de 1950, quando o prédio abrigava criadas francesas e aspirantes a modelos. Era uma subida íngreme e eu começava a ofegar, mas o balanço do quadril de Simone me arrastou pelo quarto e último lance de escada, e nós chegamos ao telhado. Consegui ter breves impressões de grades de ferro, vasos com plantas exuberantes, uma mesa de bar com um guarda-sol azul e branco, e de repente estávamos nos beijando, as mãos dela descendo por minha calça jeans, me puxando para perto. E deitamos sobre um colchão.

Sejamos honestos, não tem como despir uma calça jeans justa com dignidade, especialmente se uma bela mulher tem uma das mãos na sua cueca e um braço em torno de sua cintura. Você sempre acaba esperneando freneticamente no esforço de fazer a maldita calça passar pelos tornozelos. Mas eu era um cavalheiro, e a ajudei a tirar a legging. Todas as outras peças tiveram que esperar, porque Simone não estava interessada em um aquecimento lento. Ela me colocou entre suas pernas e, tendo me posicionado como queria, me puxou para mais perto. Continuamos assim por eras, mas finalmente levantei os olhos e a vi em cima de mim com a lua minguante sobre um ombro, a cintura se movendo sob minhas mãos. Ela jogou a cabeça para trás e uivou, e nós chegamos juntos ao clímax.

Então ela caiu sobre mim, a pele febril e suada, o rosto enterrado em meu ombro.

– Que foda – falei.

– O quê? De novo? – perguntou ela. – Nada faz você parar, não é?

Fiquei ereto outra vez instantaneamente, porque nada excita mais um homem do que esse tipo de elogio. Sim, com relação ao sexo, somos muito superficiais. Fazia frio, e me arrepiei quando rolei e a deitei de costas. Simone abriu os braços, mas eu os ignorei e deslizei os lábios por seu peito até o umbigo. As mãos dela agarraram minha cabeça e a incentivaram a descer mais, mas eu não tinha pressa. Seja cruel,

mantenha-a fiel, esse é meu lema. Pus a boca onde valia a pena e não parei até as pernas dela apontarem para o alto e os joelhos se unirem. Então, voltei pelo mesmo caminho e me introduzi mais uma vez. Os tornozelos de Simone se uniram em minhas costas e os braços envolveram meus ombros, e por muito tempo o raciocínio coerente deixou de estar entre as minhas habilidades.

Nós nos separamos com um estalo pegajoso, e por um momento ficamos ali silenciosos, fumegando no ar noturno. Simone me beijou com a boca aberta por um longo momento, faminta, e depois se levantou do colchão.

– Volto em um minuto – disse.

Vi o movimento pesado de suas nádegas pálidas quando ela caminhou descalça pelo telhado e passou pela porta. Ainda havia luar suficiente e iluminação da rua para eu ver que o topo do terraço havia sido transformado em um jardim suspenso, e havia sido um trabalho profissional, com lajes sólidas embaixo e grade de ferro na altura da cintura. Tubos de madeira haviam sido instalados nos quatro cantos, cada um deles plantado com alguma coisa que, ou era uma planta realmente grande ou uma pequena árvore. O colchão onde eu estava deitado era, na verdade, uma almofada para uso ao ar livre com um revestimento de PVC à prova de água. Ele esfriava sob meu traseiro nu, e eu também sentia cada vez mais frio.

Lá de baixo vinha o barulho abafado dos gritos festivos de mais uma noite no Soho. De repente lembrei que estava completamente nu, deitado no telhado de um prédio no centro de Londres. Esperava realmente que o pessoal do Apoio Aéreo não fosse convocado para a patrulha, ou poderia ir parar no YouTube, como aquele idiota pelado no telhado.

Estava pensando seriamente em procurar minhas roupas, quando Simone voltou com um cobertor e uma cesta de piquenique muito antiga com um F&M gravado em uma das laterais. Ela deixou a cesta ao lado do colchão e se deitou ao meu lado, jogando o cobertor sobre nós.

– Você está congelando – disse ela.

– Você me deixou no telhado. Quase morri congelado. Já estavam preparando os helicópteros de resgate e tudo mais.

Ela me aqueceu por um tempo, e depois investigamos o conteúdo da cesta. Era uma cesta de piquenique Fortnum e Mason autêntica, com garrafa térmica de aço inox com chocolate quente, uma garrafa de conhaque Hine e um bolo Battenberg inteiro embrulhado em papel manteiga. Por isso ela havia demorado tanto a voltar.

– Tinha essas coisas em casa? – perguntei.

– Gosto de estar preparada – ela respondeu.

– Sabia que Casanova se instalava aqui quando estava em Londres? Quando saía para um encontro ele costumava levar uma pequena valise com ovos, pratos e uma espiriteira. – Deslizei minha mão pela curva suave e quente de seu seio. – Assim, onde quer que estivesse, ele podia sempre comer um ovo frito no café da manhã. – Eu a beijei e senti nela o gosto de chocolate.

– Nunca soube que Casanova era escoteiro – Simone comentou.

Nós nos sentamos sob o cobertor e vimos a lua descer por trás dos telhados do Soho. Comemos bolo Battenberg e ouvimos as sirenes da polícia descendo e subindo Charing Cross Road e Oxford Street. Quando terminamos de comer, fizemos sexo até o equivalente ao coro da aurora no Soho anunciar a chegada de um novo dia.

Gosto de pensar que o velho Giacomo teria aprovado.

² Roberto Calvi – apelidado de Banqueiro de Deus devido a sua ligação estreita com a Santa Sé – foi um banqueiro italiano que morreu perto da ponte do Tâmesa em junho de 1982. (N. da E.)

Quase como estar apaixonado

Sir Robert Mark foi comissário da Polícia Metropolitana de 1972 a 1977, e é famoso por duas coisas: a propaganda dos pneus Goodyear na qual ele dizia “Acredito que essa é uma grande contribuição para a segurança nas estradas”, e a Operação Homem do Campo, uma investigação sobre corrupção dentro do grupo que ele mesmo comandava. Nos tempos que o *Daily Mail* chama de bons e velhos dias, um policial consciente podia triplicar seu rendimento simplesmente por estender a mão no momento certo, e um bandido armado podia escapar da coleira mediante uma modesta colaboração. Justiça seja feita, eles sempre tentavam condenar alguém pela transgressão para, pelo menos, dar a impressão de que a lei era aplicada, e isso é o principal. O Comissário Mark, que não concordava com isso, começou o mais abrangente esforço anticorrupção que a Metropolitana já viu, e é por isso que ele é o símbolo que os pais policiais usam para manter seus filhotes policiais na linha. Comporte-se, ou o terrível Sir Robert Mark vai aparecer e chutar você da força. É por isso, provavelmente, que o atual comissário tem um retrato de Mark pendurado no átrio de seu gabinete, estrategicamente colocado de frente para a fileira de desconfortáveis poltronas de falso couro verde em que Nightingale e eu tivemos que nos sentar para esperar.

Quando você é um policial pouco importante, nada de bom pode decorrer da convivência próxima com seu superior. Na última vez que estive ali havia sido para o juramento de aprendiz de mago. Dessa vez, eu desconfiava de que seriam basicamente xingamentos. Ao meu lado, Nightingale parecia relaxado enquanto lia o *Telegraph* vestindo um terno Davies & Son que, ou era novo, ou, mais provável, voltava à moda. Eu usava meu uniforme porque, diante de uma autoridade, o uniforme é o melhor amigo de um oficial, especialmente se foi perfeitamente passado por Molly, que parecia considerar o vinco de uma calça uma arma agressiva convenientemente localizada.

Uma secretária abriu a porta para nós.

– O comissário vai recebê-los agora – ela disse, e nós nos levantamos para enfrentar a situação.

O gabinete do comissário não é tão impressionante, e apesar do tapete não ser dos mais baratos, não havia revestimento de madeira capaz de disfarçar o cinza sem graça da estrutura de concreto criada no meio da década de 1960 para abrigar o edifício da Nova Scotland Yard. Mas a Polícia Metropolitana tem mais de cinquenta mil funcionários e um orçamento de quatro bilhões e meio de libras, e é responsável por tudo, de comportamento antissocial em Kingston a antiterrorismo em Whitehall, por isso o gabinete do comissário nem precisa impressionar.

Ele estava sentado esperando por nós. Usava o quepe do uniforme, e foi isso que me fez perceber que estávamos realmente encrocados. Paramos na frente da mesa e Nightingale estremeceu, como se contivesse com esforço o impulso de bater continência. O comissário continuou sentado. Nenhum aperto de mão, nenhum convite para nos sentarmos.

– Inspetor chefe Nightingale – disse ele –, imagino que já tenha lido os relatórios sobre as ocorrências da noite da última quinta-feira.

– Sim, senhor – respondeu Nightingale.

– Tem consciência das acusações registradas pelos membros do serviço de ambulâncias de Londres e do relatório preliminar da DPP?

– Sim, senhor – disse Nightingale.

Eu me encolhi. O DPP é o Diretório de Padrões Profissionais, inimigos em forma humana que caminham entre nós para manter as fileiras com medo e obedientes. Se você sentir o hálito frio do DPP na nuca, como eu sentia nesse momento, precisa descobrir que parte da diretoria está respirando. Eu não acreditava que poderia ser o CAC, Comando Anticorrupção, nem o CII, o Comando de Investigações Internas, porque sequestrar uma ambulância era mais criminosamente estúpido do que estupidamente criminoso. Pelo menos, era assim que eu esperava que eles vissem a situação, porque eu então seria punido pelo CIHAC, o Comando de Infrações de Habilitação e Atos Cíveis, cuja função era lidar com os oficiais que expunham a Metropolitana a processos nos tribunais, por exemplo, por paramédicas traumatizadas.

– Mantém sua avaliação das atitudes do oficial Grant naquela noite?

– Sim, senhor – disse Nightingale. – Acredito que o oficial Grant, diante de circunstâncias difíceis, avaliou a situação corretamente e agiu de maneira rápida e decisiva para impedir a morte do indivíduo conhecido como Ash Thames. Se ele não houvesse removido o ferro frio do ferimento, ou, depois de removê-lo, se não houvesse transportado Ash até o rio, não tenho dúvida de que a vítima teria, no mínimo, morrido de hemorragia.

O comissário olhou diretamente para mim, e prendi a respiração até ele olhar novamente para Nightingale.

– Foi deixado em um cargo de supervisão, apesar de sua condição de saúde, porque me garantiram que você era o único oficial qualificado para lidar com casos “especiais” – disse ele. – Cometi um engano?

– Não, senhor – respondeu Nightingale. – Até o momento em que o comissário Grant concluir o treinamento, continuo sendo o único oficial adequadamente qualificado a serviço da Polícia Metropolitana. Acredite, senhor, estou tão alarmado quanto o senhor com essa perspectiva.

O comissário assentiu.

– Como, aparentemente, Grant não teve alternativa além de agir como agiu, estou disposto a enquadrar o episódio como falha de supervisão de sua parte. Vamos considerar isto aqui uma advertência verbal, e uma anotação será feita no seu prontuário.

Ele olhou para mim, e eu mantive o olhar seguramente fixo em um ponto aleatório da parede cerca de dois centímetros à esquerda de sua cabeça.

– Aceito que é inexperiente e que foi forçado a se basear no próprio julgamento em circunstâncias que estão... – o Comissário parou para escolher as palavras – além do seu trabalho convencional de policial, mas gostaria de lembrar que fez um juramento, como oficial e como aprendiz. E quando fez esse juramento, você foi prevenido sobre as coisas extraordinárias que seriam esperadas de você. Nesse momento, nenhuma ação disciplinar será tomada e não haverá nenhum registro em seu prontuário. Porém, no futuro, quero vê-lo exercendo mais tato e mais discricção, e quero que tente manter o dano à propriedade restrito a um nível mínimo. Fui claro?

– Sim, senhor – respondi.

– O dano causado à propriedade – continuou o Comissário, olhando novamente para Nightingale –, inclusive o que foi causado à ambulância, será ressarcido com recursos do orçamento da Folly, não do fundo geral para contingências da Metropolitana. O mesmo vale para quaisquer custos legais e indenizações por danos que possam decorrer de litígio legal contra a Polícia Metropolitana. Ficou claro?

– Sim, senhor – nós dois respondemos.

Eu suava de alívio. Só não enfrentaria uma séria audiência disciplinar porque o comissário, provavelmente, não queria ter que explicar à Autoridade da Polícia Metropolitana porque um oficial comum havia estado à frente de uma Unidade de Comando Operacional. Qualquer advogado da Federação de Polícia teria um prato

cheio com a falta de supervisão de um oficial sênior – e era preciso lembrar que Nightingale havia estado de licença médica. Sem mencionar as implicações de saúde e segurança por ter sido forçado a pular no Tâmis no meio da noite.

Pensei que o caso estava encerrado, mas não estava. O comissário usou seu interfone.

– Pode mandá-los entrar agora, por favor.

Reconheci os convidados: o primeiro era um homem branco, baixo e de meia-idade que parecia surpreendentemente elegante em um terno M&S de tecido riscado-de-giz azul. Notei que ele não usava gravata, e o cabelo era tão resistente ao pente quanto uma cerca viva. Oxley Thames, o mais sábio dos filhos de Pai Thames, seu conselheiro chefe, guru de mídia e responsável pelas tarefas mais difíceis. Ele me olhou desconfiado quando se sentou na cadeira indicada pelo comissário, à direita da mesa. A segunda pessoa era uma mulher bonita, de pele clara, nariz fino e olhos puxados. Ela vestia um tailleur Chanel preto que, se fosse um carro, iria de zero a noventa por hora em menos de 3,8 segundos. Lady Ty, a filha favorita de Mãe Tâmis, formada em Oxford e ambiciosa, parecia feliz por me ver, o que não era bom. Quando ela se juntou a Oxley, percebi que a bronca ainda não havia acabado, e agora seria a vez de *A Bronca 2: dessa vez é pessoal*.

– Suponho que conheçam Oxley e Lady Tyburn – disse o comissário. – Eles foram convidados por seus “diretores” a se manifestarem com relação a Ash Thames. – Olhando para os dois convidados, ele perguntou quem gostaria de ser o primeiro.

Ty olhou para o comissário.

– Eu tenho uma pergunta para o oficial Grant. Posso? – indagou ela.

O comissário fez um gesto sugerindo que eu era todo dela.

– Em algum momento passou por sua cabeça o que teria acontecido com minha irmã se Ash morresse? – ela me perguntou.

– Não, senhora. – Era verdade. Não havia passado por minha cabeça e, quando passou, a sensação não foi agradável.

– Uma declaração interessante, considerando que ajudou na negociação do acordo – continuou ela. – Não conhecia a exata natureza de uma troca de reféns, talvez? Ou esqueceu que, caso Ash morresse enquanto estivesse sob nossos cuidados, a vida de minha irmã seria objeto de confisco? Sabe o que significa a palavra “confisco”?

Fiquei gelado, porque não havia pensado nisso, não quando recrutara Ash para a

missão de vigilância, nem quando nadava com ele no Tâmis. Se ele houvesse morrido, Beverley Brook, irmã de Lady Ty, teria sido objeto de confisco definitivo. Resumindo, eu quase havia matado duas pessoas naquela noite.

Olhei para Nightingale, que franziu as sobrancelhas e moveu a cabeça indicando que eu deveria responder.

– Sei o que significa a palavra confisco – falei. – E em minha defesa, gostaria de dizer que nunca imaginei que Ash se colocaria em risco. Sempre o considerei uma pessoa sóbria e confiável, como todos os irmãos dele.

Oxley bufou, o que atraiu um olhar reprovador de Lady Ty.

– Não esperava que ele fosse tão corajoso ou rápido – continuei, e Oxley me olhou como se quisesse dizer que para todo exagero tem que haver um limite. Não tinha importância, porque o motivo pelo qual você não discute com Lady Ty é que ela simplesmente espera você espernear, e depois acerta o golpe final.

– Apesar de ter consciência do papel desempenhado pelo inspetor Nightingale e pelo oficial Grant na facilitação de um quadro de conciliação – disse Lady Ty –, creio que seria melhor, considerando os eventos recentes, se eles ocupassem posições menos proativas com relação aos assuntos concernentes à diplomacia ribeirinha.

Senti vontade de aplaudir. O comissário assentiu, o que só comprovou que Ty, como sempre, tentava manipular a situação em proveito próprio – provavelmente com a intenção de se aproximar da Autoridade Maior da Polícia de Londres e do Gabinete do Prefeito. Ele provavelmente sentia que já tinha problemas demais sem os que poderíamos criar, e olhou para Oxley para perguntar se ele queria acrescentar alguma coisa.

– Ash é jovem – disse Oxley –, e todo mundo sabe como são os garotos. Mesmo assim, creio que não faria mal nenhum se o oficial Grant tivesse um pouco mais de responsabilidade ao lidar com ele.

Esperamos mais um momento, mas Oxley não disse mais nada. Lady Ty não parecia satisfeita, sinal de que seu plano não era tão bem-sucedido quanto ela gostaria que fosse.

Sorri para ela daquele jeito infantil e quase imperceptível, um sorriso que eu usava desde os 8 anos para irritar minha mãe. Ela comprimiu os lábios, mas era mais resistente que minha mãe, evidentemente.

– Isso parece razoável – disse Nightingale. – Desde que todas as partes cumpram o acordo e a lei, tenho certeza de que podemos concordar com uma

abordagem menos participativa.

– Muito bom – respondeu o comissário. – E apesar de gostar dessas conversinhas, vamos tentar mantê-las fora do meu gabinete no futuro.

E assim nós fomos dispensados.

– Podia ter sido pior – comentei quando passamos pela chama eterna da lembrança acesa no saguão da Nova Scotland Yard. Ela existe para lembrar homens e mulheres corajosos que caíram durante o cumprimento do dever, e para lembrar que nós, os vivos, precisamos ser muito cuidadosos.

– Tyburn é perigoso – Nightingale falou enquanto nos dirigíamos ao estacionamento subterrâneo. – Ela acredita que pode definir seu papel na cidade por meio de manobras burocráticas e política de gabinete. Mais cedo ou mais tarde, vai entrar em conflito com a mãe.

– E se isso acontecer?

– As consequências podem ser espetaculares – disse Nightingale. – Acho melhor não estarmos entre as duas quando isso acontecer. – Ele me olhou pensativo. – Ou em qualquer lugar no Vale do Tâmbisa, na verdade.

Nightingale tinha exames médicos marcados no UCH, por isso ele me deixou em Leicester Square, e eu telefonei para Simone.

– Preciso de uma hora para dar um jeito em tudo – disse ela. – Depois pode vir.

Eu ainda estava uniformizado, o que me impedia de ir beber em um bar, então fui tomar um café em um lugar italiano na Frith Street antes de subir sem pressa e a pé a Old Compton Street. Estava pensando em parar na Patisserie Valerie para comprar um bolo, quando meu instinto de policial me fez notar que havia algo errado em Dean Street.

Alguma coisa além da fita, dos peritos e do pessoal uniformizado que cumpria a excitante tarefa de proteger a cena do crime. A curiosidade profissional me dominou, e eu me aproximei para dar uma olhada.

Vi Stephanopoulos falando com dois policiais da Equipe de Homicídios. Não se pode simplesmente entrar na cena do crime de outra equipe sem pedir autorização, por isso parei perto da fita e esperei até Stephanopoulos notar minha presença. Um minuto depois ela se aproximou e apontou meu uniforme.

– Voltou à patrulha com meros mortais como a gente? – perguntou. – Acho que ficou barato. O pessoal apostava que você seria suspenso.

– Advertência verbal – contei.

Stephanopoulos parecia incrédula.

– Por sequestrar uma ambulância? Só uma advertência verbal? Não vai ganhar amigos entre os colegas, sabe?

– Eu sei. Quem é o morto?

– Ninguém que tenha a ver com você – respondeu ela. – Um operário que trabalhava na obra da Crossrail. Foi encontrado hoje de manhã em um dos poços de acesso. – A maior parte da obra de construção das novas estações da Crossrail estava concluída, mas os empreiteiros ainda pareciam determinados em abrir buracos nas ruas. – De qualquer maneira, pode ter sido um acidente; saúde e segurança nesses canteiros de obras são quase tão ruins quanto na Metropolitana.

Saúde e segurança eram as atuais obsessões da Federação de Polícia. No ano passado haviam sido os coletes à prova de balas, mas, ultimamente, eles acreditavam que os oficiais estavam se expondo a riscos desnecessários quando perseguiam suspeitos. Queriam diretrizes melhores de saúde e segurança para prevenir ocorrências e, eu imaginava, robôs operados por controle remoto para as perseguições.

– Aconteceu enquanto estava escuro?

– Não, às oito da manhã. Em plena luz do dia – respondeu Stephanopoulos. – O que significa que ele deve ter sido empurrado, mas, e essa é a parte importante para você, não há nada nem remotamente sobrenatural na cena do crime, graças a Deus. Sendo assim, pode sumir daqui.

– Obrigado, sargento. É o que vou fazer.

– Espere – Stephanopoulos chamou. – Quero que dê uma olhada nas entrevistas de acompanhamento feitas com Colin Sandbrow. Já devem estar no sistema.

– Quem é Colin Sandbrow?

– O homem que teria sido a próxima vítima, se seu amigo maluco não houvesse atravessado o caminho. Acha que pode fazer o que pedi sem causar mais danos à propriedade?

Eu ri para mostrar que tinha espírito esportivo, mas, conhecendo o humor policial como conhecia, sabia que ia carregar essa história da ambulância até o fim da minha carreira. Deixei Stephanopoulos trabalhando na cena do crime e segui por St. Anne's Court e D'Arblay Street para Berwick Street. Como não havia prestado atenção na noite anterior, tive que parar e olhar em volta para localizar a porta, que encontrei espremida entre uma loja de produtos químicos e uma de discos especializada em antigos vinis. A tinta preta estava descascando e as plaquinhas no interfone estavam

manchadas ou ausentes. Não tinha importância. Eu sabia que ela estava no último andar.

– Que droga – o interfone chiou. – Ainda não estou pronta.

– Posso dar mais uma volta no quarteirão – sugeri.

A trava vibrou e eu empurrei a porta. A escada não parecia melhor à luz do dia; o carpete era azul-claro e gasto em vários lugares, e as paredes tinham manchas escuras onde as pessoas apoiavam as mãos para se equilibrar. Em cada andar havia portas que, no Soho, podiam se abrir para qualquer coisa, de disciplina severa por preços razoáveis a uma produtora de televisão. Subi num ritmo moderado para não chegar arfando ao último andar, e lá bati na porta.

Quando abriu a porta e me viu vestindo uniforme, Simone recuou um passo e bateu palmas.

– Olhe para isso – ela disse. – É um stripper!

Ela fazia a limpeza da casa com um short cinza de corrida e um moletom azul-marinho que parecia ter sido cortado com uma tesourinha de unhas. Os cabelos estavam presos por um lenço à moda britânica, de um jeito que eu só havia visto em *Coronation Street*. Entrei e a agarrei. Ela cheirava a suor e lustra-móveis. Teria sido ali mesmo no chão, se ela não houvesse exclamado, ofegante, que a porta continuava aberta. Só nos soltamos para fechar a porta e ir para a cama. Só uma cama, notei, mas era uma king size, e nos esforçamos para usar todo o espaço. Em algum momento meu uniforme saiu de cena, e nunca conseguimos entender o que aconteceu com o moletom dela. Mas ela continuou de lenço, porque alguma coisa nele me excitava.

Uma hora e pouco mais tarde, tive uma oportunidade de olhar o apartamento. A cama ocupava um canto do aposento principal e era, além de uma poltrona de couro, o único lugar para sentar. Além disso, havia três guarda-roupas diferentes encostados a uma das paredes e uma sólida cômoda de carvalho, um móvel tão grande que só podia ter sido levado ao apartamento pela janela. Não vi nenhuma televisão, nem um aparelho de som, mas um pequeno aparelho de MP3 podia ter desaparecido entre as roupas que dominavam o lugar. Sou filho único, por isso só tive que dividir a casa com uma mulher de cada vez. Não estava preparado para a quantidade de roupas que podia ser gerada por três irmãos dividindo um apartamento. Os sapatos eram especialmente predominantes. Havia fileiras seguidas de modelos, idênticos para mim, de frente aberta, tira no calcanhar e salto fino. Sandálias de todos os tipos ocupavam espaços aleatórios, enquanto caixas de mocassins preenchiam as lacunas entre os guarda-roupas. Pares de botas, de canos baixos e até

a altura das coxas, pendiam de cabides nas paredes como fileiras de espadas em um castelo.

Simone me viu olhando para um par de botas com salto de quinze centímetros e começou a se soltar dos meus braços.

– Quer que eu experimente? – ela perguntou.

Eu a puxei de volta contra o peito e beijei seu pescoço. Não queria que ela fosse a lugar nenhum. Simone se virou em meus braços e nós nos beijamos até ela dizer que precisava ir ao banheiro. Quando sua amante deixa a cama, você pode aproveitar para se levantar também, e foi assim que pouco depois cheguei ao banheiro, um cubículo com espaço suficiente apenas para uma ducha surpreendentemente moderna, vaso sanitário e uma pia pequena e antiga encaixada no canto que sobrava. Enquanto estava ali, o instinto de policial me dominou e eu vasculhei o armário. Simone e as irmãs eram claramente a favor de grandes e duradouros estoques de substâncias químicas perigosas, porque havia cartelas de analgésico e comprimidos para dormir vencidos havia dez anos.

– Está revistando minhas coisas? – Simone perguntou da cozinha.

Perguntei como ela e as irmãs conseguiam dividir um banheiro tão pequeno.

– Todas nós estudamos em colégio interno, meu bem – Simone respondeu. – Quem sobrevive a essa experiência consegue lidar com qualquer coisa.

Quando saí do banheiro ela me perguntou se eu queria chá. Eu aceitei, e nós tomamos um chá inglês completo em uma bandeja com cerâmica Wedgwood azul e dourada, geleia de amora silvestre e bolinhos cheios de manteiga.

Eu gostava de vê-la nua, reclinada na cama como uma obra da Galeria Nacional com uma xícara de chá em uma das mãos e um bolinho na outra. Considerando que o verão havia acabado recentemente, sua pele era clara, quase translúcida. Quando tirei a mão de sua coxa, ficou no lugar uma marca cor-de-rosa.

– Sim – disse ela. – Algumas pessoas não conseguem se bronzear. Obrigada por me lembrar.

Beijei a marca como um pedido de desculpas, e depois sua barriga como um convite. Ela riu e me empurrou.

– Sinto cócegas – explicou. – Termine seu chá, seu selvagem. Você não tem modos?

Peguei a xícara de chá com desenhos de salgueiro e bebi um pouco de chá. O sabor era diferente, exótico. Uma mistura requintada, desconfiei, tirada de outra

cesta Fortnum e Mason. Ela me deu um pedaço de bolinho, e perguntei por que ela não tinha televisão.

– Não tínhamos televisão quando éramos pequenas. Não desenvolvemos o hábito de assistir à TV. Tem um rádio em algum lugar para ouvir *The Archers*. Nunca perdemos um episódio. Mas devo admitir que nem sempre consigo acompanhar todos os personagens; eles parecem estar sempre se casando, tendo romances secretos, e quando consigo me familiarizar com um ou outro, eles morrem ou deixam Ambridge. – Ela me olhou por cima da borda da xícara. – Não acompanha *The Archers*, não é?

– Na verdade, não.

– Deve achar que somos estranhas – continuou ela, esvaziando sua xícara de chá. – Morando em um buraco apertado de um cômodo, sem televisão, no meio da zona do Soho.

Simone deixou a bandeja com a xícara de chá no chão, ao lado da cama, antes de esticar o braço para pegar minha xícara vazia.

– Acho que você se preocupa demais com o que eu penso – respondi.

Simone recolheu a xícara da cama e beijou meu joelho.

– Você acha? – ela perguntou, e segurou meu membro com uma das mãos.

– Tenho certeza. – Tentei não gemer quando ela começou a beijar minha coxa e subir por ela.

Duas horas mais tarde ela me expulsou da cama, mas com toda gentileza possível.

– Minhas irmãs vão chegar logo – Simone explicou. – Temos regras. Nada de homens na cama depois das dez da noite.

– Tem havido outros homens? – perguntei enquanto procurava minha cueca.

– É claro que não. Você é meu primeiro.

Ela recolhia coisas que achava no chão, entre elas uma calcinha de cetim que parecia uma segunda pele sobre seu corpo. Vê-la vestir a calcinha era quase tão sexy quanto seria vê-la despi-la. Ela me viu ofegando e apontou o indicador para mim, balançando-o com reprovação.

– Não – disse ela. – Se começarmos de novo, não vamos mais parar.

Eu teria vivido bem com isso, mas um cavalheiro sabe quando é hora de desistir e sair de cena com elegância. Mas não sem antes beijá-la demoradamente na porta.

Caminhei pelo Soho com o cheiro de madressilva em meu nariz e, de acordo com relatórios feitos posteriormente, ajudei colegas oficiais de Charing Cross e West End Central a encerrar duas brigas, uma doméstica e outra em uma festa de despedida de solteira que havia acabado com uma tentativa de abuso sexual contra um stripper. Mas não me lembro de nada disso.

Você pratica *Scindere* fazendo uma maçã levitar com *Impello* e depois fixando-a no lugar enquanto seu professor tenta deslocá-la com um bastão de críquete. Na manhã seguinte enfileirei três maçãs, e elas nem balançaram quando Nightingale as acertou com o bastão. Ele as atingiu com força suficiente para estraçalhar as maçãs, é claro, mas os pedaços ficaram no ar como um acidente alimentar em uma estação espacial. Ele havia dito que tudo dependia da quantidade de magia que permeava a maçã. Para a maioria dos aprendizes, isso significava qualquer coisa até meia hora. Essa imprecisão resumia a atitude de Nightingale frente ao empirismo. Por outro lado, eu estava preparado dessa vez. Havia levado um cronômetro, um relógio antigo com o mostrador grande, do tamanho da palma da minha mão, meu notebook e a transcrição da entrevista de Colin Sandbrow extraída das anotações do caso da *Vagina dentata*. Enquanto Nightingale subia, eu me sentei em uma mesa e comecei a examinar o arquivo.

Colin Sandbrow, 21 anos, chegara de Ilford para uma noite de diversão. Havia conhecido alguém que ele pensava ser gótico e não falava muito, mas parecia se interessar por um pouco de ação ao ar livre. Tudo indica que Sandbrow era jovem e estava em boa forma, mas seu rosto tinha uma espécie de ausência de graça e encanto – como se o criador houvesse trabalhado nele no fim do dia e estivesse apressado, ansioso para cumprir uma cota. Isso provavelmente explicava por que ele estava tão interessado em deixar a boate.

– Não achou um pouco suspeito ele ter se mostrado tão entusiasmado? – Stephanopoulos havia perguntado.

Sandbrow explicara que não se sentira inclinado a olhar os dentes de um cavalo dado, embora no futuro pretendesse adotar uma abordagem mais cautelosa ao lidar com membros do sexo oposto.

Começou a chover polpa de maçã dezesseis minutos e trinta e quatro segundos depois de eu ter feito o feitiço. Deixei a entrevista de lado e anotei o horário. Havia aproveitado a oportunidade para espalhar sacolas plásticas embaixo da cena, de forma que não tivesse que limpar tudo depois. Meus textos e os de Nightingale eram um pouco vagos sobre a origem do poder que mantinha as maçãs no ar. E a magia ainda era sugada de dentro da minha cabeça, quantas eu poderia manter pairando no lugar simultaneamente até meu cérebro encolher? E se a magia não saía de mim, de

onde vinha o poder? Sou um policial à moda antiga – não acredito em desrespeitar as leis da termodinâmica.

Terminei minhas anotações e saí para ir ao apartamento sobre a garagem da casa, onde havia rudimentos do conforto do século XXI, coisas como uma TV tela plana, internet banda larga e HOLMES. E foi assim que encontrei Nightingale confortavelmente instalado no sofá, bebendo cerveja nigeriana Star Beer e assistindo a uma partida de rúgbi pela televisão. Ele teve a delicadeza de se mostrar constrangido.

– Não pensei que você se importaria – disse. – Tem mais duas caixas desta coisa no canto.

– É muito – respondi. – Em comparação com o que proporcionei a Mamãe Tâmis, um caminhão cheio de bebida.

– Isso esclarece muita coisa – ele falou, e mostrou a lata. – Não conte a Molly sobre a cerveja. Ela se tornou meio superprotetora.

Disse a ele que seu segredo estava seguro comigo.

– Quem está jogando? – perguntei.

– Harlequins e Wasps.

Eu o deixei assistir ao jogo. Gosto bastante de futebol e de uma boa luta de boxe, mas, diferente de minha mãe, que assiste a qualquer jogo envolvendo uma bola, até mesmo golfe, nunca apreciei muito rúgbi. Então, fui me sentar à escrivaninha e liguei meu segundo melhor notebook, que uso como um terminal HOLMES, e voltei ao caso.

O pessoal de Stephanopoulos era eficiente. A equipe havia conversado com todos os amigos de Sandbrow e todo e qualquer cliente aleatório que conseguiram encontrar. Os frequentadores do clube haviam sido taxativos ao afirmar que não viram o suspeito entrar, apesar de as imagens da câmera do circuito interno de TV mostrarem claramente o indivíduo passando por eles. O ataque lembrava mais o incidente de St. John Giles no verão anterior do que o assassinato de Jason Dunlop. Eu me preparava para fazer essa anotação no arquivo, quando percebi que Stephanopoulos já havia feito isso.

Queria saber como Lesley estava. Ela não havia respondido meus e-mails, nem as mensagens de texto, então liguei para a casa dela e falei com uma das irmãs.

– Lesley está em Londres. Tinha consulta com o especialista.

– Ela não disse nada – respondi.

- Não esperava que ela dissesse, esperava? – perguntou a irmã.
- Pode me dizer em que hospital ela marcou consulta?
- Não. Se ela quisesse que você soubesse, teria dito pessoalmente.

Não havia argumento contra isso.

O jogo de rúgbi acabou. Nightingale agradeceu pela cerveja e foi embora. Sintonizei um canal de notícias para ver se a história sobre o sequestro de uma ambulância ainda era divulgada e discutida, mas a matéria havia sido superada por uma ocorrência séria em Marlow. Havia muitas imagens de carros derrapando em lençóis de água em estradas da área rural e moradores sendo resgatados pelo Batalhão de Bombeiros. Por um momento tive a horrível suspeita de que a inundação podia ser uma reação do Pai Tâmis ao que havia acontecido com Ash, mas quando pesquisei os detalhes no Google descobri que tudo havia acontecido na noite seguinte, quando eu me divertia no telhado com Simone.

Aquilo foi um alívio. Eu já estava bem encrocado, mesmo sem ter participado involuntariamente de uma inundação que deixara submersa parte do Vale do Tâmis.

Um repórter perguntou a uma mulher da Agência Ambiental por que ninguém emitira o alerta de inundação, e ela explicava que o Tâmis tinha uma bacia muito complexa, complicada ainda mais pela interferência do desenvolvimento humano.

– Às vezes o rio simplesmente surpreende – disse ela.

Havia acontecido uma segunda e repentina elevação no nível do rio na noite anterior, e ela se recusava a eliminar a possibilidade de mais um transbordamento naquele dia. Como a maioria dos londrinos, eu achava que só os ricos podiam se dar o luxo de morar perto de um rio, por isso assistia ao desconforto daquela gente sem me abalar.

Terminei meu trabalho com o HOLMES e desliguei o sistema. Stephanopoulos não encontrara conexões entre nossas duas vítimas e meia. Pior, St. John Giles e Sandbrow foram visitar as boates onde as vítimas encontraram nosso misterioso assassino. Em suas anotações anexadas aos relatórios nominais Stephanopoulos sugeria, e eu concordava, que os dois jovens haviam sido escolhidos aleatoriamente, mas que o ataque contra Jason Dunlop parecia ter sido mais pessoal. Um motivo para essa suposição era o fato de a Dama Pálida, como eu agora pensava nela, ter feito contato com sua vítima em um lugar público e diante de uma possível testemunha. Talvez fosse alguma coisa relacionada ao equilíbrio entre vida e trabalho. Talvez os dois garotos das boates fossem diversão, e Jason Dunlop fosse trabalho.

Minha mãe ligou para mim e lembrou que eu devia apresentar meu pai aos rapazes da The Irregulars naquela tarde. Respondi que essa era a terceira vez que ela telefonava para me lembrar da mesma coisa, mas, como é habitual, minha mãe nem registrou o comentário. Garanti a ela que estaria lá. Pensei em ligar para Simone e convidá-la para ir também, mas decidi que estava vivendo uma coisa boa demais para correr o risco de estragar tudo apresentando a família, principalmente minha mãe.

Mesmo assim, liguei para ela. Simone disse que estava desanimada sem mim. Ouvi risadas femininas ao fundo e alguns comentários em voz baixa, tão baixa que não consegui escutar. Desconfiei que fossem as irmãs dela.

– Muito desanimada – ela continuou. – Acha que pode passar por aqui mais tarde e me animar?

– O que aconteceu com a regra que proíbe homens na cama depois das dez da noite?

– Estava pensando se você não tem uma cama que não seja limitada por essa regra.

Pensei se poderia levá-la à Folly sem ninguém perceber. Na verdade, Nightingale nunca havia proibido visitantes noturnos, mas eu não sabia bem como introduzir a questão na conversa. Eu dormia no sofá da casa, mas o sofá era apertado para duas pessoas. Mesmo assim, a questão merecia ser considerada.

– Ligo para você mais tarde – falei, e fui pesquisar o preço dos hotéis no centro de Londres. Porém, mesmo com minhas finanças saudáveis, essa opção foi eliminada.

Só então pensei que menos de duas semanas atrás ela era a amante enlutada de Cyrus Wilkinson, músico falecido que tocava na banda com que meu pai ia ensaiar naquela tarde. Mais uma razão para não convidá-la.

Praticamente todos os complexos de casas populares que conheço têm um conjunto de salas comunitárias. Deve haver alguma coisa em empilhar pessoas em caixas de ovos que faz arquitetos e urbanistas pensarem que um conjunto de salas comunitárias vai compensar a ausência de um jardim ou, em alguns apartamentos, de espaço até para se mexer. Talvez imaginem com carinho os moradores se reunindo espontaneamente para coloridos festivais do proletariado. Na verdade, os salões geralmente são usados para duas coisas: festas infantis e reuniões de condomínio. Mas naquela tarde íamos inovar e promover um ensaio de jazz.

Como James era o baterista, ele era o proprietário da van, uma Transit

adequadamente velha que ele deixava destrancada, com as chaves na ignição e uma placa no para-brisa dizendo: “Leve-me, sou sua.” E ele não tinha medo de não encontrá-la quando voltava ao local onde a deixara estacionada. Enquanto eu ajudava a levar as peças da bateria da van ao local do ensaio, ele me disse que essa prática era deliberada.

– Sou de Glasgow – contou ele. – Não tem muito que Londres tenha para me ensinar sobre segurança pessoal.

Tivemos que fazer mais três viagens para levar amplificadores e alto-falantes, e como era horário de trânsito escolar, logo reunimos uma plateia de aspirantes a meninos de rua. Supostamente, os meninos de rua em Glasgow são maiores e mais durões que os de Londres, porque James não deu atenção a eles. Mas notei que Daniel e Max estavam incomodados. Ninguém demonstra curiosidade hostil como um bando de garotos de 13 anos fugindo do dever de casa. Uma garota mestiça e magrela inclinou a cabeça para o lado e perguntou se tocávamos em uma banda.

– O que você acha? – indaguei.

– Que tipo de música tocam? – ela insistiu. As amigas que a seguiam riram. Eu frequentara a escola com seus irmãos mais velhos. Elas me conheciam, mas eu ainda era uma possível vítima.

– Jazz – respondi. – Vocês não iam gostar.

– Ah. Swing, latino ou fusion?

O grupo de adolescentes riu. Eu a encarei sério, mas ela ignorou o aviso silencioso.

– No último semestre de música nós escolhemos jazz – explicou ela.

– Sua mãe deve estar procurando você – falei.

– Não está. Podemos ir ver?

– Não.

– Vamos ficar em silêncio – a menina persistiu.

– Não, não vão.

– Como sabe?

– Prevejo o futuro.

– Mentira, você não é capaz disso.

– Por que não?

- Porque isso seria uma violação da causticidade.
- Isso é culpa de *Doctor Who* – disse James.
- Causalidade – eu a corriji.
- Tanto faz. Podemos ir ver?

Eu as deixei assistir ao ensaio, e elas aguentaram dois minutos de “Airegin”, o que foi mais do que eu esperava.

– Aquele é seu pai, não é? – a menina perguntou quando papai apareceu. – Não sabia que ele tocava.

Era estranho ver meu pai tocar teclado com outros músicos. Eu nunca o havia visto tocar ao vivo, mas minhas lembranças são cheias de fotos em preto e branco, e nelas papai sempre tinha o trompete nas mãos. Tentava segurá-lo como fazia Miles Davis, como se fosse uma arma, como um rifle em um intervalo da parada. Mas ele sabia tocar teclado. Até eu podia perceber. Mesmo assim, tinha a impressão de que aquele era o instrumento errado.

Aquilo me incomodou até o fim do ensaio, mas eu não consegui entender por quê.

Depois do ensaio, esperava que todos nós fôssemos a Leverton Street para uma cerveja no Pineapple, mas minha mãe convidou todo mundo para ir ao apartamento. Quando subíamos a escada, a menina do ensaio me viu e se aproximou. A pose de antes havia desaparecido.

- Ouvi dizer que você faz magia – disse ela.
- Onde ouviu isso?
- Tenho minhas fontes. É verdade?
- Sim – respondi, porque às vezes a verdade cala a boca de uma criança mais depressa que um tapa na orelha, e tem a vantagem de não ser considerada agressão a menor de idade aos olhos da lei. – Eu sei fazer magia. E aí?
- Magia de verdade – explicou ela. – Não estou falando de truques.
- Magia de verdade – confirmei.
- Quero aprender.
- Vamos combinar uma coisa – falei. – Você aprende latim, e eu te ensino magia.
- Combinado. – Ela estendeu a mão.

Apertei a mão dela, que era pequena e seca.

– Jure pela vida de sua mãe – a menina exigiu.

Hesitei, e ela apertou minha mão com mais força do que eu esperava.

– Pela vida de sua mãe – insistiu.

– Eu não juro por minha mãe – respondi.

– Tudo bem. Mas trato é trato... certo?

– Certo – concordei. Mas estava começando a ficar desconfiado. – Quem é você?

– Meu nome é Abigail. Moro nessa mesma rua, mais acima.

– Vai mesmo aprender latim?

– Agora vou – disse ela. – Até mais. – E se afastou para voltar à rua.

Contei os dedos para ter certeza de que todos estavam ali, e não precisava da ajuda de Nightingale para saber que não havia lidado bem com aquela garota. Uma coisa era certa: Abigail, que morava naquela rua, ia entrar na minha lista de atenção. Na verdade, eu ia criar uma lista de atenção só para poder pôr o nome de Abigail no topo.

Quando subi para o apartamento, os músicos haviam ido para o quarto, onde admiravam a coleção de discos de meu pai. Minha mãe havia mergulhado fundo no freezer de petiscos da Iceland, e havia pratos de pequenos enroladinhos de salsicha, minipizzas e salgadinhos sobre a mesinha de centro. Também havia refrigerante, chá, café e suco de laranja. Minha mãe parecia muito satisfeita.

– Conhece Abigail? – perguntei.

– É claro – ela disse. – Ela é filha de Adam Kamara.

Reconheci vagamente o nome. Era um entre dúzias de parentes definidos superficialmente como primos – um título que tanto podia dizer respeito ao filho de um dos meus tios quanto ao homem branco do Peace Corps que havia aparecido no complexo de meu avô em 1977 e nunca mais partira.

– Contou a ela que eu sabia fazer magia?

Mamãe deu de ombros.

– Ela esteve aqui com o pai, talvez tenha ouvido alguma coisa.

– Então você fala sobre mim quando não estou aqui?

– Você ficaria surpreso – respondeu ela.

Sim, eu ficaria, pensei, e me servi de um punhado de salgadinhos.

Atendendo a uma solicitação de minha mãe, fui ao quarto perguntar se os rapazes queriam comer alguma coisa. Meu pai disse que eles iriam para a sala em um minuto. Ele não permitia nenhum tipo de alimento perto de sua coleção, é claro, e continuou conversando com Daniel e Max sobre a transição de Stan Keton para o Third Stream. James estava sentado na cama com um LP nas mãos, e vivia o terrível dilema do fã devotado dos discos de vinil: queria pedir o LP emprestado, mas sabia que, se fosse dele, jamais o deixaria sair de casa. O pobre coitado estava à beira das lágrimas.

– Sei que saiu de moda – James estava dizendo depois de ter falado sobre Don Cherry por um tempo –, mas sempre gostei muito de corneta. – E nesse momento, se eu fosse um personagem de desenho animado, uma lâmpada acesa teria aparecido sobre minha cabeça.

Peguei emprestado o iPod de meu pai e examinei suas listas procurando uma determinada música. Levei o aparelho comigo pela cozinha até a varanda com sua vista única dos apartamentos em frente. Encontrei o que procurava, “Body and Soul”, de *Blitzkrieg Babies and Bands* – Snakehips Johnson dando à melodia um ritmo tão dançante que Coleman Hawkins teve que inventar um novo ramo do jazz para divulgá-lo. Era a mesma versão que ouvi no Café de Paris quando dançava com Simone.

O *vestigia* deixado no corpo de Mickey the Bone soara como um trombone. No corpo de Cyrus Wilkinson havia sido um sax alto. Os instrumentos que os músicos haviam tocado em vida. Henry Bellrush tocava corneta, mas eu não sentira uma corneta no Café de Paris.

Havia sentido Ken “Snakehips” Johnson e sua Orquestra West Indian, cujos membros haviam morrido todos ali, no Café de Paris, havia mais de setenta anos.

Isso não podia ser uma coincidência.

Na manhã seguinte troquei o treino por uma visita ao Clerkenwell e ao Arquivo Metropolitano. A Corporação de Londres, organização dedicada a garantir que a cidade, a porção financeira de Londres, não seja atingida por toda essa democracia ultramoderna que tem mostrado sua cara feia nos aproximadamente últimos duzentos anos. Se uma oligarquia havia sido boa o bastante para Dick Whittington, eles argumentavam, também era boa o bastante para o coração da Londres do século XXI. Afinal, diziam, isso funciona na China.

Eles também eram encarregados pelos arquivos do Conselho do Condado de Londres, que são mantidos em um prédio art déco bem conservado e ainda elegante com paredes brancas e carpete cinza. Mostrei minha credencial para uma das bibliotecárias, e ela pegou rapidamente uma lista de documentos e me mostrou como solicitá-los.

Ela também se ofereceu para verificar o arquivo digital e descobrir se havia imagens disponíveis.

– É um caso de arquivo morto? – perguntou ela.

– Muito morto – respondi.

A primeira coisa a sair da sala de arquivo foi a LCC/CE/4/7, uma caixa de papelão cheia de pastas amarradas com fitas brancas e sujas. Eu procurava o item nº 39, relatórios de 8 de março de 1941. A identificação era manuscrita em tinta preta, e eu desamarrei as pastas e encontrei o relatório impresso em tinta vermelha sobre papel amarelo claro, um sinal evidente, contou a bibliotecária, de que o documento havia sido duplicado com um mimeógrafo. Estava marcado com a palavra Secreto e datado de 9 de março de 1941. O título era Relatório de situação em 0600 horas e relacionava, em ordem de importância, danos causados em fábricas, ferrovias, telecomunicações, fornecimento de energia elétrica, docas, estradas, hospitais e prédios públicos. O Hostel St. Thomas Babie's em Lambeth havia sido atingido e, eu li com alívio, não houvera nenhuma baixa. Esse alívio era estranho, considerando que tudo havia acontecido meio século antes do meu nascimento. Encontrei o que procurava na metade da terceira página.

2140: HE CAFÉ DE PARIS, COVENTRY STREET

OCORRÊNCIAS – 34 MORTES, APROXIMADAMENTE 80

Enquanto esperava os outros arquivos saírem da sala, a bibliotecária me chamou para mostrar algumas fotos que encontrara no arquivo digital. Muitas eram do *Daily Mail*, que devia ter enviado um fotógrafo ao local assim que as bombas caíram. Em preto e branco tudo parecia curiosamente livre de sangue. Mas tudo muda quando você percebe que o cilindro cinza embaixo de uma das mesas é o braço de uma mulher e que o lugar é uma casa mortuária. Havia mais seis fotos do interior da boate, e várias dos mortos chegando ao Charing Cross Hospital, rostos pálidos e expressões perplexas entre os cobertores e o equipamento primitivo de um hospital em tempos de guerra.

Quase não notei, mas um lampejo de reconhecimento me fez clicar de volta em uma das fotos e examiná-la melhor.

A imagem era confusa, e não consegui identificar onde a foto havia sido tirada, talvez na área de ambulâncias. Um grupo de mulheres passava pela frente da câmera, todas encolhidas e com cobertores sobre os ombros. Todas, menos uma. Um rosto olhava para a câmera, a expressão chocada contida em um pálido e liso oval. Um rosto que eu reconhecia, e que vira pela última vez no salão verde no The Mysterioso na noite em que Mickey the Bone havia morrido.

Ela se apresentava como Peggy. Eu me perguntava se esse era seu nome verdadeiro.

Fumaça nos seus olhos

O Café de Paris havia sido construído seis metros abaixo do nível do solo, e era considerado seguro pela gerência e pela clientela. A menos que você fosse se abrigar no sistema de túneis do metrô, nenhum outro abrigo para civis em Londres era tão profundo. Mais tarde foi comprovado que duas bombas haviam penetrado o prédio sobre a boate – uma não detonara, a outra, jogada de uma aeronave, havia explodido bem na frente da banda, matando os músicos e a maioria dos dançarinos. Ken Johnson teve a cabeça arrancada dos ombros, e havia relatos de clientes mortos onde estavam sentados, e os corpos permaneceram eretos em suas mesas. Testemunhas oculares lembraram que havia muitos enfermeiros e oficiais canadenses na boate naquela noite, mas, apesar de ter ido à área de armazenagem com a biblioteca, não consegui encontrar nada nem remotamente parecido com uma lista de mortes. Encontrei duplicatas datilografadas em papel fino, tratando de uma troca de correspondência que lidava com queixas sobre as ambulâncias não terem chegado com a rapidez necessária para cuidar das ocorrências, e um relatório sobre a chocante ousadia dos saqueadores que haviam invadido o local recolhendo objetos de valor.

Não encontrei mais nada sobre a misteriosa Peggy que, se fosse a mesma pessoa, devia estar beirando os 90 anos, no mínimo. Há um ano eu teria considerado isso improvável, mas recentemente eu trabalhava com um cara que nasceu em 1900, e nem é a pessoa mais velha que conheço. Oxley foi monge medieval, e o “pai” dele é contemporâneo da fundação da Cidade no primeiro século d.C.

O *Manual operacional da polícia de Blackstone* recomenda o ABC da investigação séria: presumir nada, acreditar em nada e checar tudo. Mas você tem que começar em algum lugar, e eu ia começar com Peggy.

O arquivo era uma sala de paredes caiadas com armários, duas cafeteiras e uma dessas máquinas que vende barras de chocolate e salgadinhos velhos. Peguei uma xícara de café e um chocolate e pedi ao Sistema Nacional de Computadores da Polícia uma verificação sobre Peggy, mulher, e passei altura e peso aproximados. A operadora civil do outro lado da linha riu de mim, depois disse que nem conseguia

me dar uma ideia do tamanho da lista de indivíduos que esses dados resultariam. Pedi a ela para limitar a área de busca ao Soho e voltar até 1941. Ela não perguntou por quê.

– Nem todas as ocorrências dessa época estão no sistema – explicou a operadora. Ela tinha um sotaque forte e específico de uma determinada região, e isso a fez soar como se eu fosse culpado por essa ausência de informações. – Tenho uma relação de indivíduos que se enquadram nesses parâmetros – a mulher continuou. – A maioria foi presa por prostituição e porte de drogas. – Mas não havia nada que se destacasse. Pedi a ela para mandar a lista nominal para o arquivo do caso HOLMES que eu estava construindo. Ela ficou impressionada. A maioria dos policiais nem sabia que isso era possível.

Peggy havia estado no The Mysterioso na noite em que Mickey the Bone morrera. Ela havia mencionado Cherry, que, provavelmente, era Cherie, a dose de elegância na vida de Mickey, a mulher sobre quem a irmã dele havia falado. Nos velhos tempos eu teria que voltar a Cheam para mostrar uma foto para a irmã dele, mas agora só precisava mandar a foto e uma mensagem para o celular dela. Cortei a imagem de 1941 até deixar apenas o rosto, e mandei a foto.

– Ela parece bem familiar – disse a irmã de Mickey. Ao fundo eu ouvia vozes e música abafadas por uma porta fechada – o velório do irmão dela prosseguia.

– Tem o endereço de Cherie? – perguntei.

– Ela morava na cidade – respondeu a irmã de Mickey. – Não sei onde.

Perguntei se ela tinha alguma foto de Cherie. Ela disse que podia ter, e prometeu me avisar se encontrasse alguma. Agradei e perguntei como ela estava reagindo à perda.

– Estou bem, acho.

Disse a ela para ser forte. O que mais poderia dizer?

Graças à magia da ciência, copiei o resto das fotos em um flash drive que, graças à ciência da magia, eu havia testado, e assim descobrira que não os arruinava cada vez que fazia magia. Até onde eu podia determinar, o uso de magia em área próxima só degradava chips que estavam constantemente submetidos ao fluxo de energia, mas era frustrante não ter nem uma teoria sobre como a magia realmente funcionava. Uma vozinha analítica em minha cabeça apontou que toda teoria funcional provavelmente, em algum momento, envolveria física quântica – a parte da física que fazia meu cérebro derreter e escorrer pelas orelhas.

Providenciei que os relatórios do bombardeio e os outros documentos fossem

copiados, e me certifiquei de agradecer à bibliotecária antes de voltar ao local onde havia estacionado o Asbo naquela manhã.

Quando voltei à Folly, encontrei o Dr. Walid no átrio conversando com Molly.

– Ah, que bom, Peter – disse ele. – Que bom que voltou. Vamos tomar um chá?

Molly me olhou com ar reprovador e se dirigiu à cozinha. O Dr. Walid me levou até uma coleção de poltronas vermelhas e mesas de mogno reunidas sob o beiral da varanda ao leste. Notei que ele carregava sua valise de médico, uma ultramoderna pasta de plástico coberta com couro cor de vinho, uma peça cuja única concessão à tradição era o estetoscópio pendurado na alça.

– Estou preocupado – disse ele. – Receio que Thomas o esteja pressionando demais.

– Ele está bem?

– Contraiu uma infecção e tem febre – respondeu o Dr. Walid.

– Ele estava bem no café da manhã – comentei.

– Um homem pode estar morrendo em pé e não admitir. Não quero que ele seja perturbado nos próximos dois dias. Ele levou um tiro no peito, Peter, e alguns tecidos lesionados nunca se recuperarão completamente, o que o deixará propenso a infecções como a que ele tem agora. Prescrevi antibióticos que, espero, Molly vai administrar de acordo com minha orientação.

Molly chegou com o bom chá Wedgwood sobre uma bandeja de madeira laqueada. Ela serviu o Dr. Walid com movimentos delicados, e saiu em seguida sem me servir. Era evidente que ela me culpava pela recaída de Nightingale. Talvez ela soubesse sobre a cerveja.

O Dr. Walid serviu meu chá e serviu-se de um biscoito.

– Ouvi dizer que Lesley está na cidade para uma cirurgia – falei.

– Ela vai ficar bem – garantiu o Dr. Walid. – Você só precisa se certificar de que, quando ela pedir sua ajuda, vai estar pronto para ajudá-la. Como se sente com relação aos ferimentos dela?

– Não foi comigo que aconteceu. Foi com Lesley e o Dr. Framline, e com aquele pobre Hare Krishna e os outros.

– Mas você se sente culpado?

– Não. Não fiz nada com eles, e me esforcei ao máximo para impedir o que aconteceu. Mas me sinto culpado por não sentir culpa, se isso ajuda em alguma

coisa.

– Nem todos os meus pacientes chegam mortos – contou o Dr. Walid. – Não no meu consultório médico, pelo menos. Às vezes, por mais que você se esforce, o resultado pode ser menos que ótimo. Não se trata de sentir-se responsável ou não, mas de não se esquivar quando ela precisar de você.

– Pensar no rosto dela me apavora – confessei antes de me conter.

– Não tanto quanto apavora a ela – o médico respondeu, e bateu no meu braço. – Nem tanto quanto ela fica apavorada quando pensa que você pode rejeitá-la. Trate de estar disponível quando ela precisar de você. Essa é sua responsabilidade nisso. Sua parte do trabalho, se preferir.

Havíamos estourado nossa cota diária de emoção, por isso mudei de assunto.

– Sabe sobre o ninho de vampiros em Purley? – perguntei.

– Aquilo foi feio.

– Nightingale chamou o que senti naquele lugar de *tactus disvitalis*, antívital. Ele sugeriu que os vampiros sugavam a “vida” do ambiente em que estavam.

– Concordo com ele.

– Já teve oportunidade de dissecar o cérebro de uma das vítimas deles?

– Normalmente, elas já estão em avançado estado de dissecação quando as encontramos – respondeu o Dr. Walid. – Mas uma ou duas eram suficientemente recentes para termos conseguido bons resultados. Acho que sei aonde quer chegar com isso.

– Encontrou sinais de degradação hipertraumática?

– É degradação hipertraumática – o médico corrigiu. – E, sim, havia níveis terminais de DHT, lesões afetando pelo menos 90% do cérebro.

– É possível que energia “vital” e magia sejam a mesma coisa, essencialmente? – perguntei.

– Isso não contradiria nada do que tenho observado.

Contei ao médico sobre os experimentos que havia feito com minhas calculadoras portáteis, e como o dano causado a seus microprocessadores era semelhante às lesões causadas ao cérebro humano pela DHT.

– Isso significaria que a magia afetava construções biológicas e não biológicas – disse o Dr. Walid. – O que significa que pode ser possível desenvolver alguma

forma de instrumentalidade não subjetiva. – Ele se sentia tão frustrado quanto eu com o método “Toby o Cão” de detecção de magia. – Temos que replicar seus experimentos. Isso precisa ser documentado.

– Podemos fazer isso mais tarde – falei. – Agora, preciso saber que efeito isso pode ter no prolongamento da vida.

O Dr. Walid me encarou sério.

– Está falando sobre Thomas – deduziu.

– Estou falando sobre os vampiros. Verifiquei em Wolfe, e ele relaciona três casos, pelo menos, nos quais ficou confirmado que os vampiros tinham 200 anos de idade, no mínimo.

O Dr. Walid era um cientista bom demais para simplesmente aceitar a palavra de um filósofo natural do início do século XIX, mas reconheceu que a evidência indicava que, sim, essa era uma possibilidade. Francamente, eu esperava que um criptopatologista fosse um pouco mais crédulo. Mesmo assim, não ia deixar uma dose de ceticismo ficar na frente de uma teoria perfeitamente boa.

– Por ora, digamos que eu esteja certo – argumentei. – É possível que todas as criaturas com vida prolongada, os *genii locorum*, Nightingale, Molly, os vampiros, é possível que todos estejam extraindo magia do ambiente para não envelhecer?

– A vida se protege. Até onde eu sei, vampiros são as únicas criaturas que podem extrair vida, magia, o que for, diretamente das pessoas.

– Exatamente – insisti. – Vamos esquecer os deuses, Molly e os outros esquisitos por enquanto, e vamos nos concentrar nos vampiros. Seria possível a existência de uma criatura parecida com os vampiros, mas que se alimentasse de músicas? Seria possível que o ato de fazer música os tenha tornado singularmente vulneráveis?

– Acha que existem vampiros que se alimentam de jazz? – ele perguntou.

– Por que não?

– Vampiros do jazz?

– Se anda como um pato e grasna como um pato...

– Por que jazz?

– Não sei. Meu pai teria uma resposta. Ele diria que tinha que ser jazz porque essa era a única música adequada que existia. Suponho que poderíamos enfileirar diferentes músicos, expô-los ao nosso vampiro e descobrir quais deles sofrem lesão

cerebral.

– Não sei se isso corresponderia aos padrões de ética da ABM, a Associação Britânica de Medicina, sobre experimentação com humanos – disse ele. – Sem mencionar que seria difícil encontrar voluntários para o papel de cobaia.

– Não sei. Músicos? Se oferecer dinheiro... Cerveja de graça, até.

– Então, essa é sua hipótese para o que aconteceu com Cyrus Wilkinson?

– É mais que isso. Acho que posso ter encontrado um evento gatilho. – Expliquei sobre Peggy e Snakehips Johnson e o Café de Paris, e tudo soava cada vez menos denso enquanto eu fazia minha exposição.

O Dr. Walid terminou de beber seu chá enquanto eu falava. – Temos que encontrar essa Peggy – concluí.

– Isso é certo – concordou o Dr. Walid.

Eu não estava com disposição para inserir dados, e ainda não conseguira falar com Lesley pelo telefone. Então cortei uma imagem em alta resolução de Peggy em 1941 e imprimi uma dúzia de cópias na impressora a laser. Com as fotos em mãos, fui ao Soho para tentar encontrar alguém que se lembrasse dela, começando por Alexander Smith. Afinal, Peggy e Henry Bellrush estavam entre seus maiores artistas.

Quando não estava pagando mulheres para se despirem de um jeito irônico, pós-moderno, Alexander Smith trabalhava em um pequeno escritório do primeiro andar de um prédio em Greek Street, em cima de uma antiga sex shop reformada e transformada em cafeteria. Toquei o interfone e uma voz perguntou quem era.

– Oficial Grant. Quero falar com Alexander Smith – respondi.

– Quem é? – a voz insistiu.

– Oficial Grant.

– O quê?

– Polícia! – exclamei. – Abra a droga da porta.

O mecanismo estalou e eu entrei. Subi outra estreita escada comunitária do Soho, degraus forrados de carpete de nylon gasto e paredes com marcas de mãos. Um homem esperava por mim no alto da escada. Ele parecia bem comum quando o vi lá de baixo, mas como uma ilusão de ótica, foi ficando cada vez maior na medida em que eu me aproximava. Quando cheguei ao topo da escada ele era dez centímetros maior que eu, e parecia ocupar toda a largura do corredor. Vestia um

paletó azul-marinho High and Mighty sobre camiseta preta do Led Zeppelin. O homem parecia não ter pescoço, e eu era capaz de apostar que ele guardava uma carta escondida na manga. Olhar para suas narinas peludas me deixou nostálgico. Não se vê mais músculos à moda antiga como aqueles em Londres. Hoje em dia os caras são magrelos, brancos, com olhos transtornados e moletons de capuz. Esse era um vilão que meu pai teria reconhecido, e eu senti vontade de abraçá-lo e beijá-lo nas faces.

– Que merda você quer? – ele perguntou.

Ou não.

– Falar com Alexander – respondi.

– Ele está ocupado – avisou Sem Pescoço.

Nesse momento um policial tem algumas opções. Meu treinamento na Hendon enfatizava a firmeza educada – “receio, senhor, que preciso pedir para se afastar” – enquanto minha experiência nas ruas sugeria que a melhor atitude seria chamar uma van cheia de homens do Grupo de Apoio Tático e deixá-los resolver o problema usando um *taser*, se fosse necessário. Além disso, gerações de velhotes arrogantes da família de meu pai gritavam para mim que isso era um diabólico desrespeito e que ele merecia uns bons chutes.

– Escute, sou policial – falei. – Poderíamos fazer as coisas como manda o manual, mas você seria preso, haveria complicações, tudo isso, e só quero trocar algumas palavras com ele. Então, para que tudo... isso?

Sem Pescoço refletiu por um instante, antes de grunhir e dar um passo para o lado, abrindo um pequeno espaço para me deixar passar. É assim que homens de verdade resolvem suas diferenças, com uma discussão razoável e análise imparcial. Ele soltou alguns gases quando eu me aproximava da porta interna, um sinal, decidi, de seu respeito por mim.

O escritório de Alexander Smith era surpreendentemente organizado. Duas escrivaninhas, duas paredes forradas de prateleiras cobertas de revistas, livros, papéis, caixas cheias de pastas e DVDs. As janelas tinham persianas beges empoeiradas, uma delas emperrada na metade do caminho mais ou menos na virada do século, quando deixou de ser tocada. Smith trabalhava em um notebook, mas o fechou ostensivamente quando eu entrei na sala. Ele ainda era um almofadinha no blazer amarelo com echarpe vermelha, mas, fora do clube, parecia menor e mais mesquinho.

– Olá, Alexander – falei, e desabei na cadeira diante da mesa. – Como vão as

coisas?

– Oficial Grant – ele respondeu, e notei um involuntário tremor em sua perna. Ele percebeu que eu havia notado e apoiou a mão sobre o joelho para conter o movimento. – Em que posso ajudá-lo?

Definitivamente, estava nervoso com alguma coisa. E mesmo que fosse alta a probabilidade de o nervosismo não ter nada a ver com meu caso, uma pequena vantagem não faz mal nenhum.

– Tem alguma coisa urgente para fazer?

– Só o de sempre – ele respondeu.

Perguntei se as meninas estavam bem, e ele relaxou visivelmente. Não era essa a fonte de sua tensão.

Droga, pensei. Agora ele sabe que eu não sei.

Prova disso era que me ofereceu uma xícara de café solúvel, que eu recusei.

– Está esperando alguém? – perguntei.

– Como assim?

– Por que mantém um gorila na porta?

– Ah, Tony. Eu o herdei de meu irmão. Quero dizer, não podia mandá-lo embora. Ele é praticamente um bem de família.

– Não é caro alimentá-lo?

– As meninas gostam de tê-lo por perto. Então, posso ajudá-lo de algum jeito?

Peguei uma das fotos de 1941 e a entreguei a Smith.

– Essa é Peggy?

– É parecida com ela. O que tem ela?

– Você a viu recentemente?

– Não depois da apresentação no Café de Paris. Que foi espetacular, aliás. Eu já contei isso? Espetacular.

E uma coincidência sinistra, mas eu não ia falar sobre isso com Smith.

– Tem um endereço residencial? – perguntei.

– Não – respondeu Smith. – No nosso ramo sempre fazemos negócio em dinheiro. O que a Receita não vê, a Receita não sente.

– Não posso opinar – respondi. – Meus rendimentos são de conhecimento público.

– Isso pode mudar – Smith falou. – Precisa de mais alguma coisa? Nem todo mundo recebe por hora.

– Você é dessa época, não é? – perguntei.

– Todos nós temos um passado – disse ele. – Alguns têm um passado maior que outros.

– Ela já estava no ramo?

– Quem?

– Peggy. Ela dançava na década de 1990?

– Geralmente fico nervoso quando elas ainda estão na escola infantil.

– Que tal nos anos de 1980?

– Agora sei que está brincando comigo – ele respondeu, mas hesitou por um instante longo demais.

– Talvez não fosse ela, então. Talvez a mãe dela. A aparência é a mesma.

– Lamento, mas passei a maior parte das décadas de 1970 e 1980 fora do país. Havia, sim, uma garota que fazia a dança do leque no Windmill Theatre, mas isso foi em 1962. Seria demais até para a mãe de Peggy.

– Por que teve que sair do país?

– Não tive que sair. Mas esse lugar era um buraco sujo, então, eu saí.

– Mas voltou para cá.

– Senti saudade das enguias gelatinosas – ele explicou.

Mas eu não acreditava nisso.

Não conseguiria descobrir mais nada de útil, mas decidi investigar Smith no sistema de computadores da Polícia assim que voltasse à caverna tecnológica. Quando passei por Tony Sem Pescoço, me despedi dele com um amigável tapa no ombro.

– Você é um tesouro vivo, meu filho – comentei.

Ele grunhiu e eu me dei por satisfeito com a conexão estabelecida.

De qualquer maneira, a confirmação – ou a avó de Peggy tinha uma semelhança sobrenatural com a neta, ou Peggy andava pelo mundo desde 1941 se alimentando de

músicos do jazz. Até então, todas as vezes que vi Peggy e todas as mortes recentes haviam sido na região do Soho. Então, esse era o lugar para começar. Também seria útil observar alguns “associados conhecidos”, especialmente Cherry ou Cherie – a namorada de Mickey the Bone. É nesse ponto que alguém que está trabalhando em uma investigação de verdade pede ao seu supervisor alguns auxiliares para fazer uma varredura de porta em porta, mas era só eu. Então, comecei em uma ponta da Old Compton Street e fui descendo a rua.

Ninguém a conhecia no The Spice of Life ou no Ed’s Diner, nem em outros restaurantes do lado leste da rua. Um funcionário da bilheteria do GAY disse que ela parecia familiar, mas era só isso. Uma mulher que trabalhava em um mercadinho de esquina disse que achava que havia visto Peggy entrar e comprar cigarros. Não consegui nada no Admiral Duncan, exceto alguns convites para jantar. Eles a conheciam na Trashy Lingerie como “aquela mulher elegante que vem de vez em quando e torce o nariz para os nossos produtos”. Eu estava pensando que talvez valesse a pena ir dar uma olhada na loja A Glimpse of Stocking, quando uma mulher maluca saiu correndo da Patisserie Valerie gritando meu nome.

Era Simone, os saltos altos fazendo barulho na calçada e derrapando quando ela desviou de um pedestre assustado. Simone vestia jeans stretch desbotado e cardigã cor de vinho que se abria para revelar o sutiã de renda vermelha, única peça que ela vestia por baixo. Sutiã de fecho frontal, eu notei. Ela acenava e gritava, e vi que havia creme em seu rosto.

Quando percebeu que eu a vi, parou de gritar e fechou o cardigã sobre o peito de um jeito acanhado.

– Oi, Peter – disse quando me aproximei. – Que bom encontrar você assim. – Ela tocou o próprio rosto, sentiu o creme, riu e tentou limpá-lo com a manga. Depois passou os braços em torno do meu pescoço e puxou meu rosto para um beijo.

– Deve achar que sou completamente maluca – Simone falou quando nos afastamos.

– Demente, mesmo – respondi.

Ela puxou minha cabeça de novo e perguntou cochichando se eu estaria livre à tarde.

– Você me deixou sozinha ontem – reclamou. – Acho que me deve uma tarde de prazeres carnavais, no mínimo.

Considerando que a alternativa era passar horas na varredura de porta em porta, não precisei pensar muito. Simone riu, enganchou o braço no meu e me levou rua

acima. Apontei a Patisserie Valerie.

– Não vai pagar?

– Não precisa se preocupar com a patisserie – ela respondeu. – Tenho uma conta.

Começou a chover em algum momento depois do almoço. Acordei na grande cama de Simone e vi a chuva lavando a janela e aquela luminosidade cinza invadindo a sala. Simone estava colada em mim, o rosto em meu ombro, um braço sobre meu peito. Depois de algumas manobras, consegui enxergar meu relógio e descobri que passava das duas horas. O braço de Simone me apertou, seus olhos se abriram e ela me fitou por um instante antes de beijar meu pescoço. Decidi que estava chovendo demais para continuar a varredura, e que compensaria cumprindo a tediosa tarefa de introduzir todos aqueles dados no sistema assim que voltasse à Folly. Com meu cronograma satisfatoriamente modificado, deitei Simone de costas e me dediquei a descobrir quanto conseguia excitá-la sem usar as mãos. Ela suspirou quando meus lábios encontraram um mamilo, uma resposta que não era a que eu queria causar, e afagou suavemente minha cabeça.

– Vem cá – disse, e me puxou pelos ombros, encaixando-me entre suas pernas de um jeito que me fez penetrá-la sem tentar. Quando me posicionou como queria, ela me segurou ali com um ar satisfeito.

Meu quadril se moveu.

– Espere – disse ela.

– Não consigo evitar – respondi.

– Se puder se controlar só por um momento, prometo que vou fazer valer a pena.

Ficamos parados. Senti uma estranha vibração em meu peito e no ventre, e percebi que Simone cantarolava no fundo do diafragma, ou sei lá que órgão os cantores usavam para produzir aquele som. Não consegui identificar a música, mas ela me fez pensar em cafés enfumaçados e mulheres em paletós estofados e cartolas.

– Ninguém me faz sentir como você – Simone comentou.

– Pensei que eu fosse o primeiro – respondi.

– Hipoteticamente. Se houvesse outros, nenhum teria me feito sentir como você.

Movi o quadril de novo, e dessa vez ela levantou a pélvis para me encontrar.

Mais tarde cochilamos outra vez, suados e satisfeitos nos braços um do outro. Eu teria ficado ali para sempre se minha bexiga não me houvesse obrigado a sair da

cama, além do sentimento de culpa por eu ter abandonado as coisas que deveria estar fazendo. Coisas importantes.

Simone ficou deitada na cama, nua e convidativa, me observando com olhos provocantes enquanto eu vestia as roupas.

– Volte para a cama – ela disse, passando a ponta de um dedo em torno de um mamilo, depois do outro.

– Lamento, mas o poderoso exército de justiça que é a Polícia Metropolitana nunca dorme.

– Não quero que o poderoso exército de justiça durma. Pelo contrário, espero que ele seja diligente comigo. Sou uma menina má, preciso ser castigada por meus atos.

– Lamento – repeti.

– Ao menos me leve à apresentação de seu pai – ela pediu.

Eu havia contado a ela sobre a apresentação, mas não havia revelado que meu pai ia tocar com a antiga banda de Cyrus Wilkinson.

– Quero conhecer sua mãe, seu pai e seus amigos – Simone falou. – Vou me comportar bem.

Eu me ajoelhei ao lado da cama e a beijei. Ela me segurou pelos braços, e eu pensei, dane-se, eles vão acabar sabendo, mais cedo ou mais tarde. Disse a ela que a levaria.

Simone encerrou nosso beijo e se jogou novamente sobre a cama.

– Isso era tudo que eu queria – disse, e moveu a mão como a realeza dispensando um súdito. – Pode ir cuidar dos seus deveres, oficial, e eu vou ficar aqui desanimada, esperando nosso próximo encontro.

A chuva havia diminuído, mas ainda caía uma garoa que, para um londrino, é praticamente nada. Mesmo assim, peguei um táxi para voltar à Folly, onde Molly me serviu filé e torta de carne e rim com batatas assadas, ervilhas e cenouras.

– Ela sempre faz isso quando estou doente – disse Nightingale. – Amanhã vai ser torta negra no café da manhã. Com sangue de porco. Engrossa o sangue.

Jantávamos na chamada Sala de Jantar Privada, que ficava ao lado da biblioteca inglesa no primeiro andar. Como a sala de jantar principal podia acomodar sessenta pessoas sentadas à mesa, nunca a usávamos por medo de Molly decidir arrumar todos os lugares. Mesmo assim, Nightingale e eu nos vestíamos especialmente para

jantar – nós dois temos padrões, e um de nós havia se exercitado muito naquela tarde.

Eu sabia por experiência própria que não é bom mergulhar no filé com torta de carne e rim de Molly até parte do vapor superaquecido se dissipar e o interior deixar de ser quente o bastante para queimar cerâmica.

Nightingale engoliu dois comprimidos com água e perguntou sobre o caso.

– Qual deles? – indaguei.

– O dos músicos primeiro.

Contei sobre o bombardeio do Café de Paris e minha investigação sobre Peggy e, possivelmente, Cherie.

– Acha que há mais que um... – ele fez uma pausa. – Como você os chama?

– Vampiros do jazz. Mas não acho que se alimentem da música. Creio que é só um efeito colateral, como o som que faz um gerador quando é ligado.

– *Tactus disvita* – falou Nightingale. – Outra espécie de vampiro. Wolfe ficaria satisfeito.

A torta havia esfriado o bastante para eu poder comê-la. A tarde com Simone me deixara faminto e, de acordo com Nightingale, Molly havia feito a torta com fígado de touro que, ela explicara, era a receita antiga e correta.

– Por que Molly não sai para fazer compras? – perguntei.

– Por que a pergunta?

– Porque ela é diferente, como o vampiro do jazz e a Dama Pálida. Mas, diferentes deles, tivemos uma chance de descobrir o que a faz vibrar.

Nightingale terminou de engolir a comida que tinha na boca e limpou os lábios com seu guardanapo.

– A Dama Pálida?

– Foi como Ash a chamou – expliquei.

– Nome interessante. Com relação aos ingredientes para a comida, o que sei é que ela recebe as compras em casa.

– Compra pela internet?

– Meu Deus, não – disse Nightingale. – Ainda existem estabelecimentos que fazem as coisas à moda antiga, com funcionários capazes de ler um bilhete manuscrito.

- Ela pode sair, se quiser?
- Molly não é uma prisioneira. Nem uma escrava, se é isso que está insinuando.
- Então, ela poderia simplesmente ir embora amanhã?
- Se quisesse, sim – Nightingale revelou.
- O que a impede de ir?
- Medo. Acho que ela tem medo do que vai encontrar lá fora.
- E o que ela vai encontrar? – perguntei.
- Não sei ao certo. Ela não conta.
- Você deve ter uma teoria – insisti.

Nightingale deu de ombros.

- Outras criaturas como Molly – disse.
- Criaturas?

– Pessoas, se quiser. Pessoas que, como Molly, não são como você ou eu, nem mesmo como os *genii locorum*. Foram modificados por magia, ou nasceram de linhagens modificadas. E até onde sei, isso os deixa... incompletos.

Nightingale, apesar de ser literalmente uma relíquia de uma era passada, havia aprendido a modificar sua linguagem quando estava perto de mim, porque, quando pesquisei a literatura apropriada, vi que a maioria dos termos comuns começava com “im” ou “in” – inadequado, impróprio, indesejado – e atrás deles vinham os termos que começavam com “sub”. Porém, quando eu traduzia, ficava claro que pessoas “incompletas” como Molly eram vulneráveis a abuso e exploração praticados por seus semelhantes sobrenaturais mais poderosos, e por praticantes sem escrúpulos morais. Magos que Nightingale dizia serem da mais escura negritude.

– Desculpe. Praticantes etnicamente desfavorecidos – falou ele. – Meu primeiro superior, o inspetor Murville, havia supervisionado um caso famoso em Limehouse em 1911. Envolvia um conhecido mago que se apresentava com o nome artístico de Manchu, o Magnífico, e que colecionava algumas pessoas muito “estranhas”, usadas para pôr em prática seus planos nefastos.

- Que planos nefastos? – eu quis saber.

Nada menos que derrubar o Império Britânico. Aparentemente, o inspetor Murville descobriu que Manchu, o Magnífico, administrava uma casa de ópio em Limehouse Causeway. Lá o demônio oriental sentava-se como uma aranha gorda no

centro de uma rede de tramas, sendo a escravidão branca apenas o começo delas.

– O que é escravidão branca em um país de predominância branca?

Nightingale precisou pensar um pouco, mas, aparentemente, quando ele era criança, escravidão branca referia-se principalmente ao tráfico de mulheres brancas e crianças para fins de prostituição. O inescrutável chinês era suspeito de estar por trás desse repugnante comércio de carne branca e feminina. Imaginei se parte do ultraje era resultado de uma consciência culpada. E expressei minha dúvida.

– Havia casos estabelecidos, Peter – Nightingale respondeu sério. – Mulheres e crianças eram compradas e vendidas em circunstâncias bestiais e sofriam muito. Duvido que se sentissem confortadas pela ironia histórica.

O inspetor Murville, convencido da seriedade da ameaça, organizara uma patrulha com metade dos magos disponíveis em Londres e um grupo numeroso de oficiais emprestados pelo comissário. Seguiu-se uma quantidade considerável de batidas em portas e gritos de “Quieto, seu demônio oriental”, e depois um silêncio perplexo.

– O grande Manchu, o Magnífico – contou Nightingale –, era, na verdade, um canadense chamado Henry Speltz, casado com uma chinesa com quem teve cinco filhas, tendo todas elas atuado como sua bela assistente “Li Ping” em algum momento.

Nada foi encontrado na casa, exceto uma estranha jovem europeia que morava ali e trabalhava como criada. Em depoimento, Speltz contou ao inspetor Murville que a garota, que ninguém na casa chamava por um nome, havia sido encontrada encolhida em uma de suas caixas de desaparecimento no fim de uma apresentação vespertina no Hackney Empire.

Limpei o que restava de molho de cebola com o último pedaço de pão no cesto. Nightingale havia deixado metade de sua torta.

– Não vai comer? – perguntei.

– Não, pode comer – ele respondeu, o que fiz enquanto ele terminou de contar a história.

Algumas coisas nunca mudam, e um oficial sênior não organiza uma batida policial e admite o fracasso, ou uma violação da Carta Magna, até ter feito de tudo para convencer alguém de alguma coisa. Se Speltz fosse realmente chinês, as coisas podiam ter ficado muito difíceis para ele. Mas, no final, ele foi formalmente acusado de perturbar a paz e liberado depois de ser fichado.

– A jovem passou a ter proteção policial – acrescentou Nightingale. – Até o

velho Murville sentiu que havia algo de estranho com ela. – E olhou rapidamente para a porta. – Terminou de comer?

Respondi que sim, e Nightingale pegou o prato vazio e o posicionou diante dele um segundo antes de Molly entrar na sala empurrando o carrinho de doces. Enquanto recolhia os pratos, ela olhou desconfiada para Nightingale. Mas não podia provar nada.

Ela olha nos olhos com a testa franzida, e nós sorrimos.

– Muito bom – falei.

Molly deixou sobre a mesa uma torta custard e, depois de olhar desconfiada para mim pela última vez, saiu da sala em silêncio.

– O que aconteceu com a garota? – perguntei enquanto me servia.

– Foi trazida para cá e examinada. E o resultado provou que ela era anormal demais para ser posta em lares transitórios ou abrigos...

– Ou para trabalhar em casas de família – concluí. Por baixo de uma camada generosa de noz-moscada, a custard era boa o bastante para ter saído da Patisserie Valerie. Pensei se seria possível levar um pedaço para Simone. Ou, melhor ainda, trazê-la para jantar.

– Talvez fique mais tranquilo por saber que tínhamos um acordo com o hospital Corum's Foundling – falou Nightingale. – Ela teria vindo para cá, não fosse pelo desafortunado detalhe de que, uma vez admitida na Folly, ela não permitiria que a tirassem daqui.

Ouvi Toby embaixo da mesa, esperando pelas sobras do jantar.

– Estamos falando de Molly – deduzi.

– Então, ela dormia na copa e foi criada pelos empregados – Nightingale continuou.

Eu me servi de mais uma fatia de torta.

– Postmartin estava certo – falou Nightingale. – Eu me acomodei. E enquanto fiquei morando aqui com a Molly, o mundo seguiu em frente sem mim.

Eu havia comido demais, mas me obriguei a ir ao apartamento sobre a garagem para introduzir alguns dados no sistema. Lá, me senti irresistivelmente atraído pelo sofá e pelo jogo do Arsenal contra o Tottenham. A coisa estava complicada para Spurs quando meu telefone tocou e uma voz estranha disse: – Oi, Peter.

Examinei o identificador de chamadas.

– É você, Lesley?

Ouvi um som ofegante, rouco.

– Não – ela respondeu. – É Darth Vader.

Eu ri. Não queria rir, mas não consegui me conter.

– É melhor que Stephen Hawking – Lesley continuou. Sua voz dava a impressão de que ela tentava falar com uma garrafa plástica na boca, e tive a sensação de que o esforço era doloroso para ela.

– Esteve em Londres para fazer uma cirurgia – eu disse. – Podia ter me avisado.

– Ninguém sabia se ia dar certo.

– E deu?

– Estou falando, não estou? – Lesley perguntou. – Dói muito, mas estou falando.

– Quer voltar às mensagens de texto?

– Não. Estou cansada de digitar. Já examinou suas pastas no HOLMES?

– Ainda não – respondi. – Estava fazendo uma varredura de porta em porta.

– Estudei os registros que você mandou, e o professor Geoffrey Wheatcroft nem lecionou formalmente para Jason Dunlop, mas a dedicatória no primeiro livro de Dunlop era “Ao mestre Geoffrey, de quem recebi minha verdadeira educação”. Não é assim que vocês, magos treinados, chamam seus professores?

Não aquele aprendiz. Mas “mestre” não significa a mesma coisa para os garotos brancos em Oxford. Considerando os livros no apartamento de Dunlop, e eliminando a possibilidade de um conjunto realmente bizarro de coincidências, isso só podia significar que Geoffrey Wheatcroft havia ensinado a Dunlop magia formal newtoniana.

Eu disse isso a Lesley.

– Eu já imaginava – respondeu ela. – A pergunta é: ele era o único? E se não era, como vamos descobrir?

– Temos que examinar os arquivos da Equipe de Homicídios e ver se havia associados ou indiciados conhecidos que estiveram na faculdade Magdalen na mesma época que ele.

– Adoro quando fala bobagens – comentou ela. – Faz você parecer um policial de verdade.

– Acha que pode cuidar disso? – perguntei.

- Por que não? Não tenho nada melhor para fazer. Quando vem me ver?
- Assim que tiver uma chance – menti.
- Tenho que desligar – Lesley avisou. – Não posso falar muito.
- Cuide-se – eu a aconselhei.
- Você também. – E ela desligou.

Quanto aprendizes um mestre pode ensinar? É preciso ser um mago treinado para agir na capacidade do que Nightingale chamou de um “exemplar”, para demonstrar a forma. Mas eu não via por que não era possível ser mestre para mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Dependia da motivação de seus alunos. Em algum lugar como a velha escola de Nightingale, você lidaria com a medida habitual de talento e entusiasmo. Mas alunos universitários aprendendo magia por diversão? Nightingale dizia que eram necessários dez anos para ser um mago de verdade, mas eu havia conseguido fazer muito estrago nos três meses desde que começara a estudar. Duvidava de que Jason Dunlop ou outros estudantes fossem diferentes.

Liguei o terminal HOLMES e comecei a procurar conexões com a Universidade de Oxford, ligações que houvessem durado mais que o tempo dele lá. Isso me rendeu uma lista de mais de vinte nomes, a maioria de ex-alunos cujos caminhos se cruzaram profissionalmente ou, até onde a Equipe de Homicídios podia dizer, socialmente com o de Jason Dunlop.

Em um inquérito de grande porte, uma pessoa que chama a atenção da polícia é arrolada no HOLMES como um *nominal*. Qualquer tarefa que um oficial da investigação decida que é necessário desenvolver é chamada de *ação*. Ações são priorizadas e colocadas em uma lista, e oficiais são designados para cumpri-las. Ações levam a mais nominais e mais ações, e a investigação toda se torna rapidamente um turbilhão de informações do qual parece não haver saída. HOLMES permite buscas por palavras e testes de comparação, mas, na metade do tempo, isso só leva a mais ações e mais nominais e mais itens de informação. Trabalhe com isso por qualquer período de tempo e você vai começar a sentir saudade dos velhos tempos, quando simplesmente encontrava um suspeito que, para você, parecia interessante, e batia nele com uma lista telefônica até fazê-lo confessar.

Verificações de nomes da Universidade da Oxford não eram prioritárias, por isso comecei com o Sistema de Computadores da Polícia para verificar se algum deles tinha registro criminal, pelo menos, e para tentar encontrar semelhanças em suas carteiras de habilitação. Não era um processo rápido, mas graças a ele eu ainda estava vestido e acordado quando Stephanopoulos telefonou para mim à uma da manhã.

– Prepare uma valise com algumas peças de roupa – disse ela. – Vou buscá-lo em dez minutos.

Eu não tinha uma valise, por isso peguei a bolsa da academia e torci para ninguém me convidar para um jantar formal durante esse período de ausência. Peguei um Airwave extra com meu laptop de backup, só para garantir. Para ganhar tempo, saí pela porta lateral e subi a Bedford Palace até Russell Square. Estava garoando, e a umidade desenhava halos amarelos em torno das lâmpadas da rua.

Stephanopoulos não teria me ligado de madrugada por menos que outro assassinato, e a valise sugeria que o crime havia acontecido fora de Londres.

Ouvi o barulho antes de ver o carro, um Jaguar XJ preto com rodas de cinquenta centímetros e, inconfundível pelo som, motor V8 superpotente. Pelo jeito como o carro parou, ficou evidente que o motorista havia passado por todos os cursos e treinamentos e tinha autorização para dirigir em velocidade insana.

A porta de trás do lado do passageiro se abriu e eu entrei. Stephanopoulos esperava por mim cercada pelo cheiro de couro limpo recentemente. O carro arrancou assim que a porta foi fechada, e eu escorreguei pelo banco traseiro até conseguir prender o cinto de segurança.

– Aonde vamos? – perguntei.

– Norwich – respondeu Stephanopoulos. – Nosso amigo andou se alimentando de novo.

– Um morto?

– Ah, sim – disse o homem no banco da frente.

– Bem morto. – Stephanopoulos apresentou o detetive inspetor chefe Zachary Thompson.

– As pessoas me chamam de Zack – ele avisou ao apertar minha mão.

E eu vou chamá-lo de inspetor chefe, pensei. Mas não disse nada. Thompson era um homem alto com rosto estreito e um enorme nariz que parecia um bico. Ele devia ser mais duro do que sugeria sua voz, ou não teria suportado a vida com um nariz como aquele.

– Zack é o supervisor do caso – Stephanopoulos avisou.

– Sou a barba dela – o inspetor brincou animado.

Não faço parte da famosa cultura de cantina da Metropolitana. Não lamento pelos velhos tempos quando policiais eram policiais de verdade, no mínimo porque

isso me poupa do que teria sido um contínuo abuso racista. Mas até eu fico nervoso quando um oficial sênior sugere que eu o trate pelo primeiro nome. Nada de bom pode resultar desse tipo de coisa.

– Alguma coisa incomum nesse caso? – perguntei. – Quero dizer, mais incomum que de costume?

– Ele era policial – revelou Stephanopoulos. – Detetive inspetor chefe Jerry Johnson, aposentou-se na Metropolitana em 1979.

– Alguma conexão com Jason Dunlop?

– Há uma anotação no diário de Dunlop, no mês de março – respondeu o inspetor Thompson. – “Conheci J. J. Norwich.” As faturas do cartão de crédito mostram que ele comprou uma passagem de volta para Norwich em Liverpool Street naquele dia. Acreditamos que Johnson podia ser a fonte para um artigo que Dunlop estava escrevendo.

– Se for o mesmo J.J. – aponteí.

– Deixe essa preocupação com a gente – disse Stephanopoulos. – Você está aqui para verificar se há sinais de magia negra.

Para minha surpresa, estávamos atrás de uma escolta formada por dois motociclistas, e quando chegamos ao acesso para a pista da MII estávamos a 190 km/h.

A estufa

Meu pai diz que ser londrino não tem nada a ver com o lugar onde você nasceu. Ele diz que há pessoas que descem de um avião em Heathrow, passam pela imigração brandindo um passaporte qualquer, entram no metrô e, quando o trem entra em Piccadilly Circus, já se tornaram londrinos. E ele diz que há outras, algumas nascidas no centro da capital inglesa, que passam a vida toda sonhando sair de lá. Quando saem, quase sempre vão para Norfolk, onde o céu é vasto, a terra é plana e a população é majoritariamente branca. Meu pai diz que essa é a alternativa do homem pobre à Austrália, agora que a África do Sul tornou-se multicultural.

Jerry Johnson era um desses londrinos que descrevi por último, nascido em Finchley em 1940 pela graça de Deus e morto em um chalé na periferia de Norwick com o pênis arrancado por uma mordida. Esse último detalhe explica por que eu e a mais assustadora oficial da Metropolitana, seu supervisor e dois batedores seguíamos em alta velocidade pela M11. Eram duas da manhã quando saímos da estrada, por isso continuamos pela pista local quase sem reduzir o ritmo. Chegamos à cena do crime em menos de noventa minutos, o que era impressionante, mas descobrimos que a polícia de Norfolk já havia removido o corpo, o que era péssimo. Stephanopoulos saiu do local furiosa na companhia do inspetor chefe Thompson, e eu sabia que ela ia arrancar cabeças na delegacia local. Fiquei sozinho para examinar a cena do crime.

– Nenhum sinal de arrombamento – falou o detetive Trollope.

Contrariando os preconceitos de meu pai, a polícia local não era estúpida nem tinha sinais de prejuízo por relações em família. Se os primos por ali se beijavam e levavam a história adiante, pelo menos os frutos dessa relação não ingressavam na polícia. O detetive David Trollope era o tipo de homem jovem, sóbrio e forte, alguém que faria bater mais forte o coração de qualquer jovem da região.

– Acha que ele deixou o agressor entrar? – perguntei.

– É o que parece. O que você acha? – o detetive me perguntou.

Oficiais da polícia, como matronas africanas em um casamento, têm consciência

e respeitam todas as sutis graduações de posição. Tínhamos a mesma patente e mais ou menos a mesma idade, mas a desvantagem que eu tinha por estar na área dele era compensada por eu ter chegado em um Jaguar XJ V8 que havia sido emprestado pela Proteção Diplomática. Adotamos uma espécie de cordialidade desconfortável que, como com as matronas africanas, e desde que ninguém misturasse mais álcool ao ponche, nos ajudaria a encerrar o encontro sem nenhum incidente constrangedor.

– Ele tinha algum sistema de alarme? – perguntei.

– Sim – respondeu Trollope. – E dos bons.

O chalé era uma horrível estrutura construída de tijolos vermelhos, eu poderia apostar, no início da década de 1980 por algum arquiteto maluco que pretendia art déco, mas só conseguiu chegar em Tracy Emin. O interior era tão sem personalidade quanto o exterior: sofá da World of Leather, mobília genérica, cozinha comum. Havia três quartos, o que me surpreendeu.

– Ele tinha família? – perguntei.

Trollope examinou suas anotações.

– Ex-mulher, filha, netos... Todos morando em Melbourne, Austrália.

Os dois quartos extras pareciam ter sido mobiliados na década de 1980 e eram arrumados, limpos e desprovidos de sinais de vida. Trollope disse que Johnson tinha uma mulher polonesa que ia visitá-lo duas vezes por semana.

– Foi ela quem encontrou o corpo – contou o policial.

No quarto principal, que ainda estava interditado para quem não fosse da polícia técnica, fiquei parado na porta e examinei a cama da melhor maneira possível. A equipe de peritos havia removido lençóis e travesseiros, mas o colchão ainda estava no lugar e tinha uma nódoa escura mais ou menos a um terço da área a partir do pé da cama. Muito sangue encharcara o material para o colchão ter secado desde a remoção do corpo, por isso ainda consegui sentir o cheiro característico quando me afastei para ir dar uma olhada nos outros cômodos. Eu havia levado luvas comigo, mas pedi um par a Trollope para dar a ele algo para fazer e um motivo para sentir-se superior.

Se Johnson morrera no quarto dele, havia passado a maior parte da vida na sala de estar. TV tela plana de LCD, DVD, controles remotos ainda sobre a mesinha de centro, ao lado de uma cópia do *Radio Times*. Havia uma escrivaninha antiga que, Trollope me contou, ainda não fora examinada para a coleta de impressões digitais, por isso não mexemos nela. Duas estantes com portas de vidro eram ocupadas por livros. Penguins, Corgis e Panthers das décadas de 1960 e 1970 – Len Deighton, Ian

Fleming e Clive Cussler. Parecia a seção de ficção de um bazar de caridade. As prateleiras eram duplas, com a parte inferior servindo como um pedestal para a superior e ligeiramente mais profunda, e as portas eram opacas. Com cuidado, porque as impressões digitais também não haviam sido colhidas no móvel, abri as partes inferiores e as encontrei vazias, exceto por dois pedaços de papel que deixei onde estavam – mais uma deferência à perícia.

Havia duas gravuras muito boas na parede, cenas de caça, e uma foto emoldurada de sua turma de formandos em Hendon. Não consegui determinar qual dos radiantes jovens uniformizados era ele. Ao lado havia uma foto dele recebendo uma comenda de um oficial sênior que, mais tarde descobri, era Sir John Waldron, comissário da Polícia Metropolitana de 1968 a 1972, nada menos. Havia fotos de família sobre o console da lareira, um casamento, dois filhos, um menino e uma menina em várias idades, bebês, pré-escolares, em uma praia amarela à beira de um mar verde em algum lugar no exterior. Havia duas fotos tiradas fora do chalé, e nelas as crianças pareciam ter 9 ou 10 anos – nada além disso. Fiz um rápido cálculo mental e deduzi que a última foto havia sido feita no início dos anos 1980. Há mais de trinta anos.

– A família na Austrália ainda vive, não? – perguntei. – Não houve nenhuma tragédia como um acidente de carro, ou coisa parecida?

– Vou ter que descobrir – disse Trollope. – Por quê?

– Trinta anos é muito tempo para viver sem nenhuma fotografia nova.

As duas últimas fotos estavam na segunda fileira, meio escondida pelas outras, as da esposa e dos filhos. Mais homens engravatados, com costeletas e lapelas constrangedoramente largas, fotografados em um bar que parecia familiar e que reconheci de repente. Era o French House, no Soho. Também percebi que estava olhando para o jovem Alexander Smith, o dono da boate, que naquela época já se apresentava como um almofadinha com paletó de veludo amassado e camisa de babados.

– Por acaso não tem detalhes sobre a carreira dele, tem? – indaguei.

Trollope examinou as anotações novamente, mas, antes mesmo de ouvir a resposta, eu já sabia que a maior parte da carreira do inspetor Johnson havia acontecido no Soho e na região em torno dele.

– Ele foi detetive inspetor chefe em West End Central, e antes disso esteve em algum agrupamento chamado de EPO.

Pedi as datas, e o policial disse que 1967 a 1975.

O EPO era o Esquadrão de Publicações Obscenas, a unidade especialista mais corrupta da divisão mais corrupta da Polícia Metropolitana. E Johnson havia sido membro da equipe durante a década mais corrupta.

Não era à toa que Alexander Smith estava na fotografia. O EPO havia criado uma rede de proteção para lojas de pornografia e boates de strip. Os proprietários pagavam um valor diário aos policiais, e eles garantiam que ninguém os incomodaria com fiscalizações e batidas. Ou, se fosse inevitável, eles avisavam com antecedência, de forma que havia um bom tempo para esconder tudo que era indesejável ou reprovável. E se você oferecia um “drinque” aos caras uniformizados, ainda tinha direito a um bônus: eles direcionavam a fiscalização para a concorrência, depois vendiam os produtos confiscados para você do lado de fora da sala de evidências em Holborn. Isso também explicava como Johnson havia conseguido se aposentar cedo e, provavelmente, por que tivera que se aposentar.

Olhei para os três controles remotos deixados casualmente sobre a mesa de centro.

Abaixei-me ao lado do móvel onde ficava a televisão. Era um desses móveis baratos de laminado, e a quantidade de fios e cabos atrás do móvel dificultava a adequada remoção da poeira.

– Pode me ajudar aqui? – pedi, e expliquei a Trollope o que queria que ele fizesse. Com cuidado para não interferir em nenhuma evidência, pegamos o DVD player e o levantamos. Embaixo do aparelho havia um retângulo cinza-claro onde alguma coisa protegera a superfície laminada de anos de poeira, alguma coisa menor que a base do DVD player. Assenti e devolvemos o aparelho ao lugar com todo cuidado.

– O que foi isso? – quis saber Trollope.

– Ele tinha um videocassete – expliquei, apontando os controles sobre a mesa. Um para a TV, um para o DVD e...

– Caramba – Trollope murmurou.

– Você precisa dizer ao pessoal que está analisando a cena do crime que alguém levou as fitas de VHS que estavam aqui – falei.

– Por que ele ainda tinha um videocassete? – o policial questionou. – Conhece alguém que ainda tenha um VHS?

– Deve ser alguma coisa que ele não quis correr o risco de digitalizar.

– Hoje em dia? Deve ser alguma coisa muito repulsiva ou ilegal. Pornografia infantil, snuff ou, sei lá, estrangulamento de gatos.

– É preciso conversar com a esposa – continuei. – Talvez ela saiba alguma coisa.

– Talvez por isso tenha ido embora – acrescentou Trollope. – Alguém vai ter que ir à Austrália?

– Não seremos nós. A polícia nunca manda um detetive para esse tipo de viagem. É sempre um “oficial experiente” que acaba sendo premiado com essas viagens gratuitas. – Vivemos um momento de solidariedade deprimida. – Se tivesse coisas que queria desesperadamente esconder, onde as guardaria?

– No galpão do jardim – respondeu Trollope.

– É mesmo?

– É onde meu pai guarda a erva.

– Sério?

– Cultivar a própria erva é uma longa tradição por aqui.

– Nunca se sentiu tentado a prendê-lo por posse?

– Só no Natal – ele contou.

O ideal seria sairmos para irmos nós mesmos dar uma olhada no galpão, mas não se faz uma coisa dessas em uma moderna cena de crime sem antes conversar com a equipe de perícia, e eles disseram que não poderíamos sair enquanto eles não examinassem o gramado para ver se havia pegadas. E eles não podiam examinar o gramado enquanto não amanhecesse. Muito bem. Sendo assim, fomos levar nossas conclusões a Stephanopoulos, que ficou muito satisfeita e demonstrou seu contentamento com sanduíches e café. Tivemos que ir comer na rua para não deixar cair migalhas na cena do crime. Fazia um frio surpreendente, mas a polícia de Norfolk mantinha duas vans Transit do lado de fora do chalé, e nós nos acomodamos em uma delas. Mesmo tão perto de Norwich, o céu era espantosamente amplo e cheio de estrelas. Stephanopoulos percebeu que eu olhava para cima.

– Garoto da cidade – disse ela.

Sugeri que a esposa de Johnson fosse entrevistada na Austrália e ela concordou, embora fosse da opinião de que a polícia local podia perfeitamente cuidar disso sem a necessidade de enviarmos um oficial britânico, sênior ou não. Trollope sufocou o riso.

– Qual é a graça, policial? – perguntou Stephanopoulos.

– Nenhuma, senhora – respondeu ele.

Os sanduíches eram do tipo que se podia comprar em lojas de conveniência de postos de gasolina, daqueles que conseguem a proeza de ser, ao mesmo tempo, úmidos e duros. Acho que o meu era de salada e presunto, mas nem sentia o gosto. Stephanopoulos abandonou o dela depois da primeira mordida.

– Precisamos saber o que Johnson disse a Dunlop – falou ela.

– Aposto que tinha alguma coisa a ver com o Esquadrão de Publicações Obscenas – respondi. – O que mais ele teria para falar?

– As pessoas são mais que seus empregos – Stephanopoulos lembrou.

– Não esse homem – insisti. – Se ele se interessava por alguma coisa em especial era pelas fitas roubadas. Acredito que pode ter sido morto, em parte, na tentativa de recuperá-las.

– Entendo. EPO mais fitas de vídeo, mais a matéria de um jornalista, algum escândalo suculento da década de 1960? Talvez alguém quisesse silenciá-lo. Se descobrirmos que matéria era essa, descobrimos quem tem um motivo.

Contei a ela sobre a presença de Alexander Smith em uma das fotos no console da lareira.

– Quem é ele quando está em casa? – perguntou a oficial.

– Empresário da noite. Boates. Está no ramo desde os anos 1960, teve um período de férias prolongadas na Costa del Sol nas décadas de 1970 e 1980.

– Um gângster? – Trollope perguntou.

– Um espertalhão – esclareci.

– Como ele chamou sua atenção? – Stephanopoulos quis saber.

– Durante o andamento de outro inquérito – revelei, e olhei para Trollope. Não sabia quanto Stephanopoulos ia querer que eu revelasse fora da Metropolitana.

– Acha que são casos relacionados? – ela me perguntou.

– Não sei. Mas, definitivamente, é um ponto de partida.

Ela assentiu e apontou para mim.

– Vá dormir um pouco. Quero que esteja bem e animado amanhã – disse, depois olhou para Trollope. – Você... Seu chefe o colocou à minha disposição, então, preciso que faça algumas coisas. Tudo bem?

– Sim, senhora.

– O que faremos amanhã? – indaguei.

– Vamos ter uma longa e agradável conversa com esse Alexander Smith.

Descobri que era muito fácil dormir no banco traseiro da Transit, mas acordei para uma manhã clara e gelada e fiquei realmente feliz quando o detetive Trollope apareceu com um Mondeo sem identificação para nos levar à estação de trem. Trollope e eu trocamos números de celular, porque é sempre bom manter contatos, e Stephanopoulos e eu fomos procurar café. A estação de Norwich seguia o padrão vitoriano de tijolos, ferro e vidro, modernizada pelo colorido plástico moldado de vários quiosques de fast-food. Dirigi-me animado ao quiosque da Upper Crust, pensando seriamente em pedir se podia me sentar embaixo da torneira da máquina de café, mas me conformei com dois expressos duplos e uma baguete de frango. Stephanopoulos não aprovou.

– O frango que está comendo é cheio de conservantes, desidratado e prensado, e depois ainda é temperado com mais química – disse.

– Estou com fome demais para me importar – respondi.

Pegamos o expresso para Liverpool Street e Stephanopoulos conseguiu nos colocar na primeira classe usando sua credencial, o que, em uma rota tão curta como aquela, significava apenas assentos um pouco mais largos e um punhado de passageiros a menos. Isso era conveniente para Stephanopoulos, porque ela dormiu antes de o trem deixar a estação.

Não havia wi-fi no trem, por isso abri um arquivo PDF de *Latim para leigos* em meu notebook e passei uma hora e meia me debatendo entre adjetivos de terceira declinação. Estávamos a vinte minutos de Liverpool Street, vendo os bairros como uma confortante mancha chuvosa, quando Trollope me ligou.

– Eles me deixaram entrar no galpão – disse. – Eu estava certo. A porta foi arrombada. – O método de arrombamento havia intrigado a todos, porque a fechadura e um pequeno círculo da madeira em torno dela haviam sido extraídos. – Ninguém consegue entender como foi feito.

Eu sabia. Era um encantamento. Na verdade, era um feitiço que eu havia visto Nightingale usar no portão do jardim em Purley, quando fomos ao covil do vampiro. Ou nosso mago negro está ficando descuidado, não sabia que havia alguém capaz de rastreá-lo, ou simplesmente não se importava com a possibilidade de nos alertar para sua presença.

De acordo com Trollope, o galpão era como todos os outros, uma bagunça de ferramentas de jardinagem, vasos de flores, mangueira e peças de bicicleta.

– Não acredito que vamos conseguir descobrir se alguma coisa foi levada de lá –

continuou ele.

Mesmo assim, os peritos estavam recolhendo impressões digitais. Os detalhes desse procedimento e da remoção da fechadura, e também o relatório sobre duas possíveis pegadas encontradas no jardim, foram anexadas ao HOLMES. Agradei a Trollope e prometi que o avisaria, caso acontecesse alguma coisa importante.

Stephanopoulos acordou com um ronco quando estávamos parando na estação, e me olhou por um instante confusa antes de conseguir se orientar. Contei a ela as novidades sobre a fechadura do galpão, e a oficial moveu a cabeça em sentido afirmativo.

– Devemos informar nosso superior? – perguntou ela.

O Dr. Walid havia sido firme.

– Ainda não – respondi. – Vamos ver se consigo a confirmação de Alexander Smith primeiro, antes de tirá-lo da cama.

– Ah, sim, Smith – Stephanopoulos lembrou quando o trem parou. – Um vilão da antiga escola. Isso vai ser interessante.

Stephanopoulos decidiu usar West End Central como cenário para a entrevista. Construída na década de 1930 em Savile Row, o local é um grande bloco quadrado de escritórios revestido com cara Pedra Portland num esforço para disfarçar sua essencial falta de graça. Do outro lado da Regent Street, saindo do Soho, ele é a principal base de operações da Boates e Vícios, e Stephanopoulos havia convencido um velho amigo que trabalhava lá a pegar Alexander Smith para nós. A ideia era convencê-lo de que ele era só um peixe pequeno capturado por uma grande e impessoal máquina de moer carne. Pretendíamos pôr em prática uma mistura de Kafka e Orwell, o que mostra quanto pode ser perigoso atravessar o caminho de policiais que leram mais do que você. Nós o deixamos cozinhar na sala de entrevistas por cerca de uma hora e pouco, enquanto Stephanopoulos e eu ficamos sentados na cantina bebendo aquele café horroroso, traçando nossa estratégia para o interrogatório. Bem, na verdade, Stephanopoulos cuidava da estratégia, enquanto eu ficava ali sentado e acatava tudo.

Alexander Smith havia morado fora do país nos anos de 1970 e 1980, sim, vivera perto de Marbella, no sul da Espanha, na famosa Costa del Crime, com um punhado de homens durões de meia idade que falavam como Ray Winston e tinham a fibra moral de um lenço de papel úmido. Ele era um vilão da velha escola, mas era esperto, porque nunca havia sido preso ou processado. Tinha uma boate, mas sua principal fonte de renda era o trabalho de intermediário entre policiais corruptos e os barões da pornografia no Soho. Ele sabia onde os corpos eram enterrados,

literalmente, e devia estar esperando que começássemos falando sobre isso.

– Mas ele está com medo – opinou Stephanopoulos. – Não pediu informações nem quis dar um telefonema. Ele *quer* ser pego.

– Por que não pede proteção, então?

– Criminosos como ele não pedem proteção. Não falam com a polícia, a menos que seja para comprá-la. Mas ele está com medo de alguma coisa, e precisamos descobrir do quê. Então enfiamos a faca, torcemos, e ele vai se abrir como um caramujo.

– Não seria uma ostra? – sugeri.

– Siga minhas indicações – Stephanopoulos falou.

– E se tivermos que entrar na minha área de conhecimento?

Ela riu.

– Se por acaso tivermos que entrar no pequeno território do desconhecido, você faz as perguntas que tiver que fazer. Mas seja sensato e cuidadoso, porque não gosto de chutar as pessoas por baixo da mesa. Não é profissional.

Terminamos nosso café horroroso e discutimos rapidamente o tamanho da pasta. Não é novidade que oficiais da polícia dirijam-se a uma entrevista levando pastas cheias de papéis em branco, um truque para dar a ideia de que nós, os policiais, já sabemos de tudo, e que o interrogado pode economizar tempo e falar logo tudo que sabe. Mas Stephanopoulos achava que um velhaco como Smith não ia cair nesse truque. Além do mais, queríamos dar a impressão de que nem estávamos tão interessados.

– Ele quer alguma coisa de nós – Stephanopoulos continuou. – Quer ser convencido a se entregar. Quanto mais pensar que não estamos interessados, mais propenso ele estará a falar.

Smith usava novamente o blazer azul-marinho, mas a camisa estava aberta no colarinho e seu rosto estava pálido, coberto pela sombra da barba por fazer. Fizemos uma grande encenação colocando as fitas na máquina, depois nos apresentamos e o informamos sobre seus direitos.

– Entenda que não está detido, e que pode encerrar essa entrevista no momento que quiser.

– Não, sério? – perguntou Smith.

– Você também tem direito a um advogado ou representante de sua escolha.

- Sim, sim – retrucou Smith. – Podemos ir em frente?
- Não quer ouvir um resumo do caso? – estranhei.
- Não, não quero a droga do resumo.
- Parece estar com pressa. Tem que ir a algum lugar? – perguntou Stephanopoulos. – Alguém espera por você, talvez?
- O que vocês querem? – Smith irritou-se.
- Estamos aqui para esclarecer seu envolvimento em vários crimes – falou a oficial.
- Que crimes? Nessa época eu era um empresário respeitável, tinha uma boate, só isso.
- Que época? – interferi.
- Nos velhos tempos. Não é sobre isso que estão perguntando? Porque eu era um empresário respeitável.
- Mas, meu querido Smith – Stephanopoulos falou com tom doce –, não acredito em empresários respeitáveis. Estou na polícia há mais de cinco minutos. E o oficial aqui também não acha que você é respeitável, porque ele é membro de carteirinha do Partido dos Trabalhadores Revolucionários e considera toda forma de propriedade um crime contra o proletariado.
- Essa me pegou de surpresa, e o máximo que consegui falar foi: – Poder para o povo.
- Smith olhava para nós como se fôssemos malucos.
- Então – continuei –, esteve envolvido em vários crimes naquela época, Smithy?
- Não fui nenhum anjo – ele confirmou. – E reconheço que fui forçado a me relacionar com elementos insalubres nos velhos tempos. Esse foi um dos motivos pelos quais me mudei para o exterior, para me afastar de tudo isso.
- Por que voltou?
- Saudades da velha Bretanha.
- É mesmo? – ironizei. – Você me disse que a Inglaterra era um buraco.
- Bem, pelo menos é um buraco de língua inglesa – respondeu Smith.
- O dinheiro acabou – Stephanopoulos arriscou. – Foi isso, Smithy?

– Ah, por favor – ele riu. – Eu poderia comprar você e todos os oficiais sêniores nesta delegacia e ainda ter o suficiente para comprar um apartamento em Mayfair.

– Faça uma oferta – sugeriu Stephanopoulos. – Estou precisando de um galinheiro novo. E também seria bom aumentar a estufa.

Smith, que não ia dizer nada que pudesse ser mal interpretado ou editado digitalmente para se transformar em uma admissão de culpa, sorriu para nós com ironia.

– Se não foi pelo dinheiro – interferi –, por que voltou?

– Fui para Marbella porque estava cansado, queria me aposentar. Comprei uma bela *villa* para nós, minha esposa e eu, e não vou mentir, a vida era ótima até os malditos anos oitenta, quando os russos começaram a aparecer. Depois disso, não havia mais segurança nem mesmo dentro de casa. Então, decidi que, se tinha que enfrentar tiros e ameaças, melhor que fosse em Londres.

– Perdeu Marbella, ganhou Londres – sugeriu Stephanopoulos. – Não é isso, oficial?

– Com certeza – concordei. – Você traz necessárias cores populares às vias históricas de Londres.

Sabíamos por relatórios que Stephanopoulos havia conseguido com a Agência de Crime Grave e Organizado que o verdadeiro motivo da volta de Smith a Londres era uma série de transações com drogas que haviam acabado mal. Seu produto era regularmente confiscado na Espanha e em Amsterdã, e quando ele finalmente embarcou no avião para Gatwick, tudo que deixava para trás eram dívidas e a esposa, que acabou indo morar com um dentista brasileiro. Essa deve ter doído.

– De onde você é? – ele me perguntou.

– De onde acha que sou? – devolvi, porque a regra principal e inquebrável de uma entrevista policial é nunca fornecer informações – especialmente sobre si mesmo.

– Não sei. Mas parece que não sei mais merda nenhuma.

– Conhece Jerry Johnson? – perguntou Stephanopoulos.

– Quem é esse? – ele disparou, mas tremeu, e sabia que havíamos percebido.

– Detetive inspetor chefe Johnson – falei, e mostrei a fotografia da casa de Johnson.

Ele parecia surpreso.

– Estão falando sobre Greasy Johnson? Aquele idiota?

– Então você o conhece? – indaguei.

– Ele costumava andar pelo Soho com a mão estendida – disse Smith. – Como o resto da laia imunda. Como eles fazem agora, na verdade. Quantos anos o Greasy tem? Ouvi dizer que ele teve que se aposentar.

Eu tinha uma boa fotografia da cena do crime de Jerry Johnson deitado nu em sua cama, sem os órgãos sexuais, pronta para ser passada para Smith, mas Stephanopoulos bateu o dedo uma vez na mesa, o que significava *contenha-se*. Olhei bem para Smith e vi que sua perna estava com o mesmo tremor que eu tinha visto em seu escritório. Queríamos que ele ficasse com medo, mas não com tanto medo a ponto de ficar calado ou tentar escapar.

– Ele foi assassinado ontem – disse Stephanopoulos. – Na casa dele em Norfolk.

Os ombros de Smith relaxaram. Alívio, defesa, desespero? Eu não conseguiria dizer.

– Você sabia disso antes – eu disse –, não sabia?

– Não sei do que você está falando.

– Ontem – eu disse –, quando vim chamar... é por isso que o Sem Pescoço não foi atender, por isso você estava suando.

– Ouvi alguns sussurros – disse Smith.

– Que tipo de sussurros? – perguntou Stephanopoulos.

– Que alguém que eu pensava que estava morto pode não estar – disse ele.

– O cara morto tem nome? – perguntou Stephanopoulos.

– Johnson estava com esse cara estranho; que parecia um mago – disse Smith.

– Ele fez truques com cartas? – perguntou Stephanopoulos.

– Não esse tipo de mágica – disse Smith. – Era como magia vudu real, apesar de ele ser um velho branco.

– Você disse que era como vudu? – perguntei. – O que aconteceu, cantaram para os espíritos que o possuíam? Ele fazia sacrifícios e rituais?

– Não sei – Smith respondeu. – Eu sempre fiquei bem longe.

– Mas acha que ele conseguia fazer feitiços de verdade?

– Eu não acho – respondeu ele. – Eu vi.

– Viu o quê?

– Quero dizer, acho que vi – disse Smith, e pareceu murchar dentro do colarinho da camisa. – Você não vai acreditar em mim.

– Não vou acreditar em você – confirmou Stephanopoulos. – Mas o oficial Grant aqui é pago para acreditar nessas coisas. Ele também tem que acreditar em fadas, magos e duendes.

– E em hobbits – acrescentei.

Smith se agitou.

– Acham que é engraçado. Larry Piercingham, que costumavam chamar de Larry, a Cotovia, porque ele gostava de fazer suas rondas bem cedo. Lembram-se dele?

– Não sou tão velha quanto pareço ser – disse Stephanopoulos enquanto eu anotava o nome.

– Não tenho os detalhes, mas sei que ele se deu mal com um mago...

– Ele tinha nome? – Stephanopoulos o interrompeu.

– Quem?

– Esse mago. Qual era o nome dele?

– Não sei – disse Smith. – Quando falávamos sobre ele era só o Mago e, na maioria das vezes, nem falávamos sobre ele.

– E o que aconteceu com Larry, a Cotovia? – interroguei.

– Larry se envolveu com uma turma da pesada de Somers Town, ladrões e assaltantes, entre outros. O tipo de gente que não levava desaforo para casa nos velhos tempos. Não era gente que se podia desrespeitar... entendem?

Nós entendíamos. Somers Town era um bloco concentrado de criminalidade espremido entre as estações Euston e St. Pancras. Nos dias anteriores aos rottweilers, aquele era o tipo de lugar onde as pessoas mantinham uma pistola de cano serrado perto da porta da frente, caso aparecesse algum visitante indesejado ou assistente social.

Larry que, quando não estava roubando carros de segurança, trabalhava como segurança para vários empresários do pornô, cafetões e outros profissionais do ramo, um dia desapareceu. A esposa andou pela região por um tempo perguntando a todo mundo se alguém o vira, mas ninguém sabia de nada.

– Não que houvesse alguém procurando, na verdade – Smith acrescentou.

Um mês depois, houve uma grande comemoração com lugares marcados na Acropolis em Frith Street. Toda a gangue de Somers Town estava lá, e também havia convidados selecionados da nata do submundo do Soho.

– O que estavam celebrando? – quis saber Stephanopoulos.

– Não lembro – disse Smith. – Acho que ninguém lá lembra o motivo da comemoração.

Era um lugar grego, cipriota, e havia muita carne grelhada, peixes e azeitonas.

– Uma verdadeira festa grega – comentou Smith. – Nada daquela coisa curda.

– Se era uma festa de criminosos, por que você estava lá? – Stephanopoulos perguntou.

– Eu tinha interesse em alguns negócios deles – Smith falou. – Mas, principalmente, estava lá porque eles me convidaram, e quando gente como eles convidavam, você ia.

Smith não havia notado nada de incomum até cerca de duas horas depois, quando boa parte da comida havia acabado e dois garçons entraram com uma grande bandeja coberta, abriram espaço e a colocaram no centro da mesa. Michael “Mick” McCullough, que era então o líder indiscutível da gangue, havia perguntado: – O que é isso? Não é meu aniversário.

Alguém havia sugerido que poderia ser a stripper.

– Só se for meia stripper – McCullough respondera, e removeu a tampa da bandeja. Embaixo dela estava a cabeça de Larry, a Cotovia, com uma aparência tão fresca quanto no dia em que havia sido cortada. Guarnecida com folhas de azevinho e visco e tudo. Anotei esse detalhe para o caso de ter alguma importância.

A gangue de Somers Town era, por definição, formada por homens duros, matadores implacáveis. Sabiam como plantar o medo nas pessoas e não se deixariam abalar por uma coisa tão rotineira quanto uma cabeça na bandeja.

– Essa deve ser a stripper mais feia que já vi – comentou McCullough.

Todos riram, e continuaram rindo até o momento em que a cabeça falou.

– Ajudem-me – ela disse.

A voz, de acordo com Alexander Smith, soava meio parecida com a de Larry, a Cotovia, mas tinha uma qualidade sibilante, com se o ar fosse empurrado por um cano. Bem, isso amedrontou a gangue de Somers Town, que se afastou da mesa tão depressa que várias cadeiras caíram. Todos se apavoraram, menos Michael

McCullough, que não era um homem supersticioso.

– Isso é um truque, bando de covardes estúpidos – ele havia gritado enquanto, sem hesitar, virava a bandeja.

– Acho que ele esperava encontrar um buraco na mesa – disse Smith. – Para ser bem honesto, eu também esperava. Imaginei que Larry, a Cotovia, estava ali abaixado rindo de nós. Mas não havia buraco. Nem Larry. Quero dizer, nada além da cabeça dele.

A cabeça cortada saiu rolando pela mesa e caiu no chão, enquanto todos os valentões, durões e grandalhões gritavam como garotinhas e tentavam sair do caminho. Mas não McCullough, porque uma coisa que se podia dizer sobre ele era que o homem não sentia medo. McCullough contornou a mesa, pegou a cabeça pelos cabelos e a sacudi diante de seus convidados.

– É um truque – gritou. – Não acredito nisso. Que bando de florzinhas!

– Mickey – disse a cabeça de Larry, a Cotovia. – Pelo amor de Deus, me ajude.

– Como McCullough reagiu? – quis saber Stephanopoulos.

Smith arrastou os pés no chão de ladrilhos, fazendo barulho na sala de interrogatório.

– Não sei – respondeu ele. – Porque, como todo mundo ali, eu saí correndo. Depois disso, ninguém falou sobre aquela noite, ninguém falou sobre Larry, a Cotovia, e o restaurante foi fechado. Eu tratei de ficar calado, ganhei meu dinheiro e saí do país.

– O que o Mago queria do detetive inspetor chefe Johnson? – indagou Stephanopoulos.

– O de sempre – falou Smith. – Queria proteção contra qualquer interferência indevida das forças da lei e da ordem.

Perguntei o que precisava ser protegido.

– Uma boate. Em Brewer Street.

– Não há nenhuma boate em Brewer Street – falei.

– Era um clube fechado – Smith explicou.

– O que Johnson obteve do Mago? – Stephanopoulos continuou perguntando.

– Greasy Johnson tinha necessidades. Ele era um homem muito carente, tinha necessidades especiais.

- De que tipo? Drogas, jogo, bebida, mulheres... o quê?
 - Sexo.
 - Que tipo de sexo? – interferi. – Meninos, meninas, meias curtas, cabras?
 - O último – Smith respondeu.
 - Cabras – Stephanopoulos manifestou-se. – Está brincando.
 - Não sei se eram exatamente cabras – revelou Smith –, mas era alguma coisa relacionada com animais. Sabe o que é uma menina-gata?
 - Mangás – deduzi. – Garotas com orelhas e caudas de gatos. São chamadas de Neko-chan, acho.
 - Graças a Deus pelos japoneses, não? – Smith comentou. – Sem eles, não teríamos nomes para todas essas coisas. Era disso que Greasy Johnson gostava. Meninas-gatas.
 - Está falando sobre garotas vestidas de gatos – sugeri Stephanopoulos.
 - Escute, eu não sabia sobre essas coisas, e fiz questão de nunca saber, mas fantasia de gato? Não, não foi isso que ouvi. Pelo que escutei, eram criaturas de natureza esquisita.
 - Ele ainda estava por aqui? – Stephanopoulos indagou.
 - Quem? – Smith parecia confuso.
 - O Mago. Ele ainda estava aqui quando você sentiu saudades e voltou para casa?
 - Não. Fiz questão de perguntar por aí, se ele ainda estivesse por aqui, eu teria ido para Manchester.
 - Manchester – repeti. – Sério?
 - Blackpool, se Manchester não fosse suficientemente longe.
 - E ele não estava mais aqui?
 - Não.
- Stephanopoulos voltou a perguntar.
- Então, quem matou Jerry Johnson?
 - Não sei. – A perna de Smith voltou a tremer.
 - Foi o Mago? – ela insistiu.

– Não sei.

– Foi o maldito Mago?

A cabeça de Smith sofreu dois pequenos espasmos, para um lado e para o outro.

– Não sabe o que está perguntando – disse ele.

– Podemos proteger você – ela ofereceu.

– O que acha que sabe sobre esse assunto? – Smith disparou. – Não sabe nada.

– Mostre a ele, oficial – Stephanopoulos ordenou.

Abri a mão e conjurei uma bola de luz. Carreguei no vermelho e adicionei um pouco de brilho e movimento para torná-la mais impressionante.

Smith olhou para a luz com uma gratificante expressão de surpresa estupefata.

– Sabemos do que estamos falando – eu disse. Havia praticado essa variação como um número de demonstração de baixa energia na esperança de ser menos prejudicial, com menor capacidade para explodir aparelhos eletrônicos à minha volta. Mesmo assim, olhei preocupado para o gravador e o desliguei rapidamente, só por precaução.

Smith me encarava.

– O que é isso? – ele se inquietou. – Agora temos policiais mágicos? Desde quando?

– Desde Bow Street – respondi.

– Ah, sim. E onde estavam quando Larry, a Cotovia, teve a cabeça cortada?

Era uma boa pergunta, e eu pretendia repeti-la para Nightingale assim que tivesse tempo.

– Eram os anos 1970 – respondi. – Agora é outra história.

– Ou você pode voltar para Marbella – Stephanopoulos acrescentou esperançosa.

– Ou Manchester – sugeri.

– Ou Blackpool – disse ela.

– Burlesco entre as luzes – falei.

– Tem outro cara – Smith falou de repente. – Outro maldito mago, não sei de onde ele saiu. Um minuto não estava lá, no outro estava.

– Quando ele apareceu? – perguntei.

– No verão. Algumas semanas depois do incêndio em Covent Garden.

– Você o viu?

Smith balançou a cabeça.

– Não vi nada. E ninguém disse nada.

– Então, como soube que ele estava lá? – Stephanopoulos indagou.

– Vocês, policiais modernos, pensam que controlam tudo – Smith comentou. – Isto aqui é o Soho, essa é minha casa, meu chão. Sou como um tigre. Sei quando alguma coisa está diferente no meu território. Droga, sei quando alguém abriu um novo serviço de entrega de comida chinesa. Quando alguma coisa tão diabólica se esgueira de volta... Eu senti. – Ele nos olhou com piedade. – Um policial à moda antiga também teria sentido, até um paspalho como Johnson teria percebido alguma coisa.

– Teria saído procurando uma rolha para tapar o buraco – Stephanopoulos deduziu.

Smith deu de ombros.

– Para que mais elas servem?

– Então, por que não evitou tudo isso? – eu quis saber.

– Hoje em dia não me meto mais em nada que não seja da minha conta, e minha clientela agora é outra. Sou kosher. Então, por que me preocupar? Além do mais, tudo que tenho está investido no meu negócio.

– O que mudou, então? – perguntei.

– Acho que você. Naquela primeira vez, você mal havia saído quando ele entrou todo animado e se sentou na mesma cadeira.

– Quem entrou? – Stephanopoulos tentou esclarecer.

– Esse é o ponto – Smith respondeu. – Não sei. Lembro a voz, lembro o que ele disse, mas não consigo me lembrar do rosto.

– Como é possível não lembrar o rosto?

– Nunca esqueceu onde deixou as chaves? É assim, eu sei que ele esteve lá, sei que se sentou na minha frente, mas não consigo lembrar como ele era.

– Como sabe que ele era esse novo mago, então? – Stephanopoulos perguntou novamente.

– Você é surda? – Smith se impacientou. – Acha que sou demente, que tenho a doença da vaca louca? Não lembro o rosto do homem... Acha que isso é um fenômeno natural?

Stephanopoulos olhou para mim, mas só pude dar de ombros. Magicamente falando, isso estava bem acima do conteúdo do meu nível. Eu também começava a sentir um frio no estômago quando pensava em como meus dois casos estavam se fundindo.

– O que o Sr. Esquecível queria? – arrisquei.

– Ele procurava a mesma mulher que você.

– Peggy? – estranhei.

Smith assentiu.

– O que eu sabia sobre ela, o que sabia sobre você, se eu não era uma das pessoas na casa na apresentação de Larry, a Cotovia... Foi assim que ele chamou, apresentação.

Stephanopoulos ficou tensa. Ela queria saber quem era Peggy, mas a segunda regra crucial de uma entrevista como aquela era que policiais precisam parecer unidos o tempo todo. Não se deve interrogar o parceiro, superior ou subordinado na frente de um suspeito. Tecnicamente, isso é um desrespeito à regra número um: nunca dar informações. Mas somos a polícia, gostamos de simplificar as coisas.

– Tem certeza de que não era o antigo Mago? – Stephanopoulos perguntou.

– O que posso dizer? – Smith respondeu. – Ele era jovem e elegante... e isso é tudo que sei.

– Onde ficava o clube do velho Mago? – indaguei.

– Você não vai querer saber.

– Sim, Smithy. Na verdade, eu quero muito saber.

A menos que tenha ficado maluco, você não chega em um lugar chutando a porta. Principalmente porque não é tão fácil abrir uma porta com um chute. Na última vez que tentei, quebrei um dedo do pé. Edifícios comerciais são ainda mais difíceis de invadir que uma casa residencial, então, antes de mais nada, nós nos certificamos de que havia uma equipe especializada em arrombamento disponível para o serviço, e combinamos tudo para aquela tarde. Isso nos deixava tempo suficiente para ir pedir um mandado de busca de acordo com a Seção Oito do Ato de 1984 sobre Evidência Criminal e Polícia, utilizando destaques cuidadosamente selecionados na entrevista com Alexander Smith. Estou falando em “nós”, mas uma

das vantagens de trabalhar com uma equipe completa do pessoal da Homicídios é que Stephanopoulos tinha muitos subordinados para cuidar da burocracia e da papelada. Enquanto isso, ela e eu fomos ao Burlington Arms para uma bebida forte. Decidimos que merecíamos.

Nos velhos tempos de indiferença, um bar apropriado para policiais teria piso de linóleo, revestimento de madeira manchado de nicotina e móveis de latão que eram verdadeiras antiguidades, mas só porque ninguém se dava o trabalho de trocá-los. Mas os tempos mudaram, porque agora era possível comer uma linguiça Cumberland em molho de cebolas e uma porção de batatas fritas no salão do andar superior, tudo acompanhado por uma boa cidra Jack Scrumpy depois de uma manhã inteira de interrogatório. Stephanopoulos pediu a sopa de alho-poró, salada de rúcula e um uísque puro. Notei uma máquina de karaokê em um canto, e perguntei se era muito usada.

– Devia vir para uma noite de competição – falou Stephanopoulos. – Clubes e Vícios contra Artes e Antiguidades sempre é um confronto muito animado. Tiveram que eliminar da lista “I Will Survive” depois de uma briga. Mas me conte sobre sua investigação.

E eu contei a ela sobre os músicos de jazz mortos, e sobre meu esforço para encontrar a pessoa que parecia se alimentar deles.

– Vampiros do jazz – resumiu Stephanopoulos.

– Preferia não ter começado a chamá-los dessa maneira – confessei.

– O que acha que o mago quer com eles?

– Não sei – eu disse. – Para estudar a escravidão, temos que saber mais.

A conversa foi interrompida por um detetive de expressão carrancuda que se aproximou de nós com o mandado de segurança. Ele entregou o documento a sua superiora. Stephanopoulos teve o cuidado de esperar ele sair, e só então me perguntou como eu achava que deveria ser a abordagem.

A menos que seja para bater na porta e pedir licença, só existem duas maneiras de pôr em prática um mandado de busca. A primeira é a tradicional aproximação silenciosa, seguida pelo arrombamento violento da porta e os gritos de “polícia” e “saiam da frente”, com um ou outro chute em quem não deitar no chão com o rosto para baixo assim que receber a ordem. A segunda variação também não tem um nome formal, mas envolve policiais à paisana batendo na porta e entrando como um bando de vendedores insistentes. Sugeri a segunda alternativa, considerando que não sabíamos em que tipo de ambiente íamos entrar.

- Mantenha algumas pessoas de prontidão – eu disse. – Só por precaução.
- É fácil falar. Não é você que vai estourar o orçamento de horas extras. – Stephanopoulos terminou seu uísque. – Quem vai primeiro?
- Eu vou.
- De jeito nenhum.

Decidimos que nós dois iríamos na frente.

Nos anos 1950 e 1960 os terrenos e imóveis no Soho eram baratos. Afinal, quem ia querer viver no meio da enfumaçada Londres? A classe média se mudava para os subúrbios arborizados, e a classe trabalhadora era despachada para cidades novas construídas em Essex e Hertfordshire. Eram chamadas de Cidades Novas, mas só porque o termo “bantustão” ainda não havia sido inventado. As casas do período da Regência, que ainda compunham a maior parte das construções sobreviventes e eram usadas para guardar gado, foram reformadas, divididas em apartamentos e lojas; porões foram expandidos para abrigar boates e bares. Com o preço das propriedades começando a subir, incorporadores compraram áreas bombardeadas e prédios em ruínas e erigiram blocos de concreto sem forma que fizeram dos anos 1970 o radiante farol do esplendor arquitetônico que é a região. Infelizmente para os proponentes do futurismo, o Soho não seria suplantado com tanta facilidade. Um emaranhado de direito de posse, boa e velha teimosia e corrupção declarada manteve o desenvolvimento longe dali até a estranha urgência de transformar o centro histórico de cidades britânicas em gigantescos banheiros ao ar livre perder força. Mesmo assim, os incorporadores são astutos, e um stratagema, se você pagar o preço da jogada, é deixar uma propriedade vazia até ela cair em ruínas e, por isso, ter que ser demolida.

Era essa a aparência que tinha o local que procurávamos. Espremido entre um minimercado e uma sex shop em Brewer Street, o edifício era bem mal conservado, em comparação aos prédios vizinhos. Janelas sujas, paredes escurecidas e pintura descascada no batente da porta. Como parte do processo de obtenção de um mandado de busca, um dos subordinados de Stephanopoulos havia feito uma pesquisa de propriedade e descobrira uma típica empresa testa de ferro envolvida no ramo imobiliário. A descoberta nos fez pedir um mandado para o prédio inteiro.

Ficamos sentados no interior do Astra prateado e observamos o lugar por uma hora antes de entrarmos, só por precaução. Ninguém entrou ou saiu do prédio, então, depois de se certificar de que todas as equipes estavam posicionadas, Stephanopoulos deu a ordem para o início da operação.

Saímos todos dos carros e percorremos a distância de cem metros que nos

separava da porta lateral, onde uma das equipes de arrombamento já estava posicionada e um técnico manejou vinte quilos de CQB com agilidade decorrente da prática. Outro policial entrou na frente com um escudo plástico, enquanto um terceiro ia atrás dele com a arma em punho. A arma era para o caso de o proprietário do prédio ter um cachorro, mas não gostamos de falar nisso porque as pessoas ficam perturbadas.

Stephanopoulos e eu fomos atrás deles, o que conta como ir na frente, se você não é da equipe de arrombamento, caso você esteja pensando nisso, e também estávamos preparados com nossos coletes à prova de balas e cassetetes prolongáveis na cintura. Além da porta havia um corredor sem janelas com uma porta interna fechada à esquerda e uma escada dupla que descia à direita. Quando encontrei um interruptor de luz, fomos recompensados por uma luminosidade pálida proveniente de uma lâmpada de quarenta watts sem proteção. Um velho papel de parede dourado e vermelho cobria as paredes, descascando onde encontrava o teto.

Stephanopoulos bateu no ombro de um dos especialistas em invasão e apontou a porta. O poderoso CQB entrou em ação de novo, e a dupla que empunhava escudo e arma subiu a escada seguida por meia dúzia de elementos da Equipe de Homicídios e do Grupo de Apoio Tático local. O trabalho deles seria vasculhar os andares de cima enquanto Stephanopoulos e eu descíamos.

Acendi minha lanterna e a direcionei para as profundezas sombrias da escada. O carpete era de nylon, cerdas curtas e duras, típico de cinemas e escolas primárias. Era vermelho e dourado para combinar com o papel de parede. Tive um forte pressentimento, uma sensação que podia ser *vestigia* ou só uma sensata relutância em descer a escada sinistra e escura.

Ouvíamos a equipe trabalhando lá em cima como uma manada de filhotes de elefante em uma loja de material de construção. Stephanopoulos olhou para mim, eu assenti e começamos a descer a escada. A luz das lanternas que pegamos emprestadas com o pessoal do GAT iluminou uma bilheteria no primeiro andar. Ao lado dela havia uma alcova com um balcão, e atrás do balcão uma escuridão completa que eu esperava ser só a chapelaria.

Desci com cuidado, tocando a parede para poder sentir onde ela acabava. Não queria surpresas. A escada fazia uma curva em U e continuava descendo para mais escuridão e uma porta na ponta mais distante do corredor. Nela havia uma placa: Funcionários. Senti cheiro de umidade e carpete podre, o que me tranquilizou. Debrucei-me sobre o balcão da chapelaria e movi a lanterna pelo interior do espaço em L com araras para roupa e cabides vazios. Pulei o balcão e fui dar uma olhada na saleta. Não havia casacos nem bolsas esquecidas, mas notei pedaços de papel no

chão. Peguei um deles. Era um canhoto de ingresso. Fui até a porta dos funcionários e a abri. Stephanopoulos estava lá, olhando desconfiada para a escada.

– Alguma coisa? – ela perguntou.

Balancei a cabeça.

Ela estalou os dedos e dois detetives da Equipe de Homicídios desceu a escada levando luvas e embalagens para evidências. Stephanopoulos apontou a porta para funcionários e, obedientes, eles passaram por mim para fazer uma varredura mais minuciosa na chapelaria. Um dos detetives era uma jovem somali vestindo jaqueta de couro e hijab de caríssima seda preta. Ela percebeu que eu estava olhando e sorriu.

– Ninja muçulmana – cochichou.

Normalmente a polícia gosta de fazer muito barulho quando entra em um prédio porque, a menos que você esteja lidando com um lunático, é melhor dar aos possíveis detidos uma chance de pensar no que vão fazer, antes de cometerem uma grande estupidez. Nesse caso estávamos em silêncio – o que não era natural – para eu poder sentir qualquer *vestigia* existente no local. Tentei explicar a Stephanopoulos o que era *vestigia*, mas acho que ela não entendeu, embora tenha concordado prontamente em me deixar ir na frente.

A primeira coisa que vi foi a base do armário, mogno e metal iluminados pela luz da lanterna, áreas maiores se tornando visíveis à medida que eu descia a escada. Havia um reflexo duplo da frente e da parte de trás de uma estante de vidro, e percebi que estava olhando para uma máquina de ler a sorte posicionada bem no meio da entrada da boate propriamente dita. Girei a lanterna pelo ambiente e vi flashes de um bar, cadeiras empilhadas sobre mesas, retângulos escuros que eram outras portas.

O *vestigia* estava lá: um lampejo nítido de luz do sol e fumaça de cigarro, gasolina e colônia cara, assentos novos de couro e os Rolling Stones cantando “I can’t get no satisfaction”. Dei dois passos rápidos para trás e direcionei a luz da lanterna para o armário.

O manequim na máquina de ler a sorte não era o habitual modelo de cabeça e ombros. Em vez disso, a cabeça repousava diretamente sobre um bastão de vidro transparente reforçado por tiras de metal. Saindo do pescoço havia duas bexigas de material parecido com couro, desagradavelmente semelhantes a pulmões. A cabeça era coberta pelo turbante obrigatório, mas não tinha o cavanhaque e o bigode que compunham a imagem padrão. A pele era cerúlea e o conjunto todo parecia perturbadoramente real... porque, é claro, era real.

– Larry, a Cotovia, suponho – falei.

Stephanopoulos se aproximou de mim.

– Ah, meu Deus – ela disse. E tirou do bolso uma foto que examinou com atenção, tentando fazer a comparação.

– Ele tinha uma aparência melhor quando estava vivo – opinei.

Senti pouco antes de acontecer. A sensação tinha uma semelhança sinistra com aquela que eu experimentava quando Nightingale estava demonstrando uma *forma* ou um encantamento. O mesmo magnetismo barulhento em um canto da mente. Mas esse era diferente. Ele girava e estalava como se fosse o mecanismo de um relógio.

E o verdadeiro relógio começou a funcionar quando, com um chiado empoeirado, as bexigas embaixo do pescoço de Larry inflaram e sua boca se abriu para revelar dentes espantosamente brancos. Vi os músculos de sua garganta se moverem, e então ele falou: – Sejam todos bem-vindos ao jardim das delícias sobrenaturais. Onde o cansado peregrino pode despir o manto da reserva puritana, desamarrar o espartilho da moralidade burguesa e se empanturrar com tudo que a vida tem a oferecer.

A boca permaneceu aberta, enquanto o mecanismo oculto estalava e girava para encher as bexigas de ar mais uma vez.

– Por favor, pelo amor de Deus, me mate – disse Larry. – Por favor, me mate.

10

Funland

Stephanopoulos pôs a mão sobre meu ombro e me puxou de volta para a base da escada.

– Chame seu chefe – disse ela.

As bexigas de Larry inchavam pela terceira vez, mas não chegamos a saber se ele suplicaria novamente pela morte ou anunciaria os deliciosos lanches disponíveis no bar. Assim que nos afastamos mais de um metro, a boca se fechou e as bexigas murcharam com um desagradável apito.

– Peter – insistiu Stephanopoulos. – Chame seu chefe.

Tentei usar o rádio Airwave – que, surpreendentemente, tinha sinal – e chamei a Folly. Nightingale atendeu, e eu descrevi o que via.

– Estou a caminho – ele respondeu. – Não vá mais adiante. Não deixe nada sair.

Disse a ele que havia entendido, e desligamos.

– Está tudo bem aí? – perguntou uma voz do alto da escada. Era a oficial de lenço, a Ninja Somali.

– Vou resolver as coisas lá em cima – Stephanopoulos avisou. – Vai ficar bem aqui?

– Sim – respondi. – Ficarei tão feliz quanto Larry.

– Bom garoto – ela disse. E deu um tapinha no meu ombro antes de subir.

– Veja se consegue mandar um pouco de luz para cá – pedi.

– Assim que eu puder – ela concordou.

Mantive a lanterna acesa e a inclinei um pouco para baixo, criando um confortável círculo de luz que se abria até o gabinete de Larry. O rosto de Larry, graças a Deus, estava no campo de sombra. Havia um reflexo mais claro na escuridão além dele. Direcionei a lanterna para lá e vi uma fileira de garrafas no fundo do bar. Pensei ter ouvido uma respiração, mas quando aponte a lanterna para

Larry, ele e as bexigas estavam imóveis.

Nightingale havia dito para eu não deixar nada sair. Eu preferia que ele não tivesse feito esse comentário, ou, pelo menos, que me houvesse contado o que pensava que poderia haver ali.

Por quanto tempo a magia poderia preservar carne morta? Ou a cabeça de Larry havia sido embalsamada como um troféu de caça? Havia um cérebro lá dentro? E se havia, como ele era alimentado com os necessários nutrientes? O Dr. Walid uma vez havia colhido amostras de células e sangue de Nightingale, mas elas se comportavam em cultura exatamente como as células de um homem de 40 anos. Quando perguntei se ele havia feito esses testes com algum dos deuses do rio, ele riu e disse que eu podia tentar colher as amostras, se quisesse. Nenhum de nós jamais considerou a ideia de pedir para Molly doar material. A teoria do Dr. Walid era que, qualquer que fosse o funcionamento, funcionava no nível do corpo todo. Então, quando as células eram removidas do corpo, não retinham a qualidade que as mantinham jovens.

– Ou que reduz erros de multiplicação – o Dr. Walid havia continuado. – Ou entropia reversa, também pode ser. É frustrante.

Ash estava quase morto quando mergulhara no Tâmis, e eu já havia sido informado por fonte confiável que ele andava por Chelsea e fazia sucesso entre os habitantes da classe média rural. Alguma coisa reparara o dano extensivo causado aos tecidos de seu peito, e se era possível com ele, por que não com o rosto de Lesley? Talvez ela estivesse certa. O que a magia fazia, a magia podia desfazer.

Ouvi um barulho na escuridão atrás do gabinete de Larry – um som abafado que era regular demais para ser de ratos correndo. Virei a lanterna naquela direção, mas tudo que vi foram as sombras entre os pés da mesa. Os olhos de Larry brilhavam fixos em mim. Não pareciam ser de vidro.

Ouvi o ruído de novo.

Usei o rádio para perguntar a Stephanopoulos se ela sabia alguma coisa sobre Nightingale, ou se conseguira as luzes portáteis. Como o sistema é digital, a transmissão não tem a estática desagradável de um walkie-talkie analógico. Em vez disso, a pessoa com quem se fala responde em intervalos aleatórios. Acho que Stephanopoulos respondeu que “alguma coisa” ia demorar dez minutos, e que eu devia permanecer onde estava.

O barulho de novo. Era como se alguma coisa se arrastasse, arranhasse uma superfície.

Tirei as pilhas do rádio, desliguei o celular e conjurei uma bela e radiante bola

de luz que fiz flutuar pelo salão e ir além do gabinete de Larry. Quando você domina a forma *Impello*, aprende a guiar qualquer coisa que queira mover, mas é complicado. Quase como operar um avião de controle remoto com os dedos dos pés. Quando a luz fez a curva contornando o armário, notei que os olhos de Larry se moviam para acompanhá-la. Tentei trazê-la de volta descrevendo um círculo para ter certeza do movimento, mas só consegui reduzir a velocidade da esfera e fazê-la tremer. Tive que fechar os olhos e me concentrar para recuperar a estabilidade da bola de luz. E quando os abri, vi realmente o salão pela primeira vez.

Mais do onipresente papel de parede dourado e vermelho, e também pesadas cortinas de veludo vermelho emoldurando arcadas mais afastadas. Portas de pinho manchado e quase sem brilho com placas de metal identificando Masculino e Feminino à direita. O bar tinha um espelho na parede do fundo, o que significava que eu podia ver pelo reflexo que nada se escondia atrás do balcão.

Meu pai havia tocado em boates parecidas com essa. Eu havia frequentado boates como essa – o que me fez perceber que era muito suspeito as cortinas não terem apodrecido, apesar do cheiro de umidade. Então eu vi, pendurada em um soquete de luz, a forma familiar de uma lâmpada fria compacta que, definitivamente, não era vendida na década de 1970. Alguém havia estado ali recentemente, e com a frequência suficiente para decidir que valia a pena investir em lâmpadas novas.

Dessa vez, quando ouvi o ruído, também notei movimento do outro lado do salão, onde cortinas mantinham meio escondidas as arcadas que eram a passagem para outro ambiente da boate. As cortinas balançavam. Consegui direcionar minha bola de luz mágica para onde eu queria e vi duas pernas humanas, provavelmente femininas, aparecendo abaixo da bainha das cortinas. E um dos pés ainda calçava um sapato vermelho de bico fino e salto agulha. Quando minha luz mágica se aproximou, as pernas começaram a chutar, um movimento mecânico e espasmódico que me lembrava experimentos biológicos com sapos. Não havia sons humanos, só o barulho dos saltos batendo no carpete. As cortinas escondiam tudo que havia acima das coxas – presumindo que havia alguma coisa.

Era possível que um ser humano estivesse com dificuldades, e era meu dever ir verificar, mas eu não conseguia obrigar meus pés a se moverem. As pernas começaram a chutar com mais violência, e percebi que minha luz mágica tremulava e adquiria um brilho mais avermelhado. A essa altura eu tinha alguma prática com luzes mágicas e, normalmente, elas nunca mudavam de cor sem que eu mudasse a *forma*. Havia visto aquilo antes, quando eu “alimentara” o fantasma do Capitão de Veil, e meu palpite era que, à medida que a magia se esgotava, a luz de ondas curtas e maior energia era a primeira a se apagar. Porém, explicar o fenômeno dessa

maneira não expressa quanto o efeito era sinistro na vida real.

As pernas chutavam mais depressa, o pé de sapato se soltou e desapareceu nas sombras. A luz enfraqueceu ainda mais, e eu não conseguia dar um passo à frente.

– Apague, Peter – disse Nightingale atrás de mim. Apaguei a luz mágica, e as pernas pararam imediatamente de se mover. Ele havia chegado com um grupo de peritos de aparência muito séria em trajes de Pateta, todos com seus estojos contendo os kits de coleta. Atrás deles, dois policiais da Equipe de Homicídios, inclusive a Ninja Somali, arrastavam holofotes portáteis pela escada. O próprio Nightingale vestia um traje de Pateta que, apesar de ser a roupa mais moderna que eu já o vira usar, ainda o deixava parecido com o protagonista de um clássico de ficção científica da década de 1950. Ele carregava uma de suas bengalas de cabo de prata na mão direita e um rolo de corda de nylon pendurado no ombro.

– Não alimente os animais – Nightingale falou.

– Acha que pode haver alguma coisa viva aqui? – perguntei.

– Vamos ter que descobrir – ele respondeu.

Enquanto o pessoal da perícia ajudava a instalar os holofotes, Nightingale se equipou com arreios de alpinista, prendeu ao corpo uma ponta da corda e me entregou o rolo. Ele me chamou para mais perto e falou baixo, evitando que os outros escutassem.

– É possível que haja alçapões. Se a corda ficar frouxa, você vai ter que usá-la para me puxar para fora. Mas em nenhuma circunstância deve ir atrás de mim. Qualquer coisa forte demais para mim será fatal para você. Entendeu?

– Perfeitamente.

– Também existe uma pequena chance de alguma coisa, além de mim, tentar escapar passando por aqui. Pode ser uma coisa parecida comigo, pode até estar usando meu corpo, mas conto com você para perceber a diferença.

– E se isso acontecer?

– Acredito que vai conseguir conter essa coisa pelo tempo necessário até os outros... – ele inclinou a cabeça na direção do grupo de peritos e oficiais – escaparem. Ataque-o com tudo que tiver, mas sua melhor alternativa, provavelmente, vai ser tentar derrubar o teto em cima dele.

– Em cima de você, quer dizer.

– Não serei eu – argumentou Nightingale. – Não precisa se preocupar com a chance de ferir meus sentimentos.

– Reconfortante – respondi. – Imaginando que eu sobreviva à minha heroica ação de retaguarda, o que devo fazer depois disso?

Nightingale olhou para mim com um sorriso encantado.

– Lembra-se do covil do vampiro em Purley?

Onde havíamos arremessado granadas de fósforo branco no interior do porão onde os vampiros viviam, ou não viviam, ou sei lá o que faziam.

– Como eu poderia esquecer?

– Um procedimento semelhante àquele – Nightingale revelou. – Porém, em maior escala.

– E depois?

– Aí já não será problema meu – ele resumiu com animação. – Você vai ter que ir procurar Postmartin o mais rápido possível.

– Tem certeza de que está bem o bastante para isso? Se tiver uma recaída, o Dr. Walid vai me matar.

Os holofotes portáteis foram acesos, e uma intensa luz branca invadiu o salão. O rosto de Larry, a Cotovia, ficou branco como osso, e as meias vermelhas na perna da mulher ganharam a cor do sangue. Nightingale respirou fundo.

Olhei para as pessoas que esperavam ao lado dos holofotes.

– Senhoras e senhores, sugiro que desliguem laptops, iPads, iPhones, rádios Airwave, enfim, tudo que tiver um microprocessador. Desliguem os aparelhos e removam as baterias e pilhas.

Os técnicos da equipe de perícia me olharam confusos. Um deles perguntou por quê. Era uma boa pergunta, e eu realmente não tinha tempo para responder.

– Acreditamos que pode haver uma bomba eletromagnética experimental em algum lugar por aqui – improvisei. – É melhor prevenir...

Eles não acreditavam muito nisso, mas deviam ter escutado boatos estranhos sobre Nightingale, o suficiente para fazê-los seguir minha orientação.

– O que é uma bomba eletromagnética? – Nightingale me perguntou.

– É complicado, senhor – respondi.

– Você me explica depois, então. Todos prontos?

Todos estavam. Ou, pelo menos, disseram que estavam.

– Lembre – disse Nightingale –, não vai conseguir me puxar de volta em segurança se você se deixar capturar pela coisa que me pegar. – Ele se virou, ajeitou a bengala na mão direita e deu um passo à frente. Fui soltando a corda enquanto ele contornava o gabinete de Larry passando bem longe dele a caminho da arcada protegida pela cortina.

A Ninja Somali se aproximou de mim.

– O que está acontecendo? – ela perguntou.

– Quer ajudar? – eu disse.

– Sim.

– Pode fazer as anotações.

A jovem fez uma careta.

– Estou falando sério – insisti.

– Ah... – Ela pegou seu bloco de anotações e a caneta.

Pela abertura entre as cortinas, vi Nightingale parar e se ajoelhar ao lado das pernas femininas.

– Tenho aqui um cadáver de mulher – ele disse, e a Ninja Somali começou a escrever. – Nua, vinte e poucos anos, caucasiana, sem ferimentos ou rigor visíveis. O que parece ser um grampo de prata foi enfiado em sua têmpora, a pele parece ter cicatrizado em torno da ferida, o que me faz pensar que, ou isto é um objeto de decoração, ou um possível aparato taumatológico.

A Ninja Somali parou de escrever e olhou para mim.

– Ponha mágico – eu a orientei. – Aparato mágico.

Nightingale levantou-se e seguiu em frente. A julgar pela corda que ia passando por minhas mãos, ele percorreu cerca de três metros antes de parar.

– Esta área foi bastante modificada recentemente – ele relatou com voz surpreendentemente nítida. – Jaulas de metal foram encaixadas nos espaços que, imagino, eram alcovas de estar. Quatro à minha esquerda e quatro à direita. A primeira gaiola à esquerda está vazia, a segunda contém o cadáver de um... macaco, ou de um homem adulto. A terceira gaiola tem o que parecem ser os restos de um felino de grande porte e pelo negro, uma pantera ou um leopardo, acho. A última gaiola à esquerda está vazia. Agora vou examinar as do lado direito.

Dei um passo para a esquerda, tentando manter a corda em linha reta enquanto Nightingale ia para a direita.

– A primeira gaiola à direita contém o cadáver de uma mulher caucasiana com alguma medida de hibridização ou modificação cirúrgica. O corpo está vestido com malha com estampa de tigre, e o macacão foi modificado para acomodar uma cauda. Não sei dizer se é prótese ou natural.

Mulher-Gato, pensei enjoado. De verdade.

– A segunda e a terceira gaiola estão vazias – anunciou Nightingale. – Graças a Deus.

Ele se moveu novamente, e mais dois metros de corda passaram entre minhas mãos.

– Encontrei um alçapão. – Dessa vez Nightingale teve que elevar o tom de voz para se fazer ouvir. – Parece uma armadilha improvisada para demônios.

Olhei para a Ninja Somali, que hesitou antes de escrever “para demônios”.

– É de um tipo alemão – gritou Nightingale. – Mas, considerando os componentes, foi fabricada há pouco tempo. Vou tentar desarmá-la, então, Peter, fique alerta, caso eu precise de você.

Gritei que estava pronto.

O *vestigia* que se manifestou antes da explosão foi exatamente como a sensação de estar chegando ao topo de uma grande subida em uma montanha-russa, o momento de terror e excitação antes do mergulho. Depois uma confusão de sensações, a sensação do veludo em meu rosto, o cheiro de formol e uma repentina e ofegante onda de desejo sexual.

Então a onda da explosão nos atingiu, uma muralha de pressão em movimento, algo parecido com levar um tapa na orelha pelas costas. A energia empurrou todos nós para trás. Ouvi a Ninja Somali dizer alguma coisa breve e cóptica, e mais alguém atrás de mim querendo saber que diabo era aquilo.

– Armadilha para demônio – respondi, tentando soar experiente. Ao mesmo tempo, todos os holofotes explodiram. Mergulhado na escuridão repentina, o gabinete de Larry, a Cotovia, se acendeu com um brilho alegre de pequeninas lâmpadas coloridas, as bexigas se encheram de ar e ele abriu a boca para gritar: – Finalmente!

Com um som que sugeria asfixia, as bexigas de ar se esvaziaram pela última vez. O silêncio voltou, e um pedaço do maxilar de Larry caiu de seu rosto e bateu na base do armário.

Tateei na escuridão procurando minha lanterna, eu a acendi e apontei

rapidamente para o salão. Outros raios de luz cortaram a escuridão. Todos ali estavam tão aflitos quanto eu para se certificar de que o que vinha em nossa direção era alguém conhecido.

A corda estava frouxa em minhas mãos.

– Inspetor – chamei. – Tudo bem?

De repente a corda ficou tensa e tive que resistir para não ser puxado por ela.

– Estou bem – respondeu Nightingale. – Obrigado por perguntar.

Fui enrolando a corda enquanto ele retornava. Seu rosto era pálido à luz da lanterna. Perguntei novamente se ele estava bem, mas Nightingale apenas me olhou com uma careta estranha, como se lembrasse uma dor intensa. Depois ele soltou a ponta da corda de seu corpo e foi falar com o chefe da equipe de peritos. Não sei o que ele falou, mas o perito não ficou satisfeito. Quando Nightingale terminou, o homem chamou dois de seus técnicos de aparência mais jovem e disse a eles alguma coisa em voz baixa.

Um dos técnicos, um rapaz com óculos à moda Trotsky e franja emo, protestou, mas o chefe o silenciou e mandou subir com o colega.

Nightingale aproximou-se e pediu à Ninja Somali para subir e avisar Stephanopoulos que o prédio estava seguro, mas que não havíamos encontrado suspeitos.

– Uma armadilha para demônio? – perguntei.

– Isso é só um apelido – ele disse. – É um alçapão; acho que poderíamos chamar de mina terrestre mágica. Não via uma daquelas desde 1946.

– Eu não devia saber sobre essas coisas? – indaguei.

– A lista de coisas sobre as quais você precisa saber, Peter, é extraordinariamente longa. E não tenho dúvida de que, com o tempo, vai tomar conhecimento de todas elas. Mas é inútil aprender sobre armadilhas para demônios se você ainda não estudou encantamento básico. – Ele levantou a bengala para mostrar que a ponta prateada estava escura e derretida em alguns pontos.

Encantamento, eu sabia pelas leituras que fazia, era o processo pelo qual objetos inanimados são imbuídos de qualidades mágicas.

Nightingale examinou a bengala com pesar.

– É possível que eu demonstre como isso é feito nos próximos meses – disse. – E se assim for, vamos ter que providenciar um cajado de treinamento.

- A armadilha para demônios – insisti. – Reconheceu a assinatura?
- A *Signare*? Não a individual, mas acho que sei quem treinou o pequeno e cruel filho da mãe.
- Geoffrey Wheatcroft? – arrisquei.
- Ele mesmo.
- Ele pode ter sido o mago original?
- Isso nós vamos ter que investigar – Nightingale respondeu.
- Ele teria que se deslocar de Oxford para cá e de volta para lá – lembrei. – E se era assim que acontecia, ele deve ter um assistente.
- Um de seus alunos?
- Que pode ter se desenvolvido e ser nosso novo mago.
- Isso tudo é especulação. Precisamos encontrar o assistente.
- Devemos começar entrevistando todas as pessoas que tiveram contato com Geoffrey Wheatcroft ou Jason Dunlop.

Houve um aplauso irônico quando um dos holofotes portáteis foi restaurado.

- Sua lista de suspeitos é ambiciosa – comentou Nightingale.
- Então, vamos começar com aqueles que conheciam os dois. Podemos agir sob o pretexto de estarmos investigando a morte de Jason Dunlop.
- Primeiro, quero que vá garantir a segurança do escritório de Smith.
- Não precisa de mim aqui? – estranhei.
- Prefiro que não veja o que tem lá dentro – Nightingale respondeu.

Por um momento, pensei ter ouvido mal.

- O que *tem* lá dentro? – repeti.
- Coisas bestiais. O Dr. Walid está enviando pessoas que já lidaram com esse tipo de situação antes.
- Que tipo de situação? Que tipo de pessoas?
- Peritos patologistas – respondeu ele. – Pessoas que trabalharam na Bósnia, em Ruanda... esse tipo de situação.
- Estamos falando de sepulturas coletivas?

– Entre outras coisas.

– Não acha que eu devia...

– Não – Nightingale me interrompeu. – Não vai ganhar nada vendo aquelas coisas. Confie em mim, Peter, como mestre para aprendiz, como o homem que jurou proteger e cuidar de você. Não quero que vá lá.

– Posso ir ver se Tony Sem Pescoço sabe de alguma coisa – sugeri.

Nightingale parecia aliviado.

– Ótima ideia.

Stephanopoulos me emprestou a Ninja Somali, cujo nome era Sahra Guleed e que era de Gospel Oak, que fica bem perto da rua onde cresci, mas estudou em outra escola. Quando dois oficiais étnicos se encontram pela primeira vez, a primeira pergunta pode ser sobre qualquer coisa, mas a segunda sempre é “por que entrou para a polícia?”.

– Está brincando? – respondeu Guleed. – Para punir as pessoas legalmente.

A resposta quase sempre é uma mentira. Eu conhecia uma idealista quando a via. Apesar da garoa, o movimento de sábado à noite era intenso na Old Compton Street, e tivemos que desviar de vários bêbados. Vi meu antigo parceiro, o policial Purdy, levando um homem de meia-idade e ar atordoado para o banco traseiro de uma viatura. O homem vestia um tutu cor-de-rosa, e eu tinha certeza de que o conhecia de algum lugar. Purdy me viu e acenou animado quando se acomodou ao volante do carro. Durante as duas horas seguintes ele estaria fora da chuva.

Como, com um pouco de persuasão, Alexander Smith havia permitido anteriormente que fizéssemos uma revista em seu escritório, eu tinha as chaves. Mas quando chegamos à porta na Greek Street, ela estava apenas encostada. Olhei para Guleed, que empunhou seu cassetete e fez um gesto indicando que eu devia ir na frente.

– Primeiro as damas – falei.

– A idade é mais importante que a beleza – ela respondeu.

– Pensei que gostasse de punir pessoas.

– Esse caso é seu – ela lembrou.

Peguei meu cassetete e subi a escada na frente de Guleed. Ela esperou, depois começou a subir alguns metros atrás de mim. Quando só há duas pessoas, é sempre sensato manter um intervalo considerável. Assim, se alguma coisa acontecer com o

policial da frente, o que vai atrás tem tempo para reagir de maneira calma e racional. Ou, mais provavelmente, correr e pedir ajuda. Quando cheguei ao primeiro andar, encontrei a porta do escritório de Smith aberta. O compensado barato em volta da fechadura estava lascado. Esperei até Guleed se aproximar, e só então empurrei a porta lentamente usando a mão esquerda.

O escritório havia sido revirado. Todas as gavetas foram tiradas de seus lugares, todas as caixas de pastas foram esvaziadas. Os pôsteres emoldurados haviam sido arrancados das paredes e tiveram o fundo da moldura rasgado. O resultado era caótico, mas era possível ver no caos os indícios de uma busca sistemática e minuciosa. No Soho era possível fazer muito barulho antes de alguém chamar a polícia, mas eu gostaria de saber onde estava o Sem Pescoço enquanto o escritório era revirado. Descobri quando pisei na perna dele. Pisar em cima de um pobre coitado deve ser a pior maneira de encontrar um corpo. Eu recuei.

Sem Pescoço havia sido meio soterrado por uma pilha de papéis e revistas requintadas. Eu só conseguia ver a perna sobre a qual pisara, e o suficiente do rosto para fazer a identificação.

– Céus – Guleed murmurou ao ver o corpo. – Está morto?

Com cuidado para não interferir na cena do crime, abaixei-me e procurei a pulsação onde, em alguém com um formato normal, seria o pescoço. Não encontrei nada. Enquanto Guleed ligava para Stephanopoulos, pus minhas luvas e verifiquei se havia alguma causa óbvia para a morte. Havia. Dois ferimentos no peito, difíceis de ver por causa da camiseta preta: estavam logo depois do Z e do primeiro P de *Zeppelin*. Podiam ser ferimentos à bala, tiros à queima-roupa. Mas como essa era a primeira possível vítima de tiros, que experiência eu tinha?

De acordo com Guleed, a primeira coisa que precisávamos fazer era sair do escritório, parar de contaminar a cena do crime. Como ela era oficial da Equipe de Homicídios, segui a orientação.

– Temos que ir olhar lá em cima – ela falou. – Para o caso de possíveis suspeitos ainda estarem no edifício.

– Só nós dois?

Guleed mordeu o lábio.

– Tem razão – respondeu. – Vamos ficar onde estamos. Assim impedimos que alguém tente entrar ou sair da cena do crime.

– E se houver uma escada de incêndio no fundo?

– Você tinha que dizer isso, não tinha? – Ela bateu com o cassetete na perna e

me olhou contrariada. – Tudo bem, você vai vigiar a escada de incêndio. Eu fico guardando a cena do crime.

– Vou sozinho? E se não tiver nenhuma escada de incêndio?

– Está bancando o engraçadinho, não é?

– Sim – respondi. – Sim, estou.

O rádio dela apitou. Era Stephanopoulos.

– Sim, chefe – Guleed atendeu.

– Estou na Greek Street – Stephanopoulos anunciou. – É só um corpo?

– Por enquanto – eu disse.

– Por enquanto – Guleed repetiu no rádio.

– Diga a Grant que vou expulsá-lo de Westminster – ameaçou Stephanopoulos. – Não preciso tanto de horas extras. Em que lugar do prédio vocês estão?

– No corredor do primeiro andar.

– Por que um de vocês não foi vigiar a escada de incêndio. Se houver uma escada de incêndio.

Guleed e eu começamos uma daquelas discussões inúteis e silenciosas que acontecem quando se está tentando esclarecer alguma coisa sem alertar alguém do outro lado da linha telefônica. Eu havia acabado de mover os lábios para dizer com ênfase *eu vou*, quando ouvimos a porta da frente se abrir.

– Não se incomodem com isso – disse Stephanopoulos. – Já cheguei.

Ela subiu a escada, passou por nós e deu uma olhada em tudo da porta.

– Como era o nome dele? – perguntou.

Tive que admitir que tudo que sabia era seu primeiro nome, Tony, e que ele trabalhava para Alexander Smith como segurança. E que não tinha pescoço. Indicações sutis em sua atitude me diziam que Stephanopoulos não estava muito impressionada com meu trabalho na polícia.

– Peter, seu idiota – ela disse. – Como deixou de verificar o nome da vítima? Tudo, Peter, você tem que investigar tudo.

Guleed permanecia em silêncio atrás de mim.

– Quero que você, Peter, volte a West End Central e interrogue Smith sobre quem é esse cara e o que ele sabe sobre a vítima – Stephanopoulos ordenou.

– Devo dizer que o homem está morto?

– Francamente... – ela falou com ar cansado. – Quando ele souber sobre isto aqui vai fechar a boca para sempre, e não posso dizer que o critico por isso.

– Sim, chefe.

Guleed perguntou a Stephanopoulos se ela devia ir comigo.

– Por Deus, não! Não quero que seja ainda mais contaminada pelos maus hábitos dele. – E olhou para mim de novo. – Ainda está aqui?

Dizem que em um prédio seguro como uma estação de polícia, depois que passa pelas barreiras de segurança você se movimenta sem ser incomodado simplesmente adotando um ar determinado e carregando uma prancheta. Não recomendo o teste dessa teoria por duas razões: não há nada em uma estação de polícia que não se possa conseguir com muito mais facilidade em outro lugar, normalmente subornando um policial. Segundo, o lugar é cheio de policiais que estão sempre desconfiados, uma desconfiança que beira a paranoia clínica. E isso vale também para um aclamado portador de uniforme e exemplo de desperdício de espaço como o policial John Purdy. Naquela noite, ele havia dado um passo muito importante para escrever meu nome no Livro de Memórias da polícia. Mais tarde, quando os fatos foram reconstruídos, Purdy, tendo encaminhado com sucesso seu prisioneiro de tutu para a cela de custódia, estava a caminho da cantina para “preencher a papelada” quando viu uma policial subindo uma escada lateral a caminho das salas de interrogatório do Departamento de Investigações Criminais. Nas cenas do circuito interno gravadas pela câmera da escada, ele é visto chamando a policial e, quando ela não responde, subindo a escada atrás dela.

Nesse exato momento, de acordo com o *time code* da câmera de circuito interno no saguão, este que vos escreve exibia sua credencial e entrava no edifício. Dirijome então, levando meu macchiato Costa Coffee duplo em uma das mãos e um pão doce de canela na outra, a uma escada central e subo a caminho da mesma sala de interrogatório. Nesse estágio estou um andar abaixo.

As salas de interrogatório antes eram só escritórios comuns mobiliados com mesa, duas cadeiras, um bom isolamento acústico e um lugar para deixar as listas telefônicas quando você terminasse. Hoje uma moderna sala de interrogatório tem duas câmeras, um gravador, um espelho unilateral e uma suíte de gravação separada, de onde um dedicado Oficial Investigador Sênior pode monitorar vários interrogatórios ao mesmo tempo ou dar um cochilo. Como em West End Central tudo isso tem que caber no espaço projetado na década de 1930 como um modesto escritório em plano aberto, o corredor de acesso do lado de fora das salas de

interrogatório é um pouco estreito. A única câmera de circuito interno que cobria o corredor começou a falhar quando eu subia a escada, e o equipamento de gravação das salas de interrogatório estava desligado. Melhor para mim, porque assim, quando pisei no corredor e dei de cara com a Dama Pálida, meus trinta segundos de indecisão perplexa não ficaram registrados para a posteridade.

Com exceção do cabelo, que havia sido cortado curto, ela era exatamente como descreviam as testemunhas: rosto pálido, olhos grandes, boca perturbadora. Vestia calça de moletom cinza e jaqueta cor-de-rosa com capuz, e no início ela não me viu porque estava tentando arrancar o policial John Purdy de sua perna. Ele estava deitado no chão com o braço esquerdo, quebrado em dois lugares, eu soube posteriormente, inerte ao lado do corpo, enquanto a mão direita agarrava o tornozelo surpreendentemente delgado da Dama Pálida. Um dos olhos dele começava a inchar e se fechar, e havia sangue escorrendo de seu nariz.

Não sei se foi o choque, se foi porque eu estava com a boca cheia de pão de canela, ou simplesmente porque já havia enfrentado um dia cheio de esquisitices e começava a ficar atordoado, mas eu simplesmente não conseguia me mover.

Mas Purdy me viu.

– Socorro – ele grasnou.

A Dama Pálida olhou para mim e inclinou a cabeça para o lado.

– Socorro – Purdy repetiu.

Tentei dizer a ele para largá-la e se afastar, mas as palavras saíram abafadas em meio a uma chuva de migalhas de pão de canela.

Sem desviar os olhos de mim, a Dama Pálida levantou uma das mãos e a abaixou em seguida, agarrando o pulso de Purdy. Ouvi o barulho de ossos se quebrando, e Purdy gemeu e a soltou. Ela sorriu, revelando dentes demais – eu já havia encarado um sorriso como aquele antes. Sabia o que viria em seguida. Ela ficou tensa, eu também, e de repente a criatura investiu contra mim com uma aterrorizante explosão de velocidade, a cabeça à frente do corpo, a boca aberta, os dentes expostos. Quando ela se aproximou, joguei o café em seu rosto. Havia acabado de comprá-lo. Estava muito quente.

Ela gritou, e eu me joguei para o lado, saindo de seu caminho. Mas o corredor era estreito, e o ombro dela bateu no meu. O impacto me desequilibrou e jogou no chão. Foi como ser atropelado por um ciclista veloz. Rolei para escapar de um possível ataque e me levantei depressa, mas a Dama Pálida havia desaparecido. Cada sala de interrogatório tinha um botão de alarme ao lado da porta, e eu apertei

um deles enquanto passava por cima de Purdy e entrava na sala onde mantínhamos Alexander Smith.

Ele estava caído para trás na cadeira, a cabeça pendendo no vazio, a boca aberta e o que parecia um buraco de bala no peito, e em torno dele um chamuscado na camisa como o que eu vira no Sem Pescoço anteriormente.

Uma policial uniformizada apareceu na porta e, cautelosa, apontou uma taser para mim.

– Quem é você? – ela perguntou.

– Oficial Grant – respondi. – A suspeita é uma mulher, calça cinza de corrida, jaqueta cor-de-rosa com capuz. – Se eu parasse por aí, algum idiota ia ser capado tentando capturá-la. – Paciente psiquiátrica, muito perigosa, possivelmente armada. Deve estar no prédio.

A policial me olhou aturdida.

– Sim, certo – disse.

– Fez o curso de primeiros socorros? – perguntei.

– No mês passado.

– Ok, me dê a taser e cuide de Purdy – falei.

Ela me entregou a pistola de choque. Era pesada, de plástico, e parecia alguma coisa extraída de *Doctor Who*. Mesmo chocada, a policial podia perceber que Smith estava morto, então foi buscar o kit de primeiros socorros para Purdy.

Voltei para perto dele e verifiquei se estava vivo.

– O socorro está a caminho – avisei. – Que diabo estava fazendo aqui?

O rosto de Purdy estava pálido e suado por causa da dor, mas ele sorriu. Ou tentou.

– A cantina é melhor – disse.

Disse a ele para aguentar firme e me dirigi à escada.

O negócio com patrulha é que é algo que você faz nas ruas, não no interior de uma estação de polícia. Durante um dia de trabalho normal, a equipe civil é praticamente três vezes maior do que a de policiais. O que significa que, quando aparece algum problema na base, todos têm que voltar correndo para ajudar, e isso leva tempo. A Dama Pálida podia ser feroz, mas eu não acreditava que fosse burra. O que significava que ela sairia pelo caminho mais rápido antes de todos os oficiais

voltarem correndo.

Desde que as campanhas de bombardeamento do IRA começaram nos anos de 1970, as estações de polícia em Londres desenvolveram uma ideia muito clara do que constitui dentro e fora, e instalaram uma boa quantidade de laminado reforçado de fibra de vidro entre um e outro. West End Central não era exceção. Mas a entrada também tinha uma escada externa revestida de mármore que, definitivamente, não havia sido construída para atender aos cadeirantes, e por isso há uma segunda porta no nível da rua e à esquerda da porta principal, aberta posteriormente e localizada de forma bem conveniente na base da escada, de forma que é possível entrar direto no elevador. Mas os projetistas não eram estúpidos. A porta era muito grossa, e o sistema de segurança permitia que o sargento sentado na recepção pudesse ver a pessoa pela câmera de circuito interno antes de destravar a porta e permitir a saída. A passagem seria totalmente segura se um jovem detetive não estivesse voltando à estação carregando várias caixas de comida chinesa e decidisse cortar caminho usando a porta secundária, em vez de passar pelo saguão do prédio.

A Dama Pálida o pegara quando ele estava passando pela porta. Desci a escada a tempo de vê-lo cair em meio a uma chuva de molho agri-doce.

– Peça reforço – gritei, pulando por cima dele para sair do prédio.

Chovia muito. Eu a vi virar à direita em Savile Row e correr pelo meio da rua. Uma Mercedes Sl 500 prateada desviou para tentar evitar o atropelamento e bateu na lateral de um Porsche Carrera que estava estacionado, fazendo disparar vários alarmes de carros parados nas imediações. Continuei correndo atrás dela, tentando diminuir a distância. Até onde sabia, eu era o único oficial que tinha o suspeito em seu campo de visão. Era noite de sábado no West End, e havia muita gente na rua, apesar da chuva. Se eu a perdesse de vista, ela desapareceria sem deixar rastro.

Enfiei a taser no bolso da jaqueta e tentei pegar o rádio. Consegui pegá-lo, apertei o botão de chamada várias vezes, mas havia me esquecido de devolver as baterias ao rádio. A Dama Pálida saía da estrada onde a Savile Row formava uma junção em T com a Vigo Street. Ela foi para a esquerda, para Regent Street e Soho. Quando virei na mesma esquina, o rádio escapou da minha mão e caiu embaixo de um carro estacionado.

Vigo Street era pouco mais que uma viela cheia de pretensões, uma ruazinha estreita com cafeterias e bares e que ligava Savile Row e Regent Street. Já era suficientemente tarde para os bares estarem fechando, e a Dama Pálida teve que desviar de alguns pedestres, talvez porque passar por cima deles a retardaria ainda mais. Consegui tirar o telefone do bolso. Como todo oficial de polícia com menos de 40 anos, eu tinha o número direto da Metropolitana na discagem rápida. Esse número

é atendido diretamente por um operador sem toda aquela perda de tempo de “escolher o ramal ou serviço”.

Quando se está correndo atrás de um suspeito por uma rua estreita e na chuva forte, é quase impossível ouvir alguém falando com você ao telefone, então esperei um intervalo adequado e, ofegante, identifiquei-me e identifiquei o suspeito que perseguia. É difícil falar e acompanhar um suspeito em fuga, especialmente se ele atravessa um importante cruzamento de avenidas movimentadas sem esperar pela mudança do semáforo.

A Regent Street era um rio lento de metal molhado, mas cheguei a pensar que ela conseguiria escapar, até o Homem da Van Branca me ajudar e ela ser jogada contra a frente de uma Ford Transit. A mulher ricocheteou e bateu na traseira de um Citroën com um grito furioso, e continuou correndo e cambaleando na direção da entrada da Glasshouse Street.

Felizmente para mim, o rio de metal encalhou nas pedras de possíveis acidentes, e o tráfego havia parado quando a segui. Estava agora menos de cinco metros distante da Dama Pálida, então saquei o taser e tentei lembrar qual era o alcance da arma. Também percebi para onde ela ia – vinte metros adiante pela Glasshouse Street travessas seguiam para a Brewer Street. Ela estava voltando à boate.

De repente, a mulher acelerou. Sou um homem jovem, estou em boa forma e costumava correr quando estava no colégio. Mas ela simplesmente me deixou para trás como se eu fosse o garoto gordinho na aula de educação física. Parei na esquina da Brewer com a Glasshouse, apoiei as mãos nos joelhos e tentei recuperar o fôlego. Os fumantes inveterados na porta do pub Glassblower, na esquina, me aplaudiram com ironia.

Bastardos, pensei. Queria ver *vocês* correndo atrás dela.

Ouvi uma sirene distante e levantei a cabeça. Ela corria em minha direção. Atrás dela, vi as luzes giratórias de pelo menos duas viaturas. Quando me viu esperando, a mulher me olhou sem ódio ou medo, mas com uma espécie de desgosto cansado. Como se eu fosse um cheiro desagradável e particularmente persistente. Sentime ofendido, por isso a acertei no peito com a taser.

A Polícia Metropolitana usa um modelo X-26 fabricado pela empresa com o criativo nome de Taser International Company. Ela utiliza uma carga de nitrogênio comprimido para disparar duas pinças metálicas contra o suspeito e carregá-las com 50 mil volts. A descarga causa incapacitação neuromuscular, que provoca queda. Por isso fiquei um pouco desapontado quando a Dama Pálida grunhiu, piscou e arrancou as pinças do peito. Ela me encarou, eu dei um passo involuntário para trás

e ela girou sobre os calcanhares, correndo pela Glasshouse Street e derrubando os fumantes ao passar por eles.

Derrubei a taser e comecei a correr. Apesar do piso molhado e escorregadio, gosto de pensar que ganhei tempo com aquela saída. Se conseguisse me aproximar o suficiente para bater no tornozelo dela, conseguiria derrubá-la e me jogar em cima dela. E com a ajuda de metade dos passageiros de uma van da TSG, finalmente a imobilizaria.

Ela descia a Glasshouse Street correndo, e só então percebi que estava descalça. Fui atrás dela suando e bufando. Mas, estranhamente, ou ela reduzia a velocidade ou eu finalmente me aquecera, porque a estava alcançando. Mas para onde ela ia? No extremo oposto da Glasshouse Street ficava Piccadilly Circus, muito trânsito, vários grupos de turista no meio dos quais podia se perder e uma estação de metrô. O metrô. Havia uma escada para a estação de Piccadilly Circus bem onde a Glasshouse encontrava a Circus.

Eu estava certo. Quando chegou à feia fachada cor-de-rosa da loja de rosquinhas, a mulher começou a virar para a direita, para a entrada da estação. Aumentei a velocidade, mas não tinha energia para diminuir muito a distância, não mais que dois metros. Então, de repente, ela virou para a esquerda novamente e começou a descrever uma curva contornando a grande Boots e indo em direção a Shaftesbury Avenue. Eu não consegui adivinhar o que ela pretendia até ver uma dupla de policiais na frente da escada da estação. A Dama Pálida devia ter pensado que eles estavam atrás dela.

Ela atravessou a rua no meio do trânsito pesado, bateu na traseira de um carro e correu por cima do capô de um Ford Mondeo antes de passar correndo pelo Rainforest Café, derrubando turistas por onde passava. Fui contornando os carros ao som de um coro de buzinas, ainda atrás dela, mas não contive um gemido quando a mulher virou de repente para Trocadero Centre. A única via de acesso era uma escada rolante. Perseguir suspeitos em escadas ou escadas rolantes é um pesadelo, porque há sempre a possibilidade de ele esperar naquele ponto cego depois do último degrau e chutar você de volta escada abaixo. Mas eu não podia correr o risco de perder a Dama Pálida, então subi correndo pela escada que descia, presumindo que, se estivesse esperando por mim, ela ficaria do outro lado. Era uma boa teoria, e se ela estivesse mesmo esperando por mim eu teria ficado muito satisfeito.

O Trocadero era um prédio de cinco andares, filho bastardo de outro construído em estilo barroco em 1896 e usado ao longo dos séculos como tudo, desde sala de concertos a restaurante e museu de cera. Na metade dos anos de 1980 o interior havia sido completamente removido e substituído pelos cenários de *Logan's Run* –

ou pode ser assim que me lembro disso. O prédio tem um cinema e um salão de jogos eletrônicos de vários andares de que me lembro bem, porque minha mãe costumava limpar o local. E um dos meus tios sabia um truque para conseguir jogadas grátis em *Street Fighter II*.

Vi um lampejo cor-de-rosa quando cheguei ao topo da escada rolante. A Dama Pálida pulou os degraus que desciam para o mezanino. Um grupo de roliças garotas brancas vestindo moletons pretos se espalhou quando ela aterrissou bem no meio das meninas. Enquanto a perseguia eu rezava, pedindo a Deus para não deixá-la entrar no cinema, porque depois de um campo minado, um multiplex é o último lugar onde você vai querer perseguir um suspeito. Ela derrapou no piso encerado e correu para a esquerda.

Gritei “polícia” para as garotas brancas e gordinhas, e elas se espalharam de novo.

Uma delas gritou “punheteiro” quando pulei a escada e corri atrás da Dama Pálida pelo mezanino. Ela passou por um café com algumas mesas e cadeiras de alumínio impedindo a passagem. Um pobre coitado levantou-se no momento errado e teve a cabeça atingida pelo antebraço da Dama Pálida. Ele caiu desajeitado, derrubou uma das mesas e mandou uma bandeja por cima da grade, para o átrio três andares abaixo.

– Polícia – gritei novamente, o que só serviu para atrair olhares assustadores dos transeuntes. Francamente, não sei por que não economizamos fôlego. E posso dizer que, nesse momento, eu precisava muito dele!

A Dama Pálida subiu mais um lance curto de escada e entrou em uma escura e barulhenta caverna cheia de luzes piscando. Um luminoso de neon azul na entrada anunciava: *Bem-vindo ao Funland*.

Estava cheio, principalmente de adolescentes e jovens adultos matando o tempo até a hora em que as boates abriam. Eles jogavam em máquinas de moedas e disputavam antiquados jogos de corrida que eu me lembrava de ter visto dez anos atrás. Se a Dama Pálida se jogasse no chão no meio de toda aquela gente eu poderia perdê-la, mas, ou ela cumpria um horário, ou era esperta o bastante para saber que a ira da Polícia Metropolitana estava prestes a cair sobre ela de uma grande altura. Ninguém mata um suspeito em um prédio da polícia e escapa ileso. Ninguém sem uma credencial, pelo menos.

Entre os jogos e as máquinas, duas escadas rolantes subiam. Quando vi um garoto apontando e o amigo dele pegando o celular para filmar alguma coisa que eu não via, soube que a Dama Pálida subia por ali. Eu já havia calculado que podia

subir em uma das máquinas e pular para o corrimão da escada rolante, e de lá saltar para os degraus. Aterrissei bem perto da Dama Pálida, que subia deitada de costas para se esconder. Ela bufou e tentou chutar meu rosto, mas me esquivei no último instante e ouvi o salto do sapato passando bem perto da minha orelha com um som como de seda rasgando. Recuei e tentei pisar no joelho que estava no chão, mas ela rastejou para trás e tentou me chutar entre as pernas. Girei o corpo e o chute pegou de raspão em minha coxa, mas com a intensidade suficiente para me desequilibrar. Ela se preparava para me chutar de novo quando chegamos ao topo da escada.

A Dama Pálida gritou, e percebi que o cabelo dela, embora curto, havia ficado preso nos dentes de metal entre o degrau e a base da escada. Ela se debateu, girou o corpo e levantou a cabeça, desesperada para se soltar. Peguei meu cassete, respirei fundo e bati com toda força que tinha. Não teria outra chance como essa.

Eles nos treinam para usar essas coisas. Não é como se nos dessem um cassete e dissessem: “Pronto, tente não matar ninguém.” Há batidas leves de advertência, movimentos amplos com o braço que são deliberadamente lentos para fazer o suspeito desviar, a pancada certa e furtiva na coxa que não é fácil de ver nas imagens registradas pelos jornais. Mas o princípio básico é sempre usar força controlada e apropriada. Por isso me inclinei para a frente enquanto ela estava presa e a acertei no quadril com toda força que tinha. Alguma coisa rangeu sob o cassete e ela uivou alto o bastante para superar a música e os efeitos sonoros. Depois me chutou no rosto.

Não foi seu melhor movimento, mas foi forte o bastante para jogar minha cabeça para trás, me impedir de ver o fim da escada e me fazer tropeçar e perder o equilíbrio, enquanto ela dava um salto para trás e tentava escapar rastejando. Eu não ia deixar, por isso me joguei sobre as costas dela. Caí com todo o peso do corpo, tentando deixá-la sem ar. Mas com um movimento incrivelmente fluido, ela arqueou as costas e me jogou contra a lateral de uma máquina Spinna Winna. Meu cotovelo estilhaçou o vidro, e eu tive a sensação de que ficaria entorpecido agora, mas sentiria a dor mais tarde. Levantei a cabeça bem em tempo de ver o punho vindo em direção ao meu rosto. Ela devia estar perdendo a velocidade, porque consegui desviar, e o soco atravessou o vidro da máquina. Virei-me e bati com o cassete em seu pulso com toda a força que ainda tinha. De novo ouvi um estalo, e vi o jato de sangue quando o vidro rasgou sua pele. Ela deixou escapar uma exclamação chocada e virou a cabeça para olhar para mim.

– Desista – eu disse.

Havia dor e raiva em seu rosto, e o tipo de autopiedade que se vê na expressão de um valentão derrotado. Ela mostrou os dentes num rosnado desafiador e arrancou

a mão da máquina Spinna Winna, e respingos de sangue atingiram meu rosto. Adiantei-me mantendo a cabeça baixa e enfiei o ombro em seu peito. Ela se agarrava aos meus ombros enquanto eu a empurrava para trás, para a grade. Era uma mulher de força sobrenatural, mas eu ainda era maior e mais forte que ela. E se conseguisse me manter próximo e me esquivar dos ataques, talvez pudesse segurá-la até o reforço chegar.

O reforço devia chegar logo, certamente.

As costas dela se chocaram contra a grade, e nós paramos. Agarrei o joelho dela tentando levantá-la, mas ela acertou um golpe surpreendente em um lado da minha cabeça, depois me empurrou com tanta força que eu caí de lado, mais ou menos a três metros dela. Balancei a cabeça e ergui os olhos, e vi a Dama Pálida correndo em minha direção com sangue nas roupas e morte nos olhos.

Ela podia ao menos ter tentado escapar. Eu não ia mais segui-la. Mas acho que ela sabia que ia cair e pretendia fazer alguém pagar por isso antes de desaparecer. E esse alguém era eu.

Não tive tempo para gritar o aviso, apenas formei a imagem correta em minha cabeça e gritei mais alto do que pretendia: – *Impello*.

O encantamento a tirou do chão, jogou contra a grade de proteção e, pavorosamente, ela caiu para trás e desapareceu.

Essas coisas bobas

O átrio central do Trocadero Centre tem uma altura equivalente a quatro andares, com um porão aberto que acrescentou mais um andar à queda. O espaço é atravessado aleatoriamente por escadas rolantes, talvez porque os arquitetos acharam que a desorientação e dificuldade para encontrar os banheiros eram partes integrantes da experiência em um shopping. Muito mais tarde eu soube que a Dama Pálida havia batido na lateral de uma das escadas rolantes na queda, que podia até ter se inclinado para tentar aterrissar nela, mas não conseguiu percorrer toda a distância. O impacto quebrou suas costas em dois lugares, mas ela ainda estava viva quando chegou ao piso do porão mergulhando de cabeça.

Foi instantâneo, disse o Dr. Walid.

Uma queda de trinta metros a 9,8 metros por segundo – calculei que eram mais ou menos dois segundos e meio vendo o chão vindo ao seu encontro. Isso não é o que eu chamo de instantâneo.

O reforço estava a menos de um minuto dali. Eles a viram cair. Foram úteis e rápidos para isolar o andar e tomar o depoimento das testemunhas. Dei uma rápida declaração a Stephanopoulos, e depois Nightingale insistiu para que fôssemos ao pronto-socorro. Quando dei por mim, estávamos na ala de emergência do UCH, e o Dr. Walid nos acompanhava e observava tudo de perto, deixando nervoso o jovem médico que me atendia. Então o Dr. Walid percebeu que Nightingale estava um pouco pálido e trêmulo, e o fez deitar em outra salinha de exame. O jovem médico relaxou visivelmente e começou a conversar comigo enquanto examinava meus ferimentos e hematomas, mas não lembro o que ele falou. Quando saiu para pedir as radiografias necessárias, ele me deixou com uma enfermeira ruiva australiana que reconheci do caso Punchinello. Ela piscou para mim enquanto limpava o sangue em meu rosto e fechava um corte que eu nem sabia que existia.

– Que as bênçãos do rio estejam com você – a enfermeira falou quando me levaram na maca para a sala de raio X.

Minutos depois fui levado de volta à salinha de exames, onde fiquei por cerca de

uma hora vestindo uma horrível camisola do hospital. Talvez tenha ficado lá por mais tempo, porque acho que cochilei. Era sábado à noite, por isso havia muitos bêbados gritando e gemendo, e era possível ouvir meus colegas da polícia pedindo calma e perguntando o que havia acontecido. O Dr. Walid apareceu para avisar que ia manter Nightingale no hospital naquela noite. Pedi água, ele tocou minha testa, depois desapareceu.

Alguém com sotaque londrino em um dos cubículos próximos ao meu disse que queria ir para casa. O médico respondeu que antes eles teriam que cuidar da fratura na perna. O homem disse que estava bem, mas o médico explicou que seria preciso esperar até o efeito do álcool passar, e só então poderiam aplicar a anestesia.

– Quero ir para casa – falou novamente o homem de sotaque londrino.

– Assim que estiver bem – respondeu o médico.

– *Aqui* não é minha casa – o desconhecido explicou choroso. – Quero voltar pra Liverpool.

Eu queria que a luz fluorescente parasse de alimentar minha dor de cabeça.

O Dr. Walid voltou com água e dois comprimidos. Ele não podia ficar, porque tinha um novo cadáver para analisar. Depois de mais algum tempo, o jovem médico voltou.

– Pode ir para casa agora – ele anunciou. – Não tem nenhuma fratura.

Acho que fui a pé até a Folly. Não é muito longe.

Na manhã seguinte, acordei e descobri que o café da manhã não estava servido. Quando desci à cozinha para saber por que, encontrei Molly sentada à mesa de costas para a porta. Toby estava sentado ao lado dela, mas, pelo menos, levantou a cabeça quando eu entrei.

– Algum problema? – perguntei.

Ela não se moveu. Toby ganiu.

– Vou sair e tomar café – avisei. – No parque.

Molly não reagiu.

Toby se levantou e veio atrás de mim.

– Você é muito mercenário – eu disse a ele.

O cachorro latiu. Acho que, do ponto de vista de Toby, uma salsicha é uma salsicha.

A Folly fica no lado sul da Russell Square, uma praça cujo centro é ocupado por um parque com alamedas de cascalho, grandes árvores cujos nomes desconheço, uma fonte que foi projetada para deixar crianças e pequenos cães ensopados e, do lado norte, um café que serve salsicha decente, bacon, torta negra, ovos e batatas. O dia era ensolarado, por isso me sentei na varanda da cafeteria e comi de um jeito mecânico. Não sentia o gosto da comida e, no fim, pus meu prato no chão e deixei Toby acabar com o que restava.

Voltei a pé para a Folly e entrei pela porta principal, onde encontrei uma pilha de correspondência inútil. Peguei os panfletos de pizzarias e casas de kebab, e notei que havia entre eles uma propaganda horrível de um vidente ganense que tinha certeza de que poderíamos nos beneficiar de sua visão de eventos futuros. Deixei tudo no porta-revistas que Molly colocou no átrio para esse fim.

Estava me sentindo meio enjoado, por isso fui ao banheiro e vomitei o café da manhã, depois voltei para a cama e dormi.

Acordei novamente no fim da tarde, suando muito e com aquela sensação de desorientação que se tem depois de passar um dia inteiro dormindo sem nenhum bom motivo para isso. Atravessei o corredor e fui encher a monstruosidade esmaltada que tínhamos no lugar de um chuveiro. Deixei a água bem quente, tanto quanto eu podia suportar, gritei quando ela envolveu os ferimentos em minha coxa, mas fiquei ali até sentir que os músculos começavam a relaxar, até enjoar de imitar Louis Armstrong cantando “Ain’t Misbehavin”. Não podia me barbear por causa do corte no rosto, então deixei meu queixo coberto por pelos másculos e fui procurar roupas limpas.

Quando eu era mais novo, a única maneira de manter minha mãe fora do meu quarto teria sido instalar uma porta de aço, e acho que nem isso teria resolvido. Isso não significa que não sei sentir gratidão pelas pessoas que visitam meu quarto, especialmente se for só para cuidar da limpeza e da roupa. Vesti calça cáqui, camisa com botões, e calcei meus sapatos bons. Olhei para o espelho. Miles Davis teria se orgulhado de mim. Só faltava um trompete. Só há uma coisa que você pode fazer quando tem essa boa aparência, então peguei meu celular e liguei para Simone.

Ou melhor, tentei ligar. Não consegui. Havia arruinado o chip quando usei magia no confronto com a Dama Pálida.

Peguei um dos telefones de reserva na gaveta da escrivaninha, um Nokia muito arranhado com dois anos de idade e chip pré-pago. Já havia salvado todos os números na memória do aparelho, então acrescentei o de Simone e liguei para ela.

– Oi, benzinho – falei. – Quer sair?

Quando parou de rir, ela disse que adoraria.

Só estudantes e pessoas de Basildon iam a uma boate no domingo, por isso fomos ao Renoir assistir ao *Espírito da escada rolante*, um filme de Dominique Baudis que, apesar do título, era uma comédia romântica. O Renoir é um cinema de arte e fica embaixo do Brunswick Centre, um shopping cor de creme em uma área cujo urbanismo me faz pensar em uma pirâmide asteca de cabeça para baixo. Fica a menos de dois minutos de caminhada da Folly, por isso era conveniente. Além disso, ele ainda tem aquelas poltronas antigas que permite que os casais de namorados se beijem sem se machucar no porta-copos. Ela me perguntou sobre o corte no rosto, e eu disse que havia me envolvido em uma briga.

Mais tarde jantamos no YO! Sushi, um lugar que Simone não conhecia, apesar de haver uma loja praticamente na porta do prédio onde ela morava.

– Sou terrivelmente leal a Patisserie Valerie – explicou ela.

Simone adorou as pequenas vasilhas coloridas desfilando em cima da esteira rolante, e logo empilhava várias delas, todas vazias, ao lado de seu prato. Ela comia pequenas porções, mas era constante e determinada. Peguei uma porção de arroz e salmão picante. Meu estômago ainda não voltara ao normal, mas era uma delícia ver o prazer com que ela saboreava cada prato. Felizmente, o YO! Sushi fechou antes de ela estourar o limite do meu cartão de crédito, e nós saímos do Brunswick Centre e caminhamos pela Bernard Street para a estação de metrô na Russell Square. Havia chovido enquanto estávamos no cinema, e as ruas estavam molhadas e escorregadias. Simone parou de andar e segurou minha cabeça para me beijar. Ela tinha gosto de molho de soja.

– Não quero ir para casa – disse.

– Que tal irmos para a minha? – sugeri.

– Sua casa?

– Bem, mais ou menos...

O apartamento em cima da garagem não era exatamente um ninho de amor, mas eu não queria que Simone conhecesse Molly quando ela estava em um de seus momentos de mau humor. Simone passou direto por meus aproximados dois mil dólares em equipamentos eletrônicos e foi diretamente para o estúdio sob a claraboia.

– De quem é isto? – perguntou. Ela havia encontrado a foto de Molly nua e reclinada comendo cerejas.

– De alguém que trabalhava aqui há anos – respondi.

Simone me olhou com ar misterioso.

– Vire-se – ela disse. – E feche os olhos.

Fiz o que ela dizia. Atrás de mim, ouvi o farfalhar de roupas, um palavrão sussurrado seguido pelo ruído de um zíper, o baque das botas caindo no chão, o sibilar de seda escorregando sobre a pele. Houve uma longa pausa, e então ouvi o rangido de um móvel velho enquanto ela se ajeitava.

Simone me fez esperar um pouco mais.

– Pode virar agora – anunciou finalmente.

Ela estava reclinada, linda e nua na *chaise longue*. Como não dispunha de uma tigela de cerejas, deixou os dedos deslizarem pelo corpo e descerem até encontrarem os caracóis castanhos. Era tão deliciosa que eu nem sabia por onde começar.

Então eu vi, uma mancha como uma marca de nascença cor de vinho no canto de sua boca. Pensei que fosse alguma coisa que ela havia comido, mas a mancha começou a se abrir diante de meus olhos. Com um rangido horroroso, sua mandíbula rasgou e um triângulo de pele se soltou do rosto. Vi músculos, tendões e ossos saltando pela abertura, e seu queixo caiu sem movimento como o de um fantoche abandonado.

– O que foi? – Simone perguntou.

Nada. O rosto voltara ao normal, lindo, o arco do sorriso se apagando enquanto eu recuava cambaleando.

– Peter?

– Desculpe – murmurei. – Não sei o que aconteceu. – Ajoelhei-me ao lado da *chaise longue* e segurei o rosto dela entre as mãos. Os ossos sob a pele eram sólidos, o que me tranquilizou. Eu a beijei, mas, depois de um momento, ela empurrou meu rosto.

– Aconteceu alguma coisa?

– Eu me envolvi em um acidente – contei. – Alguém morreu.

– Oh – Simone exclamou e me abraçou. – O que aconteceu?

– Não devia falar sobre isso – respondi, e deixei a mão escorregar por seu quadril na esperança de distraí-la.

– Mas se pudesse falar, falaria comigo? – ela perguntou.

– É claro que sim – menti.

– Pobrezinho – Simone murmurou. E me beijou.

Descobri que não tinha mais nenhum pesadelo quando a abraçava. Em um determinado momento a *chaise longue* balançou, rangeu, e eu ouvi o barulho de madeira quebrando. Nós nos separamos apressados, só pelo tempo necessário para eu ajeitar algumas almofadas no chão e jogar um cobertor sobre elas. Simone me fez deitar de costas, sentou-se sobre mim e tudo ficou maravilhosamente agitado e quente, até ela finalmente cair sobre mim lânguida e escorregadia como um peixe.

– É peculiar – ela comentou depois de recuperar o fôlego. – Antes eu sempre queria sair. Mas, com você, quero ficar em casa o tempo todo.

Ela rolou para o lado e deslizou a mão por meu peito para segurar minhas bolas.

– Sabe o que eu realmente queria agora? – perguntou.

– Tem bolo na geladeira – respondi.

Estava ereto outra vez, e ela segurou meu membro.

– Você é um homem terrível – disse, me sacudindo com suavidade como se quisesse testar a resistência da minha ereção. Em seguida, com uma breve pausa para beijar a ponta do meu pênis, ela se levantou e caminhou para o refrigerador. – Aquela comida japonesa é boa, mas duvido que eles conheçam os caminhos da boa confeitaria.

Mais tarde, exausto, mas incapaz de dormir, fiquei deitado com ela sob a claraboia e vi a chuva lavando o vidro. Simone dormiu com a cabeça apoiada em meu ombro, uma das pernas sobre as minhas coxas e um braço envolvendo minha cintura – como se quisesse se certificar de que eu não ia fugir no meio da noite.

Não sou um jogador, mas nunca tive uma namorada que durasse mais de três meses. Lesley dizia que elas sabiam que depois de certo momento eu perdia o interesse, e que, por isso, sempre me chutavam primeiro. Não é bem isso que eu lembro, mas Lesley jurava que poderia criar um calendário baseado em minha vida amorosa. Um calendário, cíclico, ela dizia, como o dos maias, uma contagem regressiva para o desastre. Às vezes ela era surpreendentemente erudita.

Por outro lado, pensei quando Simone se ajeitou ao meu lado, mesmo que o pior se confirmasse, eu ainda tinha mais dois meses pela frente. Mas aquele recanto do meu cérebro que é sempre o policial quis saber se eu tinha certeza de que Simone não estava envolvida no caso da morte dos músicos de jazz. Afinal, ela vivia com Cyrus Wilkinson. Por outro lado, Henry Bellrush morava com a esposa quando morreu. Mais sugestivo, se Simone era realmente uma criatura da noite que seduzia para depois sugar a vida de músicos de jazz, por que ela estava dormindo comigo, se

não herdei o talento de meu pai e nem seu gosto pela música? E o rosto dela não havia aparecido em nenhuma das fotos de 1941, havia?

Na verdade, você ouve esse tipo de palestra durante o treinamento, mas confesso que a maioria dorme nessa parte, porque ela não está associada a nenhuma prova ou tarefa escrita. Lembro-me de ter ouvido o palestrante dizer que os instintos naturais de um policial podem transbordar rapidamente para uma paranoia sem fundamento. A vida é incrivelmente complicada, disse o palestrante, e coincidências acontecem o tempo todo. Se a suspeita persistir quando a manhã chegar, disse a mim mesmo, posso verificar o álibi de Simone para o período em que ocorreram as mortes no ano passado, porque nada é melhor para construir uma relação saudável do que um interrogatório à mesa do café da manhã.

Esse havia sido meu último pensamento antes de dormir, por isso esperava que não fosse um mau presságio descobrir que Simone havia ido embora antes do dia nascer, enquanto eu ainda dormia.

Naquela manhã fui chamado ao John Peel Centre, em Hendon, onde fui “interrogado” por dois oficiais do Diretório de Padrões Profissionais. A conversa aconteceu em uma sala de reuniões com chá, café, biscoitos e uma atmosfera muito civilizada. Depois de determinar que eu tinha um motivo legítimo para estar naquele andar do West End Central, eles me perguntaram sobre a perseguição até o Trocadero Centre e a consequente morte da suspeita em uma queda de um andar superior. Aparentemente, as imagens do circuito interno eram muito claras – eu não estava nem perto da suspeita quando ela despencou por cima da grade, portanto, não podia tê-la empurrado, nem teria conseguido segurá-la em tempo de impedir a queda. Eles pareciam satisfeitos e me mandaram retomar o trabalho, mas me avisaram que a investigação estava apenas começando.

– Podemos ter outras perguntas para você mais tarde – disseram.

Tenho certeza de que eles deviam ter me oferecido aconselhamento psicológico nesse ponto da reunião, mas não foi o que fizeram. O que era uma pena, porque eu teria gostado disso. Infelizmente, as regras são muito claras. Um oficial das fileiras inferiores só pode aceitar aconselhamento se ele for oferecido por gente com cara de assistente social e leitor do *The Guardian*. Não preciso disso, você declara aos colegas, mas conhece esses tipos sentimentais e melindrosos. Então é hora de se afastar com a dignidade intacta.

Além do depoimento aos oficiais do DPP, tive que fazer meu relatório para o caso, o que fiz na segurança do apartamento sobre a garagem, enviando-os para a revisão e eventual correção de Lesley antes de entregar o documento. Ela sugeriu que eu cometesse alguns erros deliberados, porque nada aponta uma “maquiagem”

com mais clareza do que declarações perfeitamente coerentes. Fingi que era um cidadão comum e esqueci alguns detalhes. Ela também comentou que correr até o Trocadero Centre sem nenhum reforço havia sido tolice e, pior, pouco profissional. Lamentava dizer que eu estava piorando rapidamente sem sua valiosa presença para corrigir meus maus hábitos. Deixei Lesley continuar me criticando por algum tempo, porque ela parecia estar se divertindo com isso.

Prometi ser mais cuidadoso no futuro.

O Dr. Walid liberou Nightingale do hospital naquela tarde, e ele voltou à Folly pelo tempo necessário para trocar de roupa antes de ir supervisionar o trabalho da perícia na boate. Perguntei se ele precisava de mim, mas ele recusou minha ajuda e me deu uma lista de material de leitura. Um dos títulos era um volume muito grosso de Bartholomew escrito em latim. Acho que ele esperava que eu passasse o dia todo com o livro em uma das mãos e um dicionário na outra, mas simplesmente digitei os trechos relevantes na barra de busca de um tradutor on-line e depois interpretei as esquisitices resultantes.

Creio que Bartholomew sugeria que talvez fosse possível usar a magia para combinar as características de duas criaturas em *violação da grande cadeia de seres*, a grande hierarquia das criaturas, lodo na base e anjos no topo, ordenada por Deus. Alguém havia feito anotações nas margens das páginas de meu exemplar, letras bem pequenas formando palavras em latim que meu tradutor on-line disse que significavam: *Pessoas se tornam natureza e vice-versa*.

Mulheres-Gato reais, pensei. A Boate de Strip do Dr. Moreau. Imaginei como seria dormir com alguma coisa esquiva e peluda como um tigre. O dono da boate devia ter feito uma fortuna. O velho mago praticante etnicamente prejudicado tinha o inspetor chefe Johnson para ajudar a garantir a descrição, mas o novo cara, seu possível aprendiz, o Sem Rosto, como ele planejava preservar o segredo?

Na manhã seguinte, Nightingale me levou para visitar a Boate de Strip do Dr. Moreau. A área do corredor e da chapelaria havia sido transformada em vestiário para o pessoal vestir e despir seus trajes de Pateta. O Dr. Walid esperava por nós e nos avisou para tomar cuidado ao andar. Muitos metros de cabos haviam sido esticados escada abaixo e presos às paredes com fita adesiva.

– Queremos evitar a ativação de todo e qualquer circuito elétrico do prédio – ele explicou. – Só por precaução.

O médico me levou ao hall, onde notei que o gabinete de Larry havia sido removido, bem como as pernas que se debatiam.

– Tive que reservar espaço extra no UCH – contou o Dr. Walid. – Nunca tive

tanto material antes.

As cortinas do hall haviam sido removidas, e passamos à sala seguinte onde funcionava a boate propriamente dita, onde a pista de dança e o palco estariam, se não houvesse jaulas presas ao chão. Elas aparentavam ser novas, e eram parecidas com aquelas usadas para manter animais em laboratórios.

– Exatamente igual – confirmou o Dr. Walid quando fiz esse comentário em voz alta. – Bollingtek Animal Containment Systems. Usamos os produtos no hospital. Foram instalados esse ano.

– Stephanopoulos mandou alguém da equipe rastrear os números de série – disse Nightingale.

As jaulas estavam vazias, mas eu sentia o cheiro de excremento animal. Vi pó para coleta de impressões digitais em torno das fechaduras e em todas as superfícies onde alguém poderia ter tocado enquanto cuidada de seus cativos.

– Quantos eram? – perguntei.

– Cinco nas gaiolas – respondeu o Dr. Walid. – Ainda estou fazendo testes, mas todos parecem ser quimeras.

Eu havia pesquisado essa palavra na noite anterior, quando traduzia Bartholomew. O termo refere-se a uma criatura que tem algumas células com um DNA e outras com outro DNA. É rara e está em extinção nos mamíferos, e normalmente acontece quando dois ovos são fertilizados por esperma diferente, depois se fundem antes da transformação em feto. Bartholomew não sabia o que era quimerismo tetragamético. Os pais da genética, Crick e Watson, ainda não eram sequer um brilho nos olhos de seus avós quando ele escrevera o livro. Bartholomew descrevera quimeras como o produto degenerado de uniões não naturais criadas pela mais negra e imunda magia. Mas eu tinha a horrível sensação de que as duas definições podiam servir.

– Havia alguma viva? – perguntei.

O Dr. Walid olhou com desconforto para Nightingale, que balançou a cabeça.

– Uma delas ainda estava viva – falou Nightingale. – Mas morreu depois que a transferimos.

– Sem dizer nada? – indaguei.

– Estava inconsciente – explicou o Dr. Walid.

Concluímos que, considerando que as jaulas eram novas, elas deviam ser obra do Novo Mago, não do Velho.

– Podemos pensar que Geoffrey Wheatcroft é o Velho Mago? – perguntei.

– Não temos nada que o ligue a este lugar – respondeu Nightingale. – Além disso, acho improvável que ele tenha se dedicado à carreira acadêmica e construído uma vida dupla como empresário da noite.

– Mas ele treinou o Novo Mago? – perguntei. – O Sem Rosto?

– Ah, sem dúvida – Nightingale confirmou. – Estou certo disso.

– Gosto de “Sem Nome” – confessou o Dr. Walid. – Você inventou?

– Ele pode ter tido cúmplices – opinei. – Outro praticante que se encarregou da operação em Londres. É possível, não é?

– Bem possível – confirmou Nightingale. – Boa ideia.

– Ou mais de um parceiro. Podia ser um... Que nome se dá a um grupo de magos? – perguntei. – Gangue? Convenção?

– Argumento – disse o Dr. Walid. – É um argumento de magos.

Nós dois olhamos para o médico legista, que deu de ombros.

– Vocês dois precisam ler mais – ele disse. Ele, o homem que fazia crítica acadêmica para o *European Journal of Gastroenterology and Hepatology*.

– Uma cabala – Nightingale declarou. – O nome é cabala de magos.

– Operando embaixo do nosso nariz desde os anos de 1960 – acrescentou o Dr. Walid.

– Só para jogar mais sal na ferida – Nightingale resmungou.

– Eu devia começar a relacionar os nomes que temos de Oxford e relacioná-los aos membros conhecidos das gangues do Soho – sugeri.

– Não antes de ver outra coisa – ele protestou.

Fiquei gelado quando ele falou que ainda tinha alguma coisa para me mostrar. Havia sido uma alegria saber que tudo fora removido e limpo, e eu realmente não queria ver mais nada. Mas Nightingale me levou para outro lugar na boate. Além das gaiolas, havia outra porta de acesso restrito a funcionários, e por ela passamos a um corredor curto e a um conjunto de cômodos que podiam ter sido escritórios ou depósitos. Todos eram basicamente iguais, com colchões sujos no chão, uma coleção de roupas e sapatos em caixas de papelão, um aparelho de DVD e uma antiga TV com tubo de imagem, algumas tentativas patéticas de enfeitar as paredes, uma foto de gatinhos e um pôster de Justin Timberlake. Era desanimadoramente

familiar para qualquer um que já houvesse ajudado a invadir um esconderijo usado por traficantes de pessoas.

– Quantos? – perguntei.

– Encontramos muitas amostras de DNA – disse o Dr. Walid. – Sangue, sêmen, fios de cabelo. Até agora identificamos oito indivíduos, todos quimeras.

– Oh, Deus – falei.

– Ele devia ter outro esconderijo – opinou Nightingale. – Mas pode ser em qualquer lugar.

Nem todas as notícias eram ruins. Lesley ligou mais tarde com uma possibilidade inteiramente nova para eu me enfiar em um buraco. Ela a encontrara enquanto examinava os registros da Universidade de Oxford. Não havia identificado nenhuma conexão óbvia entre Wheatcroft e Alexander, mas...

– Adivinhe que nome encontrei? – ela perguntou.

– Príncipe Harry?

– Não seja bobo – ela falou. – Harry estudou em Sandhurst. Encontrei outra aluna que atendia pelo nome de Cecelia Tyburn Thames.

– Lady Ty conheceu Wheatcroft?

– Não, idiota – respondeu Lesley. – Mas... – Ela parou para tossir. Afastou o fone da boca, mas ouvi a tosse e os palavrões. Depois uma pausa para beber água.

Perguntei se ela estava bem, e Lesley disse que sim. Haveria outra cirurgia no fim do ano para tentar recuperar mais funções de sua caixa de voz.

– Mas – ela prosseguiu –, o que importa é que Tyburn esteve em Oxford mais ou menos na mesma época que Jason Dunlop, e você uma vez me disse que uma das irmãs dela sentiu o cheiro da magia em você.

– Foi Brent – confirmei. – Ela tem 4 anos de idade.

– Isso indica uma habilidade natural.

Eu disse que era improvável que Tyburn me contasse sobre magia em Oxford, mesmo que a houvesse percebido.

– Você só não quer encontrá-la novamente – disse Lesley.

Certo, eu não queria encontrar Tyburn outra vez. Eu a havia humilhado na frente da mãe, o que significava que ela teria ficado menos furiosa comigo se eu a houvesse chicoteado nua em Kensington High Street. Mas eu só discuto com Lesley

por duas coisas, e nenhuma delas tem a ver com o trabalho na polícia. Tinha que valer a pena.

Eu sabia que Tyburn tinha uma casa em Hampstead. Havia explodido uma fonte particularmente rara na última vez que fora visitá-la – embora, em minha defesa, eu deva dizer que ela tentava controlar minha mente naquele momento. Mas aquela era só a nascente do rio. Ouvi dizer que ela mora em algum lugar em Mayfair. Os muito ricos e muito pobres têm uma coisa em comum: ambos geram muita informação – os ricos na mídia, os pobres, no vasto e inclemente banco de dados do estado. Os ricos, desde que evitem a celebridade, podem tomar medidas para preservar o anonimato – a página de Lady Ty no Wikipedia parecia ter sido produzida por um gênio de RP, porque, sem dúvida, Lady Ty havia contratado um gênio de RP para garantir que a página ficaria como ela queria. Ou, mais provavelmente, uma das “pessoas” de Lady Ty havia contratado uma empresa de RP que contratara um free-lancer que havia cuidado de tudo em meia hora, para depois se concentrar no romance que estava escrevendo. A página revelava que Lady Ty era casada – nada menos que com um engenheiro civil – e que eles tinham dois lindos filhos, um deles, o menino, com 18 anos. Idade suficiente para dirigir, mas ainda jovem o bastante para morar com os pais.

Ser policial é aprender a trapacear. Você pode descobrir as coisas no SCP, coisas que até os mais ricos e influentes são obrigados a informar com precisão – nesse caso, exames de motorista. Stephen George McAllister-Thames foi aprovado no dele em janeiro, e o endereço do registro era Chesterfield Hill, Mayfair.

Era o tipo perfeito de casa avarandada em estilo Regência, com uma fachada rústica e trabalho decorativo em ferro que faz um corretor de imóveis chorar de alegria. Ficava menos de meio quilômetro a oeste do Trocadero Centre, em ruas que seriam muito mais agradáveis se toda personalidade não houvesse sido tirada delas por décadas de dinheiro.

A porta foi aberta por um homem jovem, alto e mestiço que reconheci da foto na carteira de motorista. Ele havia herdado um infeliz par de orelhas e o que minha mãe teria chamado de cabelo “melhor” do pai, mas os olhos de gato eram da mãe. E não havia sido essa a única herança.

– Mãe – ele gritou para o fundo da casa. – Tem um mago aqui procurando você. – E então, só para o caso de eu não ter notado que ele era um adolescente, o rapaz voltou ao que estava fazendo antes de eu interromper tão rudemente. A mãe passou por ele no corredor e se aproximou da porta, onde parou com os braços cruzados. Ela me encarou em silêncio por uns dez segundos antes de perguntar o que eu queria.

– Estava imaginando se poderia me ajudar com meu inquérito – disse ele.

Lady Ty me levou à cozinha decorada com carvalho francês e azulejos verdes. Ela me ofereceu chá que, por segurança, recusei. Então, ela se serviu de vinho branco.

– Que inquérito é esse? – perguntou.

Pedi a ela para voltar ao tempo em que era uma jovem estudante na Universidade de Oxford.

– Onde conquistei meu primeiro duplo – ela disse. – Não que considere uma grande conquista. É menos importante do que ter nascido no perímetro urbano de Londres. – Lady Ty esvaziou o copo e voltou a enchê-lo.

– Enquanto estava em Oxford – falei –, notou alguém praticando magia, talvez clandestinamente?

– Isso tem alguma coisa a ver com a confusão no Trocadero Centre?

– Está relacionado, sim. E com o ataque contra Ash também.

– Estou curiosa. O que o faz pensar que vou contar alguma coisa?

– Então, sabia que havia magia em prática – deduzi.

– Por que chegou a essa conclusão?

– Porque você acredita que tem alguma coisa para esconder – respondi.

– Admito que é um pouco irracional, mas ainda me sinto inclinada a mandar você para o inferno – ela comentou. – Por que devo ajudá-lo?

– Se me contar o que sabe, prometo que vou embora.

– Tentador – reconheceu.

– E pelo fato de acharmos que tem um mago do mal atuando em Londres, e acreditamos que ele pode ter estado em Oxford, e na mesma época em que você esteve. – Eu a encarei. – Talvez até o conheça.

– Não. Eu o teria farejado. Da mesma forma que posso farejar você agora.

– E que cheiro eu tenho?

– Ambição, vaidade, orgulho – ela deu de ombros. – Banana frita e madressilva. Não me pergunte por quê.

– Quem eram eles? Os praticantes de Oxford... Sei que você sabe.

Ela tentou não falar, mas a verdade é que existem algumas variedades de

informação que só têm graça se você as compartilha com alguém.

– Havia um clube de alimentação. Sabe o que é? – ela perguntou.

Uma desculpa para os estudantes se reunirem e ficarem furiosos, até onde eu saiba. O critério de associação era estabelecido em vários níveis de exclusividade e preço. Eu não acreditava que Tyburn se houvesse associado a um deles e, se eu houvesse ido para Oxford, não sei se poderia ter me associado a um, se quisesse.

Tyburn me contou que o nome do clube era Little Crocodiles. E era só para rapazes, e apesar de não ser exclusivo de uma faculdade, o grupo era basicamente de Magdalen College Oxford. Eles eram considerados muito sem graça, desprovidos da necessária aristocracia para conviver com os arrivistas sociais e tranquilos demais para os aristocratas.

– Não eram da minha turma – respondeu Tyburn. – Mas eu me lembro de ter encontrado alguns membros em uma festa certa vez e ter sentido aquele cheiro. – Ela balançou a mão na frente do nariz. – Como disse, ambição, suor, como alguém trabalhando duro demais.

– Lembra o nome deles?

Ela lembrava, porque não esquecer quem era quem era parte de quem era ela. E ela também tinha meia dúzia de outros nomes de possíveis Little Crocodiles.

– E tem certeza de que o clube de alimentação treinava ativamente? – indaguei.

– Fiz questão de me aproximar o bastante para cheirar todos os membros que pudesse encontrar – ela contou. – Pensei que tivessem alguma relação com o professor Postmartin e seu chefe. Deduzi que estavam tentando expandir a influência da Folly.

Ela balançou a garrafa de vinho e despejou a meia dose restante em seu copo.

Considereei que agora seria um momento oportuno para ir embora, então agradeci, guardei meu bloco de anotações e me levantei.

– Durante cinquenta anos eles não fizeram nada, e de repente você aparece. Como aquilo aconteceu? – Lady Ty disparou.

– Sabe que cheiro eu sinto em você, Ty? Conhaque, cigarro e corda velha.

– Enforcaram Jonathan Wild em Tyburn – ela disse. – Porque ele se considerava o justiceiro geral da Grã-Bretanha.

Não respondi, porque decidi que sair inteiro pela porta da frente era mais importante.

Na manhã seguinte, durante o café da manhã, contei a Nightingale o que havia descoberto, e ele disse que devíamos descer ao porão para explodir uns alvos na área de prática de tiro. Na verdade, acho que ele planejava a sessão de treinamento há algum tempo.

Vários meses de tiros aleatórios disparados por mim haviam reduzido muito nosso estoque de silhuetas *vintage* da Segunda Guerra Mundial, por isso comprei pela internet alguns alvos da OTAN da década de 1960. Os capacetes do exército alemão e os ferozes hunos deram lugar a figuras de expressão beligerante e cuidadosamente destituída de toda e qualquer identidade nacional ou étnica. Essas figuras sugeriam que a OTAN estava pronta para pegar seus soldados de papel de qualquer lugar.

Nightingale cravou três bolas de fogo no centro do alto à esquerda.

– O que o fez pensar que Ty contaria? – ele perguntou.

– Ela não conseguiu se conter – respondi. – Primeira lei da fofoca: é inútil saber alguma coisa se ninguém mais sabe que você sabe. Além do mais, acho que a opinião que ela tem sobre nós é tão negativa que acredita que é só uma questão de tempo até nós... errarmos e ela poder entrar em cena salvando o mundo como a cavalaria.

– Considerando nosso histórico até aqui, não podemos dizer que ela está errada – opinou Nightingale.

– Um Ministério da Magia – falei. – É isso mesmo que ela quer?

– Respire fundo. E *solte*!

O truque por trás de uma bola de fogo eficiente é que ela se torna uma *forma* impregnada. Um encantamento no qual o mago não precisa pensar para realizar. Soltei três bolas de fogo que um espectador podia ver se movendo, o que era ruim, mas consegui acertar o alvo, pelo menos, ou *um* alvo. Também me esqueci de soltá-las imediatamente, o que significa que elas ficaram pairando e chiando por um instante antes de explodirem.

– Esteve praticando? – Nightingale quis saber.

– É claro que sim, chefe. Veja isso – respondi, e arremessei uma “granada” que atingiu o centro do alvo.

– Sua pontaria está melhorando – ele reconheceu. – Pena que o arremesso...

A granada detonou e rasgou o alvo ao meio.

– E o que foi isso? – Nightingale reagiu. Ele nem sempre aprovava quando eu

me desviava das formas estritas que ele estipulava para os encantamentos. Seu lema era que maus hábitos no presente poderiam matá-lo no futuro.

– Granada – falei. – É só usar *Scindere* como no *Lux impello scindere*, mas, em vez de uma luz no ponto fixo, você usa uma bomba.

– Uma granada? – Nightingale balançou a cabeça. – E como você controla o tempo?

– Aí entra um pouco de tentativa e erro. Fiz alguns testes, e a explosão acontece entre dez segundos e cinco minutos.

– Então, não sabe quando ela vai explodir?

– Na verdade, não – confessei.

– Tem alguma coisa que eu possa dizer para demovê-lo desse experimento não autorizado?

– Francamente? Acho que não.

– Preciso perguntar – ele continuou. – Por que usou *Impello* no Trocadero Centre? Por que não uma bola de fogo?

– Eu não queria matá-la – falei. – E ainda sou mais confiante com *Impello* do que com qualquer outra coisa.

– Deve saber que ela foi só uma distração. Alexander Smith foi atingido no peito com algumas bolas de fogo de curta distância.

– Pensei que fossem tiros comuns.

– Por isso o atacante usou bolas de fogo de curta distância. Para disfarçar o ferimento.

– Prevenção contra a perícia – deduzi. – O cara é esperto demais.

– Ele deve ter saído pelos fundos enquanto você perseguia a Dama Pálida na frente.

Cortei um alvo ao meio com minha bola de fogo seguinte.

– Bem melhor – aprovou Nightingale. – Só precisa de mais rapidez. Se o inimigo puder ver a bola se aproximando, melhor usar uma arma comum e atirar com ela.

– Por que não usamos armas comuns? – perguntei. – Sei que tem uma sala cheia delas.

– Bem, para começar, a burocracia começou a ficar muito cansativa, e ainda tem os cuidados necessários, a manutenção e a preocupação com a possibilidade de uma

delas ser esquecida em algum lugar por engano. Além disso, uma bola de fogo é mais versátil e tem mais impacto que uma pistola de qualquer calibre.

– Sêrio? Mais até que uma Magnum calibre 44?

– Sem dúvida – ele confirmou.

– Qual foi a maior coisa que você já destruiu com uma bola de fogo?

– Um tigre – Nightingale contou.

– Bem, não deixe o Greenpeace saber. Eles são uma espécie em risco.

– Não esse tipo de tigre. Era um Panzerkampfwagen Ausf E.

Eu o encarei boquiaberto.

– Você destruiu um tanque Tiger com uma bola de fogo?

– Foram dois, na verdade. Tenho que admitir que o primeiro só explodiu no terceiro tiro. Um parou as esteiras, o segundo entrou pela fenda de visibilidade do motorista, e o terceiro desceu pela escotilha do comandante, e esse foi o melhor.

– E o segundo tanque?

– Ah, com esse não tive tempo para ser tão esperto. Um tiro frontal direito no ponto fraco, onde a torre encontra o casco. Deve ter atingido o depósito de munição, porque explodiu como uma fábrica de fogos. A torre voou longe.

– Foi em Ettersberg, não foi?

– Sim, foi o ato final em Ettersberg. Estávamos tentando sair de lá quando um pelotão de Tigers apareceu do meio das árvores. Não esperávamos que os alemães tivessem mais que algumas tropas de segundo escalão, por isso fomos pegos de surpresa. Eu era a retaguarda, então, tive que cuidar dos tanques.

– Sorte sua – respondi. Mas ainda estava tentando assimilar a ideia de que Nightingale era capaz de abrir um buraco em dez centímetros de aço blindado, quando eu ainda tenho problemas de vez em quando para atravessar o papel dos alvos.

– Prática e treinamento – disse Nightingale. – Não é sorte.

Continuamos treinando até a hora do almoço, e depois disso fomos cuidar da excitante burocracia, que incluía um formulário surpreendentemente longo no qual eu explicava como havia conseguido perder uma cara pistola taser X-26 e reduzir a areia o mecanismo interno de um rádio Airwave. Formular explicações plausíveis me manteve ocupado até o fim da tarde, quando Simone telefonou.

– Encontrei um quarto de hotel para nós – ela disse, e me deu um endereço em Argyle Square.

– Quando vamos nos encontrar? – perguntei.

– Já estou aqui – ela respondeu. – Nua e enfeitada com chantilly.

– Sério?

– Na verdade, eu comi o chantilly. Mas a intenção é que conta.

Argyle Square fica a uma caminhada de quinze minutos da Folly. Vinte, se você parar no minimercado para comprar duas latas de chantilly. É sempre bom estar preparado.

O hotel era simples, só duas estrelas, mas os lençóis eram limpos, a cama era sólida e a suíte tinha um banheiro com vaso sanitário e ducha. As paredes eram um pouco finas, mas só percebemos quando o vizinho de quarto bateu na parede reclamando do barulho. Fizemos o possível para diminuir o barulho naquela última vez que, estou calculando, durou cerca de duas horas e nos fez andar de um jeito esquisito na manhã seguinte.

Depois disso, dormimos na cama sólida embalados pela trilha sonora de Londres, sirenes de viaturas de polícia, trens e carros.

– Peter – Simone falou –, você não mudou de ideia sobre amanhã, não é?

– O que tem amanhã?

– O concerto de seu pai. Você disse que eu poderia ir. Prometeu.

– Pode me encontrar lá – falei.

– Ótimo – ela falou. E dormiu nos meus braços.

O importante sobre Camden Market é que ninguém planejou aquilo. Antes de Londres engolir a cidade inteira, Camden Town era uma bifurcação na estrada, um ponto mais conhecido pela hospedaria chamada Mother Red Cap. Era a última chance para uma cerveja, assaltos na estrada e gonorreia antes de seguir viagem para o norte, para a natureza intocada de Middlesex. No início do século XIX, homens usando cartola e exibindo costeletas imponentes construíram o afluente leste do canal Regents ao norte dessa hospedaria. Eu digo que eles o construíram, mas o trabalho de verdade foi realizado por alguns milhares de irlandeses que se tornaram conhecidos, por causa desse trabalho, como os “escavadores do interior”, ou cavadores.

Eles e os cavadores que chegaram depois construíram as três fases principais do

desenvolvimento da infraestrutura que caracteriza a história da revolução industrial: os canais, as estradas de ferro e as rodovias. Sei disso porque construí uma maquete da área no ginásio e ganhei uma estrela dourada, uma medalha e o ódio eterno de Barry Sedgeworth, valentão do playground e fracassado. Alguns importantes cruzamentos de canais foram construídos perto da Estrada Chalk Farm, de onde o mercado tirou seu nome – Camden Lock. Havia grandes depósitos ao longo do canal, e um vasto mercado de lenha.

Na década de 1960 o departamento de planejamento do Conselho do Condado de Londres, cujo lema não oficial era “terminar o que a Luftwaffe começou”, decidiu que Londres precisava, na verdade, de uma série de vias orbitais atravessando seu centro. O prejuízo causado ao planejamento por essa ideia resultou em terras que teriam sido lucrativas se transformadas em estacionamento de muitos andares ou habitações municipais minúsculas sendo entregues nas mãos de garotos londrinos vestidos com casacos forrados de pele. Esses rapazes montaram oficinas de artesanato no velho pátio dos lenhadores e, nos fins de semana, organizavam um mercado onde os produtos podiam ser vendidos. Na metade da década de 1980 o mercado se alastrara por Chalk Farm e pela Electric Ballroom, e o Conselho de Camden finalmente desistiu de tentar fechá-lo. Atualmente ele é a segunda atração turística mais visitada em Londres e abriga a casa noturna Arches, especializada em jazz, onde meu pai faria sua grande apresentação com The Irregulars.

Os rapazes da The Irregulars estavam nervosos, mas meu pai estava muito tranquilo.

– Já fiz concertos maiores – ele disse. – Uma vez toquei com Joe Harriott em um porão em Catford. Depois disso, nunca mais fiquei nervoso antes de me apresentar.

A boate Arches havia sido, no início de Camden Lock, um lugar de má fama localizada em uma antiga prisão embaixo dos arcos de uma ferrovia, daí o nome. Com a prosperidade do mercado, a boate se mudou para uma das unidades no pátio a oeste, bem perto da ponte para cavalos, de forma que, enquanto esperava uma apresentação, o cliente podia se sentar ao ar livre e tomar um drinque apreciando a vista da bacia. Hoje em dia, meu pai me garantiu, já quase não se vê cachorros mortos flutuando no canal.

Lord Grant e The Irregulars faziam a abertura para a banda principal da noite. No palco, Daniel e Max montavam o equipamento e faziam a passagem de som. Ainda não havia muitos clientes. A maioria estava do lado de fora, apreciando as peças de artesanato ou bebendo alguma coisa. Perguntei onde estava James.

– Vomitando no banheiro – respondeu Daniel. – Ele está muito nervoso.

Olhei para onde minha mãe esperava vestida com suas melhores roupas, alternando o peso do corpo de um pé para o outro por causa do nervosismo. Ela acenou para mim, e avisei com um gesto que ia sair para esperar Simone. Ela assentiu e me seguiu.

Era fim de setembro e a noite chegava antes das sete da noite, mas as nuvens se dissiparam e os últimos raios de sol pintavam os tijolos da frente da área de um tom dourado de cor de laranja. Vi Simone descendo a Chalk Farm. Ela acenou animada e se aproximou caminhando sobre os saltos altos. O modelo dos sapatos que ela usava, aquele tipo com uma tira na parte de trás do calcanhar, era o que minha mãe comprava de vez em quando, mas nunca usava. Evidentemente, a noite era um tributo à década de 1980, porque Simone tinha os cabelos presos sob o chapéu de aba larga, e a camisa transparente só não era considerada ilegal para usar em público porque, sobre a blusa, ela vestira uma jaqueta abotoada.

Olhei para minha mãe.

– Mãe, esta é Simone.

Ela não disse nada, o que não era o que eu esperava. Depois cerrou os punhos e passou por mim.

– Saia daqui, sua vadia – minha mãe gritou.

Simone parou, olhou para minha mãe caminhando em sua direção, depois para mim. Antes que eu pudesse reagir, mamãe acertou uma bofetada tão violenta em Simone que a jogou para trás.

– Saia daqui – gritou minha mãe.

Simone recuou, o rosto expressando uma mistura de choque e ultraje, a mão pálida cobrindo o lado do rosto onde havia levado a bofetada. Corri para conter minha mãe, mas, antes que eu pudesse segurá-la, ela havia agarrado os cabelos de Simone com a mão esquerda e puxava sua jaqueta com a direita. Simone gritava e se debatia, tentando se livrar da mão que rasgava sua camisa.

Ninguém bate na mãe, nem mesmo quando ela está agredindo sua namorada. E também não é aconselhável agarrá-la como se fosse um jogador de rugby, jogá-la no chão e imobilizá-la com uma das várias técnicas destinadas a dominar suspeitos violentos. Por isso me limitei a segurá-la pelos pulsos e gritar “pare” bem perto de sua orelha e o mais alto que pude.

Ela soltou Simone, que se afastou cambaleando, e virou para me encarar.

– O que está fazendo? – minha mãe me perguntou, sacudindo as mãos para se soltar. Depois esbofeteou meu rosto. – Perguntei o que está fazendo!

– O que *eu* estou fazendo? Que diabo *você* está fazendo?

Isso me rendeu mais um tapa, mas esse foi mais suave e nem fez meu ouvido apitar.

– Como se atreve a trazer essa bruxa aqui? – minha mãe perguntou.

Olhei em volta, mas Simone havia desaparecido.

– Mãe – gritei. – Mãe, o que está fazendo?

Ela falou alguma coisa em crioulo, escolhendo palavras que eu nunca havia escutado antes. Depois ergueu os ombros e cuspiu no chão.

– Fique longe dela – disse. – Essa mulher é uma bruxa. Estava atrás de seu pai, agora está atrás de você.

– Como assim, estava atrás do meu pai? – perguntei. – Atrás do meu pai... o quê?

Minha mãe me olhou daquele jeito como ela sempre me olha quando faço uma pergunta idiota. Agora que Simone havia desaparecido, ela parecia se acalmar.

– Ela estava atrás do seu pai quando eu o encontrei – disse.

– Quando o encontrou onde?

– Quando o conheci – ela explicou. – Antes de você nascer.

– Mãe, ela tem a mesma idade que eu. Como podia estar por perto quando você conheceu o papai?

– É isso que estou tentando dizer – minha mãe falou com tom firme e direto. – Ela é uma bruxa má.

Isso não significa nada Eu a encontrei sentada na calçada na frente da loja de piercing ao lado do KFC. Acho que ela me viu chegando, porque se levantou depressa, hesitou por um momento, depois girou e começou a se afastar. Naquele salto, não foi difícil alcançá-la. Eu a chamei pelo nome.

– Pare de olhar para mim – disse ela.

– Não consigo.

Ela parou e, antes que pudesse protestar, eu a abracei. Ela me abraçou de volta e pressionou o rosto contra meu peito. Simone soluçou uma vez, conteve-se e respirou fundo.

– O que foi aquilo? – ela perguntou.

– Aquilo foi minha mãe – respondi. – Ela é um pouco agitada.

Simone recuou para me encarar.

– Mas as coisas que ela disse... Não entendo de onde ela tirou a ideia que eu... O que ela estava fazendo?

– Mamãe toma remédios – falei.

– Não entendo. O que foi aquilo?

– Ela não está bem – insisti.

– Está dizendo que sua mãe é maluca?

Olhei para ela com expressão sofrida.

– Oh – disse Simone. – Pobrezinho. Acho que não podemos voltar.

Percebi que as pessoas nos observavam do interior do KFC. Talvez pensassem que éramos artistas de rua.

– E eu queria tanto ouvir seu pai tocar – ela falou.

– Vai haver outras apresentações – respondi. – Vamos aproveitar a noite no *chez* Peter.

– Não quero mais saber da *chaise longue* – ela protestou. – Ainda sinto dores nas costas.

– Comprei bolo.

– Isso é suspeito – ela apontou. – É quase como se você estivesse esperando companhia depois da apresentação. Quem planejava levar para casa?

Passei um braço em torno dos ombros dela e a levei pela rua para Camden Town.

– Não gostei do seu tom, mocinha – eu disse.

– Onde comprou o bolo? – Simone quis saber. – Tesco?

– Marks e Spencer.

Ela suspirou, e o braço apertou minha cintura.

– Você me conhece bem – disse.

Parei um táxi para nos levar de volta a Folly. Era a coisa mais segura a fazer naquele momento.

Quando voltamos à casa de treino, ela retocou a maquiagem usando meu espelho de fazer a barba.

– Estou horrível? – Simone perguntou. – Não consigo decidir com esse espelho tão pequeno.

Eu disse que ela estava linda, e era verdade. A marca da mão de minha mãe, que ainda era um desenho vermelho vivo quando estávamos no táxi, começava a desaparecer, e ela não aplicara mais batom. Ainda havia o suficiente da blusa transparente para me fazer desejar rasgá-la, e o desejo me deixava enjoado e com

calor. Concentrei-me em escolher a lista de músicas ideais no meu iPod e ligar o aparelho nos falantes.

– Prometi bolo – lembrei quando ela se aproximou de mim.

Mas Simone não era o tipo de mulher que se deixava distrair com facilidade.

– O bolo fica para mais tarde – ela disse, enlaçando minha cintura e introduzindo uma das mãos sob a camiseta. Estendi um braço e apertei o play no iPod.

– O que é isso? – ela perguntou quando a música começou a tocar.

– Coleman Hawkins – falei. – “Body and Soul”. – E estava errado. A primeira música devia ser da Billie Holiday.

– É mesmo? – ela perguntou. – Estranho, não parece real quando é gravado.

Enfiei a mão por baixo da jaqueta e a puxei para mim. A pele de suas costas era quente sob meus dedos.

– Assim é melhor – Simone murmurou, e se inclinou para arrancar com os dentes o primeiro botão da minha camisa.

– Ei!

– O que é justo, é justo – ela respondeu.

– Já ouviu Coleman tocar? Ao vivo? – perguntei.

– Ah, sim. As pessoas sempre queriam ouvir essa música. Ele ficava muito irritado. – Simone arrancou mais um botão e beijou meu peito; senti a língua desenhar uma linha acompanhando o desenho do osso.

Então senti o cheiro. O perfume de madressilva e, por trás dele, tijolo quebrado e madeira partida. Como eu podia ter imaginado que era o perfume dela?

– Cyrus tocava “Body and Soul”? – perguntei.

– Quem é Cyrus? – ela murmurou, e arrancou o terceiro botão. Eu ia ficar sem nenhum.

– Você saía com ele – lembrei. – Morava na casa dele.

– Eu? Parece que faz tanto tempo – Simone comentou, e beijou meu peito. – Eu adorava vê-los tocar.

– Eles quem?

– Todos meus adoráveis homens do jazz. Eu era mais feliz quando eles estavam tocando. Gostava do sexo e da companhia, mas era realmente mais feliz quando eles

estavam tocando.

Gemi quando a música seguinte do iPod começou a tocar. Era John Coltrane. Eu havia deixado no aleatório sem perceber? É impossível dançar devagar ao som dessa versão de “Body and Soul” – para começar, ele nunca mantém a melodia por mais que três notas, e depois de algumas variações acaba se perdendo naquele lugar musical maluco que só pessoas como meu pai conseguem visitar. Sem soltá-la, me aproximei mais do refrigerador para poder apertar a tecla do iPod para passar à faixa seguinte. Era Nina Simone, graças a Deus, uma jovem com uma voz capaz de derreter uma escultura de gelo em uma convenção de banqueiros escoceses.

– E Lord Grant? – tive que perguntar.

– O que desapareceu. As pessoas diziam que ele seria um Clifford Brown inglês, mas ele estava sempre deixando o cenário. Cherie ficava furiosa. Ela o havia escolhido sabe? Uma vez chegou a dizer que o fígara, mas depois ele desapareceu. – Simone sorriu ao lembrar. – Acho que eu era mais o tipo dele, e quem sabe o que poderia ter acontecido, se ele não tivesse aquela esposa amedrontadora?

– Ela era amedrontadora? Quanto?

– Ah, aterrorizante. Mas você devia saber. Ela é sua... – Simone congelou em meus braços e me olhou com a testa franzida, mas eu continuei dançando e a fiz me acompanhar. Vi a lembrança desaparecendo de seus olhos.

– Sempre gostou de jazz? – perguntei.

– Sempre.

– Mesmo quando estava na escola?

– Ah, tínhamos uma diretora musical muito estranha no colégio – Simone contou. – O nome dela era Srta. Patternost. Ela costumava chamar seus favoritos para tomar chá, e lá tocava alguns discos e nos incentivava a “comungar” com a música.

– Você era uma das favoritas?

– É claro que sim – Simone confirmou, enfiando a mão embaixo de minha camisa outra vez. – Eu era a favorita de todo mundo. Não sou sua favorita também?

– Definitivamente. Cherie e Peggy também eram favoritas?

– Sim, eram. Nós praticamente morávamos na sala de Patternost.

– Então, você e suas irmãs estudaram na mesma escola?

– Elas não são minhas irmãs, não de verdade. São como irmãs, as irmãs que eu nunca tive. Nós nos conhecemos na escola.

– Qual era o nome da escola? – Com essa informação, eu provavelmente poderia rastrear as três identidades.

– Cosgrove Hall – respondeu Simone. – Na periferia de Hastings.

– Era uma boa escola?

– Sim, acho que era boa. Os professores não eram cruéis, tinha um estábulo com cavalos que podíamos montar, e havia a Srta. Patternost, não posso me esquecer dela. Patternost gostava muito de “Stormy Weather” de Elisabeth Welch, era sua favorita. Ela costumava nos fazer deitar no tapete, um lindo tapete oriental, persa, acho, e criava imagens mentais para nós.

Perguntei que músicas ela costumava ouvir, e Simone disse que era só jazz, praticamente: Fletcher Henderson, Duke Ellington, Fats Waller e, é claro, Billie Holiday. A Srta. Patternost dizia às garotas que o jazz era grande contribuição dos negros para o mundo cultural, e que, em sua opinião, eles podiam comer quantos missionários quisessem, desde que continuassem produzindo músicas tão lindas. Afinal, dizia a Srta. Patternost, as várias sociedades produziam centenas de missionários por semana, mas só havia um Louis Armstrong.

Pela coleção de meu pai, eu sabia que alguns daqueles discos teriam sido difíceis de conseguir da maneira tradicional. Quando perguntei de onde vinham os discos, Simone me contou sobre Sadie, a amiga da Srta. Patternost.

– Ela tinha um sobrenome?

– Simone parou de tirar a camisa de dentro de minha calça.

– Por que quer saber?

– Sou policial – justifiquei. – Nascemos curiosos.

Simone dizia que, até onde ela e todas as outras garotas sabiam, a amiga da Srta. Patternost sempre havia sido chamada simplesmente de “Sadie”.

– Era assim que a Srta. Patternost costumava apresentá-la – ela concluiu.

Nunca foi divulgado o que Sadie fazia, mas as meninas deduziram, por dicas e sugestões que acabavam surgindo em conversas, que ela trabalhava no cinema em Hollywood, e que ela e a Srta. Patternost mantinham apaixonada correspondência havia mais de quinze anos. Uma vez por mês, mais ou menos, além das cartas diárias, chegava um pacote embrulhado em papel pardo e amarrado com barbante, identificado com um carimbo de frágil. Eram os preciosos discos da Vocalion, Okeh e Gennett. Uma vez por ano Sadie chegava, sempre um pouco antes da Páscoa, e se instalava nos aposentos da Srta. Patternost, onde se ouvia os discos de jazz até a

madrugada. Era um escândalo, diziam as meninas do sexto ano. Mas Simone, Peggy e Cherie não se importavam.

– Besouros esmagados – Simone falou de repente.

– O que têm eles? – perguntei. Uma pena eu ter explodido meu iPhone, porque o aplicativo de gravação teria sido muito útil agora.

– A cobertura no meu bolo de aniversário. – Aparentemente, o grande presente de aniversário para uma garota em Cosgrove Hall era escolher a cor da cobertura de seu bolo. Era uma questão de honra que a aniversariante tentasse pensar na cor mais improvável, sendo violeta e laranja muito populares, com manchas azuis. A cozinha sempre conseguia encontrar o corante, e as meninas tinham certeza de que a coloração era alcançada com a adição de besouros esmagados.

Nos dias antes das tabelas nutricionais e dos tecnólogos da alimentação, eu pensei. No tempo onde eu queria estar, na verdade. Felizmente, o iPod escolheu esse momento para tocar a última faixa da lista – Ken “Snakeships” Johnson e sua versão de “Body and Soul”. Não me interessa o que pensam os puristas como meu pai. Se você quer dançar, nada melhor que um toque de swing. Simone certamente concordava com isso, porque parou de tentar me despir e começou a me conduzir em volta do sofá em pequenos círculos. Ela estava conduzindo, sim, mas eu não me importava – isso era parte do plano.

– Já ouviu Ken Johnson tocar ao vivo? – perguntou, adotando um tom tão casual quanto era possível.

– Só uma vez – respondeu Simone.

Em março de 1941, é claro.

– Era nosso último dia de liberdade – ela contou. – Todos nós nos alistamos assim que atingimos a idade mínima. – Ela me disse que Cherie se alistou no Serviço Territorial Auxiliar, e Peggy foi para o Serviço Naval Real Feminino. Mas Simone escolheu a Força Aérea Auxiliar Feminina, porque alguém havia dito que existia uma chance de ela conseguir voar.

– Ou, pelo menos, conhecer um piloto bonitão que me levasse em sua cabine – ela disse. Foi o tio canadense de Peggy quem as levou ao Café de Paris, e Cherie havia garantido que elas ficariam bem, que conseguiriam pagar a conta, desde que não pedissem comida e parassem no primeiro drinque.

Simone colocou o rosto ao meu peito e eu afaguei os cabelos dela.

– Acho que nossa mesa podia ter sido melhor – Simone continuou. – Era muito pequena, mal localizada. Se a banda estivesse na posição das seis horas, nós

estávamos na posição de uma e meia.

O lugar era cheio de belos oficiais canadenses, e um deles mandou uma garrafa de champanhe para a mesa das garotas, dando início à discussão sobre quanto seria apropriado elas aceitarem a bebida, o que só terminou quando Peggy esvaziou sua taça de um gole só. Isso levou a outra discussão, dessa vez sobre se poderiam conseguir outra garrafa com os canadenses e o que, Cherie perguntou de forma sombria, o que eles poderiam esperar em troca.

Peggy disse que, por ela, os canadenses teriam o que quisessem. Na verdade, ela considerava que era dever patriótico de todas ali dar as boas-vindas aos bravos soldados da Comunidade de Nações, e ela estava preparada para cumprir seu dever e pensar na Inglaterra.

Mas elas não receberam a segunda garrafa de champanhe, nem os canadenses tiveram sua justa recompensa. Porque nesse ponto a banda começou a tocar “Body and Soul”, e as garotas só tinham olhos para Ken Johnson.

– Ninguém nunca me disse que um homem de cor podia ser tão bonito – comentou Simone. – E a maneira como ele se movia... Não era à toa que o chamavam de Snakehips... Quadril de Serpente. – Ela me olhou com a testa franzida. – Você não me beija há muito tempo.

Simone fez um biquinho contrariado, e eu a beijei. Foi a coisa mais estúpida que já fiz, e isso inclui correr para dentro de uma torre trinta segundos antes da hora marcada para ela ser demolida.

Normalmente, *vestigia* é difícil de identificar. É a sensação de desconforto que você tem em um cemitério, a meia lembrança de crianças rindo em um playground, ou um rosto familiar pelo canto do olho. O que senti naquele beijo foi uma completa reprodução com qualidade HD dos últimos momentos de Ken Johnson e outras quarenta e poucas pessoas que estavam no Café de Paris. Não consegui apreciar muito o ambiente. Risadas, uniformes, uma orquestra no auge da animação e então... silêncio.

Durante o Renascentismo, quando houve um florescimento da arte, a cultura, e guerras sangrentas quase contínuas, alguns engenheiros especialmente astutos rompiam cercos correndo para o castelo e prendendo uma carga moldada ao portão. Às vezes, pelo fato de o pavio ser mais uma arte do que uma ciência naqueles dias, a carga explodia antes do desafortunado engenheiro correr, e ele era feito em pedaços, ou arremessado longe – também em pedaços. Os franceses, com aquela agudeza sutil que os tornou famosos, apelidaram as bombas de “petardos”, ou peidos. As pessoas ainda usam a expressão “atingido pelo próprio petardo” para se

referir a uma situação na qual alguém é prejudicado pelo próprio plano. E foi isso que aconteceu comigo quando guiei Simone de volta às suas lembranças, e ela conseguiu sugar meu cérebro.

Você não sente tanto o impacto da explosão de uma bomba quanto se lembra dele depois. É como uma edição ruim ou um disco arranhado. De um lado do momento há música, riso e romance, e do outro – não há dor, isso vem mais tarde – mas uma perplexa incompreensão. Um emaranhado de poeira e pedaços de madeira, um lampejo de branco e vermelho que se transforma na camisa social de um homem, mesas viradas revelando pernas sem corpo e corpos sem cabeça, um trombone sem vara em pé sobre uma das mesas, como se o músico o houvesse deixado lá, enquanto dois homens vestindo uniforme cáqui olham para ele sem ver – mortos pela onda da explosão.

Depois, barulho, gritos e o gosto de sangue na boca de Simone.

Meu sangue, percebi – eu havia mordido meu lábio.

Foi Simone quem me empurrou.

– Quantos anos eu tenho? – ela perguntou.

– Estou calculando um pouco menos de noventa – respondi, porque às vezes não consigo ficar de boca fechada.

– Sua mãe estava certa – ela falou. – Sou uma bruxa.

Descobri que estava balançando e minha mão tremia. Eu a segurei na frente do rosto.

– Ela estava certa – Simone continuou. – Não sou uma pessoa. Sou uma criatura, uma abominação.

Tentei dizer que ela era um ser humano, sem dúvida, e que alguns de meus melhores amigos eram imortais, funcionalmente falando. Queria dizer que podíamos resolver tudo isso, mas só consegui fazer uns ruídos como *uah-uah-uah*, sons parecidos com os do professor do Charlie Brown.

– Sinto muito – ela falou. – Preciso ir conversar com minhas irmãs. – Simone riu amargurada. – Mas elas não são minhas irmãs, são? Eu sou Lucy, todas nós somos Lucy Westenra.

Simone virou-se e saiu correndo. Ouvi os saltos batendo nos degraus da escada em espiral. Tentei segui-la, mas, em vez disso, caí lentamente para frente, de cara no chão.

– Essa não foi a coisa mais inteligente que você já fez – Nightingale comentou

enquanto o Dr. Walid apontava a luz de uma lanterna para os olhos, tentando se certificar de que meu cérebro estava intacto. Não sei quanto tempo passei caído no chão da casa sobre a garagem, mas assim que recuperei controle muscular suficiente para usar um telefone, liguei para o Dr. Walid. Ele chamava o quadro de *surto atônico* porque, mesmo que não soubesse o motivo dos sintomas, era importante dar a eles um nome legal. Eu esperava ter uma chance de encontrar uma explicação plausível antes da chegada de Nightingale, mas ele apareceu logo depois do Dr. Walid.

– Eu precisava ter certeza de que tinha a ver com o caso do Café de Paris, não com o Strip Club do Dr. Moreau – falei. – Quero dizer, ela não é uma quimera como a Dama Pálida. Na verdade, acho que ela é um acidente. – Expliquei sobre a Srta. Patternost e suas formas musicais.

– Acha que as “formas” funcionavam como *forma*? – perguntou Nightingale.

– Por que não? – indaguei. – Eu costumava criar formas quando era pequeno e ia dormir, ou quando ouvia música. Todo mundo faz isso, e entre bilhões de pessoas, por mais improvável que seja alguma coisa, se você repete a ação pelo número suficiente de vezes, vai haver um resultado, vai haver magia. De que outra forma Newton poderia ter se deparado com o princípio? Elas eram as garotas erradas fazendo a coisa errada no lugar errado e...

– E o quê? – quis saber o Dr. Walid.

– Acho que elas sobreviveram à explosão no Café de Paris porque canalizaram magia, ou energia vital, ou seja lá o que for essa coisa, por intermédio da *forma* que havia na cabeça delas. Sabemos que a magia pode ser liberada no momento da morte, daí os sacrifícios.

– Daí os vampiros – acrescentou Nightingale.

– Não os vampiros – protestei. Havia estudado meu Wolfe. – *Tactus disvitalis*, a antívita, essa é a marca do vampiro. Isso é mais como dependência de álcool ou drogas: o dano é uma consequência indesejada, como cirrose hepática ou gota.

– Seres humanos não são garrafas de conhaque – falou Nightingale. – E Wolfe sempre foi muito propenso a categorizar e subcategorizar tudo. Uma rosa com qualquer outro nome, tudo isso. Mesmo assim... para onde ela pode ter ido?

– O mais provável é o apartamento em Berwick Street – eu disse.

– De volta ao ninho – resumiu Nightingale. E não gostei do tom de voz que ele usou.

O Dr. Walid me deu dois analgésicos e meia garrafa de Pepsi diet que deve ter

encontrado no refrigerador. Não havia gás quando removi a tampa, e o sabor era horrível quando engoli os comprimidos. A garrafa devia estar na geladeira há eras.

Ele se sentou ao meu lado no sofá e tocou meu braço.

– Se seu pai teve realmente um encontro próximo com Simone em algum momento do passado, talvez possamos encontrar evidências disso. Quero que leve seu pai ao hospital UCH amanhã, às onze – ele disse, e apontou para Nightingale. – E você eu quero na cama na próxima meia hora com um copo de leite quente e um comprimido para dor.

– Mas tem... – Nightingale tentou.

O Dr. Walid não o deixou nem começar, muito menos terminar.

– Se não seguir minhas instruções, juro pela vida de meu pai que afasto vocês dois. Licença médica. É isso que querem?

Balançamos a cabeça numa resposta obediente.

– Ótimo – concluiu o médico. – Vejo vocês amanhã.

Mais tarde, quando esperávamos Molly preparar bebidas quentes na cozinha, Nightingale me perguntou se eu achava que o Dr. Walid tinha autoridade para cumprir a ameaça.

– Acho que sim – falei. – Ele é nosso orientador médico, está registrado formalmente em um documento assinado. Se tivéssemos celas aqui, seria ele que chamaríamos para tratar dos prisioneiros em caso de necessidade. Nós temos celas?

– Não temos mais – respondeu Nightingale. – Foram todas lacradas depois da guerra.

– De qualquer maneira, acho melhor não tentarmos descobrir até onde vai a autoridade dele.

– Por que ele quer ver seu pai?

– Não sei, mas estou imaginando que ele quer verificar se o encontro de meu pai com a irmã de Simone deixou traços físicos.

– Ah... Muito astuto. – Molly entregou a Nightingale uma caneca de chocolate quente. – Obrigado – ele disse.

– E a minha? – perguntei.

Molly segurou a coleira de Toby e a balançou na minha direção.

– Eu de novo? Não.

– Estou de repouso – disse Nightingale. – Ordens médicas.

Olhei para Toby, que estava abaixado e meio escondido atrás de Molly. Ele latiu para mim uma vez.

– Não está conquistando amizades por aqui – falei.

O Dr. Walid me deixou assistir enquanto ele submetia meu pai a uma ressonância magnética no UCH. Ele disse que aquela era uma máquina Tesla 3.0, o que era bom, mas que o hospital precisava de outra para poder atender à demanda.

Há um microfone dentro do tubo, de forma que você pode ouvir se o paciente tiver alguma queixa. Eu ouvia meu pai cantarolar.

– Que barulho é esse? – perguntou o Dr. Walid.

– Meu pai – respondi. – Ele está cantando “Ain’t Misbehavin”.

O Dr. Walid sentou-se atrás de um painel de controle complicado o bastante para lançar um satélite em órbita baixa em volta da terra ou mixar uma sequência de vinte músicas. O tambor magnético no scanner começou a rodar com um barulho parecido com aquele que faz você levar seu carro à oficina mais próxima. Meu pai não parecia incomodado, porque continuava cantarolando, embora mudasse o ritmo para acompanhar o da máquina.

As leituras continuaram por um bom tempo, e num dado momento o microfone capturou os roncos suaves de meu pai.

O Dr. Walid olhou para mim e levantou uma sobrancelha.

– Quem consegue dormir enquanto minha mãe fala ao telefone – falei –, consegue dormir em qualquer situação.

Quando concluiu o exame de meu pai, o Dr. Walid olhou para mim e disse para eu me despir e deitar na máquina.

– O quê?

– Simone devia estar se alimentando de você também – ele explicou.

– Mas eu não toco jazz – protestei. – Nem gosto muito disso.

– Está fazendo suposições, Peter. Esse aspecto do jazz pode ser apenas um efeito limitador. Se sua amiga é uma categoria não classificada de *thaumovore*, não podemos saber qual é o mecanismo. Precisamos de mais dados, por isso você tem que enfiar sua cabeça na máquina de ressonância magnética. – Ele tocou meu ombro. – É pela ciência – concluiu.

Tem algo de singularmente catastrófico em entrar em uma máquina de ressonância magnética. Os magnetos rotatórios são em escala industrial e geram um campo magnético sessenta mil vezes maior que o da terra. E eles o colocam lá dentro vestido apenas com uma camisola de hospital que deixa a brisa bater em suas partes privadas.

Pelo menos o Dr. Walid não me fez esperar pelo resultado.

– Esses são os do seu pai – ele disse. E apontou algumas manchas escuras, acinzentadas. – Parecem lesões menores, provavelmente degradação hipertaumática. Vou ter que refinar mais a imagem e fazer algumas comparações para ter certeza. Esse é seu cérebro. Não há sinais de lesões.

– O que significa que ela não se alimentava de mim. Então, por que desmaiei?

– Acho que ela estava se alimentando de você, sim. Mas não o suficiente para causar danos cerebrais.

– Ela se alimentava enquanto fazíamos sexo – deduzi. – Ela mesma me disse. Ou praticamente me disse. Sabemos do que ela se alimenta, exatamente?

– O dano que estou vendo é condizente com os primeiros estágios de degradação hipertaumática.

– Ela é uma vampira – falei. – Uma vampira do jazz.

– Jazz pode ser só o sabor – respondeu o Dr. Walid. – O que é consumido é magia.

– Que é o que, exatamente?

– Não sabemos, como você já deve saber – ele respondeu, e me mandou vestir a roupa.

– É câncer no cérebro, então? – meu pai perguntou enquanto nos vestíamos.

– Não, eles só querem gravar sua cabeça vazia para a posteridade – falei.

– Você nunca teve muita sorte com as garotas, não é?

É estranho ver um pai idoso seminu. Você se descobre olhando fascinado para a pele flácida, as rugas e as manchas hepáticas e pensando, *um dia tudo isso será seu*. Isto é, será, se você não se matar antes nem se apaixonar por vampiros.

– Exceto pelo episódio com a mamãe, como foi a apresentação?

– Nada mal – ele respondeu. – Teria sido melhor se houvéssemos ensaiado mais, mas sempre é melhor com mais ensaio.

Mesmo com as agulhas estéreis fornecidas pelo Serviço Nacional de Saúde meu pai ainda tinha veias colapsadas nos braços, e eu imaginei se ele estava injetando nas pernas. Mas, olhando agora, não consegui encontrar nenhum rastro.

– Quando foi a última vez que você tomou seu remédio? – perguntei.

– Estou temporariamente livre dessa obrigação.

– Desde quando?

– Desde o verão – meu pai respondeu. – Pensei que sua mãe houvesse contato.

– Ela disse que você parou de fumar.

– E o resto. – Meu pai vestiu a camisa verde e sacudiu os braços para ajeitá-la sobre os ombros. – Desci dos dois cavalos. E, para ser honesto, parar de fumar foi o mais difícil.

Eu me ofereci para levá-lo em casa, mas meu pai disse que estava bem, e que queria mesmo um pouco de paz e sossego. Mesmo assim, o sol estava se pondo, então esperei com ele no ponto até o ônibus chegar, e depois fui a pé até Russell Square.

Estou acostumado a ter a Folly só para mim, por isso foi um choque entrar no átrio e encontrar meia dúzia de homens confortavelmente instalados nas poltronas. Reconheci um deles, um grandalhão com o nariz quebrado. Era Frank Caffrey, nosso contato no Batalhão de Bombeiros e reservista no Regimento de Paraquedistas. Ele se levantou e apertou minha mão.

– Esses são meus colegas – disse.

Cumprimentei os outros com um aceno de cabeça. Todos eram homens de meia-idade e boa forma física e cabelos curtos, e embora vestissem roupas civis, a atitude sugeria que uniforme era uma possibilidade muito real. Molly havia servido chá aos visitantes, mas sob as mesas e ao lado das poltronas todos eles tinham valises de nylon preto. Valises com alças reforçadas, do tipo ideal para se carregar objetos pequenos, mas pesados, com segurança e relativo conforto.

Perguntei onde estava Nightingale.

– No telefone com o comissário – ele disse. – Estamos só esperando a ordem.

A “ordem” me fez suar frio. Eu duvidava de que essa ordem fosse para convidar Simone e as irmãs para um chá. Consegui disfarçar o medo, acenei animado para Caffrey e os amigos dele e me dirigi à porta dos fundos, por onde saí para atravessar o quintal e escapar pelo portão da casa na garagem. Sabia que tinha pelo menos dez minutos antes de Nightingale perceber que eu havia escapado, vinte se eu deixasse o

carro na garagem. Ele me conhecia bem o bastante para saber o que eu faria em seguida. Ele provavelmente pensava que ia me proteger de alguma coisa, o que era irônico, porque eu pensava que estava tentando protegê-lo de mim mesmo.

Vinte minutos para notar que eu havia desaparecido, dez minutos para levar pessoal e equipamento para a van sem identificação que a equipe havia levado, dez minutos para chegar a Berwick Street. Quarenta minutos, no máximo.

Um táxi preto virava a esquina quando pisei na calçada, e eu gritei para pará-lo. Estendi o braço, mas o bastardo fingiu que não me viu e seguiu viagem. Resmunguei um palavrão e memorizei seu número de identificação, caso uma chance de vingança barata, mas profundamente satisfatória, aparecesse mais tarde. Felizmente, outro táxi apareceu em seguida e parou para deixar alguns turistas na frente de um dos hotéis em Southampton Row, e eu entrei no carro antes que o motorista pudesse ter algum problema de visão noturna. Ele tinha cabelos bem curtos, sinais de que era orgulhoso demais para cobrir a careca com fios puxados das laterais. Só para alegrar seu dia, mostrei minha credencial.

– Se me levar até Berwick Street em menos de dez minutos, arrumo um passe livre para você até o fim do ano – propus.

– E o carro da minha esposa?

– Também – concordei, e dei a ele meu cartão.

– Combinado – ele disse, e demonstrou a incrível capacidade dos taxistas de Londres fazendo um retorno ilegal que me jogou contra a porta lateral e acelerou pela Bedford Place. Ou era maluco, ou a esposa dele realmente precisava de ajuda com as multas de trânsito, porque fizemos o trajeto em menos de cinco minutos. Fiquei tão impressionado que até paguei a corrida.

Sexta à noite em Berwick Street, e os clientes entravam e saíam discretamente da sex shop na esquina com a Peter Street. O mercado já estava fechado, mas os bares e as lojas de discos ainda estavam abertos, e um fluxo constante de profissionais da mídia voltava para casa desviando dos turistas. Levei um tempo examinando a frente da casa de Simone – a luz do quinto andar estava acesa.

Eu não gostava da ideia de Simone e suas irmãs desaparecendo nas mãos de Caffrey e sua turma. Acredito na lei e isso era, por mais estranho que parecesse, um assunto de polícia, e eu era um oficial juramentado que estava prestes a exercer sua discricção para resolver uma perturbação à Paz da Rainha.

Ou, como Lesley teria resumido, eu havia perdido a merda do juízo.

Apertei botões aleatórios no interfone até alguém atender.

– Vim ler o relógio de água, benzinho – eu disse, e a pessoa destravou a porta. Disse a mim mesmo que não podia me esquecer de passar o endereço do prédio para a equipe de prevenção contra o crime da West End Central para um sermão bem duro, e comecei a subir a escada.

Ela ainda era íngreme. Não era à toa que Simone e as irmãs tinham que sugar a força da vida das pessoas.

Estava recuperando o fôlego na frente da porta do apartamento delas, quando alguém me agarrou por trás e aproximou uma faca do meu pescoço.

– É ele – a voz feminina sussurrou. – Abra a porta.

Por causa da diferença de estatura, ela teve que enfiar o braço por baixo do meu para manter a lâmina, uma faca de cozinha, contra meu pescoço. Teria sido melhor se ela mirasse minhas costas ou a barriga. Se estivesse desesperado, eu poderia abaixar o braço e empurrar a mão dela. Tudo dependeria da rapidez da atacante e de sua disponibilidade para matar.

A porta foi aberta e Simone olhou para fora.

– Oi, Simone. Precisamos conversar.

Ela parecia chocada por me ver.

A mulher com a faca me empurrou, e eu entrei na sala. Peggy também estava lá, ainda vestindo macacão, com o cabelo espetado e o rosto pálido e assustado. Sendo assim, era Cherie quem empunhava a faca. Simone fechou a porta atrás de nós.

– Pegue as algemas dele – disse Cherie.

Peggy me apalpou em torno da cintura.

– Ele não tem algemas.

– Por que não trouxe suas algemas? – Simone perguntou. – Eu disse a elas que você tinha algemas.

– Não estou aqui para prender ninguém – expliquei.

– Sim, nós sabemos – Cherie sibilou. – Está aqui para nos matar.

– O quê? Sozinho? – Mas eu pensava em Caffrey e em sua pose bebendo chá no átrio da Folly. Nesse momento eles já haviam terminado o chá e deviam estar dentro da van, uma Ford Transit sem identificação, provavelmente, fazendo as últimas verificações em suas armas e no equipamento de visão noturna. – Não estou aqui para matar ninguém – declarei.

- Mentiroso – Cherie respondeu. – Ele disse que você sumiria com a gente.
- Talvez devamos deixar – Peggy opinou.
- Não fizemos nada de errado – Cherie continuou, e sua faca riscou meu pescoço por acidente. Felizmente não estava afiada.
- Sim, fizemos – retrucou Simone. Havia lágrimas em seu rosto, e quando viu que eu a encarava, ela desviou os olhos.
- Quem disse que mataríamos vocês? – perguntei.
- Aquele homem – falou Cherie.
- Você o conheceu em um pub? – perguntei. – Que homem? Consegue lembrar como ele é?

Cherie hesitou, e foi então que eu soube.

- Não lembro – ela disse. – Não importa a aparência do homem. Ele disse que você trabalha para o governo, e que o governo só está interessado em eliminar quem não é normal.

O que eu podia dizer? Eu estava ali para dizer a mesma coisa.

- De que cor eram os olhos dele? – insisti. – Ele era branco, negro, alguma outra coisa?
- Por que se importa? – Cherie gritou.
- Por que não consegue lembrar? – indaguei.
- Não sei – disse Cherie, e seu braço relaxou.

Não esperei que ela lembrasse que devia me segurar, que eu era um prisioneiro, e torci o braço com a faca. A regra para lutar contra uma pessoa armada com uma faca é começar desviando a lâmina de você e tornando doloroso demais o esforço para segurá-la. Senti alguma coisa estalar sob meus dedos. Cherie gritou e soltou a faca. Peggy tentou me atacar, mas eu já estava girando o corpo e saindo do caminho, e ela acabou acertando o rosto de Cherie.

- Pare – gritou Simone.

Empurrei Cherie contra as irmãs. Ela tropeçou em Peggy, e as duas caíram em cima do colchão e rolaram para o chão. Peggy se levantou cuspiendo como um gato.

- Um minuto – eu disse. – Estou aqui tentando fazer um favor a vocês. Tem um homem lá fora, um homem realmente mau com quem vocês não vão querer se meter.
- E você sabe, é claro – Peggy respondeu. – Trabalha para ele.

– Não é nossa culpa – Cherie choramingou derrotada.

Simone sentou-se ao lado dela e passou um braço sobre seus ombros.

– Eu sei – reconheci. – De verdade. Mas, qualquer que seja a opinião de vocês sobre meu superior, tem outro bastardo muito mau solto por aí, e aliás... por que diabos ainda estão aqui? Todo mundo sabe onde vocês moram.

Imaginei que podia ter mais dez minutos antes de Nightingale e Caffrey aparecerem para demonstrar a versão militar da entrada *hard-target*, seguida por uma visão única e próxima de seus procedimentos de busca e destruição.

– Ele tem razão – disse Peggy. – Não podemos ficar aqui.

– Aonde podemos ir? – Cherie perguntou.

– Vou levá-las para um hotel – avisei. – Depois conversamos sobre o que fazer.
– Concentrei-me em Simone, que olhava para mim com uma espécie de anseio doentio. – Simone, não temos muito tempo.

Ela assentiu.

– Ele tem razão – disse. – Acho que devemos partir imediatamente e nunca mais voltar.

– Mas e as minhas coisas? – Cherie chorou.

– Compramos mais coisas para você – Peggy prometeu, fazendo-a ficar em pé.

– Vou ver se a costa está livre – avisei. Fui ao corredor e acendi a lâmpada de quarenta watts.

Houve um estrondo lá embaixo, o baque claro de uma porta pesada sendo arrombada e batendo contra a parede. Não é brincadeira, a porta bate com tanta força que volta e, em muitos casos, acerta o primeiro homem a entrar, e é uma pancada tão violenta que o coitado é jogado de volta para fora.

Era tarde demais. Eu não sabia se era Nightingale com Caffrey dando apoio, ou uma equipe de resposta armada, uma CO19 enviada por Stephanopoulos. De qualquer maneira, eu tinha que reverter a situação antes que eles chegassem ao topo da escada. Disse a Simone e às outras para ficarem na sala.

– Oficial no local – gritei. – Não há armas, nem reféns. Repito, sem armas e reféns.

Parei para ouvir. Lá embaixo, pensei ter ouvido uma risada baixa e depois uma voz profunda com um sotaque dizer “excelente”.

Depois ouvi passos correndo nos degraus mais baixos. Levantei as mãos abertas para mostrar que estava desarmado. Não era fácil. Uma das razões pelas quais a Metropolitana tem que treinar seus oficiais em resolução de conflito é a necessidade de controlar nossa urgência londrina natural para atacar primeiro.

O temporizador apagou a luz do corredor e, desesperado, bati no interruptor para acendê-la outra vez. Qualquer coisa pode dar errado com homens armados, e os riscos de erro duplicam no escuro.

Os passos agora soavam no corredor do andar de baixo, e o primeiro homem apareceu na escada.

E foi então que meu cérebro me abandonou. Não sei o que disseram a você, mas ver não é crer. Seu cérebro faz um grande trabalho de interpretação antes de permitir que a consciência saiba que diabo está acontecendo. Se de repente somos expostos a alguma coisa que não é familiar, um rosto humano danificado, um carro voando em nossa direção, alguma coisa que parece quase humana, mas não é, pode levar algum tempo, até dez segundos, para a mente reagir. E esses segundos podem ser cruciais.

Como quando uma quimera está correndo escada acima em sua direção.

Ele era homem, musculoso, e estava nu da cintura para cima, revelando a pele coberta de pelos curtos e castanhos avermelhados. Os cabelos eram negros, oleosos e compridos demais. O nariz era todo errado, preto e brilhante como o focinho de um gato saudável. Quando ele saltou os degraus e se aproximou de mim, a boca se abriu para revelar dentes brancos e afiados e uma língua rosada. Nada disso fez sentido até ele estar quase em cima de mim, e eu não tive tempo para fazer nada além de recuar alguns passos e atacar com um pé.

Doc Martens, as resistentes botas de couro reforçado e sola à prova de ácido, recomendadas por oficiais de polícia e skinheads de todos os lugares. Nada pode ser melhor quando você precisa chutar alguém escada abaixo.

Previsivelmente, o Garoto-Tigre aterrissou como um gato, torcendo a coluna ao cair abaixado no corredor de baixo.

– Para o telhado – gritei em direção à porta do apartamento.

O Garoto-Tigre sacudiu a cabeça e mostrou os dentes num grande sorriso felino. Seus olhos eram bonitos, cor de âmbar e puxados como os de um gato, obviamente adaptados para a visão noturna.

Ouvi a porta abrir e Peggy e Simone arrastando Cherie, ainda choramingando, para fora do apartamento e em direção à escada para o telhado. Eu não me atrevia a desviar os olhos do Garoto-Tigre. Ele só estava esperando eu perder a concentração.

– Quem diabo é aquele? – perguntou Simone.

– Ninguém que você queira conhecer – eu disse.

O Garoto-Tigre sibilou. Vi a cauda se mover e me peguei imaginando se ele havia aberto um buraco na parte de trás da cauda para deixá-la do lado de fora.

– Ratinho – falou o Garoto-Tigre com um sotaque estranho. – Por que não pula e corre? É mais divertido quando você pula.

A lâmpada do corredor apagou, tudo ficou escuro e o Garoto-Tigre pulou em minha direção.

Acendi uma luz mágica direcionada para seus olhos.

Eu havia praticado, e consegui produzir uma luz tão brilhante quanto uma chama de magnésio. Mantinha meus olhos fechados, e ainda conseguia ver a claridade como se ela estivesse dentro das pálpebras. A luminosidade devia ter atingido o Garoto-Tigre e seus olhos especialmente adaptados para a penumbra.

Ele rugiu, eu pulei, e dessa vez consegui acertar os dois pés em seu corpo. Ele era mais pesado que eu, mas Isaac Newton estava do meu lado, e descemos e rolamos pela escada juntos. Porém, ele batia em todos os degraus, e eu surfava sobre seu corpo. Pelo menos, essa era a teoria. Chegamos ao fim da escada mais depressa e com mais força do que eu esperava. Ouvi um estalo embaixo do meu pé e senti uma dor aguda no joelho. Eu gritei, e ele uivou.

– Tem razão – falei. – É mais divertido quando você pula.

Eu não tinha algemas ou cordas para imobilizá-lo, por isso me contentei em subir a escada correndo, ignorando a dor intensa no joelho. Atrás de mim, o Garoto-Tigre uivava de maneira patética e, mais importante, continuava onde estava. Corri para a porta do telhado, me esquivei de um golpe desajeitado de Peggy e bati a porta atrás de mim.

– Desculpe – Peggy pediu. – Pensei que fosse ele.

Olhei para as três mulheres. Elas se agarravam uma à outra em busca de apoio e tinham aquele olhar atordoado e sem foco de quem escapa de incidentes com bombas e engavetamentos na estrada.

Apontei para o norte.

– Subam na grade, atravessem o telhado por ali – eu disse. – Sigam para a direita. Tem uma escada de incêndio que desce para Duck Lane. – Eu havia notado a escada durante minha noite de paixão com Simone, e havia pensado que ela era um possível ponto de acesso para invasores. O que prova, no mínimo, que um oficial de

polícia nunca tem folga, nem quando está vestindo apenas a cueca.

Elas não se moviam; era estranho, as três agiam como se estivessem atordoadas, lentas. Como se estivessem drogadas ou distraídas.

– Vamos – falei. – Temos que sair daqui.

– Fique quieto – Peggy respondeu. – Estamos falando com alguém.

Eu me virei e descobri que um mago do mal estava parado atrás de mim.

Folhas de outono

Ele estava em pé do outro lado do jardim suspenso, apoiado à grade e relaxado. Vestia o habitual terno escuro e bem cortado, usava uma gravata de seda clara e carregava uma bengala com cabo de madrepérola. As testemunhas estavam certas sobre o rosto. Mesmo concentrado nos traços, percebi que notava o brilho das abotoaduras de ouro, o triângulo vermelho do lenço de bolso, tudo, exceto seu rosto. Era ele: o Sem Rosto.

– Oi – gritei. – O que pensa que está fazendo?

– Se não se incomoda, estou tentando falar com as moças. – O sotaque era elegante, escola pública, Oxbridge, o que combinava com o perfil e não o tornava simpático à minha alma proletária.

– Bem, pode falar comigo primeiro – sugeri –, ou pode ir ao hospital.

– Por outro lado – respondeu o Sem Rosto –, você pode pular o parapeito.

O tom era tão razoável que cheguei a dar três passos na direção da grade antes de me conter. Era *Seducere*, é claro, o glamour, e teria funcionado comigo se eu não tivesse passado o ano com vários semideuses e espíritos da natureza tentando bagunçar minha cabeça. Nada provoca tanta dificuldade mental quanto a insistência de Lady Ty em tentar transformá-lo em seu escravo doméstico. Mas continuei me aproximando da grade, porque não há razão para abrir mão de uma vantagem, e estava curioso para saber o que ele queria de Simone e das irmãs dela.

– Senhoritas – ele falou –, compreendo que sua verdadeira natureza pode ter se revelado de maneira chocante, e agora estão um pouco confusas. – A voz soava muito suave, mas eu ouvia as palavras com clareza sobrenatural. Parte do *Seducere*? Nightingale e eu teríamos que ter uma longa conversa sobre esse assunto em breve.

Cheguei à beirada do telhado, virei-me e apoiei um pé sobre a grade como se fosse subir e me jogar para uma morte horrível. O movimento me deu a chance de descobrir o que o Sem Rosto pretendia.

Ele ainda falava com as garotas.

– Sei que acreditam que foram amaldiçoadas, forçadas a saciar seus apetites nada naturais sugando a força vital de outras pessoas. Mas quero que pensem de maneira inovadora.

Eu ainda não conseguia ver seu rosto, mas havia lido muito desde que Alexander Smith nos dera a descrição de seu rosto, ou, mais precisamente, da ausência dele. Victor Bartholomew, possivelmente o mago mais chato que já existira, chamava essa ocorrência de *Vultus occulto*, que até eu sei que é um latim porco, e dedicou um capítulo inteiro ao assunto das contramedidas que, como é típico com os temas tratados por Bartholomew, eu podia resumir em uma frase: *Continue olhando fixamente, e mais cedo ou mais tarde você vai enxergar através do véu*. E foi o que eu fiz.

– E se – continuou o Sem Rosto – estou falando de maneira hipotética, e se não houvesse problema nenhum em se alimentar de pessoas? O que é se alimentar de pessoas, aliás, se não a boa e velha exploração? E nos sentimentos perfeitamente felizes explorando pessoas, não?

Olhei para Simone. Ela e a irmã não se abraçavam mais como antes, e agora encaravam o Sem Rosto com o mesmo interesse educado que alguém demonstra a um dignitário na esperança de que ele conclua o assunto logo e cale a boca.

Ah, pensei, Tyburn já a teria de joelhos a essa altura.

– Essa ideia de que somos todos iguais é intelectualmente falida, de qualquer forma. – Enquanto ele falava, pisquei algumas vezes e, de repente, consegui ver seu rosto. Ou melhor, não consegui, porque ele o escondia como uma máscara bege comum que cobria toda a cabeça. A peça dava a ele a aparência de um lutador mexicano de incomum bom gosto. Talvez ele tenha sentido que consegui penetrar o disfarce, porque se virou para olhar para mim.

– Ainda está aí? – ele perguntou.

– Não consegui decidir se pulo de cabeça ou em pé – respondi.

– Acha que vai fazer diferença?

– Estatisticamente, as chances de sobrevivência são maiores se você pula em pé.

– Por que não pula? – ele disse. – Assim podemos descobrir.

Então senti. O *Seducere*, dessa vez mais forte e acompanhado pelo cheiro de porco assado, grama molhada, o odor de corpos sujos e um gosto metálico, como ferro, em minha boca. Virei de frente para a grade, parei e virei de volta.

– Como disse que era seu nome, mesmo?

– Pule! – o Sem Nome gritou.

Ele me dava toda sua atenção, mas *Seducere* nunca funciona duas vezes, e enquanto usava o feitiço contra mim, ele não podia usá-lo com Simone.

– Corram! – gritei.

Vi Simone despertar do transe primeiro e puxar o braço de Peggy. As duas me olharam amedrontadas e, graças a Deus, agarraram Cherie e começaram a subir no parapeito que separava o jardim suspenso da porta mais próxima. Olhei para o Sem Rosto bem a tempo de ver o movimento de seus ombros conforme o braço ia se erguendo em minha direção. Reconheci o gesto: eu mesmo o praticava há seis meses. Isso salvou minha vida, porque eu já me jogava para a esquerda quando alguma coisa brilhante e quente passou raspando meu ombro e abriu um buraco de meio metro na grade, exatamente no lugar onde estaria meu estômago, se eu não houvesse me movido.

Joguei duas granadas em cima dele enquanto ainda me movia pelo ar, o que teria sido mais impressionante se eu não estivesse tentando uma bola de fogo direta. Eu ainda derrapava pelo chão quando outro pedaço da grade de metal derreteu atrás de mim, e vi que uma das minhas granadas havia estourado inofensiva no ar, e a outra caiu e foi rolando até parar aos pés do Sem Rosto. Ele olhou para baixo, e minha sorte foi que a granada escolheu justamente esse momento para explodir. O impacto o jogou para trás e o fez girar. Aproveitei esse tempo para me levantar e encará-lo.

– Polícia armada – gritei. – Fique quieto e ponha as mãos na cabeça. – Dessa vez eu sabia que havia preparado o encantamento certo.

Ele se virou e olhou para mim. Apesar da máscara, pude perceber sua incredulidade.

– Você é da polícia?

– Polícia armada – confirmei. – Vire-se e ponha as mãos na cabeça.

Arrisquei uma olhada rápida para ter certeza de que Simone e as irmãs haviam saído do telhado.

– Ah, não se preocupe com elas – disse o mago. – Já encontrei algo mais interessante. Afinal, sempre posso fazer mais gente gostar delas.

– Polícia armada – gritei novamente. – Vire-se e ponha as mãos na cabeça. – Eles deixam isso bem claro em Hendon: se você vai partir para a ação, não pode haver dúvida de que você se identificou e de que o suspeito o ouviu.

– Se vai atirar – ele respondeu –, atire logo.

Eu atirei. Valeu a pena simplesmente pelo ultraje que causei a ele, e me diverti com isso até o momento em que ele pegou a droga da bola de fogo. Simplesmente a agarrou no ar e segurou diante do rosto.

Eu a soltei assim que a bola se aproximou dele, mas ela não explodiu. O mago a torceu para lá e para cá, como se a examinasse com ares de especialista, o que talvez fosse. Imaginei que ele queria que eu arremessasse mais uma só para poder pegá-la, ou desviá-la, ou fazer alguma outra coisa com irritante indiferença. Por isso não arremessei. Além do mais, quanto mais tempo ele passasse me provocando, mais Simone poderia se afastar dali.

– Sabe – o mago falou –, quando o vi pela primeira vez pensei que estivesse com as garotas Thames, ou que fosse algum tipo novo de encantado, ou alguma coisa realmente diferente, como um médico bruxo ou um americano. – O homem estourou a bola de fogo como se fosse uma bolha de sabão, e esfregou o polegar e o indicador embaixo do nariz. – Quem o treinou? Não foi Jeffers, disso tenho certeza. Não que ele não tenha a habilidade, mas você tem espírito. Foi Gripper? Ele é do tipo que anuncia por aí o que está fazendo. Já notou isso nos jornalistas? Tudo que querem falar é sobre eles mesmos.

Gripper era, obviamente, Jason Dunlop. Pneus Dunlop, aderência, grip, Gripper, aderente em inglês – o que serve para dar uma ideia da criatividade dinâmica promovida por nossas instituições de ensino da elite. E Gripper obviamente não era o único que queria falar. Não tem graça olhar de cima para as pessoas se você não pode fazê-las perceber que é superior a elas.

Vamos lá, filho da mãe. Recite mais alguns nomes.

– Você fala pouco – ele comentou. – Não confio em você.

De repente o mundo foi inundado por luz, e o vento provocado pelas hélices de um helicóptero jogou poeira e lixo em todas as direções. Ele jogou uma bola de fogo contra mim. Retribuí com uma coluna de chaminé – esse é o jeito londrino.

Eu havia trabalhado para soltar a coluna da chaminé com o que eu chamo de *Impello vibrato*, mas que Nightingale chama de *pare de mexer em tudo e preste atenção*, enquanto o Sem Rosto entoava um cântico. Quando a luz de busca do helicóptero da polícia o atingiu no rosto, criei uma forma *Impello* tão pura quanto Nightingale poderia ter desejado e a arremessei contra o bastardo. Sabia que ele ia tentar revidar, por isso me joguei para a direita e senti a bola de fogo passando bem perto do meu ombro. Minha esperança era de que ele me seguisse com os olhos e não visse um quarto de tonelada de tijolos e cerâmica se aproximando dele pelo outro lado, mas ele deve ter percebido o movimento com o canto do olho, porque

levantou a mão e a coluna da chaminé se desintegrou meio metro antes dele.

Não parei para olhar com muita atenção para os fragmentos de tijolos, cimento e areia que voavam em torno dele, como se encontrassem uma esfera invisível e escorregassem por ela, porque estava ocupado demais percorrendo a distância entre nós. Se nos limitássemos à magia, era evidente que ele ia acabar me jogando de cima do telhado, por isso corri para ele esperando acertá-lo no rosto.

Estava perto, a menos de um metro de distância, mas o filho da mãe se virou, levantou a mão aberta em minha direção, e bati contra a mesma barreira que ele havia usado com a chaminé. Não foi como bater em uma parede de fibra de vidro. Era escorregadio, como aquela sensação de resistência oscilante que experimentamos quando tentamos unir dois ímãs. Caí deitado e comecei a girar sobre minhas costas, e ele caminhou para mim. Não esperei para descobrir se ele pretendia se gabar ou simplesmente me matar. Em vez disso, usei *Impello* para agarrar a mesa de plástico do jardim, atrás do Sem Rosto, e arremessá-la contra a parte de trás das pernas dele. O mago foi jogado para frente e encontrou meus dois pés.

– Merda! – ele gritou, alto o bastante para ser ouvido do helicóptero.

Agora eu olhava para ele de cima, e consegui acertar um bom soco no rosto dele antes de alguma coisa peluda e rosnando me acertar pela direita. Era o Garoto-Tigre, que havia conseguido arrombar a porta do telhado para ir atrás de nós. Batemos contra a grade do parapeito, e eu só não despenquei para a morte porque me agarrei com a mão direita a uma barra de ferro. Puxei o corpo de volta para a segurança do telhado e olhei para cima a tempo de ver o Garoto-Tigre levantando um braço musculoso, pronto para me acertar. Ele tinha garras na ponta dos dedos. O que se deve fazer contra alguém que tem garras?

Com o barulho do helicóptero e meu medo, não ouvi o tiro. Vi a cabeça do Garoto-Tigre ser jogada para trás, e atrás dela um jato de sangue iluminado pelo farol do helicóptero.

A cavalaria havia chegado, mas eu não conseguia ver se era Caffrey com seus ex-paraquedistas ou um atirador da CO19, o braço armado da Polícia Metropolitana. Fiz a forma de uma pistola com a mão e a movi na direção do Sem Rosto. Esperava que o atirador fosse alguém da equipe de Caffrey, porque um oficial da CO19 não atiraria com um civil aparentemente desarmado simplesmente porque era isso que meu gesto sugeria. Não sem uma autorização apropriada. Nove entre dez vezes, pelo menos.

O Sem Rosto não era idiota. Ele sabia que as probabilidades agora eram outras.

Arremessou mais uma bola de fogo e eu me esquivei, mas o disparo não havia sido feito contra mim. A bola de fogo subiu, e um instante depois a luz do helicóptero desapareceu. Ataquei a última posição conhecida do Sem Rosto, mas ele não estava mais lá, e quando meus olhos se ajustaram à escuridão, descobri que ele havia abandonado o telhado. Sobre mim, o helicóptero fazia um barulho irregular e entrecortado. Não é o tipo de som que você quer ouvir de um helicóptero, especialmente se ele estiver em cima da sua cabeça.

Vi a aeronave tombar para o lado sobre a rua, balançando enquanto o piloto tentava recuperar o controle. Eu devia estar saindo do telhado, mas não conseguia desviar os olhos da nave. Soho é uma área urbana de grande densidade, como você pode imaginar. Se o helicóptero caísse ali, haveria centenas de mortos. Ouvi o motor mudar de velocidade quando o piloto tentou ganhar altitude. Pessoas gritavam na rua acompanhando o que acontecia. Naquela noite haveria muitas imagens gravadas por celulares e enviadas aos telejornais por pessoas com mais conhecimento de mídia do que bom senso.

Decidi que eu fazia parte desse grupo de pessoas destituídas de bom senso quando o helicóptero se aproximou de mim e percebi que meu rosto estava no mesmo nível das hélices. Abaixei-me quando elas passaram por cima da minha cabeça, espalhando à minha volta um jato de ar quente que carregava o cheiro de combustível superaquecido. Consegui ver onde os destroços voadores haviam riscado a pintura da parte inferior da fuselagem, e onde o Garoto Mascarado havia aberto um buraco do tamanho do meu punho perto do nariz da aeronave. Com um estrondo pavoroso, o helicóptero ganhou altitude e se afastou. O piloto foi procurar um lugar seguro para pousar.

Com exceção das sirenes se aproximando, de repente tudo ficou muito mais quieto. Sentei-me no colchão que eu ainda gostava de pensar que era meu e de Simone, recuperei o fôlego e esperei a chegada de mais problemas.

O primeiro a passar pela porta do telhado foi Thomas “Tanque Tiger” Nightingale. Ele me viu e me mostrou com os olhos uma área escondida atrás da escada. Balancei a cabeça, apontei o corpo do Garoto-Tigre e usei os dedos para imitar o movimento de andar. Nightingale parecia confuso.

– Ele fugiu – gritei.

Nightingale saiu da área protegida e fez um giro completo em torno dele mesmo, só por garantia. Frank Caffrey e alguns homens de sua equipe saíram atrás dele. Eu esperava ver os paraquedistas vestidos e equipados como ninjas, mas, é claro, eles ainda usavam roupas comuns. Se não estivessem armados com seus rifles, eu nem teria prestado muita atenção neles.

Dois se afastaram do grupo para examinar o Garoto-Tigre, que continuou morto mesmo quando um deles chutou suas costelas.

Quando teve certeza de que o telhado era seguro, Nightingale se aproximou, e eu me levantei para recebê-lo – afinal, ninguém gosta de ser repreendido sentado.

– Era ele? – Nightingale perguntou.

– Era o Sem Rosto – contei. – Ele usa uma máscara.

– É parte do encantamento. Está ferido?

Dei uma olhada rápida.

– Só hematomas e um joelho torcido.

Ele apontou para os destroços da chaminé.

– Você fez aquilo?

– Sim, fui eu. Mas não deu certo. Ele estava cercado por uma espécie de campo de força.

As sirenes da polícia agora soavam na rua lá embaixo, e ouvimos o barulho das portas dos carros.

Nightingale olhou para Caffrey.

– Frank, é melhor voltar para a van com sua equipe. Iremos encontrá-los assim que esclarecermos tudo com a polícia local.

Os paraquedistas foram pulando de telhado em telhado em direção à escada de incêndio para Duck Lane. Eu esperava que Simone e as irmãs tivessem tido o bom senso de seguir adiante depois que conseguiram escapar do prédio.

– Um campo de força – Nightingale falou, retomando nossa discussão.

– E ele pegou minha bola de fogo – revelei. – Já contei isso? Simplesmente a pegou no ar.

– Esse homem foi treinado por um mestre. Tem ideia de quantos anos de prática são necessários para chegar a esse nível? A dedicação e a disciplina necessárias para isso? Você acabou de conhecer um dos homens mais perigosos do mundo. – Ele bateu no meu ombro. – E continua vivo. Isso é impressionante.

Por um momento aterrorizante pensei que ele ia me abraçar, mas, felizmente, nós dois lembramos a tempo que éramos britânicos. Mesmo assim, foi por pouco.

Ouvimos os passos dos policiais subindo a escada dentro do prédio.

Apontei para o corpo do Garoto-Tigre.

– O que vou dizer a eles sobre aquilo?

– Você não sabe quem atirou. Acha que pode ter sido um atirador da polícia. Não é isso?

Assenti. É sempre melhor dizer uma meia verdade do que uma meia mentira. Estamos em Londres, chefe, aqui não existem paramilitares reunidos em esquadrões da morte.

– Temos que conversar sobre isso – falei. – Antes de fazermos qualquer outra coisa.

– Sim – Nightingale concordou sombrio. – Acredito que temos.

Ele se encaminhou para a porta e avisou que estava no comando, e que o telhado era cena de um crime. Portanto, a menos que os policiais fossem da Equipe de Homicídios, era melhor não se aproximarem dali, se sabiam o que era bom para eles.

– Eu sou da maldita Equipe de Homicídios – Stephanopoulos gritou lá de baixo. Cinco lances de escada não melhoraram seu humor, e ela apareceu no telhado como uma cobradora de impostos vencidos há muito tempo. Olhou para Nightingale e então, caminhando com cuidado para preservar a cena, aproximou-se de onde o Garoto-Tigre estava caído no chão. O sangue formara uma poça sob a cabeça dele, pegajoso e negro à luz que era refletida da rua.

Stephanopoulos olhou para o corpo, depois para mim.

– Outro não – disse cansada. – Devia prestar atenção nisso, filho. Nesse ritmo o Diretório de Padrões Profissionais vai ter o seu número na discagem rápida. – Ela encarou Nightingale estreitando os olhos. – Qual é sua opinião, senhor? – perguntou.

Nightingale apontou o corpo com a bengala.

– É claro que foi alvejado por pessoa ou pessoas desconhecidas, sargento. – A bengala agora apontava o outro lado da rua. – Eu diria que os tiros foram disparados do telhado ou do último andar daquele edifício.

Stephanopoulos nem se deu o trabalho de olhar.

– Alguma ideia de quem foi?

– Nenhuma, infelizmente. Mas duvido que ele tenha amigos ou família.

O que significava que ninguém ia criar problemas para acelerar o inquérito, ninguém ia reclamar o corpo. O que significava, em minha opinião, que uma boa parte dele ia acabar no freezer do Dr. Walid.

Levei uma hora para sair daquele telhado, e novamente tive que entregar as camadas mais externas das minhas roupas a peritos que agora deviam ter mais pares dos meus sapatos que eu. Eles recolheram amostras das minhas mãos e das de Nightingale para verificar se havia resíduos de pólvora, e nós dois descemos e seguimos em carros separados para prestar os depoimentos preliminares. Eram três horas da manhã quando Stephanopoulos nos liberou, e essa hora até o sonho parece exausto.

Caffrey e os paraquedistas esperavam em uma via secundária perto de Broadwick Street. Eu estava certo sobre a van Transit, que era branca e tinha placas frias.

– Não gostamos de pagar o pedágio urbano – Caffrey respondeu quando perguntei sobre as placas. – Mas a van é limpa, pertence ao meu cunhado. – Os paramédicos conseguiram me dar uma calça jeans preta, um moletom cinza com capuz e uma estampa AGRO no peito e um par de tênis, o suficiente para eu poder me livrar do traje de Pateta que os peritos haviam me dado. Senti cheiro de óleo de arma de fogo no jeans, e tive uma forte suspeita de que a calça e o moletom haviam estado na bolsa com as armas para abafar o barulho dos rifles.

Nightingale esperava paciente na garoa enquanto eu me vestia. Antes que pudesse ir me juntar a ele, Caffrey segurou meu braço.

– Não queremos estar aqui quando clarear – ele disse.

– Não se preocupe, isso não vai demorar – respondi.

Nightingale parecia magro e abatido sob as luzes de sódio, havia círculos escuros sob seus olhos e, quando ele tentou disfarçar, notei o tremor. Ele mantinha a expressão neutra.

– Quer ir primeiro, senhor? – perguntei.

Ele assentiu, mas me olhou com frieza por um longo instante antes de finalmente suspirar.

– Quando o aceitei como meu aprendiz, pensei que poderia protegê-lo da necessidade de fazer certas “escolhas”. Agora vejo que estava enganado, e peço desculpas por isso. Mas quero saber: que diabos estava tentando fazer?

– Eu tentava fazer minha obrigação como oficial juramentado de acordo com a Lei dos Direitos Humanos – respondi. – Mais especificamente, o direito da vida citado no artigo dois, que determina que a força só deve ser usada em caso de absoluta necessidade, e que qualquer pobre bastardo que matarmos deve ser devidamente informado sobre o que vai acontecer.

– E você expandiu a definição de ser humano para vampiros e quimeras – Nightingale concluiu.

– Podemos levar o caso para ser julgado no tribunal ou, melhor ainda, fazer uma petição ao parlamento para que a lei seja esclarecida – eu disse. – Mas não cabe a nós tomar essa decisão, senhor... Certo? Somos só policiais.

– Se elas fossem feias, Peter, você teria se incomodado tanto? – Nightingale quis saber. – Existem algumas coisas horrendas andando por aí, falando e argumentando, e queria saber se você também correria para defender essas criaturas.

– Talvez não – reconheci. – Mas isso só me torna superficial. Não quer dizer que eu esteja errado.

– Calculo que Simone e as irmãs tenham matado ou mutilado quase 229 pessoas desde 1941. Essas pessoas também tinham seus direitos humanos.

– Estou dizendo que não podemos simplesmente fingir que a lei não existe – respondi.

– Muito bem – Nightingale retrucou. – Vamos imaginar que as prendemos e que, sabe Deus como, elas sejam julgadas e condenadas por...

– Homicídio involuntário por evidente negligência, senhor – sugeri. – Creio que é razoável esperar que, depois de vinte anos, mais ou menos, elas tivessem notado que não estavam envelhecendo e que os namorados morriam regularmente.

– Elas vão dizer que não lembravam – apontou Nightingale.

– E eu acredito nelas, senhor. O que significa que estão sofrendo de uma desordem mental conforme definição da Lei de Saúde Mental de 1983, e como representam uma óbvia ameaça aos membros da população, podemos detê-las de acordo com a Seção 135 dessa lei, e removê-las para local seguro, onde receberão cuidado e avaliação.

– E quando elas ficarem com fome? Acha que deixá-las morrer de inanição é mais humano?

– Não sabemos se elas vão morrer. Talvez haja uma reversão do metabolismo, e se nada mais der certo, nós podemos alimentá-las. Elas fazem menos de uma vítima por ano. Não devem precisar de muito.

– E quer passar o resto de sua vida assim?

– Não pode simplesmente eliminar alguém só porque é mais conveniente – argumentei. – Por que morreram todos os seus amigos, todos aqueles nomes na parede, se não foi por isso?

– Não sei por que eles morreram. Não os conheci e continuo sem saber.

– Pois bem, eu sei, mesmo que você pareça ter esquecido. Eles morreram porque acreditavam que havia um jeito melhor de fazer as coisas, mesmo que ainda debatessem que jeito era esse.

Eu vi nos olhos dele a vontade de acreditar.

– Não é nada que não possamos fazer – insisti. – Está me dizendo que você, eu e o Dr. Walid não podemos encontrar uma solução para isso? Talvez eu consiga encontrar um jeito de alimentá-las com calculadoras de bolso e telefones celulares. E se pudermos encontrar um jeito de curá-las, também poderemos curar os outros. Não seria melhor que simplesmente jogar uma granada de fósforo em todos? Além do mais, Molly talvez goste da companhia.

– Quer mantê-las na Folly?

– No início, sim, até descobrirmos em que medida elas são dignas de confiança. Quando elas estiverem estabilizadas, podemos montar uma casa intermediária. De preferência em algum lugar onde não haja bares e boates de jazz.

– Isso é loucura – Nightingale opinou.

– E elas podem levar Toby para passear – acrescentei.

– Ah, bem, nesse caso, por que não abrimos nossas portas para todo mundo?

Eu soube que o havia convencido.

– Não sei, senhor – respondi. – Um projeto piloto não seria mais sensato em primeira instância?

– Ainda não sabemos para onde elas foram.

– Eu sei.

Levamos a van Transit para a Great Windmill Street e estacionamos ao lado do McDonald's, e lá deixamos nosso exército particular enquanto íamos verificar a entrada de serviço do Café de Paris.

– Por que não mandamos Frank para casa? – perguntei.

– Podemos precisar dele se aquele bastardo do mago negro aparecer de novo – Nightingale explicou.

– Está dizendo que não pode enfrentá-lo?

– A sorte favorece os preparados.

A porta de serviço estava encostada, o que significava que Simone estava lá

dentro, provavelmente, e que tínhamos motivos suficientes para entrar no local sem um mandado de busca, de acordo com a Seção 17 da Lei de Evidências Policiais e Criminais de 1984. Havia vidro quebrado na cozinha. Evidentemente, elas haviam feito um lanchinho noturno. A porta do refrigerador de champanhe havia sido deixada aberta, e o barulho do compressor nos acompanhou pelo corredor de serviço.

– Devem estar no salão – falei, e Nightingale assentiu. – Dê-me cinco minutos para acalmá-las, depois pode entrar.

– Tome cuidado.

O corredor de serviço fazia uma curva e terminava em uma porta que se abria para um corredor sobre o salão. Diferentemente da última vez que eu estivera ali, as mesas estavam arrumadas formando um oval em torno da pista de dança e eram cobertas por impecáveis toalhas brancas.

Eu soube assim que as vi sentadas à mesa que ocupavam antigamente, surpreendentemente pequena e localizada na posição da uma e meia em relação à banda. Havia três garrafas em cima dela – uma para cada garota. Senti um vazio no estômago e um zumbido nos ouvidos, mas me obriguei a descer a escada para verificar. Elas ainda usavam as roupas que vestiam quando partiram, mas retocaram o batom e o rímel para se tornarem mais apresentáveis. Testes posteriores realizados pelo Dr. Walid indicaram que haviam usado álcool e fenobarbital, fórmula coerente com as cartelas vazias de comprimidos que encontramos guardadas na bolsa de Peggy.

Suicidas raramente são bonitos, mas as irmãs haviam conseguido evitar o vômito e a baba nas roupas. Acho que elas teriam ficado satisfeitas com o cenário que criaram – três jovens radiantes no auge do início do futuro. Fiquei tão furioso que tive que me forçar a parar e respirar fundo antes de poder prosseguir.

Os olhos de Simone estavam abertos. Seus cabelos caíam soltos sobre os ombros, e tive que empurrá-los para trás para tocar seu pescoço com os dedos. A pele estava apenas um pouco fria, e mais tarde foi determinado que a morte havia acontecido aproximadamente vinte minutos antes da minha chegada – mais ou menos quando eu discutia ética comparativa com Nightingale. Tão perto dela, eu sentia o cheiro de madressilva e pó de tijolo. Mas a música, que só agora eu percebia que havia estado ali o tempo todo, silenciara.

Não a beijei, nem fiz nada parecido.

Não queria contaminar a cena do crime.

Esta manhã eu acordei É assim que você sai da cama no dia seguinte. Você empurra o cobertor, gira o corpo, põe os pés no chão e se levanta. Vai ao banheiro, toma um banho, se veste, desce, toma café, conversa com seu chefe, pratica sua *forma*, almoça, espanca o saco de areia na academia, toma uma ducha, se veste, entra no Ford Asbo e vai à cidade para ter certeza de que seu rosto é visto. Você faz isso porque é seu trabalho, porque é necessário e porque, para ser honesto, você ama tudo isso. Repita esse processo até os pesadelos pararem ou se acostumar com eles – o que acontecer primeiro.

Havia um relatório da perícia sobre as mortes das garotas, e os legistas atestavam suicídio. As irmãs tiveram um breve momento de fama quando foi

discutida a hipótese de um pacto suicida. Mas ninguém na mídia estava interessado o bastante para fazer uma investigação. Nightingale se encarregou do inquérito seguinte com a ajuda de dois detetives emprestados pelo Departamento de Investigações Criminais de Westminster, e uma delas era minha Ninja Somali favorita. Não podíamos contar a eles que as vítimas eram vampiras imortais do jazz, por isso fui encarregado de levar a história de volta aos tempos da guerra.

Simone Fitzwilliam, Cherie Mensier e Margaret “Peggy” Brown foram registradas como desaparecidas pelos pais em 1941, e embora a polícia houvesse conduzido uma investigação, havia sido tudo muito superficial, na melhor das hipóteses. E por que não? A cidade estava em chamas naquela época. Pensei em procurar os parentes mais próximos, mas o que diria a eles? Que uma tia-avó meio esquecida havia morrido no famoso bombardeio no Café de Paris, mas conseguira ter uma pós-vida bem divertida mesmo assim? Até eu aparecer e acabar com a vida delas de novo?

Procurei a professora, a Srta. Patternost, que havia atravessado o Atlântico depois da guerra e fora morar com Sadie Weintroub, uma secretária de produção na Warner Brothers, em seu agradável bangalô em Glendale.

Encontrei pessoas que cresceram no Soho depois da guerra, e elas se lembravam das três garotas que moravam na Berwick Street. Alguns pensavam que eram vadias, outros achavam que eram lésbicas, mas a maioria não prestava muita atenção. Naquele tempo o Soho era assim.

Encontrei evidências suficientes para relacioná-las às outras quinze mortes, todas de músicos de jazz, bem como a outros 96 casos para os quais elas provavelmente contribuíram para enfermidade crônica e colapso profissional, e meu pai estava entre eles. Nada do que descobri me convenceu de que Simone e as “irmãs” tinham a mais vaga ideia da dor e do sofrimento que deixavam para trás. O Dr. Walid tentou me convencer de que era possível que Simone tivesse plena consciência de suas atitudes, e que eu havia caído na mentira esfarrapada de um monstro doentio e sociopata. Mas eu sabia que ele só queria me fazer sentir melhor.

Escrevi a narrativa do caso com notas de rodapé, imprimi, anexei os documentos que comprovavam o relato, guardei tudo em uma pasta de arquivo e deixei a pasta na seção de arquivo seguro na biblioteca comum. Depois apaguei tudo do meu computador e modifiquei o número de identificação do caso no HOLMES e no Sistema de Computadores da Polícia para garantir que surgisse alguma indicação, caso alguém fosse procurar por ele. É possível que algum jornalista investigativo particularmente talentoso notasse que havia vários veredictos disparatados de legistas com as mesmas tags de referência da Polícia Metropolitana, mas, considerando que não havia jogadores de futebol, astros pop ou membros da realeza

envolvidos, eu não precisava me preocupar com isso.

O que me preocupa é o Sem Rosto, o homem de máscara, que podia pegar bolas de fogo e desviar ataques de colunas de chaminé. A única coisa que me preocupava mais que a ideia de um mago muito bem treinado com um gosto transtornado por experimentos com seres humanos era pensar que Geoffrey Wheatcroft provavelmente havia treinado mais que um deles em seu clubinho de magia. Quantos Little Crocodiles havia por aí, e quantos deles eram magos do mal como o Sem Rosto? Sei que Nightingale se preocupa com isso também, porque passávamos mais tempo na área de treino de tiro do que jamais passamos antes.

Na primeira segunda-feira de outubro, meu pai e The Irregulars fizeram a primeira apresentação oficial com o novo nome. Foi no Round Midnight em Chapel Market, Inslington. Meu pai cumpriu duas horas de concerto sem errar nenhuma vez, e houve um momento, durante o famoso solo em “Love for Sale”, quando a expressão em seu rosto se tornou tão transcendente que me perguntei se havia uma ligação entre música e magia, se talvez o jazz era realmente vida.

Ele estava exausto depois da apresentação, apesar de tentar esconder, por isso o coloquei em um táxi com a mamãe, dei uma gorjeta ao motorista e mostrei minha credencial para garantir que a viagem seria rápida e sem incidentes. Depois voltei para tomar um drinque de comemoração com Max, Daniel e James, mas o Round Midnight é um pouco caro, por isso subimos a rua até o Alma, onde a cerveja é mais barata e eles mantêm um canal *pay-per-view* de futebol.

– Eles nos convidaram para voltar – disse James.

– Porque fizemos os clientes deles beberem mais – explicou Max. – É bom para os negócios.

– Música sempre é algo bom para os negócios – James acrescentou.

– Parabéns – eu disse. – Vocês são uma banda de verdade, e desconhecidos vão pagar para ver vocês tocando.

– Graças ao seu pai – Max respondeu.

– E a Cyrus – opinou Daniel.

– A Cyrus – Max propôs, e nós fizemos um brinde solene.

– Conseguiu descobrir o que aconteceu? – perguntou James. – Com Cyrus, quero dizer.

– Não, parceiro – respondi. – A investigação foi inconclusiva.

– Um brinde aos mistérios não solucionados da Polícia do Jazz – ele propôs.

Bebemos a isso.

– E aos Irregulares de Lord Grant – adicionei, e fizemos mais um brinde.

Brindamos mais vezes ao longo de três rodadas, depois fomos comer um curry, e só então fomos para casa.

Não costumo ter pesadelos. Durmo bem, considerando todas as circunstâncias, mas tenho lembranças tão nítidas quanto *vestigia*. O cheiro de madressilva, o som rouco que ela fazia quando ria, seu corpo curvilíneo em meus braços. Às vezes essas recordações me mantinham acordado até o dia nascer.

Então eu estivera dormindo com uma vampira do jazz. Fazia sentido de um jeito sinistro. Deusa de um pequeno rio no sul de Londres, vampira do jazz do Soho, o que viria a seguir? Um lobisomem de Chelsea, uma súcubo de Sydenham? Decidi inventar algumas regras só para poder acrescentar uma nova regra às regras; nunca desrespeitar a mãe de ninguém, nunca jogar xadrez com a máfia curda e nunca me deitar com uma mulher mais mágica que eu.

Fazia um dia frio e miserável de outubro quando saí de Londres. Rastejando para fora da cidade na hora do rush, tive tempo para observar as pessoas indo para o trabalho, os ombros encurvados sob os casacos pesados, cabeça baixa. O verão havia acabado, e o promissor centroavante estava a bordo de um avião para o rio ao lado de uma esteticista de Málaga.

Mas Londres não se importava. Ela nunca se incomoda quando a deixo, porque sabe que, para cada um que parte, dois chegam. Além do mais, ela estava ocupada demais se arrumando em tons de vermelho e dourado e retocando o batom neon. *Você não sabe, querido, jogadores de futebol saíram de moda. Agora a ação está no teatro.* Ela procurava um astro de Hollywood para provar seu talento em West End.

Passei por Colchester de novo, e dessa vez telefonei para avisar Lesley que estava a caminho. Quando me aproximei de um horizonte cinza chumbo, Brightlingsea cercou meu carro como gelo endurecido sob um céu escuro. Quando parei na frente da casa do pai dela, Lesley esperava por mim parada embaixo de uma lâmpada externa. Em deferência ao tempo, ela vestia um impermeável azul com capuz e havia trocado o echarpe e os óculos escuros de estrela do rock por uma máscara feita de plástico hipoalergênico cor-de-rosa. Quando ela falou, ainda foi com a voz de outra pessoa.

– Tenho algo para lhe mostrar – disse.

No caminho de ruas escorregadias encontramos alguns moradores que acenaram

com alegria para Lesley, olhando para mim com ar desconfiado.

– A vantagem de viver em uma cidade pequena – ela disse. – Todo mundo sabe, ninguém fica chocado.

– Acho que não gostam de mim – falei.

– Eles percebem que você pertence ao lado perverso da cidade do pecado.

Seguimos em frente passando por um estacionamento cheio de barcos cobertos com lonas batidas pelo vento frio, e saímos do outro lado na esplanada com a longa fila de quiosques de praia e a piscina de concreto. Lesley me levou de volta ao abrigo de tijolos com seu improvável mural de céu azul e praias brancas.

– Agora vou tirar a máscara – ela avisou. – Acha que vai resistir?

– Não – respondi. – Mas vou me esforçar.

Lesley abriu as fivelas nas laterais.

– Esta é mais sofisticada – ela comentou. – Tenho outra de fecho de velcro que é pior ainda... Pronto.

E antes que eu tivesse uma chance de me preparar, a máscara havia sido removida.

Era pior do que eu imaginava. Tão terrível que minha mente não conseguia aceitar que aquilo era um rosto. O queixo havia desaparecido. No lugar dele, a pele embaixo de um lábio grotescamente grosso descia sobre uma série de caroços irregulares até se juntar à pele lisa e intacta do pescoço. O nariz era desforme, plano, uma saliência distorcida de carne rosada no meio de uma série de cicatrizes brancas e salientes riscando a testa e as faces. Eu me encolhi. Se não estivesse tenso, rígido, teria recuado até a parede do abrigo.

– Posso abrir os olhos agora? – ela perguntou. – Já terminou?

Falei alguma coisa; não lembro o que foi.

Lesley abriu os olhos. Ainda eram azuis. Ainda eram os olhos de Lesley. Tentei me manter focado naqueles olhos.

– O que acha? – ela perguntou.

– Já vi coisa pior – respondi.

– Mentiroso. Que coisa? Quem?

– Seu pai.

Não era engraçado, mas percebi que ela reconhecia meu esforço.

– Acha que vai se acostumar com isso?

– Com isso o quê? – estranhei.

– Meu rosto.

– Você está sempre falando sobre seu rosto. É vaidosa demais. Precisa pensar em outras pessoas, em vez de passar o tempo todo pensando em você.

– Em quem eu deveria estar pensando?

Era realmente feio o jeito como a pele embaixo da boca enrugava quando ela falava.

– Ah, em mim, por exemplo. Quando você me arrastou no meio de todos aqueles barcos, bati com o dedão na calçada.

– Ah, é?

– Está doendo muito. Aposto que meu dedo inchou. Quer ver?

– Não quero ver seu dedo.

– Tem certeza?

– Certeza absoluta – ela disse, e começou a colocar a máscara de volta.

– Isso não é necessário – falei.

– Não gosto quando as crianças fogem.

Tentei não demonstrar o alívio que senti quando a máscara escondeu seu rosto outra vez.

– Vai haver mais cirurgias? – perguntei.

– Talvez – ela disse. – Mas quero lhe mostrar outra coisa agora.

– Tudo bem. O que é?

Lesley estendeu a mão, e sobre ela se formou um globo de luz com um belo brilho opalino – muito mais bonita que qualquer luz mágica que eu já havia produzido.

– Caramba – falei. – Você faz magia.

Nota histórica

Ken “Snakehips” Johnson realmente morreu em 8 de março de 1941, quando se apresentava no Café de Paris. Testemunhas oculares afirmam que ele tocava “Oh Johnny” quando a bomba atingiu o local, mas tomei a liberdade de mudar esse detalhe porque, francamente, “Body and Soul” é muito melhor como título de um capítulo.

Agradecimentos

Todas as pessoas do último livro, mais a equipe do Arquivo Metropolitano, e Sarah por me ajudar a entrar no Groucho.